

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Bruna Marinho Valle Roriz

**TRANSPOR FRONTEIRAS: a circulação dos livros da editora mexicana Fondo de
Cultura Económica no Brasil (1952–1965)**

Belo Horizonte
2022

Bruna Marinho Valle Roriz

**TRANSPOR FRONTEIRAS: a circulação dos livros da editora mexicana Fondo de
Cultura Económica no Brasil (1952–1965)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre (a) em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho

Belo Horizonte
2022

R787t
T

Roriz, Bruna Marinho Valle, 1991-
Transpor fronteiras [manuscrito] : a circulação dos livros da editora mexicana Fondo de
Cultura Económica no Brasil (1952-1965) / Bruna Marinho Valle Roriz. -- Belo Horizonte,
2022.

237 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

Orientador: Luciano Mendes de Faria Filho.

Bibliografia: f. 198-216.

Apêndices: f. 217-237.

1. Fondo de Cultura Económica (México) -- História -- Teses. 2. Livraria Mestre Jou --
História -- Teses. 3. Educação -- Teses. 4. Educação -- História -- Séc. XX -- Teses.
5. Editores e edição -- Aspectos educacionais -- História -- Séc. XX -- Teses. 6. Livrarias --
Aspectos educacionais -- História -- Séc. XX -- Teses. 7. Livros -- Comercio -- Aspectos
educacionais -- História -- Séc. XX -- Teses. 8. Livros -- Comércio internacional -- História --
Séc. XX -- Teses. 9. Livros -- Publicação -- História -- Séc. XX -- Teses. 10. América Latina --
Educação -- Teses. 11. Cooperação intelectual -- América Latina -- História -- Séc. XX --
Teses. 12. Cooperação internacional -- América Latina -- Aspectos educacionais -- Teses.
13. México -- Educação -- História -- Séc. XX -- Teses.

I. Título. II. Faria Filho, Luciano Mendes de. III. Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

CDD- 070.509

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho – Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Adriane Vidal Costa
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão
Universidade Federal de Minas Gerais

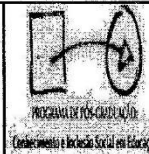
Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Juliana Ferreira de Melo
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Rita Cristina Lima Lages
Universidade Federal de Ouro Preto



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E
INCLUSÃO SOCIAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

TRANSPOR FRONTEIRAS: a circulação dos livros da editora mexicana Fondo de Cultura Económica no Brasil (1952-1965)

BRUNA MARINHO VALLE RORIZ

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 16 de dezembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luciano Mendes de Faria Filho - Orientador
UFMG

Prof(a). Ana Maria de Oliveira Galvão
UFMG

Prof(a). Adriane Aparecida Vidal Costa
UFMG

Prof(a). Gabriela Pellegrino Soares
USP

Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2022.



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA BRUNA MARINHO VALLE RORIZ

Realizou-se, no dia 16 de dezembro de 2022, às 09:00 horas, na sala 402 da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 1497ª defesa de dissertação, intitulada *TRANSPOR FRONTEIRAS: a circulação dos livros da editora mexicana Fondo de Cultura Económica no Brasil (1952-1965)*, apresentada por BRUNA MARINHO VALLE RORIZ, número de registro 2020654576, graduada no curso de HISTÓRIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Luciano Mendes de Faria Filho - Orientador (UFMG), Prof(a). Ana Maria de Oliveira Galvão (UFMG), Prof(a). Adriane Aparecida Vidal Costa (UFMG), Prof(a). Gabriela Pellegrino Soares (USP).

A comissão considerou a dissertação: aprovada, destacando a qualidade do texto, a originalidade da pesquisa, a consistência da análise e sua valiosa contribuição para a história da edição na América Latina.

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança de título da dissertação para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2022.


Prof(a). Luciano Mendes de Faria Filho (Doutor)


Prof(a). Ana Maria de Oliveira Galvão (Doutora)


Prof(a). Adriane Aparecida Vidal Costa (Doutora)


Prof(a). Gabriela Pellegrino Soares (Doutora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e ao Centro de Pesquisa em História da Educação (GEPHE). Sou imensamente grata ao meu orientador, Luciano Mendes de Faria Filho, pela orientação atenta, competente e criteriosa. Obrigada por me acompanhar, desde a iniciação científica, com tanta sensibilidade, paciência e gentileza. Professor Luciano, sua dedicação acadêmica, vasto conhecimento e generosidade ímpar deixaram marcas fundamentais na minha formação. A você, serei sempre grata!

Toda minha gratidão e reconhecimento aos funcionários do Arquivo Histórico e da Biblioteca da editora Fondo de Cultura Económica, Maria Antonieta, Rosario, Ramiro e Uriel. Obrigada por criarem as condições para a viagem de pesquisa ao México após alguns adiamentos em razão da pandemia da Covid-19. Sem a enorme disposição que vocês tiveram em me ajudar, este trabalho seria outro, ou não seria. Estendo meu agradecimento a todos os funcionários do Fondo de Cultura Económica que, da portaria à sala de consulta ao acervo, fizeram possíveis as minhas visitas à editora.

Agradeço também aos funcionários da Biblioteca do Instituto de Investigações Filológicas da UNAM por digitalizarem e disponibilizarem fontes essenciais a esta pesquisa. Ao Franciso Anguiano, por compartilhar algumas fontes e apontamentos. Ao Juan Mestre, pela disponibilidade em compartilhar informações sobre Felipe Mestre Jou. À Daniela, pela ajuda imensurável com o tratamento dos dados desta pesquisa. À Raquel, pela criteriosa revisão do texto.

Às colegas do Centro de Memória da Justiça do Trabalho, Cida, Cybele, Marta e Priscila, pelo apoio ao longo de todo o processo e pela compreensão durante os meses em que estive de licença das minhas atividades profissionais. À Priscila, agradeço, ainda, pelas incontáveis ajudas com as referências e normas da ABNT.

Agradeço aos professores e professoras da Pós-graduação em Educação e do Departamento de História da UFMG por tantos ensinamentos durante a graduação e o mestrado. Em especial, à professora Mônica Yumi, pelo parecer ao projeto de pesquisa; e à professora Thais Fonseca, por proporcionar meu primeiro contato com a pesquisa em História. Aos professores Luiz Arnaut, Luiz Carlos Villalta, Adriana Romeiro, Adriane Vidal e Kátia Baggio, meu eterno agradecimento por tanto incentivo, generosidade acadêmica, por serem exemplos de competência e de dedicação e por alimentarem em mim o encantamento pela História. Guardo a mais profunda admiração por vocês!

Aos pesquisadores que compuseram o projeto “Moderno, modernidade, modernização: a educação nos projetos de Brasil” sou grata pela acolhida, diálogos e ensinamentos. Em particular, agradeço à Cleide Maciel e à Marileide Cassoli pela leitura atenta e pelas muitas contribuições ao projeto de pesquisa, e à Raylane, pelas generosas palavras de incentivo. Agradeço também à Vanessa pelo carinho, amizade e parceria; e aos colegas de orientação, Nelma, Priscila, João Victor, Dalvit, Angelina e Aléxia.

Às queridas e ao querido colegas da pós, Cristiane, Ana Cláudia, Iara, Viviane e Júlio. Vocês foram fundamentais em um momento em que tudo acontecia à distância, a convivência estava comprometida e a insegurança acometia a todos nós. À Ana Cláudia, Iara e Vivi sou especialmente grata por embarcaram comigo no grupo de escrita coletiva, o que injetou ânimo quando mais precisávamos.

Aos amigos do México, Julio, Valeria, Miriam, Gabe, Jesús, Andrea e Rodrigo, por fazerem com que eu me sentisse em casa durante a viagem de pesquisa. À toda a família Torres Padilla, em particular Aurora e Alejandro, agradeço por me acolherem em sua casa como a uma filha. À Mayra, por corrigir meus textos em espanhol e por, mesmo longe, conseguir ficar ao meu lado durante todo o processo. Entre tantos, vocês são o maior presente que Sevilha me deu. Hablo de lazos, de amistad y de complicidad.

Aos amigos que a História me deu e que se tornaram meus verdadeiros companheiros de vida, Júlia, Bárbara, Clycia, Nath, Henrique, Luh, Thais Lanna, Thais Tanure, Paulo, Xandão e Bertozzi. O que eu sou tem muito de vocês. É uma honra caminhar juntos. Agradeço também aos amigos Sossa, Dafne e Bela pela escuta e pelos conselhos.

Aos meus pais, Elizabeth e Aloísio, e à minha tia Jane, por colocarem a educação como prioridade familiar e pelo suporte emocional e material durante toda a minha formação. Agradeço também à minha tia Letícia e à minha madrinha Paula pelo carinho e apoio. À minha avó Maria de Lourdes, saudosa Dona Lulu, por me ensinar sobre o amor enquanto me ensinava a escrever e a contar histórias. À minha avó Ivone, por me ensinar sobre o amor em meio a panos, retalhos, botões, corte e costura. Vocês são as mulheres mais fortes que já conheci e os meus maiores exemplos de vida. Se ainda estivessem por aqui, sei que adorariam ver este trabalho concluído.

À minha família de coração, Ana Lúcia, Maria Luísa e Raquel, pelo incentivo, carinho e torcida durante todo o processo. Vocês foram um suspiro de calma em meio a tempos tão agitados. À Quêl agradeço, ainda, pelos gestos e palavras carregados da sabedoria das mulheres centenárias.

Ao Luiz Fernando, por acompanhar, cuidar, fortalecer, acalmar. Por ser a minha estrutura. Por ser âncora e bússola. A você, com todo o meu amor e com a mais profunda gratidão, dedico este trabalho.

Resumo

Esta dissertação analisa a circulação dos livros da editora mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE) no Brasil entre os anos de 1952 e 1965. Para tanto, examinamos a atuação da distribuidora exclusiva do FCE no País, a Livraria Mestre Jou, nas atividades de distribuição e de divulgação dos livros e no desenvolvimento de uma função mediadora entre a editora mexicana e a intelectualidade brasileira. A editora Fondo de Cultura Económica foi fundada em 1934 com o intuito de disponibilizar a literatura estrangeira da área de humanidades aos estudantes e professores mexicanos. No início dos anos 1940, iniciou um movimento de expansão rumo ao sul do continente, incentivada por objetivos comerciais e por uma declarada missão de integração cultural da América Latina. Utilizando como principais fontes os arquivos editoriais, com destaque para a correspondência comercial, analisamos os desafios e as dinâmicas da distribuição dos livros do FCE no Brasil, as características das encomendas e das devoluções, e as práticas de mediação cultural desenvolvidas na divulgação dos livros. Ao longo do trabalho, mostramos a mobilização de vínculos transnacionais e as trocas culturais ocorridas através do circuito criado entre o FCE e a Mestre Jou. Concluímos que, em um contexto de progressiva institucionalização universitária, a circulação dos livros do FCE proporcionou uma oferta de leitura importante aos potenciais leitores brasileiros ao facilitar o acesso a obras especializadas traduzidas para o espanhol.

Palavras-chave: Editoras latino-americanas. Comércio transnacional de livros. Intelectuais mediadores. Século XX.

Abstract

This dissertation examines the circulation of books from Mexican publisher Fondo de Cultura Económica (FCE) from 1952 to 1965 in Brazil. To achieve this, we examine FCE's exclusive distributor in the country, Livraria Mestre Jou's activities in promoting and distributing these books and developing a mediating position between the Mexican publisher and Brazilian *intelligentsia*. Publisher Fondo de Cultura Económica was established in 1934 with the purpose of providing Mexican students and scholars with access to foreign literature within the field of the humanities. In the 1940s, it began an expansion effort towards the Southern part of the continent, motivated both by commercial interests, as well as an overt intention of working for cultural integration of Latin America. Using publishing archives as our main sources – with special emphasis on business correspondence – we examine the challenges and dynamics of FCE's book distribution in Brazil, traits of registered orders and returns, and the practices of cultural mediation that were developed in marketing these books. Throughout this work, we explore the mobilization of transnational bonds and cultural exchange involved in the network created between FCE and Mestre Jou. We've concluded that, in a context of increasing institutionalization of universities, the circulation of FCE's books formed an important source of reading material for potential Brazilian consumers as it promoted access to highly-specific work translated into Spanish.

Keywords: Latin-American publishers. Transnational book trade. Mediating intellectuals. 20th Century.

Resumen

Esta tesis de maestría analiza la circulación de los libros de la editorial mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE) en Brasil entre los años de 1952 y 1965. Para ello, examinamos la actuación de la distribuidora exclusiva del FCE en el País, la Librería Mestre Jou, en las actividades de distribución y de divulgación de los libros y en el desarrollo de una función mediadora entre la editorial mexicana y la intelectualidad brasileña. La editorial Fondo de Cultura Económica fue fundada en 1934 con el objetivo de proporcionar la literatura extranjera del área de humanidades a los estudiantes y profesores mexicanos. Al inicio de los años 1940, empezó un movimiento de expansión hacia el sur del continente, alentada por objetivos comerciales y por una declarada misión de integración cultural de Latinoamérica. Utilizando como principales fuentes los archivos editoriales, destacando la correspondencia comercial, analizamos los desafíos y las dinámicas de distribución de los libros del FCE en Brasil, las características de los pedidos y de las devoluciones, y las prácticas de mediación cultural desarrolladas en la divulgación de los libros. A lo largo del trabajo, mostramos la movilización de vínculos transnacionales y los intercambios culturales ocurridos a través del circuito creado entre el FCE y la Mestre Jou. Concluimos que, en un contexto de progresiva institucionalización universitaria, la circulación de los libros del FCE proporcionó una oferta de lectura importante a los potenciales lectores brasileños al facilitar el acceso a obras especializadas traducidas para el español.

Palabras clave: Editoriales latinoamericanas. Comercio transnacional de libros. Intelectuales mediadores. Siglo XX.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Gráfico 1 – Quantidade de pedidos realizados (1952–1965)
- Gráfico 2 – Quantidade de exemplares pedidos e de exemplares enviados (1952–1965)
- Gráfico 3 – Quantidade de títulos pedidos e de títulos enviados (1952–1965)
- Gráfico 4 – Títulos pedidos e títulos enviados organizados por coleção (1952–1965)
- Gráfico 5 – Quantidade de exemplares pedidos e de exemplares enviados organizados por coleção (1952–1965)
- Gráfico 6 – Idiomas originais dos exemplares enviados (1952–1965) (%)
- Gráfico 7 – Idiomas originais dos títulos enviados (1952–1965) (%)
- Gráfico 8 – Quantidade de exemplares devolvidos (1952–1965)
- Gráfico 9 – Quantidade de títulos devolvidos (1952–1965)
- Gráfico 10 – Quantidade de exemplares devolvidos organizados pelo motivo da devolução (1952–1965)
- Figura 1 – Carta remetida pela Mestre Jou & Co. Ltd. ao FCE, datada de 19 de janeiro de 1953
- Figura 2 – Capa da obra *El dólar plata*, primeiro livro publicado na coleção de Economía (1935)
- Figura 3 – Capa da obra *Historia de la literatura griega*, primeiro livro publicado na coleção Breviarios (1948)
- Figura 4 – Anúncio publicado na Revista Anhembi (1959)
- Figura 5 – Novidades literárias na coluna “Nas Livrarias” da Folha de São Paulo (1963)
- Figura 6 – Felipe Mestre Jou (à esquerda) e Antonio Carrillo Flores (à direita) por ocasião da III Conferência Interamericana de Contabilidade (1954)
- Figura 7 – Mosaico das vitrines de livrarias na América Latina, Portugal e Espanha (1959)

Figura 8 – Foco nas vitrines de três livrarias paulistas (23, 26, 27) com exposições dos livros do FCE

Figura 9 – Grupo de escritores, jornalistas e professores no evento da Associação Brasileira de Imprensa (1955)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os 10 títulos mais pedidos (1952–1965)

Tabela 2 – Os 10 títulos mais pedidos e enviados (1952–1965)

Tabela 3 – Títulos devolvidos por terem sido editados em português (1952–1965)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FCE Fundo de Cultura Económica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 A DIFUSÃO CONTINENTAL DA EDITORA MEXICANA FONDO DE CULTURA ECONÓMICA	36
1.1 “ <i>La editorial de México para Iberoamérica</i> ”: fundação e expansão do Fondo de Cultura Económica (FCE)	36
1.2 “ <i>Los complicados amigos brasileños</i> ”: a expansão comercial do FCE para o Brasil	49
1.3 “ <i>Hacer la cuarta prueba</i> ”: diálogos e impressões para uma nova representação exclusiva	60
1.4 A Mestre Jou como representante exclusiva do FCE no Brasil	70
2 FCE E O BRASIL: LIVROS NOS <i>EXTREMOS DE AMÉRICA</i>.....	79
2.1 Um olhar para o México: o catálogo do Fondo de Cultura Económica	80
2.2 Um olhar para o Brasil: a expansão do ensino e o mercado editorial brasileiro	88
2.3 Entre México e Brasil: dinâmicas e desafios da distribuição dos livros do FCE	95
2.4 Os livros pedidos	108
2.5 Os livros devolvidos	133
3 MEDIAÇÕES E TROCAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO DOS LIVROS DO FCE.....	151
3.1 Folhetos, anúncios e resenhas: a divulgação impressa e na imprensa periódica.....	151
3.2 “ <i>Una campaña cultural</i> ”: aniversários do FCE e exposições do livro	166
3.3 “ <i>El Fondo viaja por América</i> ”: viagens ao Brasil e mediações intelectuais.....	178
3.4 “ <i>Cartas del Brasil</i> ”: a presença de intelectuais brasileiros na revista <i>La Gaceta</i> , do FCE	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	193
ACERVOS CONSULTADOS	198
REFERÊNCIAS	202
APÊNDICES.....	217

INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, investigações que se voltam para a história do livro e da edição na América Latina têm apontado para as vantagens de se adotar uma perspectiva de análise ampliada, que transcenda as fronteiras nacionais e busque identificar as conexões entre projetos editoriais, sujeitos e materiais escritos nas redes editoriais latino-americanas¹ (SUBERCASEAUX, 2010; DIEGO, 2015, 2019; MIR, 2021) ou no campo editorial ibero-americano² (SORÁ, 2017). Tal perspectiva não implica abandonar a formulação de problemas que tenham como referência os espaços nacionais, mas sim, ademais, situá-los nos fluxos transnacionais que se configuram através da geografia latino-americana.

Tendo como foco o século XX, questões relativas à circulação de livros de editoras latino-americanas que se expandiram para além dos mercados nacionais são relevantes para uma história do livro, da edição e da leitura que incorpore a escala transnacional. Entre essas editoras, destaca-se a mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE). Fundada em 1934, já no início dos anos 1940, o FCE havia desenvolvido um catálogo de traduções inovador na área de humanidades, o que logo se somou a publicações de obras sobre a realidade latino-americana e a coleções de literatura. É também nesse período que a editora iniciou um movimento de expansão rumo ao sul do continente, incentivado por objetivos comerciais, mas também por uma declarada missão de integração cultural da América Latina.³

¹ O termo rede pode ser definido, de acordo com González (2016), como “[...] un conjunto delimitado de actores – individuos, grupos, instituciones u organizaciones – que se encontraron vinculados en un momento dado.” (p. 7). Esse conjunto de atores pode se valer das redes para difundir suas ideias ao mesmo tempo que a circulação das ideias propicia a formação de redes. Ao termos em mente, mais especificamente, as redes intelectuais, essas podem ser definidas “[...] a partir do estabelecimento de contatos profissionais, durante um período determinado, entre um conjunto de pessoas que se reconhecem como pares e que, de maneira consciente, utilizam esses contatos para promover algum tipo de atividade profissional [...]” (DEVÉS-VALDÉS, 2004 apud COSTA, 2018, p. 154). Conforme apontado por Adriane Vidal Costa (2018), as investigações que adotam a categoria de redes como objeto de análise precisam construir perguntas relativas a quais sujeitos compuseram a rede; quando ela se formou e por quê; qual foi seu alcance e limites; quando ela terminou e por qual razão; quais foram os espaços, as práticas e os suportes que auxiliaram a formá-la e/ou a sustentá-la (p. 160). Cientes desses procedimentos teórico-metodológicos, aclaramos que o objetivo deste trabalho não é investigar como se deu a formação de redes intelectuais em torno da editora Fondo de Cultura Económica (FCE), mas somente tê-las em consideração como forma de melhor compreendermos o alcance do FCE na América Latina.

² Adotando a “teoria dos campos” de Pierre Bourdieu, Gustavo Sorá (2017) argumenta que, em geral, as regras dos mercados editoriais são nacionais. Entretanto, algumas editoras transcendem os espaços nacionais, exportando sua produção para outros países e desenvolvendo iniciativas e alianças que configuram um “campo editorial transnacional”. Por ser possível detectar esse movimento entre países da América Hispânica e entre estes e o Brasil, identifica-se, então, a formação de um “campo editorial ibero-americano”.

³ Nas fontes que consultamos, observamos diferentes formas de denominar a região: América Latina, América Ibérica, América Hispânica e Nuestra América. Neste trabalho, optamos por utilizar a denominação América Latina com base no entendimento de que, a partir da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), essa expressão se consolidou como forma de nominar o subcontinente, conforme apontado por Hilda Sabato (2015) e por Arturo Ardao (2006). Sobre a história da denominação América Latina, ver Ardao (2006).

Conforme analisa José Luís de Diego (2019), o movimento de expansão continental realizado pelo FCE e por outras casas editoriais evidencia, por um lado, a tarefa fundamental de editoras latino-americanas na superação das fronteiras nacionais e, por outro, a conformação de sólidas redes intelectuais. Afinal,

a medida que uno va rastreando estas historias nacionales del libro y la edición resulta evidente que todas se encuentran atravesadas por una realidad continental de editores migrantes, intelectuales y escritores nómades, dictaduras que expulsan a sus mejores hombres quienes, a su vez, *contaminan* los países hermanos. (DIEGO, 2019, p. 67).

Entrelaçado a esses apontamentos, agregamos que a expansão comercial de editoras latino-americanas, a exemplo do FCE, criou condições materiais para disponibilizar objetos escritos a um público mais vasto, evidenciando a ampliação dos espaços de circulação dos livros. Nessa perspectiva, alguns estudos apontam que o expressivo catálogo de traduções em ciências humanas unido à expansão do FCE pelo continente propiciaram o acesso ao “saber estrangeiro”⁴ para os potenciais leitores que não dominavam idiomas como o inglês, o alemão ou o francês (ARCINIEGA, 1996) e sugerem que, em um período de institucionalização da vida universitária, as novas gerações intelectuais latino-americanas “[...] parecen haberse formado con ciertas experiencias de lectura común [...]” (SORÁ, 2017, p.77).

Tais observações são reforçadas pelo depoimento do intelectual brasileiro Antônio Cândido, proferido na inauguração da sucursal do FCE em São Paulo, no ano de 1991:

Nos anos de 1930, 1940 e mesmo 1950 tínhamos pouca bibliografia no setor das ciências humanas, além de estudos específicos sobre o Brasil. Por isso, muitas das grandes obras da cultura nos foram proporcionadas por editoras de língua espanhola, como Losada, Espasa-Calpe de Buenos Aires, mas sobretudo Fondo de Cultura Económica, que trouxe grandes textos de filosofia, sociologia, economia, antropologia, história, teoria da arte e da literatura. Eram obras de Max Weber, Mannheim, Toënnies, Dilthey, Cassirer, Ermatinger, Alfonso Reyes e tantos outros. (SOUZA, 1993, p. 54).⁵

Em que pese a relevância do Fondo de Cultura Económica no espaço editorial latino-americano, localizamos apenas uma investigação que elegeu a circulação dos livros dessa editora como o problema central.⁶ Trata-se do trabalho de Francisco Anguiano (2019) sobre a

⁴ Sobretudo obras europeias e estadunidenses.

⁵ O depoimento completo traduzido para o espanhol foi publicado, em janeiro de 1993, na revista *La Gaceta* do Fondo de Cultura Económica.

⁶ Busca realizada a partir das referências presentes na bibliografia acessada, em registros de congressos sobre o livro e a edição na América Latina, no Portal de Periódicos e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na base LA Referência, que abriga a produção científica de 10 países da América Latina, incluindo Brasil e México.

atuação da sucursal do Fondo de Cultura Económica na Argentina nos anos 1940 e 1950. A questão ganha contornos ainda mais significativos para o caso brasileiro devido à diferença linguística. Há que se ter em conta também que, entre as décadas de 1930 e 1960, o Brasil vivenciou um processo de institucionalização universitária que abarcou, inclusive, as áreas da economia (SAES; CYTRYNOWICZ, 2000) e das ciências sociais (MICELI, 2001). Além disso, não obstante algumas iniciativas editoriais, até o fim dos anos 1950, o mercado editorial brasileiro não teve como foco a tradução de obras de ciências humanas e humanidades, sendo a importação de livros a principal via de acesso à literatura especializada estrangeira (HALLEWELL, 2005, p. 499). As editoras universitárias, por sua vez, só viriam a se consolidar na década de 1980 (MARQUES NETO; ROSA, 2010).

Nessa linha, em trabalho recente sobre as relações entre a intelectualidade brasileira e o FCE nos anos 1940 e 1950, Luciano Mendes de Faria Filho (2021) observa que o Brasil se configurou como um mercado consumidor importante para a editora. O autor destaca o papel da livraria Mestre Jou, distribuidora exclusiva do FCE no Brasil a partir de 1952, e do livreiro Felipe Mestre Jou, não apenas na comercialização como também no desempenho de uma função mediadora entre intelectuais brasileiros e o FCE, apontando a necessidade de se compreender melhor a circulação das obras da editora no Brasil por meio de pesquisas que se voltem para a dimensão comercial.

Assim, considerando as lacunas ainda existentes sobre a temática e as potencialidades apontadas pela bibliografia, esta dissertação tem como tema a circulação dos livros da editora mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE) no Brasil entre os anos de 1952 e 1965. Buscamos compreender a atuação da representante exclusiva da editora no País, a livraria Mestre Jou, na distribuição e na divulgação dos livros do FCE e no desenvolvimento de uma função mediadora entre a editora mexicana e a intelectualidade brasileira. Consideramos a hipótese de que a circulação dos livros da editora mexicana no Brasil proporcionou uma oferta de leitura importante aos potenciais leitores brasileiros ao facilitar o acesso a obras especializadas europeias e estadunidenses traduzidas para o espanhol.

A delimitação temporal desta pesquisa inicia-se em 1952, ano em que a Mestre Jou se tornou a distribuidora exclusiva do FCE no Brasil. A documentação acessada informa que a representação se manteve até o ano de 1978. Além disso, percebemos que, em 1960, teve início um processo de enfraquecimento das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou. Ainda assim, definimos 1965 como a delimitação temporal final, ano em que o próprio FCE entrou

em crise por ocasião da demissão do diretor Arnaldo Orfila Reynal, que esteve à frente da casa editorial de 1948 a 1965.

Orfila Reynal, que era de nacionalidade argentina, foi destituído em razão do seu posicionamento político próximo à esquerda revolucionária, mas sob a alegação de ser estrangeiro, sendo a publicação do livro *Los Hijos de Sánchez*, do antropólogo Oscar Lewis, o estopim para a demissão. Após a destituição, recebeu apoio de centenas de intelectuais e logo fundou a editora Siglo XXI, que atuaria como concorrente do Fondo de Cultura Económica. A demissão acarretou, ademais, a substituição de grande parte do corpo técnico do FCE, mudanças no corpo diretivo, transformações no programa editorial e o enfraquecimento da projeção cultural da editora no continente.⁷

A opção por tal delimitação temporal considerou a mencionada ruptura na trajetória da editora e o entendimento de que o enfraquecimento das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, a partir do início dos anos 1960, não é um evento, e sim um processo paulatino, cujas discontinuidades devem ser analisadas durante alguns anos. Além disso, tal delimitação temporal considerou um fator de viabilidade prática da pesquisa. Percebemos que, durante o período em que foi possível realizar as consultas ao acervo, não seria viável acessar a documentação sobre as relações comerciais com a Mestre Jou até o ano de 1978. Afinal, as consultas ao Arquivo Histórico e à Biblioteca do Fondo de Cultura Económica, localizados na Cidade do México, a princípio precisaram ser adiadas e depois se realizaram em caráter extraordinário e em período reduzido devido às dificuldades e restrições causadas pela pandemia da Covid-19.⁸

Este problema de pesquisa foi sendo gestado ainda durante a graduação em História, quando da participação, como aluna de iniciação científica, do projeto “Moderno, modernidade, modernização: a educação nos projetos de Brasil – séc. XIX e XX”. Os primeiros contatos e aprendizados com o fazer investigativo se deram por meio de uma pesquisa sobre as representações do Brasil em livros publicados, na Argentina, na primeira metade do século XX (FARIA FILHO; RORIZ, 2012, 2015). Aquela temática avivou uma curiosidade pelo movimento ou, mais especificamente, pelo modo como as ideias, as pessoas e os livros circulam

⁷ Arnaldo Orfila Reynal (1897–1997) foi destituído da direção do FCE em novembro de 1965, durante o governo de cunho autoritário do presidente mexicano Gustavo Díaz Ordaz (1964–1970). O substituto de Orfila Reynal foi Salvador Azuela (1902–1983), que dirigiu a editora mexicana até 1970. Sobre o contexto da demissão e as relações entre edição e política, ver Sorá (2008). Sobre as transformações ocorridas na editora após a mencionada demissão, ver Arciniega (1996).

⁸ Agradecemos imensamente aos funcionários do Arquivo e da Biblioteca pela disponibilidade e cortesia e por criarem as condições para nos receber da maneira mais segura possível.

pelo mundo. Avivou também, junto às disciplinas cursadas na graduação, um interesse persistente pela América Latina e sua história – interesse que foi adicionado a experiências e curiosidades prévias, posto que o sujeito sempre imprime algo, ou muito de si, nas escolhas profissionais e investigativas que faz.

Naquela época, ainda não conhecia a editora Fondo de Cultura Económica e tampouco imaginava que interesses amplos e ainda difusos poderiam convergir para uma pesquisa sobre história da edição. Cerca de quatro anos após concluir a graduação em História, aproximei-me novamente do grupo de pesquisa que, naquela ocasião, desenvolvia o projeto “A Educação nos Projetos de Brasil: espaço público, modernização e pensamento histórico e social brasileiro nos séculos XIX e XX”. Foi nesse momento, então, que tive contato com o trabalho recém-concluído de Luciano Mendes de Faria Filho (2021) sobre a edição de autores brasileiros pelo FCE. A partir desse trabalho e dos diálogos promovidos no grupo de pesquisa, soube que o FCE preservava um extenso acervo sobre as relações comerciais com o Brasil que poderia embasar propostas de pesquisa. Assim tiveram início as primeiras aproximações à temática, da qual fui me apropriando lentamente, até realizar as delimitações que fariam o movimento do tema mais amplo ao problema de pesquisa aqui apresentado. Essas breves considerações sobre a trajetória de pesquisa me pareceram pertinentes porque mostram a transformação de um interesse geral em uma identificação específica e sinalizam como certas interrogações podem ser sustentadas com o passar do tempo.

Para realizar o movimento do tema ao problema de pesquisa e desenvolver esta dissertação, foi fundamental consultar trabalhos sobre a história da edição na América Latina, além de obras que situassem o Fondo de Cultura Económica no mercado editorial latino-americano. Para melhor compreender a trajetória do FCE, amparamo-nos, principalmente, nos trabalhos de Víctor Arciniega (1996) e de Gustavo Sorá (2008, 2016, 2017). Além disso, os trabalhos de Gustavo Sorá (2017) e de Luciano Mendes de Faria Filho (2021) apresentaram discussões fundamentais sobre o lugar do Brasil nos projetos e nos mercados do FCE.

As análises de Sorá (2017) e Faria Filho (2021) também enfocaram o papel dos agentes históricos e das redes de sociabilidades fundadas e alimentadas em torno do FCE, destacando a criação e mobilização de vínculos intelectuais para o desenvolvimento das coleções Tierra Firme e Biblioteca Americana. O esforço de analisar o desenvolvimento de coleções a partir da atuação de diferentes agentes históricos foi também assumido na tese de Freja Becerril (2019), a respeito da coleção Tezontle, e nos trabalhos de Laura López (2007, 2015) sobre o papel de José Medina Echavarría na coleção de Sociologia do FCE. Na mesma perspectiva, Marcela

Croce (2013) e Liliana Weinberg (2014) analisaram o empenho e o trânsito de intelectuais para viabilizar a coleção Biblioteca Americana. Todos esses trabalhos nos auxiliaram a melhor compreender o desenvolvimento do projeto editorial e a atuação de diferentes agentes na editora Fondo de Cultura Económica.

Ainda com foco na atuação de diferentes atores no universo da edição, foram especialmente importantes a análise de Gabriela Pellegrino (2017) sobre o papel dos espanhóis exilados em razão da Guerra Civil Espanhola (1936–1939) no desenvolvimento das tarefas editoriais do FCE, bem como a análise de Javier Garciadiego (2016) a respeito da atuação dos exilados republicanos nas atividades de tradução e na construção do catálogo da editora mexicana.

Já o artigo de Jorge Myers (2005) nos auxiliou, sobretudo, a compreender os modos como a coleção Tierra Firme consolidou a vocação americanista do FCE, enquanto o trabalho de José Luís de Diego (2019) se mostrou crucial para situar o americanismo como uma prática constitutiva da expansão comercial da editora por outros países da América Latina. No que se refere a essa expansão comercial, dialogamos especialmente com a dissertação de Francisco Anguiano (2019) sobre os primeiros anos da sucursal do Fondo de Cultura Económica na Argentina.

No que concerne ao mercado editorial brasileiro, apoiamo-nos, sobretudo, nos trabalhos de Laurence Hallewell (2005), Olímpio de Souza Andrade (1978) e Sérgio Miceli (2001b), os quais forneceram importantes dados numéricos e uma visão ampla a respeito do mundo da edição brasileiro. Ademais, embasamo-nos no livro organizado por Aníbal Bragança e Márcia Abreu (2010), que possui capítulos sobre a história das principais editoras brasileiras no século XX.

Com exceção do trabalho de Faria Filho (2021), não localizamos investigações que analisassem a atuação da Livraria Mestre Jou, tão somente trabalhos que a mencionassem em propostas mais amplas (HALLEWELL, 2005, p. 412), em guias (MACHADO, 2008) ou em cartografias de livrarias (GONÇALVES, 2012). Assim, para situar a Mestre Jou no comércio livreiro brasileiro, dialogamos com a dissertação de Flávia Baptistini (2017) sobre a livraria importadora Leonardo da Vinci, e com a tese de Fernando Cataldo de Azevedo (2018) sobre a trajetória da Livraria LER – posteriormente, Zahar Editores. O trabalho de Azevedo (2018) também nos forneceu elementos para analisar as estratégias de divulgação dos livros do FCE, assim como os artigos de Eliana Dutra sobre exposições de livros no espaço latino-americano (2012) e sobre as ações empreendidas pela Cia. Editora Nacional para divulgar a coleção

Brasileira (2004). Ambos os artigos apontaram possibilidades de análise e permitiram que delineássemos paralelos com as atividades desenvolvidas na difusão dos livros do FCE.

No que diz respeito aos aportes teóricos que deram sustentação à pesquisa e à elaboração desta dissertação, conforme argumenta Thais Fonseca (2008), a história da educação tem se valido, desde a década de 1990, de conceitos e referenciais da História Cultural⁹ para, por um lado, revisitar antigos objetos de análise e, por outro, focar novas temáticas, entre as quais, o livro e a leitura. Partindo desse direcionamento, esta pesquisa se ampara nos referenciais da história do livro e da leitura – compreendida no campo teórico-metodológico da História Cultural – em diálogo com a história dos intelectuais e com a história transnacional.

Nesse ponto, talvez seja oportuno retomar um breve balanço da historiografia sobre o livro e a leitura para melhor situar a pesquisa aqui desenvolvida. Em 1958, veio a público *O Aparecimento do Livro*, de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, obra considerada fundadora da historiografia contemporânea do livro (FEBVRE; MARTIN, 2017). Ao investigar o surgimento do livro impresso e seus impactos, Febvre e Martin analisaram, por meio de uma abordagem quantitativa, a extensa rede de negócios despontada pelo livro como mercadoria e as mudanças de mentalidade propiciadas pelo livro como fermento de ideias. Em diálogo com essa produção, Henri-Jean Martin e Roger Chartier codirigiram *Histoire de l'Édition Française*, publicada em quatro volumes entre 1982 e 1986. Com tal trabalho, percebemos, no itinerário historiográfico francês, uma mudança do foco da história do livro para o da história da edição.

Concomitantemente, Roger Chartier publicou, em 1985, “Do livro à Leitura” (CHARTIER, 2011) e, em 1987, proferiu a conferência “Da História do Livro à História da Leitura” (CHARTIER, 1993). Em ambos, o historiador francês reconhece os logros da historiografia do livro praticada até aquele momento, mas defende um deslocamento para a leitura como objeto de pesquisa ou de “La historia del libro, convertida en historia de la edición e historia de la lectura [...]” (CHARTIER, 1993, p. 39). Nessa proposta teórico-conceitual, não mais bastaria analisar os livros como objeto material, tampouco contá-los e classificá-los, mas investigar também os modos de ler: a leitura como uma prática cultural. Ocorre, assim, uma

⁹ Tradições historiográficas de diferentes nações abordam o surgimento da História Cultural por meio de referenciais e pontos de partida distintos (GALVÃO; FONSECA, 2017). Além disso, “[...] o que se chama hoje História Cultural envolve historiadores com posturas bem diversas, como Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg.” (PESAVENTO, 2007, n.p.). Em que pese tal multiplicidade, as citadas autoras concordam que é possível extrair linhas gerais dessa proposta teórico-metodológica. Desse modo, podemos afirmar que a História Cultural tem como preocupação central os modos de apreensão da realidade social pelos sujeitos históricos, buscando “[...] compreender como determinadas visões de mundo – materializadas em produtos e em práticas culturais – foram produzidas e disseminadas por diferentes grupos sociais.” (GALVÃO; FONSECA, 2017, p. 63). Ainda que a história cultural apresente grande potencialidade para o estudo de processos educativos, cabe o alerta de Galvão e Fonseca (2017) de que esse é um aporte teórico entre outros possíveis.

amplificação do objeto de estudo, uma vez que a história da leitura considera, em conjunto, os aspectos da produção do livro, da circulação dos objetos de leitura e da recepção dos textos pelos leitores – recepção que se dá em meio à tensão entre o poder que o livro exerce sobre o leitor e a liberdade que o leitor exerce na interpretação dos textos.

Advindo da historiografia norte-americana, mas com uma perspectiva similar, Robert Darnton publicou, em 1982, “O que é a história dos livros?” (DARNTON, 2010). Nesse texto, o historiador já prevê uma história da leitura “[...] que terá que levar em conta a coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto.” (DARNTON, 2010, p. 146). Entretanto, é na publicação de “Primeiros passos para uma história da leitura”, em 1986 (DARNTON, 2010), que ele aprofunda a questão, propondo abordagens para o estudo dos “comos” e dos “porquês” da leitura. Darnton considera que, naquele momento, os historiadores do livro já haviam aportado importantes contribuições às perguntas externas ao ato de ler: quem lê? O que lê? Onde lê? Quando lê? Contudo, as perguntas internas à leitura (Como lê? Por que lê?) permaneciam como as mais difíceis e esquivas. Em suma, esse itinerário historiográfico, tanto na perspectiva de Chartier quanto na de Darnton, explicita a necessidade de compreendermos o livro de modo integrado, ou seja, tendo em conta os processos de produção, circulação e recepção que o constituem.

Com base nessa perspectiva analítica, compreendemos a circulação como uma fase do “circuito de comunicação” proposto por Robert Darnton a respeito de como os livros surgem e se difundem. Elaborado no mencionado ensaio “O que é a história dos livros?”, originalmente publicado em 1982 (DARNTON, 2010), e revisitado em artigo de 2007 (DARNTON, 2008), o “circuito de comunicação” se configura como um modelo geral para estudar a transmissão e a transformação das mensagens por vias impressas e reúne três indagações fundamentais em um único esquema conceitual: como nascem os livros? Como os livros chegam aos leitores? O que fazem os leitores com os livros? Desse modo, o circuito contempla os estágios de produção, circulação e recepção dos objetos de leitura e:

A história dos livros se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante. (DARNTON, 2010, p. 126).

Sendo uma das fases do circuito, a circulação refere-se à pergunta “Como os livros chegam aos leitores?”, englobando os agentes e os processos que possibilitam a disponibilidade de objetos impressos em diferentes espaços, entre esses: os editores, os distribuidores, os

livreiros e os processos de compra/venda, de empréstimos pessoais ou em bibliotecas. Reiteramos que tal dimensão deve ser concebida em interação com a produção dos objetos de leitura e com a recepção pelos leitores, pois a finalidade do circuito é propor uma visão holística do livro, evidenciando a natureza sistêmica das partes que o constituem.

Em decorrência dessa premissa, ainda que possamos focalizar um dos aspectos – no caso deste trabalho, o da circulação – para fins de delimitação e viabilidade da investigação, o segmento pesquisado não deve ser tomado como um fim em si mesmo, mas como parte de um processo mais amplo que torna possível a transmissão da palavra impressa e o ato de ler. Além disso, dada a multiplicidade dos modos de difusão do impresso, cabe destacar que o estudo da distribuição e da divulgação aqui proposto é uma das formas de se analisar a circulação entre outras possíveis.¹⁰

As diferentes fases do circuito proposto por Darnton são construídas por um caminho que vai do autor ao editor (podendo o livreiro assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. O leitor é quem encerra o ciclo, uma vez que influencia o autor em razão das críticas e das reações à obra produzida, mas também porque o próprio autor é um leitor e, ao ler, desenvolve noções de gênero e de escrita que influenciam seus textos. Cada fase está ligada a outras atividades e a outros sujeitos no interior do sistema, mas também às diversas influências externas, como as conjunturas econômicas, sanções políticas e influências intelectuais. Dentre os sujeitos que atuam no “circuito de comunicação”, o livreiro, figura central em nosso problema de pesquisa, é caracterizado por Darnton (2010) como um intermediário cultural: aquele que opera no ponto crucial em que a oferta se cruza com a demanda. Nesse sentido, “[...] é preciso estudar melhor o livreiro enquanto agente cultural, o intermediário entre a oferta e a demanda em seu principal ponto de conexão.” (Darnton, 2010, p. 143).¹¹

¹⁰ A circulação também pode ser analisada com o foco mais específico nas atividades de compra e venda (analisando a documentação das livrarias, por exemplo) ou por meio das atividades de contrabando, da ação de censores, de empréstimos pessoais ou em bibliotecas. Ana Galvão e Eliane Lopes (2010) mencionam ainda a possibilidade de análise de meios informais e de espaços poucos convencionais de circulação, como a leitura em voz alta e a afixação de objetos escritos em muros.

¹¹ Os apontamentos realizados por Robert Darnton (2010) sobre a necessidade de se estudarem melhor o livreiro e outros intermediários que faziam funcionar o sistema que produz e distribui livros foram, originalmente, publicados em artigos de 1982 e 1986. Contudo, Sebastián Mir (2021), em estudo recente sobre edição latino-americana, também ressalta que as livrarias e, juntamente os livreiros, ainda têm sido pouco explorados nas investigações sobre o mundo editorial. Uma iniciativa de destaque em direção ao melhor conhecimento dos livreiros na história, inclusive em perspectiva transnacional, refere-se à coleção “Circulação transatlântica dos impressos (1789–1914)”, que, entre outros eixos de análise, versa sobre os agentes do intercâmbio entre países, dentre esses, os livreiros (GRANJA; LUCA, 2018).

É notável, portanto, que o enfoque esteja posto nos *agentes* do universo do livro (editores, e não edição; distribuidores, e não distribuição), pois Darnton (2008) confessa não conseguir se entusiasmar por nenhuma história que esteja vazia de seres humanos. Afinal, mesmo que dada pesquisa se proponha a investigar *objetos* impressos, a História continua construída por homens e mulheres, que são quem produzem os livros, os colocam em circulação e se apropriam dos saberes por eles veiculados.

Nessa perspectiva, os diálogos entre a história do livro e da leitura e a história dos intelectuais mostram-se promissores para aumentar a compreensão a respeito dos impressos e dos agentes históricos, muitos dos quais intelectuais que atuam no universo do livro. Os intelectuais, na acepção proposta por Jean-François Sirinelli (2003), englobam, de forma ampla, os criadores e os mediadores culturais e, se definidos de forma restrita, fundamentam-se na noção de engajamento na vida pública. Para o autor, as duas definições se complementam e podem ser articuladas. Podemos pensar que ambas as definições possibilitam conceber formas de inserção dos intelectuais no mundo do livro, sejam como produtores e mediadores culturais – autores, editores, tradutores –, sejam como sujeitos que intervêm na vida pública – a publicação de textos, a fundação de revistas e a organização de empreendimentos editoriais podem ser meios de fomentar debates e intervenções políticas.

Tendo em vista os diálogos possíveis entre a história do livro e da leitura e a história dos intelectuais, recorreremos à profícua análise desenvolvida por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) a respeito da categoria analítica intelectuais mediadores. Buscamos mobilizar o potencial da referida categoria para explorar a figura do livreiro como um intermediário cultural e examinar as práticas de mediação desenvolvidas por Felipe Mestre Jou na circulação dos livros do FCE e entre a editora mexicana e a intelectualidade brasileira.

A análise de Gomes e Hansen (2016) propõe alargar os limites da definição de intelectuais, considerando-os como “[...] homens da produção de conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social.” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10). Tal definição engloba os mediadores culturais: sujeitos cuja atividade se volta para os processos de acesso e difusão de bens culturais para um público mais amplo ou de circulação de saberes de um espaço a outro, de uma época a outra ou de um código cultural ou de linguagem a outro.

O mediador cultural, entretanto, não deve ser compreendido como um mero transmissor, que apenas divulga os saberes sem nada acrescentar ou transformar. Ao contrário, ao comunicar bens simbólicos, realiza uma apropriação e produz novos sentidos, posto que a atividade de

comunicação requer que se criem formas de aproximação aos bens culturais já existentes, assim como se desenvolvam novos produtos culturais na própria ação de comunicar.¹² Se as práticas de mediação cultural transformam e produzem sentidos, o mediador pode ser concebido como um produtor de bens simbólicos e, por consequência, como um intelectual, conforme a acepção trabalhada por Gomes e Hansen (2016).

Essa proposta analítica rompe com uma rígida e hierarquizada divisão entre intelectual “produtor” e “mediador”, já que o último também cria. Dessa forma, “Com esses e outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual ‘mediou’ torna-se, efetivamente, ‘outro produto’: um bem cultural singular.” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18). É nesse sentido que adotamos a categoria de análise “intelectual mediador” para interpretar as práticas de mediação desenvolvidas pelo livreiro Felipe Mestre Jou e por outros agentes que, vinculando-se à Mestre Jou, atuaram na difusão dos livros do FCE no Brasil.

Além disso, conforme apresentamos, este trabalho tem como tema uma editora que transcendeu o espaço nacional. Ao elaborar seu circuito de comunicação, Robert Darnton (2010) já apontava que os livros não respeitam limites linguísticos ou nacionais. De modo similar, Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier (2018), ao se debruçarem sobre a circulação transatlântica de impressos no século XIX, destacam que “[...] as fronteiras nacionais não são empecilho para o trânsito de livros, revistas, espetáculos e impressos em geral.” (p. 11). Além de os livros circularem entre nações, em nosso objeto de pesquisa, foi se tornando evidente que os agentes históricos também transitaram para além das fronteiras nacionais. Por essas razões, mostrou-se profícuo incorporar a perspectiva da história transnacional.

Delineada, ao longo dos últimos 30 anos, no bojo das discussões que se propõem a repensar os limites de uma historiografia estritamente nacional,¹³ a história transnacional se configura como uma abordagem que pretende romper com a ideia de nação como o rígido marco espacial organizador das pesquisas em História, voltando-se para as redes, as crenças, as instituições que transcendem as fronteiras das nações (PRADO, 2011-2012). Desse modo, a história transnacional tem como objetivo reforçar a dinâmica das conexões, preocupando-se

¹² Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) dialogam com diversos autores e aportes teóricos no desenvolvimento de sua proposta analítica. Entre esses, as autoras destacam as contribuições da História Cultural ao conferir centralidade aos processos de produção e de transformação de sentidos pelos sujeitos históricos. Como desdobramento dessa concepção teórica, ressaltam o conceito de apropriação cultural, presente no trabalho de Roger Chartier em diálogo com outros autores. A apropriação cultural fundamenta-se na premissa de que, ao circular, os repertórios culturais não são recebidos passivamente pelos sujeitos, pois estes selecionam, aderem, recusam, reelaboram, ressignificam e, assim, produzem novos sentidos aos bens culturais postos em circulação.

¹³ A história transnacional desenvolveu-se na academia norte-americana, principalmente entre os pesquisadores latino-americanistas. Sobre a ascensão do “viés transnacional” e suas relações com os estudos latino-americanos, ver Bárbara Weinstein (2013).

com os movimentos, os fluxos e a circulação de pessoas, objetos e ideias para além das fronteiras. A perspectiva não é a de que processos históricos simplesmente ocorrem em lugares diferentes, mas que são construídos no movimento entre lugares (HOFMEYER, 2006).

Cabe ressaltar que a abordagem transnacional não requer, necessariamente, o abandono da perspectiva da nação na formulação dos problemas de pesquisa. A nação pode se manter como uma realidade espacial, sobretudo nas investigações que se voltam para o século XIX em diante, quando os Estados nacionais modernos já estavam consolidados, desde que o problema se concentre no movimento, nos intercâmbios entre as nações. Como destacado por Barbara Weinstein (2013, p. 10), “[...] a intenção da história transnacional não é apagar a história nacional, mas complicá-la.” Além disso, o foco no movimento entre espaços nacionais não deve suprimir as possíveis interdições e os conflitos, sendo necessário compreender as fronteiras simultaneamente como passagem e como barreira (VIDAL, 2020).

As fontes utilizadas nesta pesquisa advêm, sobretudo, dos arquivos editoriais do Fondo de Cultura Económica. Tal documentação, conforme mencionamos, se encontra preservada no Arquivo Histórico e na Biblioteca da editora, que se localizam na Cidade do México. Uma vez que a maior parte do arquivo não está digitalizada, realizamos uma viagem de consulta ao acervo em novembro de 2020. No período da consulta, fotografamos e organizamos todos os documentos que seriam trabalhados na investigação.

Dentre os documentos editoriais, o Fondo de Cultura Económica preservou os acervos das relações comerciais com outros países. No que se refere ao Brasil, o acervo é composto por várias pastas cuja organização observa a ordenação cronológica e o agente (pessoa ou firma) que desenvolveu contatos com o FCE e produziu documentos. A grande maioria das pastas guarda documentos relativos às relações comerciais desenvolvidas com a Mestre Jou entre 1952 e 1978.¹⁴ Circunscrevendo-se ao período de 1952 a 1965, essa documentação se constituiu como a principal fonte desta pesquisa. Tais pastas reúnem diferentes espécies documentais, de modo que identificamos uma extensa correspondência comercial, alguns recortes de periódicos anexos às missivas, listas de pedidos de livros, listas de envio de livros para publicidade, recibos de devolução de obras e faturas.

Foi também no fundo referente ao Brasil que encontramos a pasta de Maria Elena Satostegui, contadora da sucursal argentina do FCE, que atuou na expansão comercial da editora para o Brasil e para outros países. Esse acervo é composto pela correspondência entre

¹⁴ A última pasta com documentação sobre as relações comerciais com a Mestre Jou é a de 1974, mas ela contém documentos produzidos até o ano de 1978.

Maria Elena Satostegui e Arnaldo Orfila Reynal por ocasião das gestões que a contadora empreendeu em terras brasileiras, mas também no Chile. Por tratar das ações para iniciar uma nova representação exclusiva no Brasil, a correspondência de Satostegui foi incorporada como fonte nesta pesquisa e nos levou a consultar, também, a correspondência de Arnaldo Orfila Reynal, no período em que ele atuou como gerente da sucursal argentina (1945–1948) e como diretor do FCE (1948–1965), e, pontualmente, o fundo da sucursal argentina da editora.

Esse percurso pelos acervos foi, então, apontando o caráter transnacional do objeto de pesquisa, pois encontrávamos fontes para nossas perguntas não apenas no fundo relativo ao Brasil, mas também naqueles relativos à Argentina. Em conjunto com essa documentação, analisamos as atas das reuniões da Junta de Governo do FCE do período de 1937 a 1967. Tais atas estão preservadas no Arquivo Histórico do FCE, são datilografadas e se encontram encadernadas em ordem cronológica.

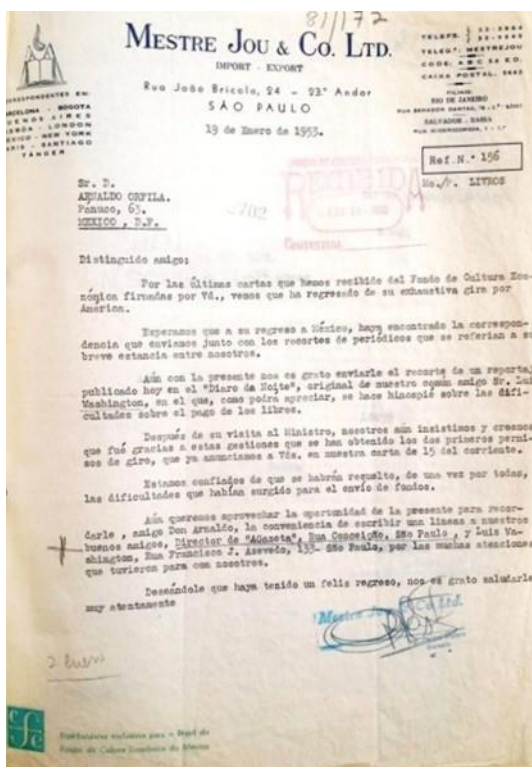
Como fontes complementares, consultamos os catálogos produzidos pelo FCE e a revista de difusão *La Gaceta*, produzida pela editora desde 1954. Tais documentos se encontram preservados na Biblioteca do Fondo de Cultura Económica. No que se refere a *La Gaceta*, o acervo possui algumas interrupções entre os anos de 1963 e 1965, o que nos fez recorrer à Biblioteca do Instituto de Investigações Filológicas, da Universidade Nacional do México (UNAM), que também preserva esse periódico.¹⁵ Ainda como suporte às fontes principais, consultamos anúncios e notas bibliográficas publicados na imprensa periódica brasileira, Diários Oficiais, anuários estatísticos do IBGE e fichas de imigração. Segundo informações obtidas por meio de contato realizado com a família de Felipe Mestre, os arquivos comerciais da Mestre Jou não foram preservados, razão pela qual esses documentos não foram mencionados ou consultados.

Devido às várias tipologias documentais mobilizadas neste trabalho, importa realizar algumas reflexões sobre as especificidades das principais fontes analisadas. Os acervos consultados são compostos predominantemente por correspondências. Trata-se de uma correspondência de caráter comercial, por meio da qual os missivistas criaram e projetaram vínculos intelectuais e movimentaram o mercado editorial durante o período analisado. As cartas do acervo são datilografadas, conforme o exemplo apresentado na Figura 1. Além disso, o FCE preservou não apenas as epístolas recebidas, as quais foram carimbadas com a data do

¹⁵ Durante a viagem de consulta ao acervo, a Biblioteca do Instituto de Investigações Filológicas, da UNAM, se encontrava fechada em razão da pandemia da Covid-19. Posteriormente, os funcionários da Biblioteca digitalizaram e nos enviaram partes das revistas *La Gaceta* do período de 1963 a 1965. Seleccionamos as partes de interesse com base no catálogo analítico da revista, que foi produzido, em conjunto, pela Biblioteca do FCE e do Instituto de Investigações Filológicas.

recebimento, como também cópia das cartas enviadas. Isso nos fornece uma valiosa possibilidade de acompanhar os diálogos produzidos na troca epistolar.

Figura 1 – Carta remetida pela Mestre Jou & Co. Ltd. ao FCE, datada de 19 de janeiro de 1953



Fonte: “59” MESTRE Jou and Co. LTD. Caixa 44, Expediente 29, Clave 81/172. 1959 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

No que se refere à correspondência sobre as relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, percebemos que, no conjunto das cartas remetidas pelo FCE, algumas são assinadas pelo diretor ou por gerentes da editora e outras são genericamente assinadas por “Fondo de Cultura Económica”. No caso das cartas enviadas pela Mestre Jou, todas são assinadas por Felipe Mestre Jou. No entanto, algumas são predominantemente administrativas, com textos objetivos e endereçadas aos “Senhores do Fondo”. Outras são enviadas particularmente ao diretor Arnaldo Orfila Reynal, redigidas, muitas vezes, na primeira pessoa do singular, com textos longos, e nas quais Felipe Mestre Jou se mostrou mais como indivíduo, e não, genericamente, como empresa Mestre Jou.

Como fontes, as correspondências apresentam especificidades que não devem ser ignoradas. Conforme salientado por Ângela de Castro Gomes (2004), cartas implicam interlocução entre sujeitos que se revezam nos papéis de remetente e destinatário. O texto se

constrói em meio ao distanciamento no espaço e na coexistência de tempos variados, pois, no momento que escreve, o missivista fala do seu presente, narra acontecimentos passados e pode remeter ao futuro, ao revelar planos e aspirações. A estrutura epistolar prevê certos códigos de vocabulário, formas de tratamento e marcas materiais – timbres e tipos de papel de carta – que variam de acordo com o tipo de relação cultivada e com o grau de intimidade e de afinidade dos correspondentes.

Por ser uma documentação pessoal, a escrita epistolar pode provocar uma impressão de proximidade e de sinceridade, como se ali fosse possível encontrar a verdade dos fatos. No entanto, uma vez que nenhum tipo de documento contém em si “a verdade sobre o passado”, a correspondência não deve ser analisada como expressão daquilo que realmente aconteceu, mas como um meio de captar os modos como os sujeitos experimentaram e se expressaram em relação ao acontecido (GOMES, 2004). No caso do nosso objeto de pesquisa, as cartas fornecem uma oportunidade de visualizar como os agentes envolvidos na distribuição dos livros do FCE percebiam e narravam o negócio.

A marca da subjetividade na correspondência pode ainda se desdobrar para o que Ângela de Castro Gomes (1998, 2004) chamou de “a ilusão da verdade”, referindo-se à tendência de os arquivos pessoais induzirem o pesquisador a acreditar que ali, diferente do que ocorre nos documentos destinados ao público, os sujeitos se revelariam em sua verdadeira forma, sem disfarces. Entretanto, também nos arquivos privados, os sujeitos estão a todo tempo, conscientemente ou não, construindo uma imagem de si para si e para o mundo – uma imagem que pode ser múltipla. Como aponta Genevière Harouche-Bouzinac (2016), entra em cena, na construção da escrita epistolar, a imagem que o remetente tem e quer passar de si; a representação que ele construiu da sua relação com o destinatário; a censura que ele aplica a si mesmo, de modo que “A carta dissimula tanto quanto revela” (p. 25).

Por se configurarem como espécies documentais bastante diferentes, mostrou-se promissor realizarmos cruzamentos entre a correspondência e as atas das reuniões da Junta de Governo do FCE. As atas nos auxiliaram a complementar datas e dados que apareciam de modo impreciso na correspondência. Mais que isso, cotejar as cartas com as atas explicitou para nós as diferenças nas formas de abordar os temas no âmbito privado da correspondência e no âmbito público das reuniões administrativas. Se as cartas são reveladoras dos modos como os agentes percebiam os acontecimentos, ou ao menos como se expressavam em relação a eles, nas atas os eventos são registrados de modo objetivo, havendo menos espaço para desenvolver as impressões pessoais.

Contudo, o caráter oficial, direto e conciso das atas, de modo algum, significa que esses registros devam ser tomados como neutros ou completamente fiéis aos acontecimentos. O redator de uma ata tem a incumbência de organizar, imprimir racionalidade e descrever, em um texto breve, os acontecimentos dinâmicos e muitas vezes desordenados de uma reunião. Nesse processo, há síntese, há seleção – nem tudo é digno de constar em ata – e, por consequência, há silenciamentos. Além disso, as pessoas presentes precisam aprovar a ata, o que pressupõe o estabelecimento de um espaço de concordância em relação ao texto produzido.

Por ser uma espécie documental sucinta em essência, mas também por precisar criar esse espaço de concordância, algumas atas podem suprimir o conflito, relatando apenas a resolução das questões discutidas. Isso é perceptível em algumas atas das reuniões da Junta de Governo do FCE, nas quais, muitas vezes, os debates não são descritos, utilizando-se, no lugar, as expressões “después de un amplio cambio de ideas, se resuelve” ou “después de un detenido cambio de impresiones, se aprueba”. Assim, ao interrogar essas fontes, é importante termos em conta que as resoluções e aprovações, mesmo aquelas por unanimidade, não necessariamente ocorreram sem debates ou tensões. As unanimidades podem ser construídas por concordâncias, mas também por convencimentos e abstenções nem sempre explícitos no documento.

Ainda no que se refere às principais fontes utilizadas, trabalhamos com as listas das encomendas realizadas pela Mestre Jou e com os avisos de devolução de livros, as quais receberam um tratamento quantitativo. Optamos por realizar um tratamento dessa documentação que explorasse e destacasse os dados numéricos por meio de gráficos e tabelas. Para conciliar com a narrativa, os procedimentos metodológicos adotados no tratamento dos pedidos e devoluções de livros serão mais bem desenvolvidos no Capítulo 2, momento em que analisamos essas fontes.

Por ora, importa mencionar que consideramos a perspectiva de Robert Darnton (1987) a respeito dos perigos do uso predominante das fontes numéricas para investigar fenômenos e processos culturais, o que poderia levar a uma “quantificação da cultura” e a um menosprezo pelo elemento simbólico nas relações sociais (p. 261). Consideramos também as premissas metodológicas presentes em Darnton (1998) a respeito da importância de “conjugar as análises quantitativa e qualitativa” (p. 40). Em conjunto com essa perspectiva, valemo-nos da reflexão de Ângela de Castro Gomes (1998) na linha de que a história cultural, ao reivindicar a valorização da vivência dos atores históricos,

[...] também rejeita as oposições entre coletivo e individual e entre quantitativo e qualitativo, assumindo um enfoque que trabalha com ambos os termos, mas que, em

função da reação que representa, inova ao postular a dignidade teórica do individual e a fecundidade metodológica do qualitativo. (GOMES, 1998, p. 123).

Com base nessas orientações metodológicas, buscamos combinar as variáveis quantitativas extraídas das listas de pedidos e dos avisos de devoluções de livros com variáveis qualitativas. Nos cruzamentos de fontes, as cartas, novamente, revelaram potencial analítico, pois possibilitaram examinar como os números do negócio – aumento e diminuição nas vendas, preferência por determinadas coleções – foram abordados e interpretados pelos próprios agentes que participaram das relações comerciais entre a Mestre Jou e o FCE.

Por fim, para analisar a atuação da Mestre Jou como distribuidora exclusiva do FCE, construímos uma narrativa que se organiza em três capítulos. O primeiro capítulo aborda as negociações realizadas entre a editora Fondo de Cultura Económica e a distribuidora Mestre Jou para estabelecer, em 1952, um contrato de distribuição exclusiva dos livros do FCE no Brasil. Buscamos compreender o papel das viagens e das conexões transnacionais no desenrolar do processo de negociação. Para melhor situar a expansão comercial do Fondo de Cultura Económica para o Brasil, recuamos ao contexto de fundação e a alguns marcos da trajetória inicial da editora. Atrelado ao interesse comercial, consideramos que a difusão para outros países da América Latina deve ser interpretada no bojo da vocação americanista que marcou a atuação da editora mexicana nos anos 1940 e 1950.

O segundo capítulo analisa a atuação da Mestre Jou na distribuição dos livros do Fondo de Cultura Económica no Brasil. Nessa parte, mostramos as dinâmicas e os desafios que caracterizaram as atividades de distribuição. Em seguida, por meio do cruzamento entre dados quantitativos e qualitativos, examinamos as características dos pedidos, remessas e devoluções de livros, assim como os livros que apresentaram mais e menos êxito comercial. Uma vez que investigar a circulação requer que tenhamos em consideração o contexto de produção, mas também o de recepção, realizamos breves aproximações ao catálogo construído pelo FCE e ao contexto de desenvolvimento editorial e de expansão do ensino universitário vivenciados no Brasil durante o período analisado.

O terceiro e último capítulo examina as ações de divulgação dos livros do FCE promovidas pela Mestre Jou. Na difusão dos livros, mostramos que o livreiro Felipe Mestre Jou mobilizou vínculos intelectuais e desenvolveu práticas de mediação cultural. De modo concomitante, exerceu uma função mediadora entre a intelectualidade brasileira e a editora mexicana, propiciando a ocorrência de trocas culturais. Com esse modo de operar,

consideramos que Felipe Mestre Jou e outros agentes envolvidos na difusão das obras do FCE atuaram como intelectuais mediadores.

Ao longo dos três capítulos, buscamos compreender as condições e as dinâmicas de circulação dos livros do FCE no Brasil. Optamos por uma delimitação temática que congrega múltiplos aspectos, com a finalidade de construir uma visão ampla a respeito da atuação da livraria Mestre Jou como distribuidora exclusiva da editora Fondo de Cultura Económica.

1 A DIFUSÃO CONTINENTAL DA EDITORA MEXICANA FONDO DE CULTURA ECONÓMICA

São inesquecíveis as capas coloridas dos livros: verdes, vermelhas, amarelas, azuis, rosadas, brancas, formando uma espécie de grande arco íris cultural que ligava simbolicamente os países da América Latina.

(Antônio Cândido)¹⁶

Este capítulo tem como objetivo analisar as negociações realizadas entre a editora mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE) e a distribuidora paulista Mestre Jou para estabelecer, em 1952, um contrato de distribuição exclusiva dos livros do FCE no Brasil.¹⁷ No desenrolar do processo de negociação, abordaremos as conexões entre sujeitos situados em diferentes nações, a necessidade de empreender viagens e as cláusulas contratuais para concretizar o negócio de distribuição. Uma vez que a Mestre Jou não foi a primeira representante do FCE em terras brasileiras, examinaremos, brevemente, o cenário de dificuldades vivenciado pela editora mexicana nos primeiros anos de atuação no Brasil, quando as responsáveis pela distribuição de seus livros foram a Casa A. Herrera e Cia., entre 1941 e 1947, a Civilização Brasileira, de 1947 a 1949, e a Livraria do Globo, de 1949 a 1951.

Para melhor compreendermos a expansão comercial do Fondo de Cultura Económica para o Brasil, apresentaremos, em primeiro lugar, o contexto de fundação e alguns pontos da trajetória inicial da editora, observando fluxos transnacionais que perpassaram sua história e os propósitos comerciais e político-culturais que impulsionaram sua difusão por outros países da América Latina. Além do interesse comercial, consideramos que essa difusão continental deve ser interpretada à luz das ideias americanistas que guiaram as ações do FCE, ao mesmo tempo que a própria editora servia como agente difusor desse ideário.

1.1 “*La editorial de México para Iberoamérica*”: fundação e expansão do Fondo de Cultura Económica (FCE)

Em meados da década de 1930, os professores da Escola de Economia da Universidade

¹⁶ Trecho do depoimento proferido pelo intelectual brasileiro Antônio Cândido de Mello e Souza (1918–2017) na inauguração da sucursal do Fondo de Cultura Económica em São Paulo, em 21 de julho de 1991. O depoimento completo traduzido para o espanhol pode ser consultado em Souza (1993, p. 54-55).

¹⁷ Este capítulo desenvolve e aprofunda algumas questões anteriormente trabalhadas em Faria Filho e Roriz (2021) e Roriz (2021).

Nacional Autónoma de México (UNAM), fundada em 1929, sentiam que a escassez de textos traduzidos impunha uma barreira aos estudantes que não liam em idiomas estrangeiros. Para solucionar o problema, um grupo de professores de ensino universitário, tendo à frente o intelectual Daniel Cosío Villegas,¹⁸ decidiu fundar uma editora que teria a finalidade, a princípio, de suprir a carência de obras especializadas traduzidas para o espanhol. Surgia, assim, a editora mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE), que, nas décadas seguintes, se tornaria uma das maiores potências do mercado editorial latino-americano e mundial.¹⁹

No México das primeiras décadas do século XX, a educação e a cultura se colocaram como elementos fundamentais de estabilização política e de incorporação à esfera da cidadania quando, terminada a fase armada da Revolução Mexicana (1910–1920), os governos pós-revolucionários se defrontaram com os desafios de reconstruir a nação sobre novas bases. A Constituição promulgada em 1917 já sinalizava a preocupação com os novos princípios que regeriam a educação do Estado mexicano ao estabelecer, em seu art. 3º, o ensino livre e laico em todos os níveis e gratuito para o ensino primário.²⁰ Nesse contexto educacional pós-revolução, podemos destacar o projeto educativo-cultural desenvolvido por José Vasconcelos,²¹ entre os anos 1920 e 1924, período em que ele atuou como Reitor da Universidade Nacional e, em seguida, como Secretário de Educação Pública do governo de Álvaro Obregón (1920–1924).

Em um país que, em 1921, contava com um índice de analfabetismo acima de 60% da população,²² o projeto encabeçado por Vasconcelos envolveu campanhas de alfabetização, construção de bibliotecas, edição e publicação de livros e ações de democratização das artes. Conforme apontado por Claude Fell (2020), algumas iniciativas também foram propostas para

¹⁸ Daniel Cosío Villegas (1898–1976) foi economista, professor, escritor, editor e atuou como diplomata. Graduou-se em Direito pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) em 1925. Atuou como docente na UNAM, onde ocupou o cargo de diretor da Escola de Economia entre 1933 e 1934. Além de fundador do FCE, foi secretário do Colegio de México e, entre 1957 e 1963, presidente do Colégio. Entre outras, escreveu a obra *Extremos de América* (1949).

¹⁹ A fundação e a trajetória institucional do FCE foram exploradas em profundidade no trabalho de Arciniega (1996). Sobre a história da editora, ver também Sorá (2017, p. 53-99) e Faria Filho (2021, p. 47-83).

²⁰ Além de estabelecer as bases do ensino (art. 3º), a Constituição Mexicana de 1917 fundamenta importantes conquistas políticas e sociais, como os direitos trabalhistas (art. 123) e a terra como originariamente pertencente à Nação (art. 27). Conforme apontado por Barbosa (2010), a Constituição de 1917 é reflexo das disputas entre os diferentes setores sociais que participaram do processo revolucionário, disputas essas que lograram a inclusão de artigos relacionados aos interesses das camadas camponesas e operárias. Texto constitucional disponível em: https://constitucion1917.gob.mx/es/Constitucion1917/Constitucion_1917_Facsimilar. Acesso em: 18 maio 2022.

²¹ José Vasconcelos (1882–1959) foi um importante intelectual mexicano. Participou, em 1909, da criação do grupo Ateneo da Juventude, que se opunha ao pragmatismo positivista e ao governo do presidente Porfirio Díaz (1876–1880/1884–1911). Em 1925, escreveu *Raza Cósmica*, um dos textos fundamentais da história do pensamento político-social latino-americano.

²² Dados obtidos a partir do Censo General de Habitantes de 1921, disponível no site do Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI) do México. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/programas/ccpv/1921/#Tabulados>. Acesso em: 17 maio 2022.

o ensino universitário, como o acesso a um maior número de estudantes e o recrutamento de professores com base em concursos e títulos. As ações educativas e culturais projetadas por Vasconcelos não só foram significativas no período de sua implementação como também reverberaram pelas décadas seguintes, de modo que “Não cabe nenhuma dúvida acerca da enorme influência que o projeto educativo e cultural de Vasconcelos exerceu sobre o México que surgiu depois da Revolução. É possível notar também como muito do que propôs norteou as políticas educativas e culturais durante décadas.” (CRESPO, 2016, p. 138).

Nesse sentido, podemos compreender que o aumento da demanda por bibliografia especializada, no início dos anos 1930, e, conseqüentemente, o surgimento da editora Fondo de Cultura Económica estão atrelados ao processo educativo e cultural que se desenrolava no México pós-revolucionário. Anos depois, em 1955, Arnaldo Orfila Reynal, diretor do FCE de 1948 a 1965, analisaria esse contexto ao fornecer uma entrevista para o periódico paulista *Folha da Manhã*, durante uma viagem ao Brasil. Segundo ele:

O México, pouco depois de sair de sua revolução política e social, teve necessidade de se preocupar profundamente com um problema, que ainda hoje constitui o problema máximo dos países americanos: a cultura. Precisávamos formar técnicos, economistas, financistas, etc... para assegurar um desenvolvimento perfeito e harmonioso do nosso potencial econômico. (ARNALDO..., 1947–1962, p. 280).

O FCE surgiu, portanto, como resultado de uma necessidade educativa e cultural, mas sua fundação não se deu em um vazio editorial. Havia, evidentemente, editoras no México das primeiras décadas do século XX, ainda que a maior parte dos livros viesse da França ou da Espanha. Duas delas surgiram, em 1914, como prolongação de livrarias: a Porrúa Hermanos e a Andrés Botas (MEJÍA, 2000). Já em 1916, surgiu a coleção *Cvltvra*, que, em 1921, se converteu em editora e, em 1923, encerrou suas atividades. *Cvltvra* chegou a contar com um catálogo composto por 87 títulos literários e pode ser considerada um dos empreendimentos que assentou as bases da edição moderna no México (BECERRIL, 2017). Como projeto editorial, podemos destacar também a coleção de clássicos universais de José Vasconcelos, parte do projeto educativo-cultural que desenvolveu como secretário da educação. Entre 1921 e 1924, a coleção lançou, com recursos públicos, 17 títulos em grandes tiragens com o objetivo de difundir a cultura clássica (FELL, 2021).

No entanto, conforme apontado por Gustavo Sorá (2017), o que não havia no México daquele período eram empresas editoriais com condições ou disposição para investir em uma coleção acadêmica de economia. Daniel Cosío Villegas buscou, então, do outro lado do Atlântico, uma solução para a escassez de bibliografia especializada em espanhol, propondo

uma parceria com a editora espanhola Espasa-Calpe para traduzir e publicar as obras. Devido ao seu teor, a resposta do então presidente da Espasa-Calpe, José Ortega y Gasset, é muito mencionada na bibliografia sobre o tema. Ortega y Gasset afirmou o seguinte: “[...] el día en que los latinoamericanos tuvieran que ver algo en la actividad editorial de España, la cultura de España y la de todos los países de habla española ‘se volvería una cena de negros.’” (VILLEGAS, 1977, p. 147 apud BECERRIL, 2016, p. 562). Assim, diante da veemente recusa do Conselho de Administração da Espasa-Calpe, o grupo de professores universitários tomou a iniciativa de realizar as traduções por meio da fundação de uma editora no México.

O Fondo de Cultura Económica foi constituído, então, em setembro de 1934, por meio de um dispositivo legal denominado *fideicomiso*. O contrato de *fideicomiso*, no México, possibilita que recursos públicos e privados financiem iniciativas sem fins lucrativos e com finalidades específicas. Desse modo, o FCE foi criado como um fundo de múltiplas entidades financeiras do Estado mexicano, que realizavam aportes econômicos periódicos, mas preservavam a autonomia da empresa cultural (KRAUZE, 1984).²³ Uma das cláusulas do contrato de fundação previa que, ainda que a editora contasse com um Diretor – cargo ocupado por Daniel Cosío Villegas de 1934 a 1948 e por Arnaldo Orfila Reynal de 1948 a 1965 –, fosse constituída uma Junta de Governo composta por seis membros, que se reuniriam periodicamente e tomariam as decisões institucionais de forma coletiva.

Dando início às atividades, o primeiro livro publicado pelo FCE foi *El Dólar Plata*, de William P. Shea²⁴, em 1935. Outras 12 obras foram editadas até 1939, caracterizando um percurso inicial de produção modesta e restrita ao objetivo original de traduzir livros de temáticas econômicas. A partir de 1939, contudo, o catálogo do FCE se diversificou e se ampliou. Naquele ano, às coleções de Economia (1935) e de Política e Direito (1937), viriam se somar a de História (1939), a de Sociologia (1939) e a de Filosofia (1939). O catálogo continuou se expandindo, nos anos seguintes, com a publicação de estudos sobre o México e a América Latina e com o surgimento de coleções de literatura, como *Tezontle* (1940). O volume de publicações também aumentou de modo expressivo: no período de 1939 a 1942, por

²³ No momento da fundação, o contrato de *fideicomiso* que constituiu o Fondo de Cultura Económica tinha como partes as seguintes instituições financiadoras: Secretaria da Fazenda, Banco de México S.A., Banco Nacional Hipotecário Urbano de Obras Públicas S.A., Banco Nacional de Crédito Agrícola S.A. e Banco Nacional de México S.A. O contrato pode ser consultado integralmente em Arciniega (1996, p. 48-49). Atualmente, de acordo com seu estatuto, o FCE é “[...] un organismo público descentralizado de la Administración Pública Federal para fines culturales, con personalidad jurídica y patrimonio propio [...]”. O estatuto pode ser consultado em: https://www.fondodeculturaeconomica.com/subdirectorios_site/Normateca/FCE.GOB.04.ver4.pdf. Acesso em: 18 maio 2022.

²⁴ Original em inglês, cujo título é *Silver Dollars*.

exemplo, foram editados 105 títulos, cerca de oito vezes mais do que no quadriênio anterior (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1984).

No que concerne à trajetória inicial do FCE, o trabalho de Sorá (2017) constrói uma periodização que organiza o tempo da editora em seus primeiros vinte anos. De acordo com o autor, de 1934 a 1938, podemos identificar um primeiro período marcado, como vimos, pela produção reduzida e pelas ações estritamente ligadas ao objetivo original de fornecer bibliografia traduzida para a formação de economistas. Já entre 1939 e 1948, percebemos um segundo período, caracterizado pela mencionada diversificação do catálogo, mas também pela presença, nas tarefas de edição, de intelectuais espanhóis exilados em razão da Guerra Civil Espanhola (1936–1939) e pelo desenvolvimento de uma vocação americanista perceptível nas coleções e na expansão comercial da editora. Por fim, o terceiro período da trajetória inicial do FCE abarca os anos de 1948, quando Cosío Villegas se licenciou e deixou a direção da editora a cargo de Arnaldo Orfila Reynal, até 1965, ano em que este último foi destituído de suas funções. O período de 1948 a 1965, por sua vez, caracterizou-se pela intensificação da projeção internacional do FCE e por uma maior popularização editorial com a publicação de coleções de bolso.

Esmiuçando parte da periodização apresentada acima, apreendemos que a abertura do catálogo do FCE a outras áreas do conhecimento ocorreu, portanto, no mesmo contexto dos exílios provocados pela Guerra Civil Espanhola (1936–1939). O conflito que se desenrolava na Espanha produziu impactos significativos na atividade editorial da América Hispânica – sobretudo no México e na Argentina –, por um lado porque o mercado do livro da Espanha deixou de ser o maior concorrente do negócio editorial hispano-americano e, por outro, em razão do citado deslocamento para a América Latina de profissionais espanhóis envolvidos nas diversas atividades relativas ao universo da edição.

No que se refere ao México, a política do então presidente mexicano Lázaro Cárdenas (1934–1940) em relação aos desterrados da Guerra Civil foi de grande receptividade, a ponto de esse ser o país latino-americano que mais acolheu pessoas oriundas do conflito, sendo também o que, proporcionalmente, mais abrigou sujeitos que possuíam instrução, como nos informa o estudo de Gabriela Pellegrino (2017).²⁵ A análise de Pellegrino (2017) também aponta que as políticas governamentais de Cárdenas se entrecruzaram com a iniciativa de

²⁵ De acordo com o estudo de José Luis Abellán (1998), estima-se em meio milhão o número de exilados em razão da Guerra Civil Espanhola e “Dentro del conjunto de la emigración, se calcula en cinco mil el número de intelectuales que salieron, entendiendo por tales todos aquellos que tuvieran una cierta notoriedad en profesiones liberales, artísticas, literarias, científicas o docentes.” (ABELLÁN, 1998, p. 22). Grande parte desse contingente recebeu acolhida na América Latina, sendo o México e o Chile os países que mais receberam exilados do conflito.

homens de letras, como a do próprio Daniel Cosío Villegas. Em 1937, Cosío Villegas encontrava-se em Lisboa para realizar atividades diplomáticas e atuou como importante mediador para concretizar o deslocamento de um grupo de intelectuais espanhóis em direção ao território mexicano.

Com o objetivo de absorver os acadêmicos exilados, criou-se, em julho de 1938, a Casa de España, instituição nos moldes de um centro de estudo que, em 1940, se transformaria no Colegio de México. A Casa de España funcionou no mesmo edifício do Fondo de Cultura Económica, teve o escritor Alfonso Reyes²⁶ como diretor e Daniel Cosío Villegas como secretário.²⁷ Do mesmo modo, o FCE configurou-se como um espaço de inserção profissional privilegiado para muitos desses exilados, os quais impulsionaram as tarefas editoriais, atuando como autores, editores, tradutores, revisores etc. Alguns deles assumiram postos de direção, como Joaquín Díez-Canedo (1917–1999), que atuou como gerente-geral do FCE, e Manuel Andújar (1913–1994), que foi Gerente de Promoção e Publicidade. Outros associaram as atividades de escrita e de tradução com a organização de coleções, entre eles José Medina Echavarría (1903–1977) e José Gaos (1900–1969). Vários outros – e outras – se somariam aos labores editoriais do FCE, a exemplo de María Luisa Díez-Canedo (1916–2010), Francisco Giner de los Ríos (1917–1995), Eugenio Ímaz (1900–1951) e Joaquín Xirau (1895–1946).²⁸ O trânsito desses sujeitos evidencia, portanto, a relevância dos fluxos transnacionais – no caso transatlânticos – para a circulação de saberes e de práticas editoriais, bem como para a produção, a partir do encontro, de novos conteúdos e modos de trabalho.²⁹

Ainda com base na periodização construída por Sorá (2017), é notável que, além das trocas culturais possibilitadas pela presença dos espanhóis exilados, o período de 1939 a 1945 tenha presenciado o desenvolvimento de uma vocação americanista nas ações e nas ideias que

²⁶ Alfonso Reyes (1889–1959) foi um renomado escritor e diplomata mexicano. Assim como José Vasconcelos, foi um dos fundadores do grupo Ateneo da Juventude. Atuou como embaixador do México na Argentina (1927–1930) e no Brasil (1930–1936) e foi uma presença fundamental no Fondo de Cultura Económica, onde colaborou como autor, tradutor e prefaciador.

²⁷ Quando a Casa de España se transformou em Colegio de México, este passou a contar com instalações próprias, e seus membros se estenderam para além dos intelectuais espanhóis exilados. Alfonso Reyes e Daniel Cosío Villegas mantiveram-se, respectivamente, como diretor e como secretário. Em 1941, o FCE aceitou ser impressor e distribuidor dos livros publicados pelo Colegio de México. O Colégio, que está em atividade até os dias de hoje, é uma importante instituição educacional e investigativa. A respeito da Casa de España e do Colegio de México, ver o trabalho de Garcíadiego (2015) e a obra organizada por Pie (2015).

²⁸ Para informações sobre esses e dezenas de outros intelectuais exilados no contexto da Guerra Civil Espanhola, ver *Diccionario biobibliográfico de los escritores, editoriales y revistas del exilio republicano de 1939* (SOLER; GARCÍA, 2016).

²⁹ O trabalho de Pellegrino (2017) sobre o trânsito de mediadores culturais entre o que a autora denomina “fronteiras permeáveis” é bastante revelador das dinâmicas de circulação e de ressignificação de saberes e práticas. Entre tais dinâmicas, a autora analisa aquelas tecidas no mundo editorial hispano-americano em decorrência dos deslocamentos produzidos pela Guerra Civil Espanhola.

conduziam o Fondo de Cultura Económica. Uma vez que essa vocação americanista é uma chave de leitura fundamental para analisarmos a projeção continental do FCE, inclusive em direção ao Brasil, consideramos pertinente nos determos, a seguir, em como o americanismo, em linhas gerais, foi sendo produzido como um conjunto de ideias e de práticas e como se conformou como um dos elementos que guiaram a atuação do FCE, ao mesmo tempo que a editora servia como agente de difusão desse ideário.

Nessa perspectiva, conforme apontado por Alejandra Pita González (2016) ao analisar o processo de construção da América Latina como uma “comunidade imaginada”, o espaço latino-americano começou a ser concebido como um subcontinente em razão da necessidade de se diferenciar dos Estados Unidos – processo que se deu a partir de meados do século XIX. Nesse período, os Estados Unidos já aspiravam à liderança continental, conforme sinalizado pelos eventos expansionistas de anexação do Texas (1845) e posterior guerra contra o México (1846–1848).³⁰ Tal tendência se intensificou no final do século XIX, quando o país passou a demonstrar um sólido desenvolvimento industrial e a realizar intervenções econômicas e militares no continente, desenvolvendo uma política externa de cunho imperialista.³¹

Como reação ao imperialismo estadunidense, diferentes pensadores da região construíram interpretações que marcavam as oposições entre o que seria a América Saxônica e a América Latina (Hispânica ou Ibérica)³², e redes culturais anti-imperialistas começaram a se conformar.³³ Como salientado por Claudio Maíz e Álvaro Fernández Bravo (2009), “En el contexto finisecular, con el peso creciente de Estados Unidos en América Latina, las redes culturales fueron ámbitos de resistencia frente a la influencia norteamericana [...]” (p. 23). Nesse sentido, as ideias anti-imperialistas produzidas por agentes inseridos em redes culturais contribuíram para a construção da América Latina como um território cultural delimitado, de modo que, na segunda década do século XX, o Rio Grande, ao norte do continente, já era

³⁰ O Texas era território espanhol durante o período colonial e se manteve sob o domínio do México independente. Descontentes com o domínio mexicano, os colonos de origem anglo-americana que povoavam o Texas se sublevaram e conquistaram a independência do território em 1836, acenando o interesse na anexação aos Estados Unidos. Em 1845, o Texas solicitou, formalmente, sua incorporação, e, em 1846, os Estados Unidos enviaram uma declaração de guerra ao Congresso Mexicano. Como resultado do conflito, que se estendeu até 1847, o México perdeu, além do Texas, o Novo México e a Califórnia, o que correspondia à metade do seu território (PRADO; PELLEGRINO, 2014, p. 59-61).

³¹ Alguns exemplos são a intervenção dos Estados Unidos na guerra de independência de Cuba e a anexação de Porto Rico (1898), assim como a aprovação da Emenda Platt, em 1901, que previa o direito de interferência ianque nos assuntos internos cubanos.

³² Conforme aludido na introdução, observamos o uso de diferentes termos para denominar a região ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do XX.

³³ Para um panorama do debate intelectual sobre anti-imperialismo e latino-americanismo, ver: Funes (2006, p. 205-259). Ver também Mitre (2003, p. 103-121) e Baggio (2021, p. 355-371).

reconhecido como sua principal fronteira de identidade (GONZÁLEZ, 2016).³⁴

Nesse processo de construir a identidade e marcar a alteridade em relação ao “vizinho do Norte”, a criação da América Latina como unidade cultural atrelou-se à produção e à circulação de ideias que, operando com valores do passado, consideravam a existência de uma história compartilhada entre os países do subcontinente e propunham um futuro de conhecimento mútuo e de integração pelo viés da cultura, o que se caracterizou como uma perspectiva americanista. Nessa linha de argumentação, o americanismo pode ser descrito, de modo geral, como “[...] la empresa intelectual de estudio y erudición destinada a indagar, valorizar y promover la originalidad de América Latina, tal como se la podía descubrir en su literatura y en los legados de su historia cultural.” (ALTAMIRANO, 2008, p. 16).

Posto que as ideias são produzidas e circulam em contextos específicos, o trabalho de Maíz e Bravo (2009) aporta questões importantes para situar o americanismo em sua historicidade e acompanhar como foi se transformando em latino-americanismo. Os autores argumentam que, no início do século XX, se identificou a formação de uma rede intelectual que, entre outros, encontrou no Colegio de México, instituição cuja trajetória possui relação com o FCE, um de seus espaços de vínculo. O ideário americanista caracterizou essa rede, pautado pela crença na integração da América Latina pelo viés da cultura.

Além de conformar uma rede intelectual, no caso mexicano, o ideário americanista se desenvolveu como um projeto cultural do Estado pós-revolucionário. Conforme analisado por Regina Crespo (2006), desde os anos 1920, os governos mexicanos desenvolveram ações de diplomacia cultural com a intenção de promover o México na América Latina e estreitar laços culturais e políticos com os países do sul do continente, posto que: “O apoio dos governos ibero-americanos e o desenvolvimento de uma presença mais visível ao sul do continente eram elementos vitais para o fortalecimento interno e externo do México pós-revolucionário.” (CRESPO, 2006, p. 4).

A partir do início da Guerra Fria, entretanto, os repertórios discursivos foram se transformando com o objetivo de pensar a América Latina dentro da nova geopolítica global, o que “[...] reemplazó su lugar y fortaleció lazos ya existentes en torno a una nueva red latino-americana.” (MAÍZ; BRAVO, 2009, p. 18). Tal perspectiva, nos anos 1960 e 1970, já estaria bem delineada como latino-americanismo, atrelando-se a um conjunto de ideias e de iniciativas que se valeu das teorias da dependência e do subdesenvolvimento para (re)interpretar o lugar da América Latina no arranjo global. No terreno da educação e da cultura, o latino-

³⁴ O Rio Grande funciona como uma fronteira física entre o México e os Estados Unidos.

americanismo também estruturou e foi estruturado por diferentes empreendimentos editoriais, entre eles o da Biblioteca Ayacucho.³⁵

Nesse período, a identificação de problemas comuns, a necessidade de pensar o “atraso” da região e a inclusão da América Latina no conjunto dos chamados países do Terceiro Mundo funcionaram como componentes integradores, fortalecendo, inclusive, a percepção do Brasil como parte do coletivo latino-americano (PINHEIRO, 2013).³⁶ Isso é relevante uma vez que a inserção do Brasil na América Latina não se apresenta de modo evidente. As diferenças linguísticas e também históricas, como a colonização por diferentes metrópoles – portuguesa e espanhola – e, após as independências, o contraste entre o Brasil monárquico e as repúblicas hispânicas, reforçaram o distanciamento político e cultural. A conhecida afirmação de Maria Lígia Coelho Prado resume bem esse processo. Ao se inspirar na obra *A Invenção da América*, de Edmundo O’Gorman, a autora observa que “[...] como dois polos que se atraem e se repelem – o Brasil é e, ao mesmo tempo, não é América Latina.” (PRADO, 2001, p.128). Conforme analisado por Kátia Baggio (1998), esse pertencimento oscilante pendeu para a maior aproximação nas primeiras décadas após a Proclamação da República no Brasil (1889), mas, ainda assim, permaneceu ambíguo e variável ao longo do tempo.³⁷

Em síntese, atentar para a existência de uma articulação de discursos e práticas que, desde meados do século XIX, foi construindo a ideia de América Latina como unidade cultural, assim como pensar o lugar do Brasil nesse coletivo, auxilia-nos a situar as iniciativas desenvolvidas pelo Fondo de Cultura Económica já a partir dos anos 1940. Os empreendimentos da editora, como as coleções *Tierra Firme* (1944) e *Biblioteca Americana* (1947), podem ser compreendidos como parte da “[...] red americanista que prefigura la

³⁵ Projetada pelo intelectual Ángel Rama, a partir da Venezuela, e inaugurada em 1974, Ayacucho, que inseriu o Brasil de forma contundente em seu plano de publicações, é considerada a iniciativa editorial mais integradora do século XX e, ainda hoje, o maior repositório de textos sobre a América Latina. No que se refere à presença do Brasil, o projeto da Biblioteca contou com a interlocução do antropólogo Darcy Ribeiro (1922–1997) e do crítico literário Antônio Cândido (1918–2017). Sobre esse empreendimento editorial latino-americano, ver Demenech (2017) e Croce (2020).

³⁶ Ao analisar as relações diplomáticas do Brasil com o restante da América Latina, Letícia Pinheiro (2013) destaca o papel fundamental da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), criada em 1948, para a formação, nos anos 1960, de um pensamento que reconhecia as semelhanças e os problemas comuns da região, propondo uma agenda de ações coletivas e, com isso, intensificando a ideia de América Latina como uma unidade.

³⁷ Maria Helena Capelato (2000), ao também analisar esta temática, agrega uma reflexão sobre a integração do Brasil na América Latina no final do milênio. Regina Crespo (2021), por sua vez, analisa o Brasil em projetos de integração desenvolvidos já no século XXI. Esses trabalhos reforçam que a inserção do Brasil na América Latina é uma questão política e cultural que se coloca ainda nos dias de hoje, uma reflexão demandada pelo presente.

fundación del latinoamericanismo [...]” (MAÍZ; BRAVO, 2009, p. 30).³⁸

Nessa perspectiva, Tierra Firme, coleção projetada por Cosío Villegas em 1941 e inaugurada em 1944, teve como objetivo editar livros inéditos de autores dos diferentes países da América Latina, o que exigiu encomendar os textos, realizar viagens e envolver uma extensa rede de intelectuais em torno do projeto editorial. Uma das características dessa coleção – e de Biblioteca Americana – diz respeito à publicação de escritores brasileiros e de temas sobre o Brasil, como evidenciado por Luciano Mendes de Faria Filho (2021). Publicar brasileiros em uma perspectiva americanista, nos anos 1940, é significativo em razão desse pertencimento fluido do Brasil na geografia cultural da América Latina.

Além disso, Jorge Myers (2005), de modo muito elucidativo, situa Tierra Firme como o empreendimento editorial decisivo para consolidar um novo campo disciplinar que vinha ganhando forma na América Latina da década de 1940: a história cultural latino-americana. Entre outros, um dos pressupostos dessa corrente historiográfica era exatamente:

[...] a existência de uma ‘cultura latino-americana’, cujos traços gerais eram compartilhados por todas as nações da região: as inegáveis diferenças culturais que separavam uma nação da outra apareciam como menos importantes – desse ponto de vista – do que as semelhanças que as uniam.” (MYERS, 2005, p. 9).

Nessa linha, o plano de publicações de Tierra Firme foi composto por obras das mais variadas áreas do conhecimento – como história, economia, artes, música, crítica literária, geografia, política –, mas tendo como fio condutor a premissa de uma cultura compartilhada.³⁹ Analisando as publicações, Myers (2005) argumenta que o centro de gravidade da coleção eram as obras voltadas para temas de história cultural, que se dividiam em dois grupos:

[...] os que analisavam aspectos ou o conjunto da história cultural de toda a América Latina, e os que restringiam seu enfoque a um único país (ainda que o pressuposto básico acerca da existência de uma história cultural compartilhada com os demais países da região quase nunca deixasse de estar presente).” (MYERS, 2005, p. 11).

³⁸ Alguns trabalhos, como os de Liliana Weinberg (2014), Javier Garcíadiego (2016), Gustavo Sorá (2017) e Luciano Mendes de Faria Filho (2021), demonstraram que o Fondo de Cultura Económica foi capaz de compor e de conformar diferentes redes intelectuais: vínculos se formaram, por exemplo, em razão das atividades de edição e de tradução empreendidas pelos intelectuais espanhóis exilados na segunda metade da década de 1930, e vínculos transnacionais se conformaram em torno de empreendimentos editoriais, como os das coleções Tierra Firme e Biblioteca Americana. Conforme aludimos na introdução, investigar como se deu a conformação de tais redes não é o objetivo desta pesquisa, ainda que tê-las em consideração se mostre fundamental para compreendermos o alcance do FCE na geografia cultural latino-americana.

³⁹ Os autores e temas propostos para o plano Argentina da coleção Tierra Firme podem ser consultados em Sorá (2017, p. 82-83); e os autores e temas propostos para o plano Brasil, em Faria Filho (2021, p. 145-160).

A relevância da coleção *Tierra Firme*, em suma, reside em integrar um conjunto bastante variado de publicações, mas que, juntas, contribuíram para consolidar a perspectiva de uma história latino-americana convergente; reside também no processo de fortalecimento de redes intelectuais existentes e de conformação de novas redes pelo espaço latino-americano, o que foi possibilitado pelas viagens, diálogos e trocas epistolares necessários para viabilizar o empreendimento editorial; reside, por fim, na circulação de saberes sobre a América Latina propiciada pela difusão dos livros da coleção que, ainda que não representassem o sucesso de vendas esperado, em termos qualitativos impulsionaram a projeção continental do FCE.⁴⁰

Por sua vez, a coleção *Biblioteca Americana* (1947), projetada pelo intelectual dominicano Pedro Henríquez Ureña,⁴¹ voltou-se para a edição de livros clássicos da literatura latino-americana, que deveriam ser apresentados por prefaciadores de distintas partes do subcontinente, e também abarcou o Brasil.⁴² A escritora e professora Camila Henríquez Ureña, irmã de Pedro Henríquez Ureña, foi quem dirigiu a *Biblioteca Americana* e participou do seu planejamento final, posto que Pedro veio a falecer em maio de 1946. Liliana Weinberg (2014) propõe analisar a *Biblioteca Americana* como:

[...] parte de un programa intelectual de largo alcance destinado a dotar a los lectores hispanoamericanos de una colección de obras que les permita reconocerse como integrantes de un ámbito histórico y cultural compartido y como herederos de una amplia tradición que dota de sentido al conjunto. (WEINBERG, 2014, n.p.).

Com a perspectiva de uma história compartilhada e com o propósito de mobilizar uma tradição comum, as coleções *Tierra Firme* e *Biblioteca Americana* marcaram, então, a emergência de uma forte perspectiva americanista no catálogo do FCE. O americanismo, contudo, transcendeu o catálogo, sendo perceptível também nas ações de expansão comercial da editora por outros países da geografia latino-americana. Conforme analisado por José Luís de Diego (2019), ao tomarmos o americanismo como um conjunto de ideias, mas também como

⁴⁰ As análises de Sorá (2007, 2017) e de Faria Filho (2021) são bastante reveladoras do trânsito de sujeitos e das trocas culturais na elaboração de *Tierra Firme*. Ambos os autores recuperam a figura do advogado argentino Norberto Frontini, que atuou como um importante mediador para o planejamento da coleção, viajando ao Brasil, em 1943, e mobilizando a intelectualidade argentina e a brasileira para colaborar com o projeto editorial. Faria Filho (2021) destaca também, no caso do plano Brasil de *Tierra Firme*, a mediação desempenhada pelo jornalista brasileiro Astrojildo Pereira.

⁴¹ Pedro Henríquez Ureña (1884–1946) foi um advogado, escritor e professor de origem dominicana. Assim como José Vasconcelos e Alfonso Reyes, participou da fundação do grupo *Ateneo da Juventude*, no México. Após 1925, fixou residência em Buenos Aires. Também em 1925, publicou *La Utopía de América*, texto fruto de uma conferência que, somado a outros, evidenciou o americanismo de Henríquez Ureña, a sua grande preocupação por captar a identidade da América Latina. Essa “utopia de América” embasou o programa da *Biblioteca Americana*.

⁴² A *Biblioteca Americana* (1947) é considerada uma ilustre antecessora da *Biblioteca Ayacucho* (1974).

uma operação que visa à projeção continental, podemos compreendê-lo como parte da política de expansão de determinados selos editoriais, como a que foi desenvolvida pelo Fondo de Cultura Económica. Nesse sentido, “[...] el americanismo ya se puede encontrar en el catálogo, pero también en las batallas ideológicas y en la lucha por la hegemonía en un mercado específico.” (DIEGO, 2019, p. 58).

Essa proposta interpretativa é bastante profícua porque nos convida a analisar a expansão do Fondo de Cultura Económica para o sul do continente em uma imbricação de interesses comerciais, culturais e políticos. O propósito comercial é manifesto, posto que a edição é um negócio, e o livro deve ser concebido, ao mesmo tempo, como bem simbólico e como mercadoria. Cotejando as fontes, o próprio Cosío Villegas evocou a questão em seu ensaio “La indústria Editorial y la Cultura”, fruto de uma conferência pronunciada na UNAM em 1947, ao dissertar com desembaraço que o livro é uma mercadoria, ainda que bastante singular (VILLEGAS, 2004).⁴³ Nessa linha, o FCE ansiava expandir-se para outros países com a finalidade de ampliar o seu mercado consumidor. Não obstante, de maneira isolada, as lógicas mercadológicas não explicam o movimento de expansão em sua completude. Para nos acercarmos de uma compreensão mais ampla, é preciso combiná-las com a vocação americanista e com a crença na integração cultural da América Latina, com benefícios políticos e diplomáticos que, a partir dos anos 1940, impulsionaram as ações do FCE ou, melhor dito, “[...] a crença na importância da edição, do livro e da leitura como partes fundamentais de um projeto político e cultural de humanização, ou seja, de educação.” (FARIA FILHO, 2021, p. 36).

Assim, considerando essa mescla de propósitos comerciais e político-culturais, em 1941, o Fondo já contava com representações exclusivas na Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia, Peru, Equador e Brasil.⁴⁴ Em 1945, fundou, em Buenos Aires, sua primeira sucursal, o que representou um evento-chave para a expansão do FCE rumo ao sul do continente.⁴⁵ Durante o período em análise, fundou mais três sucursais no exterior: a de Santiago, Chile

⁴³ Ao longo deste trabalho, voltaremos à ideia do livro como mercadoria e bem simbólico, que foi desenvolvida por diferentes autores. Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2017) abordam a questão ao analisarem o livro como mercadoria e como fermento de ideias. Pierre Bourdieu afirma que o livro é um “[...] objeto de duas faces – econômica e simbólica [...]” (BOURDIEU, 2018, p. 198); ideia retomada por José Luis de Diego (2015, 2019). Podemos mencionar também o estudo de Robert Darnton (1996), o qual, ao reconstituir o circuito da *Enciclopédia*, de Diderot e D’Alembert, frisa que “Negócios são negócios, mesmo em se tratando de Iluminismo.” (DARNTON, 1996, p. 32).

⁴⁴ Informações contidas na ata da reunião da Junta de Governo de 8 de março de 1941.

⁴⁵ A respeito da sucursal argentina do Fondo de Cultura Económica durante a gestão de Arnaldo Orfila Reynal (1945–1948) e de Delia Etcheverry (1948–1956), ver a dissertação de mestrado de Anguiano (2019).

(1954); a de Lima, Peru (1961); e a de Madrid, Espanha (1963).⁴⁶

Nessa perspectiva, é possível afirmar que, nos anos 1950, o alcance continental do FCE e a missão cultural atribuída à editora já estavam bem consolidados. Isso é perceptível ao acompanharmos a organização das coleções americanistas e a difusão de sucursais e representações, mas também pela construção da publicidade e pelas viagens realizadas por administradores do FCE – ações que, mesmo que tivessem uma intencionalidade de promoção, mobilizaram um discurso verossímil. Desse modo, em 1955, Arnaldo Orfila Reynal, diretor do FCE na época, concedeu uma série de entrevistas a periódicos em razão da viagem que realizara pelo Panamá, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai, Brasil, Venezuela e Cuba.

A quantidade de países percorridos e o interesse dos periódicos locais em noticiar a viagem e entrevistar Orfila Reynal são, por si só, significativos do alcance do FCE na América Latina dos anos 1950. Das entrevistas, destacamos trechos proferidos por Orfila, como: “[...] nuestra organización es uno de los auténticos vehículos de comunicación espiritual entre los tan desvinculados pueblos de América.” (ARNALDO..., 1947–1962, p. 265). Ao retornar, a edição de maio de 1955 da revista *La Gaceta*, publicada pelo próprio FCE, reservou uma de suas quatro páginas tabloide para divulgar uma entrevista de Orfila Reynal, cujo título é ‘El Fondo viaja por América’. Nessa entrevista, o Diretor destacou que a obra do FCE “[...]es considerada como una empresa espiritual que tiene dimensión continental” (EL FONDO..., 1955, p. 3).⁴⁷

Já em 1959, no aniversário de 25 anos da editora, a Livraria Mestre Jou, no Brasil, organizou uma vitrine com os dizeres “uma editora mexicana de âmbito continental” (“59” MESTRE..., 1959). Por fim, também em 1959, o gerente de promoção e publicidade do FCE, Manuel Andújar,⁴⁸ viajou pelo Panamá, Colômbia, Peru, Chile, Bolívia, Equador e Venezuela. Ao regressar, forneceu uma entrevista à revista institucional *La Gaceta*, na qual respondeu uma das perguntas de forma bastante enfática:

— ¿Qué significación tiene, en esos países, el Fondo de Cultura Económica?
— Por la misión que cumple y el espíritu que lo fundó y anima, el Fondo es, sin hipérbole, ‘la editorial de México para Iberoamérica’. (EL FONDO..., 1959, p.3)

⁴⁶ Em período posterior, outras sucursais foram fundadas, a saber: Caracas, Venezuela (1974); Bogotá, Colômbia (1975); San Diego, Estados Unidos (1990); São Paulo, Brasil (1991); Cidade de Guatemala, Guatemala (1995); e Quito, Equador (2015).

⁴⁷ Nosso objetivo, neste momento, não é realizar uma análise circunstanciada desses impressos, mas tão somente extrair algumas notícias que, cruzadas com outras fontes, auxiliam a construir um entendimento a respeito do alcance continental da editora FCE nos anos 1940 e 1950.

⁴⁸ Manuel Andújar (1913–1994) foi um escritor andaluz que se exilou no México em 1939 e dirigiu a revista de exilados *Las Españas*. Atuou como gerente de promoção e publicidade do FCE por onze anos.

No processo de se tornar uma “editora do México para a Iberoamérica”, contudo, o Fondo de Cultura Económica enfrentou dificuldades em suas políticas e decisões de expansão comercial. Afinal, as *batalhas* pela hegemonia de um mercado pressupõem esforços para driblar adversidades. No caso do Brasil, as tratativas comerciais tiveram um início bastante intrincado, como veremos a seguir.

1.2 “*Los complicados amigos brasileños*”: a expansão comercial do FCE para o Brasil

Em 1938, o FCE já contava com alguma distribuição para além das fronteiras do México. Naquele momento, segundo informações apresentadas pelo então diretor Daniel Cosío Villegas na reunião da Junta de Governo de 1º de abril de 1938, os livros da editora eram comercializados em 19 livrarias estrangeiras, localizadas em Buenos Aires, Bogotá, Caracas, Santo Domingo, Costa Rica, Guatemala, Havana, Guayaquil, Lima, Lisboa, Montevidéu e Tegucigalpa. No final de 1940, podemos identificar clientes também nos Estados Unidos e em Porto Rico, conforme uma relação de clientela apresentada em outra reunião da Junta. Já a ata da reunião de 8 de março de 1941 revela a existência de um sistema de distribuição mais estruturado. Este contava, por um lado, com vendas diretas às livrarias, o que ocorria, por exemplo, em Cuba e na Venezuela; e, por outro, com as mencionadas representações exclusivas na Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia, Peru e Equador, que haviam substituído, nesses países, o anterior sistema de vendas diretas. A ata nos informa, além disso, que o contrato de distribuição exclusiva no Brasil acabara de ser firmado.

O sistema de distribuição exclusiva no âmbito do Fondo de Cultura Económica consistia em conceder a uma firma – editora, livraria e/ou distribuidora – o direito exclusivo de distribuir os livros do FCE em um país ou região por tempo indeterminado. Isso significava que a firma seria a responsável por realizar a comercialização em suas próprias livrarias, caso houvesse, além de garantir a distribuição nas demais livrarias interessadas do país/região. Ademais, significava que o FCE estava impedido de comercializar diretamente com as livrarias ou compradores particulares do espaço administrado pelo agente exclusivo a fim de evitar conflitos no plano comercial. Do mesmo modo, o agente exclusivo deveria observar os limites de seu país/região, não comercializando em espaços administrados por outros distribuidores. Por fim, o sistema de representação exclusiva, como veremos em mais detalhes, previa a concessão de maiores descontos ao agente exclusivo em comparação aos que eram fornecidos diretamente

aos livreiros.

No que se refere ao contrato de distribuição no Brasil, a ata da reunião de 8 de março de 1941 não menciona qual seria a firma responsável, mas a leitura da correspondência e de outras atas nos permite saber que se tratava da Casa A. Herrera & Cia., que foi a primeira distribuidora exclusiva dos livros do FCE no Brasil, atuando no período de 1941 a 1947. A Casa Herrera foi substituída pela Civilização Brasileira, que representou a editora mexicana de 1947 a 1949, e logo pela Livraria do Globo, que trabalhou como representante de fins de 1949 a meados de 1951. A Mestre Jou não foi, portanto, a primeira distribuidora do Fondo de Cultura Económica em terras brasileiras, mas a que desenvolveu uma relação comercial mais duradoura. Afinal, formalizada a representação em março de 1952, a Mestre Jou continuou operando a distribuição dos livros da casa editorial mexicana por cerca de mais duas décadas. Nos arquivos do FCE, não foram preservados os acervos relativos às três representações anteriores à Mestre Jou, o que impossibilita que conheçamos o desenrolar dessas relações comerciais. Para montarmos um quadro, ainda que lacunar, das dificuldades enfrentadas com as primeiras distribuidoras, foi necessário cruzarmos as informações que se encontram esparsas na correspondência editorial com a análise das atas das reuniões da Junta de Governo do Fondo de Cultura Económica.

Da análise das atas, apreendemos que as reuniões da Junta de Governo ocorriam com frequência durante todo o período abarcado por este trabalho – em periodicidade mensal e, às vezes, mais de uma vez ao mês –, e os assuntos, geralmente levados pelo diretor, eram submetidos à consideração do grupo, que deliberava e autorizava as providências de forma coletiva. A Junta, originalmente, era composta pelos seguintes membros: Daniel Cosío Villegas (1898–1976), Gonzalo Robles (1891–1980), Manuel Gómez Morín (1897–1972), Eduardo Villaseñor (1886–1978), Emigdio Martínez Adame (1905–1988) e Adolfo Prieto (1867–1945). Os integrantes eram intelectuais vinculados à área de economia, a instituições fazendárias e à docência, como Gonzalo Robles e Villaseñor, que atuaram como diretores do Banco do México; Cosío Villegas, que foi diretor da Escola de Economia da UNAM; e Gómez Morín, reitor da UNAM. Eles não recebiam remuneração pela atuação na Junta, e, de acordo com o Regulamento, era também dentre os membros que se designava um presidente para dirigir os debates e um secretário para redigir as atas das reuniões (ARCINIEGA, 1996). Logo, Eduardo Suárez (1895–1976), secretário da Fazenda dos governos de Lázaro Cárdenas (1934–1940) e de Manuel Camacho (1940–1946), também foi nomeado membro da Junta, inaugurando uma prática de convidar aquele que ocupasse o cargo de secretário da Fazenda para compor o grupo.

Já no início das atividades do Fondo, em 1935, Adolfo Pietro e Manuel Gómez Morín

renunciaram e foram substituídos por Enrique Sarro e por Jesús Silva Herzog (1892–1985). Outra substituição ocorreu em 1952, quando Cosío Villegas, após quase quatro anos licenciado para realizar uma pesquisa nos Estados Unidos, renunciou definitivamente à função de diretor do FCE, que vinha sendo desempenhada de modo interino por Arnaldo Orfila Reynal, e ao posto de membro da Junta de Governo, tendo sua cadeira ocupada por Antonio Carrillo Flores (1909–1986). Os três outros membros fundadores mantiveram-se na Junta até 1966, o que denota estabilidade na composição do grupo.

O panorama geral da constituição da Junta de Governo auxilia-nos a compreender quem eram os sujeitos envolvidos nas tomadas de decisões que conduziam o FCE durante o período em análise. Nas atas, além de deliberações a respeito da criação de coleções e da publicação de obras, foram registrados informes comerciais, muitas vezes com a apresentação de tabelas. Ao interrogar essa documentação oficial, é possível situarmos a expansão comercial para o Brasil como parte do sistema de distribuição mais amplo que o FCE armava para se difundir pelo espaço latino-americano. É possível, ademais, apreendermos as dificuldades iniciais com a comercialização no Brasil sem perdermos de vista os desafios gerais que a editora enfrentava para superar as fronteiras nacionais e conquistar o mercado latino-americano.

Nessa linha, um informe produzido por Daniel Cosío Villegas e registrado na ata da reunião de 8 de março de 1941 traz um diagnóstico a respeito do mercado livreiro do período e do alcance do FCE nos países latino-americanos. Na posição de diretor, a qual lhe conferia legitimidade, Cosío Villegas apresentou o informe comunicando a existência de um problema, a necessidade de resolvê-lo, e expondo as medidas que deveriam ser tomadas para alcançar a resolução. O problema era que, no início de 1941, o sistema de distribuição do FCE para além das fronteiras do México era considerado, de modo geral, insuficiente. Villegas desenvolveu o diagnóstico expondo que Cuba, onde se negociava diretamente com os livreiros, era um “mercado surpreendentemente importante” e que as vendas haviam aumentado no segundo semestre de 1940. Em contrapartida, na Venezuela, onde a distribuição também se dava pelo trato direto com os livreiros, a situação era considerada crítica em razão do estabelecimento de um controle de câmbio muito rígido por parte do governo venezuelano, o qual dificultava até mesmo que os livreiros do país saldassem as dívidas que possuíam com o FCE.

No que se refere às representações exclusivas, o diretor argumentava que essas eram mais vantajosas que a venda direta a livreiros, ainda que estivessem longe de serem satisfatórias. O informe nos fornece uma boa síntese a respeito do funcionamento do sistema de representações, que convém ser transcrita:

Por un lado, el sistema del agente exclusivo nos cuesta más en el sentido de que concedemos 50% de descuento en lugar del 30% que antes concedíamos a los libreros. Es verdad que se supone que la diferencia la compensaría el ahorro en gastos generales, implícito en toda concentración, y que en igual sentido obraría el mayor volumen de ventas que se espera del agente exclusivo. (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1937–1945, p. 137).

Os resultados esperados – economia nos gastos gerais e maior volume de vendas – estavam se concretizando em relação ao Uruguai e à Argentina, onde a editora local Losada era a representante exclusiva e vinha empreendendo uma soma de vendas que, segundo avaliou Cosío Villegas, o FCE jamais teria conseguido se vendesse diretamente.⁴⁹ Do mesmo modo, informou que o Chile, mercado que o FCE havia abandonado após um entendimento precário com uma livraria, estava novamente se abrindo com a outorga da distribuição exclusiva a Loredó Aparício.⁵⁰

Não possuímos informações sobre quais firmas ou livreiros representavam o FCE no Peru, na Colômbia e no Equador. Contudo, na sequência do informe em análise, Villegas afirmou que, mesmo contando com os agentes exclusivos, os resultados das vendas nesses países não eram bons o suficiente, não sendo nem mesmo “[...] iguales a los que seguramente obtienen en ellos, Espasa, Losada y las mejores editoriales chilenas.” (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1937–1945, p. 138). No Brasil, como vimos, a representação acabara de ser firmada, e o diretor entendia ser prematuro realizar qualquer previsão.

A conclusão do diagnóstico sobre o alcance comercial do FCE no exterior era de que a instituição havia crescido desde sua fundação, e o sistema de distribuição, que a princípio

⁴⁹ A editora Losada foi fundada em agosto de 1938 por Gonzalo Losada (1894–1981), editor espanhol que se deslocou para a Argentina, em 1928, para trabalhar como diretor da filial da editora Espasa-Calpe. Após desentendimentos, Gonzalo Losada se desvinculou da Espasa-Calpe e fundou a editora que levaria seu nome. Com um catálogo de destaque sobretudo na área de literatura, Losada ocupou um lugar de grande prestígio no mercado editorial de língua espanhola, até que enfrentou uma grande crise a partir dos anos 1960 (LARRAZ, 2018). O estabelecimento da Losada como agente exclusivo do FCE na Argentina e no Uruguai contou com a intermediação de Pedro Henríquez Ureña, que atuava como assessor da Losada e, como sabemos, mais tarde viria a projetar a coleção Biblioteca Americana, do FCE. O trabalho de Francisco Anguiano (2019) revela que as tratativas comerciais se iniciaram no final de 1938, quando Henríquez Ureña enviou uma carta ao membro da Junta de Governo do FCE, Eduardo Villaseñor, consultando sobre a possibilidade de a representação ser conferida à Losada, uma vez que o diretor da editora, Gonzalo Losada, se mostrava muito interessado e avaliava que as publicações da casa mexicana venderiam bem na Argentina.

⁵⁰ José Loredó Aparício (1897–1948) foi um advogado e político espanhol, sendo um dos intelectuais espanhóis que se deslocou ao México no contexto da Guerra Civil Espanhola. Em 1937, foi nomeado secretário da embaixada da República Espanhola no México, além de encarregado de negócios da Espanha no país (SOLER; GARCÍA, 2016). Nessa função, intermediou uma doação financeira à Casa de España, tratando com Alfonso Reyes e com Daniel Cosío Villegas (PEREA, 1999). Em 1940, trasladou-se ao Chile para exercer o cargo de cônsul honorário do México, atuando também como professor de literatura espanhola e livreiro. Além do Fondo de Cultura Económica, sua livraria representava a editora Emecé, de Buenos Aires (PICALLO, 2008).

parecia adequado, em 1941 já não respondia às necessidades. Cosío Villegas declarou estar convencido da impossibilidade de aprimorar tal sistema a partir do México, sendo primordial realizar uma viagem pelos principais países da América do Sul. Colocando a proposta em prática, o próprio Cosío Villegas empreendeu uma viagem, ainda em 1941, por Costa Rica, Venezuela, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Equador, Colômbia e Cuba, associando os objetivos de melhorar o sistema de distribuição, divulgar as obras do FCE e também atrair a colaboração de escritores para o que viria a ser a coleção *Tierra Firme*.

Villegas arrematou seu informe mencionando uma conjuntura geral que, unida à situação específica do comércio livreiro em cada país, vinha afetando todos os países da América. Tratava-se dos efeitos provocados pela Segunda Guerra Mundial (1939–1945), conflito que, estando em curso naquele momento, gerava queda nas exportações, desequilíbrio nas balanças comerciais, fortes controles de câmbio e limites às importações. Podemos interpretar que a Segunda Guerra, como pressupõe um conflito de proporções mundiais, gerou consequências multifacetadas nas diversas áreas que conformam a realidade. No que se refere à indústria editorial, o conflito resultou em escassez de papel e de equipamentos gráficos e, no caso da exportação de livros, em dificuldades no transporte marítimo (HALLEWEEL, 2005). Ao mesmo tempo, o mercado editorial hispano-americano se desenvolveu em decorrência da guerra, beneficiando-se do recuo da atividade editorial da Espanha a continuação do que se verificou durante a Guerra Civil Espanhola.

No caso do Fondo de Cultura Económica, foi ainda no período de guerra que a editora fundou sua primeira sucursal internacional, representando, como aludimos, um importante marco na difusão continental que vinha empreendendo. Localizada em Buenos Aires, a sucursal começou a operar em janeiro de 1945.⁵¹ O argentino Arnaldo Orfila Reynal, antigo conhecido de Daniel Cosío Villegas, Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes, foi nomeado gerente da sucursal, cargo que ocupou até 1948, quando se instalou no México para se tornar o diretor do FCE.⁵²

Ao nos voltarmos para o Brasil, interessa-nos observar que, devido à escassez de divisas

⁵¹ O contrato de distribuição exclusiva com a Losada encerrou-se em dezembro de 1944. Conforme ata, a fundação da sucursal do FCE na Argentina foi formalizada já na reunião da Junta de Governo de 18 de setembro de 1944.

⁵² Arnaldo Orfila Reynal (1897–1998) era químico de formação. Na universidade, atuou como militante estudantil, o que possibilitou que fosse um dos delegados argentinos no Primeiro Congresso Internacional de Estudantes, realizado no México, em 1921. No congresso, Orfila Reynal conheceu Daniel Cosío Villegas, que também era estudante, e Pedro Henríquez Ureña. Dali, seguiu viagem para a Europa, onde conheceu Alfonso Reyes. Foram Alfonso Reyes e Pedro Henríquez Ureña que indicaram o nome de Orfila Reynal para gerenciar a sucursal do FCE em Buenos Aires, o qual foi aprovado pela Junta de Governo. Sobre a trajetória de Arnaldo Orfila Reynal, ver Ramírez (2013).

e à dificuldade em manter o suprimento dos países “periféricos”, tornou-se difícil realizar importações no contexto da guerra, o que incluía a compra de livros da Europa.⁵³ Como alternativa, o comércio livreiro se direcionou para as importações oriundas dos Estados Unidos e dos países da América Hispânica. Conforme observado por Laurence Hallewell (2005), o idioma espanhol era aceito por uma quantidade cada vez maior de leitores, e, em 1943, a indústria editorial hispano-americana já respondia por 30% do volume total de importação de livros para o Brasil. Além disso, em que pese a escassez de insumos como o papel,⁵⁴ a atividade editorial brasileira também se expandiu de modo expressivo no período da guerra.

É nesse contexto, portanto, que, em 1941, a Casa A. Herrera & Cia. iniciou a representação exclusiva dos livros do Fondo de Cultura Económica no Brasil. Na bibliografia consultada, a tese de Fabiano de Azevedo (2018) é a que mais nos aporta informações sobre a Herrera, mencionando que se tratava de uma importadora-distribuidora de livros situada no Rio de Janeiro e comandada por Antonio Herrera, espanhol radicado no País. Azevedo (2018) encontrou, em anúncios, ocorrências das atividades da Herrera desde 1934, ofertando livros técnicos e de literatura, predominantemente em idioma espanhol. O mencionado trabalho, ao analisar relatos, também indica que, em 1946, Antonio Herrera decidiu encerrar as atividades por acreditar que, com o fim da Segunda Guerra, já “[...] não haveria espaço para empresas que intermediavam compra de livros.” (AZEVEDO, 2018, p. 126).

Com efeito, as fontes consultadas só voltaram a mencionar a Herrera quando a empresa comunicou sua liquidação, abandonando, por consequência, a distribuição dos livros do FCE no Brasil.⁵⁵ A partir desse momento, passamos a observar a existência de problemas nas tratativas comerciais com o Brasil, que foram expostos de modo sucinto e analítico nas atas das reuniões da Junta. A correspondência editorial, por sua vez, é bastante reveladora dos modos como alguns agentes envolvidos na administração do FCE expressavam essas dificuldades. Na troca epistolar entre Daniel Cosío Villegas e Arnaldo Orfila Reynal, os termos utilizados para qualificar as relações comerciais com o Brasil naquele momento evocavam, a todo tempo, lamento e desânimo: “es realmente lastimoso lo de Brasil”, “el intrincado negocio brasileño” ou

⁵³ Segundo Abreu (2013), a eclosão da Segunda Guerra impactou fortemente a economia brasileira, mas não houve uma continuidade durante todo o período do conflito. Isso porque, a partir de 1942, o País começou a experimentar uma contínua expansão econômica que se estendeu até 1962.

⁵⁴ Hallewell (2005) traz números sobre a escassez de papel no contexto da guerra, demonstrando a drástica queda na importação, em 1942, com consequente aumento da produção nacional, que, por sua vez, também veio a decair, em 1944, por falta de matéria-prima.

⁵⁵ As atas das reuniões da Junta de Governo de 1946 e 1947 não foram preservadas, o que pode ter contribuído para a lacuna a respeito da atuação da Herrera.

“como sé que es tan endiablado el país brasileño”.⁵⁶

A correspondência entre esses agentes revela uma relação de intimidade, marcada na fluidez do texto e nas formas de tratamento e despedida. Villegas utilizava o tratamento afetuoso “mi querido Che”, e Orfila, o vocativo “mi querido Daniel”; Orfila escrevia em papéis com timbre da sucursal argentina do FCE, Villegas nem sempre utilizava papel timbrado. Assim, ainda que as missivas tratassem de temas editoriais, a relação institucional diretor/gerente da sucursal se mesclava com a amizade entre os missivistas, havendo espaço, na correspondência, para exprimir de forma clara as frustrações com os tropeços editoriais e comerciais.

Foi nessa linha que, em 4 de fevereiro de 1947, Cosío Villegas escreveu uma carta a Orfila Reynal, endereçada à sucursal de Buenos Aires, na qual tratou do plano de vendas que o FCE havia delineado para aquele ano e lamentou a situação em que se encontravam no que concernia ao Brasil. Na avaliação de Villegas, o fim da representação com a Herrera significava uma grande perda, pois, ainda que a empresa saldasse as dívidas que tinha, o FCE suspendera o envio de novos livros após o comunicado de liquidação e, em consequência, havia meses que não vendia nada no Rio de Janeiro. Cosío Villegas acrescentou que “Lo más grave es que, contra todas mis esperanzas, no hemos podido substituir hasta ahora a Herrera.” (FILIAL..., 1947). Em 15 de fevereiro, Orfila respondeu a carta de Cosío, avaliando o plano de vendas proposto e se colocando como um intermediador para auxiliar a solucionar o problema da representação no Brasil:

Es realmente lastimoso lo de Brasil, que disminuya las posibilidades de venta totales por fallar la organización en ese país. ¿La Civilización de San Pablo no les trabaja? Yo averiguo algo por ver si obtengo alguna información de interés. (FILIAL..., 1947).

Não sabemos se, devido à intermediação de Orfila ou se por outros caminhos, o novo agente exclusivo do Fondo de Cultura Económica no Brasil seria mesmo a Civilização Brasileira, que passaria a atuar na distribuição dos livros a partir de 1947. A ata da reunião da Junta de Governo de janeiro de 1948 oficializou que a Herrera havia iniciado sua liquidação em janeiro do ano anterior e, ainda que tivesse deixado um saldo devedor cujo pagamento parecia incerto, após muitas negociações o FCE conseguira que a empresa devolvesse todos os livros

⁵⁶ Trechos retirados das cartas de Arnaldo Orfila Reynal a Daniel Cosío Villegas, datadas, respectivamente, em 18 de fevereiro de 1947, 31 de março de 1948 e 28 de março de 1948.

que estavam em seu poder àqueles que seriam os novos representantes.⁵⁷

A Civilização Brasileira havia sido fundada no Rio de Janeiro, em 1929, como livraria e editora. Em 1932, a empresa foi adquirida por Octalles Marcondes Ferreira, que já era proprietário da Companhia Editora Nacional. Naquele momento, a Cia. Editora Nacional era a grande referência na edição de livros didáticos. A Civilização Brasileira, por sua vez, possuía um catálogo voltado para a literatura brasileira e estrangeira. Com essa combinação editorial, no fim dos anos 1930 e início dos 1940, a empresa era uma das mais relevantes no mercado da edição brasileiro. De acordo com Sergio Miceli (2001b), entre 1938 e 1943, apenas três editoras dominavam 25% do mercado nacional, sendo: 14% da Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira, 6% da Editora Globo e 5% da José Olympio. No entanto, ao longo da década de 1940, enquanto a Cia. Editora Nacional continuava a apresentar crescimento, a produção da Civilização Brasileira sofreu uma considerável diminuição (LIMA; MARIZ, 2010). A livraria e editora só voltaria a prosperar a partir de 1952, quando Octalles Marcondes Ferreira nomeou Ênio Silveira para dirigi-la.

Foi, portanto, durante um período de declínio em sua atividade editorial que a Civilização Brasileira atuou como distribuidora dos livros do Fondo de Cultura Económica no Brasil. O acordo de distribuição foi breve, e, já no início de 1948, a livraria e editora sinalizou que não pretendia seguir com a representação, a qual se encerrou em dezembro de 1949. Mesmo encerrado o contrato de distribuição, a Civilização Brasileira deixou uma dívida pendente que, em 1952, ainda estaria sendo cobrada pelo FCE.⁵⁸ Assim, em carta remetida a Orfila Reynal, de 10 de março de 1948, Cosío Villegas já expunha que a Civilização não iria prosseguir com a representação sem apontar, contudo, quais seriam as motivações alegadas pela empresa. Em seguida, solicitou que Orfila conversasse com Ayala para conseguir o contato de um senhor espanhol, que Villegas desconhecia, mas que parecia ser um bom nome para representar o FCE no Brasil. O mencionado Ayala trata-se, muito provavelmente, de Francisco Ayala, sociólogo espanhol que se exilou na Argentina ao fim da Guerra Civil Espanhola, realizou traduções para a editora Losada e colaborou com a revista cultural mexicana *Cuadernos Americanos*, periódico cuja trajetória se entrelaçou com as do Colegio de México e do FCE.⁵⁹ Em 1945, Francisco

⁵⁷ A ata mencionou os novos representantes, mas não detalhou que se tratava da Civilização Brasileira. Essa informação foi obtida ao cruzar cartas e atas posteriores, em que Orfila Reynal organizara um histórico das relações comerciais com o Brasil até aquele momento.

⁵⁸ Conforme pudemos apreender a partir da correspondência dos anos posteriores.

⁵⁹ Francisco Ayala (1906–2009) foi um escritor, filósofo e sociólogo espanhol. Exilou-se em Buenos Aires, Argentina, entre 1939 e 1944, onde atuou como professor de Sociologia (SOLER; GARCÍA, 2016). Em 1945, ministrou aulas no Rio de Janeiro, quando estabeleceu contatos com intelectuais brasileiros, a exemplo de

Ayala lecionou no Rio de Janeiro como professor de Sociologia, o que explica que tivesse contatos no País.

Postando-se novamente como intermediário nas tratativas comerciais com o Brasil, em 17 de março de 1948, Orfila Reynal escreveu a Cosío Villegas mencionando que havia conversado com Ayala e que o nome do senhor que poderia desenvolver as tarefas de representação do FCE no Brasil era Manuel Ruiz. Orfila enfatizou que Ayala tinha uma excelente impressão desse senhor e, ao contrário, uma má impressão dos brasileiros, alertando, de modo incisivo, que seria sempre melhor recorrer a um estrangeiro para tocar os negócios no País. Em 28 de março, Orfila enviou outra carta pedindo que as informações nela constantes substituíssem a mensagem do dia 17. Na nova missiva, o gerente da sucursal argentina mencionou ter feito uma averiguação e constatado que o senhor Manuel Ruiz não era do ofício, nem sequer comerciante, e talvez encontrasse dificuldades para implementar as diferentes ações constitutivas do negócio de distribuição de livros:

Como sé que es tan endiablado el país brasileño para intentar una organización distribuidora nueva [...] tal vez encuentre [o senhor Ruiz] dificultades para instalar una casa, encontrar personal, vincularse a las librerías de ese inmenso país, organizar su depósito, etc. (ARNALDO..., 1947–1962, p. 94).

Com esse argumento, Orfila indicou outro nome: o do Doutor Torreano, italiano que se encontrava por Buenos Aires e já era conhecido de Cosío Villegas. Segundo Orfila, Torreano havia demonstrado grande interesse em representar o FCE porque acabara de investir em uma empresa de São Paulo – considerada muito séria e organizada –, chamada L.E.I.A. A menção refere-se à Livraria Editora Importadora Americana (L.E.I.A), empresa especializada na importação e distribuição de livros italianos, que iniciou suas atividades como livraria, em 1914, e posteriormente as ampliou para o ramo da edição (MACHADO, 2008).⁶⁰

Três dias depois, em 31 de março, Orfila escreveu a terceira carta sobre o tema – nessa, presumimos que ele e Cosío Villegas se comunicaram por telégrafo para que Torreano enviasse as informações a respeito da organização L.E.I.A. Orfila desejava “[...] que pudiera hacerse algún acuerdo favorable que resolviera el intrincado negocio brasileño.” (ARNALDO..., 1947–1962, p. 103). A correspondência entre Cosío Villegas e Orfila Reynal desenvolvia-se em um

Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Gilberto Freyre (JASINSKI, 2007). Entre 1943 e 1973, escreveu para a revista cultural *Cuadernos Americanos*, publicação dirigida por Jesús Silva Herzog.

⁶⁰ Orfila escreveu Livraria Editora Internacional Americana e não “Importadora”. Não obstante, pela similaridade do nome e pela coincidência entre o endereço mencionado na carta e o endereço da L.E.I.A, concluímos que se trata da mesma organização.

ritmo bastante acelerado. Desse modo, foi no mesmo dia 31 de março de 1948 que Cosío escreveu a Orfila, informando que: “[...] le escribí a Torreano dándole todos los datos para una respuesta suya inmediata; veremos que sale de allí, pues al fin he recibido ayer la carta de la Editorial do Globo interesándose en principio en este asunto.” (ARNALDO..., 1947–1962, p. 102).

O interesse rendeu frutos, e a distribuição exclusiva dos livros do FCE foi outorgada à Livraria e Editora do Globo. Cosío Villegas, afinal, não seguiu a recomendação de Francisco Ayala de dar preferência a um representante estrangeiro; o acordo de distribuição tampouco se efetivou com o Senhor Torreano, indicado por Orfila. Contudo, para nossos objetivos, essas indicações e diálogos importam como forma de observar a dinâmica de contatos entre diferentes sujeitos que transitavam pelo universo das letras e da edição. Sobretudo, são diálogos reveladores do papel intermediador exercido pela sucursal argentina do FCE no processo de adentrar o mercado livreiro do Brasil. O estabelecimento da sucursal foi estratégico para conquistar o mercado de livros argentino, mas também para facilitar os contatos com países vizinhos nos quais o FCE almejava alcançar maior inserção.

Como vimos nos dados apresentados por Miceli (2001b), a Globo era, ao lado da Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira e da José Olympio, uma das maiores editoras do Brasil nos anos 1930 e início dos 1940. A empresa havia sido fundada como Livraria do Globo, em 1883, na cidade de Porto Alegre, e, em 1916, realizou seus primeiros empreendimentos como editora. Com um catálogo fortemente marcado pela literatura estrangeira direcionada ao grande público, a partir da década de 1940, a produção da Globo também se encaminhou para a edição de livros didáticos e de obras técnicas. Foi também nos anos 1940 que a empresa abriu filiais em São Paulo e no Rio de Janeiro, esta última chefiada pelo gaúcho Maurício Rosenblatt. Conforme analisado por Elisabeth Torresini (1999), a partir de 1948, o projeto editorial da Globo foi se esvaziando, com uma paulatina diminuição no ritmo das edições.

A Livraria e Editora do Globo ocupou-se das tarefas de distribuição dos livros do FCE no Brasil de fins de 1949 a agosto de 1951. Assim como ocorreu com a Civilização Brasileira, o acordo de representação com a Globo foi breve. Desse modo, na reunião da Junta de Governo de 9 de novembro de 1951, Orfila Reynal informou que se apresentavam dificuldades com os negócios no Brasil porque a Editora e Livraria do Globo havia comunicado a decisão de encerrar a distribuição e entregar o estoque de livros do FCE a outra firma. Notamos que Orfila Reynal realizou o anúncio já como diretor do FCE porque, na reunião da Junta de Governo de

26 de março de 1948, Cosío Villegas havia registrado que se licenciaria a partir de 1º de julho, e Arnaldo Orfila Reynal deixaria, então, de ser o gerente da sucursal argentina para se tornar o diretor interino do Fondo de Cultura Económica. A gerência da sucursal passaria a ser ocupada pela professora e militante socialista Delia Etcheverry.⁶¹

Prosseguindo em seu comunicado, Orfila registrou que a Globo alegou, como justificativa para abandonar a representação, que a comercialização do livro no Brasil se complicava em razão da concorrência da Argentina, país que contava com benefícios cambiais. Ainda que a Livraria do Globo estivesse se referindo ao comércio de livros em geral, a alegação condiz com uma preocupação que Delia Etcheverry, já na condição de gerente da sucursal da Argentina, expressou a Orfila Reynal em carta de 14 de setembro de 1949.

Etcheverry pediu orientações a respeito da atitude a ser tomada em relação aos pedidos de livros vindos do Brasil que, com frequência, chegavam à sucursal e eram de certa importância. A gerente citou as transações comerciais efetuadas com Zahar (Livraria Ler)⁶² e com Oscar Nicolai, de Belo Horizonte, e informou que a Livraria Acadêmica, do Rio de Janeiro, e a casa Silvio Thomas, de Porto Alegre, também haviam efetuado pedidos, os quais ainda não haviam sido respondidos por aguardarem orientações da casa matriz. Em 21 de setembro, Orfila respondeu à questão posta por Delia, autorizando que se realizassem as vendas, mas explicando que:

con respecto a las consultas que me hace sobre el Brasil le diré que la dificultad estriba en que tenemos otorgada representación exclusiva a la casa “O Globo” de Río de Janeiro y aunque esto desgraciadamente no me parece que va a darnos muy buen resultado por ahora desearíamos no darle motivo a quejas. (FILIAL..., 1949).

A preocupação expressada por Delia Etcheverry e a dificuldade mencionada por Orfila se justificam na medida em que o raio de distribuição da sucursal de Buenos Aires contemplava, além da própria Argentina, apenas o Uruguai e o Paraguai.⁶³ Esse limite de atuação, acrescido

⁶¹ Delia Etcheverry (1898–1981) era de nacionalidade argentina, estudou ciências da educação e se dedicou à docência secundária e universitária. Em 1934, ingressou no Partido Socialista, da Argentina, onde conheceu Arnaldo Orfila Reynal. Em 1949, já como gerente da sucursal do FCE, doutorou-se em Letras (SORÁ, 2017; ANGUIANO, 2019). Seu nome para assumir a gerência foi confirmado na reunião da Junta de Governo de 22 de julho de 1948. Em carta remetida a Daniel Cosío Villegas em 15 de junho de 1948, quando já estava acertada sua indicação, Etcheverry avisou que havia pedido licença de suas atividades docentes para se dedicar inteiramente às tarefas editoriais (ARNALDO..., 1947–1962, p. 136).

⁶² Naquele momento, os irmãos Jorge e Ernesto Zahar eram donos da Livraria Ler, fundada em 1946, na cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde, em 1957, criariam a Zahar Editores, especializada em ciências sociais (AZEVEDO, 2018).

⁶³ Conforme definido na ata da reunião da Junta de Governo que formalizou a criação da sucursal, ocorrida em 18 de setembro de 1944.

à circunstância de o Brasil possuir uma distribuidora exclusiva naquele momento, significava que os pedidos de livrarias brasileiras realizados diretamente à sucursal representavam um conflito comercial e resultavam em perda de mercado para a Livraria do Globo. Contudo, em que pese a concorrência argentina, quando a contadora da sucursal do FCE, María Elena Satostegui, viajou ao Brasil, em março de 1952, encontrou o estoque de livros do FCE que estava sob o poder da Globo encaixotado em armazéns e em mau estado de conservação. Tal circunstância é um indício de que talvez a empresa não estivesse, efetivamente, trabalhando a comercialização e a divulgação desse estoque.

Finalizada a representação exclusiva com a casa do Globo, foi então na reunião da Junta de Governo de 25 de março de 1952 que Arnaldo Orfila Reynal, o qual em breve se tornaria diretor efetivo do FCE,⁶⁴ informou que estava a ponto de firmar uma nova representação no Brasil. Orfila aguardava apenas o informe a ser enviado por María Elena Satostegui, a contadora da sucursal de Buenos Aires, que havia viajado ao Rio de Janeiro para concretizar o acordo de distribuição. Diante do informe, a Junta de Governo autorizou que se concedesse a representação nos melhores termos.

Enquanto isso, María Elena Satostegui estava no Brasil realizando uma série de negociações. Satostegui havia recebido uma carta de Orfila Reynal, datada de 8 de março de 1952, na qual o diretor detalhava as providências a serem tomadas para que a Civilização Brasileira saldasse a dívida que se encontrava pendente e para que a Livraria do Globo transferisse o estoque de livros do FCE à próxima representante. Sobretudo, a viagem de Satostegui tinha como finalidade encaminhar uma nova distribuição exclusiva em terras brasileiras: aquela que seria a quarta tentativa no País. Na conclusão da missiva, Orfila não deixou de frisar: “[...] si tienes un buen éxito en las gestiones recibas diploma y medalla como triunfo ante los complicados amigos brasileños.” (MARÍA..., 1952–1956).

1.3 “*Hacer la cuarta prueba*”: diálogos e impressões para uma nova representação exclusiva

María Elena Satostegui recebeu a carta de Arnaldo Orfila Reynal, datada de 8 de março de 1952, já no Rio de Janeiro e continuou a se corresponder com o diretor ao longo de toda a viagem. A missiva de 8 de março, destinada “a mi querida María Elena”, é composta por um

⁶⁴ Em 27 de março de 1952, Daniel Cosío Villegas apresentou uma carta à Junta de Governo, na qual renunciava ao posto de diretor do FCE e de membro da Junta de Governo. Segundo registro na ata, na reunião de 24 de julho de 1952, Arnaldo Orfila Reynal foi nomeado diretor efetivo do FCE.

texto de cinco páginas organizado em itens. Já de início, a carta anunciou o principal propósito da viagem: “[...] dejarnos en marcha la representación que hoy se encuentra en un estado de crisis.” (MARÍA..., 1952-1956). Em seguida, Orfila apresentou um resumo das relações comerciais com o Brasil até aquele momento e detalhou as pendências que ainda se arrastavam com as antigas representantes.

Satostegui, que havia viajado ao Brasil partindo da Argentina, atuava como contadora da sucursal do FCE em Buenos Aires desde 1945, o que, novamente, indica a existência de uma intermediação, a partir da sucursal, nas tratativas comerciais com o Brasil. Dessa vez, contudo, a intermediação se daria por meio de uma viagem, proporcionando um diálogo mais fluido e a possibilidade de elaborar impressões *in loco*. As fontes consultadas indicam que os acordos de distribuição anteriores com o Brasil foram firmados por meio da comunicação epistolar. Ao escrever a Satostegui, Orfila avaliou que o mais grave na relação com as firmas brasileiras teria sido, exatamente, a informalidade do contrato, as dificuldades para efetuar cobranças e a impossibilidade de se manter uma correspondência constante.

Nos anos 1950, a comunicação escrita e à distância era uma condição posta ao FCE ou a qualquer editora que pretendesse organizar um sistema de distribuição continental de livros. Todavia, se, por um lado, o escrito epistolar permite um maior controle na construção e na organização do argumento – o missivista escreve sem ser interrompido pelo seu interlocutor, o qual está distante no espaço e no tempo –, por outro, perde em expressão gestual e em interatividade (BOUVET, 2006). Assim, há momentos em que convém recorrer às viagens para favorecer o sucesso da comunicação, estreitar laços profissionais ou solucionar empasses comerciais. Afinal, “[...] são as viagens que favorecem a transformação de contatos intelectuais e profissionais em relações pessoais; são as viagens que favorecem trocas acadêmicas e pessoais e a construção de autoridade e prestígio.” (FARIA FILHO, 2021, p. 43).

Nessa linha, a viagem de Satostegui ao Brasil seria uma oportunidade de estabelecer contato direto com as firmas interessadas em distribuir os livros do FCE e elaborar impressões mais pessoais sobre os modos como trabalhavam. Conforme a expectativa manifestada por Orfila, na carta de 8 de março, ao se deslocar para o Brasil, a contadora poderia construir “[...] una impresión más personal de la seriedad de la firma y de la manera en que operan [...]” ou “[...] complementar esa información bancaria con alguna otra de carácter más personal sobre la moralidad y manera de proceder de estos señores.” (MARÍA..., 1952–1956).

Satostegui, a propósito, viajou outras vezes com o objetivo de ampliar o alcance comercial do FCE, chegando a se firmar, nos anos seguintes, como uma figura essencial na

projeção internacional da editora. Além de realizar as negociações no Brasil, ela viajou ao Chile cerca de três meses depois e foi a responsável pela organização da sucursal chilena do FCE, fundada em 1954, e da sucursal de Madrid, inaugurada em 1963. Satostegui gerenciou a sucursal chilena de 1954 a 1956 e, em seguida, sucedeu Etcheverry como gerente da sucursal de Buenos Aires,⁶⁵ cargo que ocupou até falecer, em 17 de outubro de 1985. A atuação de María Elena Satostegui, junto à de Delia Etcheverry, evidencia o protagonismo feminino na administração das sucursais do FCE.⁶⁶

Além disso, Arnaldo Orfila Reynal e María Elena Satostegui haviam sido casados durante o período de 1940 a 1951 e imprimiram uma relação de proximidade na troca epistolar que ora analisamos. No desenrolar das tratativas comerciais no Brasil, os missivistas estabeleceram uma correspondência limitada a temas profissionais, mas aberta a marcas de oralidade e a comentários informais e jocosos. Afinal, cartas são gêneros híbridos e rebeldes, e mesmo uma correspondência com objetivos profissionais é sempre infiltrada pela representação que os missivistas possuem da relação que cultivam (HAROCHE-BOUZINAC, 2016).

Ademais, a construção das mensagens se entrelaça com as condições técnicas da escrita – Satostegui teceu reclamações bem-humoradas sobre a má qualidade da máquina de escrever que arranjava na viagem –, e o sucesso da comunicação estava sujeito às condições postais. Uma vez que as cartas recebidas na casa matriz do FCE possuem carimbo com a data do recebimento, percebemos que, após datadas, as missivas de Satostegui tardavam de oito a dez dias para chegar ao México. Orfila, então, ressaltou: “[...] tampoco dejes de cablegrafiar en caso que consideres necesario una aclaración con urgencia, pues estamos viendo que las cartas demoran casi una semana y de otra manera habría mucha pérdida de tiempo.” (MARÍA..., 1952–1956).

Prosseguindo com a carta de 8 de março de 1952, Orfila informou que o Fondo estava em negociação com duas firmas interessadas em representá-lo: a Livro Ibero Americana e a Mestre Jou. Em sua avaliação, a Livro Ibero Americano possuía a localização como um ponto favorável, uma vez que se situava na capital, Rio de Janeiro. E, como desvantagem, a situação de que ainda não havia efetuado o pagamento de uma transação comercial que realizara com o

⁶⁵ Informações obtidas nas atas das reuniões da Junta de Governo de 20 de outubro de 1953 e de 3 de janeiro de 1956.

⁶⁶ María Elena Satostegui (1916–1985) era de nacionalidade argentina e se graduou em contabilidade pela Universidade Nacional de La Plata (UNLP). Assim como Arnaldo Orfila Reynal e Delia Etcheverry, militou no Partido Socialista da Argentina. Era amiga próxima de Etcheverry desde seus tempos de estudante secundarista (VARGAS, 2013). Sobre a trajetória de Satostegui e sua atuação no FCE, ver Vargas (2013) e Sorá (2017, p. 129-143).

FCE em setembro de 1951. De todo modo, Orfila manifestou que se inclinava a concretizar a representação com a firma Mestre Jou e que Satostegui somente deveria se reunir com a Livro Ibero Americano caso as negociações com a primeira fracassassem.

Na bibliografia e nas fontes pesquisadas, encontramos poucas informações sobre a Livro Ibero Americano. De acordo com Ubiratan Machado (2012), a empresa instalou-se no Rio de Janeiro em 1946, especializando-se na importação de livros espanhóis e hispano-americanos e tornando-se representante da editora espanhola Espasa-Calpe. Além disso, uma busca realizada nos diários oficiais da União e dos estados acusou registros de atividades da empresa desde 1949. Em 1952, não sabemos se a Livro Ibero Americano funcionava como livraria, editora, ou apenas como distribuidora; mas, em 1958, já atuava no ramo da edição, pois é possível encontrar livros publicados pela casa a partir daquele ano.⁶⁷ As informações trazidas por Orfila Reynal na carta em análise apontam que a Livro Ibero Americano também contava com uma filial em São Paulo. Ademais, o trabalho de Martin Gonçalves (2012), ao realizar uma cartografia das livrarias do centro de São Paulo, sinaliza que, em 1959, a empresa tinha endereço naquela cidade.

Já a firma Mestre Jou, dirigida pelo espanhol Felipe Mestre Jou, iniciou suas atividades comerciais na segunda metade da década de 1940. Conhecer o desenvolvimento dessa firma e alguns pontos da trajetória de seu administrador nos auxilia a compreender a preferência de Orfila Reynal por lhe outorgar a representação. Com essa perspectiva, uma pesquisa realizada nos Diários Oficiais nos possibilitou encontrar dados da Mestre Jou e Cia. Ltda. a partir de 1946 e apreender que se tratava de uma empresa do ramo de importações e exportações diversas.

Naquele período, a Mestre Jou e Cia. solicitou autorização para exportar tapioca e açúcar cristal e para importar, entre outros, frutas secas, amêndoas, licores, vinhos e água mineral.⁶⁸ A partir de novembro de 1946, também encontramos registros da Mestre Jou na imprensa periódica paulista e carioca, anunciando, entre outros, os serviços de importação de vinhos espanhóis e de envio de víveres para a Europa.⁶⁹ Já em 1952, a Mestre Jou ampliou ainda mais seu campo de atuação ao fundar a Cerâmica Mestre Jou, sociedade anônima cujo diretor presidente era o “Eng. Felipe Mestre Jou”. Além disso, ao menos desde 1950, os livros passaram a compor a gama de artigos comercializados pela empresa. Em 1950, identificamos,

⁶⁷ Busca realizada no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais, no Catálogo de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional e no site Estante Virtual.

⁶⁸ Alguns exemplos constam nos diários oficiais da União (DOU) de 9 de setembro de 1947; de 3 de junho de 1950; de 3 de julho de 1950; de 6 de setembro de 1950; e de 11 de julho de 1951.

⁶⁹ Busca realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 4 jun. 2022.

nos periódicos consultados, o primeiro anúncio no qual, em conjunto com “vinhos espanhóis”, a Mestre Jou ofertou “livros técnicos”.⁷⁰ Foi também a partir de 1950 que os diários oficiais registraram vendas da Mestre Jou à Universidade de São Paulo (USP), ainda que não especificassem o tipo de produto vendido.

Nos primeiros anos de atuação, portanto, a Mestre Jou e Cia. Ltda. configurou-se como uma distribuidora de produtos diversos que agregou a distribuição de livros entre suas atividades. É notável que o endereço comunicado nos anúncios de produtos alimentícios seja o mesmo que Arnaldo Orfila Reynal havia informado na carta remetida a Satostegui: Rua João Brícola, 24. Tratava-se do edifício do Banco do Estado de São Paulo, imponente prédio comercial no centro da cidade. A Mestre Jou localizava-se no 23º andar. Em 1953, a Mestre Jou já contava com uma filial no Rio de Janeiro, situada na Rua Senador Dantas, 76 – sala 207, e outra em Salvador, na Rua Misericórdia, 01. Nos anos seguintes, ainda que a firma tenha seguido no ramo de importações e exportações variadas, a atividade livreira foi se ampliando. Afinal, ao menos desde 1956, a Mestre Jou contou com uma livraria na Rua Martins Fontes, 99 – sendo esse um estabelecimento comercial aberto para a rua, o que possibilitava maior visibilidade. Já em 1959, inaugurou outra livraria em São Paulo, na Rua Augusta, 2.813, e uma no Rio de Janeiro, na Travessa do Ouvidor, 14.⁷¹

A partir de 1958, as atividades livreiras da Mestre Jou se ampliaram também para o ramo da edição. Em agosto daquele ano, a Mestre Jou e Cia. Ltda. se transformou em Mestre Jou S.A. – Importação e Comércio, e o estatuto da nova sociedade descrevia a seguinte área de atuação:

A sociedade tem por objeto a importação, exportação, representações, comércio por atacado e varejo de livros, bebidas, material cerâmico, plantas, ervas e raízes em geral, gêneros alimentícios, bem como a edição de livros. (DIÁRIO..., 1958, p. 77).

Por mais que tenhamos identificado um livro editado, em 1953, pela “Mestre Jou e Cia. Ltda.”, a ocorrência de outras obras publicadas pela firma data mesmo de 1958 em diante – nesse momento, já com a identificação e o logotipo da “Editôra Mestre Jou”.⁷² Em abril de

⁷⁰ Anúncio veiculado na edição de jan./fev./mar. de 1950 da *Revista da Cruz Vermelha Brasileira*, do Rio de Janeiro/RJ.

⁷¹ Na edição de 12 de dezembro de 1959 do periódico *Suplemento Literário*, de São Paulo, a Mestre Jou anunciou a abertura da livraria na Travessa do Ouvidor, Rio de Janeiro, e convidou para a inauguração da livraria da Rua Augusta.

⁷² Busca realizada no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais, no Catálogo de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional e no site Estante Virtual. O livro editado, em 1953, pela Mestre Jou e Cia. consta do acervo da Biblioteca Nacional, tem como título “O Livro e o Livreiro” e é de autoria de Gregório

1960, a atividade livreira e editorial da Mestre Jou separou-se dos demais ramos de atuação da empresa, pois foi constituída uma nova sociedade anônima voltada especificamente para o comércio e a edição de livros: a “Livrarias Mestre Jou S/A”.⁷³ As edições da casa foram, então, se avolumando a ponto de a Mestre Jou se firmar no mercado editorial brasileiro de livros técnicos e universitários.⁷⁴ As livrarias, por sua vez, foram se multiplicando: em São Paulo, a firma chegou a contar com mais uma livraria na Rua Augusta, uma na Rua Guaipá, 512, e outra na Rua 7 de abril, 172.

Felipe Mestre Jou, o administrador e sócio majoritário das empresas Mestre Jou, nasceu em 1903, na província de Tarragona, região da Catalunha, Espanha.⁷⁵ Segundo Meritxell Marsal (2014), ele possuía cargos no governo republicano espanhol e se trasladou ao Brasil, como exilado da Guerra Civil Espanhola, após uma passagem pela França e por Portugal.⁷⁶ Em dezembro de 1945, conforme consta em seu registro de estrangeiro, Felipe Mestre Jou foi admitido no território brasileiro em caráter permanente. A ficha informa que seu passaporte havia sido concedido em Marselha, na França, e o identifica como de nacionalidade chilena.⁷⁷ De acordo com informações obtidas com sua família, Felipe Mestre Jou encontrou refúgio e trabalho na Embaixada Chilena da França durante o exílio, o que poderia explicar que, em muitos documentos, inclusive em seus registros de estrangeiro, ele apareça com essa nacionalidade.

Engenheiro de formação, ao fixar residência no Brasil, a profissão de Felipe Mestre aparece como “técnico”, e o local de trabalho informado foi a firma Rodriguez Rivas Filho Co. Ltda., que também atuava no ramo de exportações.⁷⁸ Nas décadas de 1960 e 1970, nos requerimentos de saída do Brasil para viagens, a profissão de Felipe Mestre Jou variou entre

Marañon. O segundo livro que identificamos, editado já em 1958 pela editora Mestre Jou, é intitulado “Namôro com Themis”, de autoria de Luís Washington Vita. Ele foi encontrado por meio de busca no site Estante Virtual, realizada em 30 de junho de 2022.

⁷³ Estatuto de criação da Sociedade Anônima publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 7 de abril de 1960.

⁷⁴ Em 1969, ao lado da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, a produção da Mestre Jou foi de 21 livros (HALLEWELL, 2005).

⁷⁵ Informações obtidas por meio de contato realizado com a família de Felipe Mestre Jou, a quem agradecemos a disponibilidade em ajudar.

⁷⁶ Os trabalhos de Elda Martínez (1992, 2000) traçam um panorama sobre a imigração espanhola em direção ao Brasil no período de 1820 a 1969. Sem desconsiderar a presença de alguns exilados da Guerra Civil, os dados analisados pela autora revelam que o deslocamento de espanhóis para o Brasil teve um caráter marcadamente econômico (busca de emprego e de melhores condições de vida) e que São Paulo foi o destino da maioria dos imigrantes.

⁷⁷ Fichas da Delegacia Especializada de Estrangeiros, digitalizadas pelo Family Search e sob guarda do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁷⁸ Conforme solicitações de autorização para exportar publicadas nos Diários Oficiais da União de 7 de novembro de 1942, 29 de março de 1943 e 6 de junho de 1946.

adido cultural; engenheiro; engenheiro e adido cultural do México; comerciante; e, já nos anos 1970, editor. Ao menos nos requerimentos que foram preservados, não há menção à sua ocupação como “livreiro”. Ademais, a variedade de profissões informadas provavelmente guarda relações com a pluralidade de negócios nos quais Felipe Mestre Jou atuou. De resto, Felipe Mestre também foi promotor da cultura catalã em São Paulo, participando da Sociedade Paulista de Cultura Catalã e impulsionando a publicação da *Revista de Catalunya*, no ano de 1956 (MARSAL, 2014). Em setembro de 1980, Felipe Mestre Jou faleceu, e suas livrarias foram fechando uma a uma, até que a empresa encerrou as atividades.

Em 1952, contudo, a firma Mestre Jou ainda trilharia um longo caminho no mundo da edição e do comércio livreiro. Naquele momento, para lhe outorgar a representação exclusiva do Fondo de Cultura Económica no Brasil, Orfila Reynal confiou a Satostegui que um ponto contra a Mestre Jou seria a localização, pois, ao contrário da Livro Ibero Americano, sua casa matriz era em São Paulo, e não na capital, Rio de Janeiro. Nesse sentido, Orfila sugeriu que, estando no Brasil, Satostegui teria meios de avaliar se São Paulo seria uma praça tão importante quanto o Rio para a comercialização dos livros do FCE.

Em que pesasse a questão da localização, Orfila explicou que se inclinava a concretizar a representação com a Mestre Jou porque Felipe Mestre havia viajado ao México e visitado a editora, provavelmente, em 1949. Em seguida, começou a realizar compras de livros do Fondo por intermédio de Grijalbo, de modo que: [...] desde hace más de un año han hecho compras de bastante importancia, lo que nos muestra que ya han trabajado nuestros libros.” (MARÍA..., 1952–1956). A menção refere-se à Editora Grijalbo, fundada em 1949, no México, pelo editor e político espanhol Joan Grijalbo (1911–2002). Joan Grijalbo nasceu na mesma província que Felipe Mestre Jou, Tarragona, e, no contexto da guerra civil, antes de se estabelecer no México, também se exilara na França (SOLER; GARCÍA, 2016). As coincidências na trajetória dos dois sujeitos podem ter atuado como pontos de aproximação entre eles nas tratativas comerciais. Afinal, Orfila explicou que as compras eram realizadas como por qualquer cliente local, uma vez que Grijalbo efetuava os pagamentos em moeda mexicana e enviava a mercadoria à Mestre Jou por sua conta.

Somado à vantagem de já vir comercializando os livros do Fondo, Orfila explicou que a Mestre Jou havia sido recomendada por Francisco Giner de los Ríos, que era amigo de seu dono e gerente: Felipe Mestre Jou. Giner de los Ríos foi um dos intelectuais espanhóis exilados no México, após a Guerra Civil Espanhola, que encontrou espaço de atuação no Colegio de México e no FCE. Ele foi, inclusive, o responsável por impulsionar a coleção de poesias e

contos Tezontle (1940), sendo de sua autoria o livro que a inaugurou.⁷⁹ Como já apontamos, Felipe Mestre Jou também se exilou em razão da Guerra Civil Espanhola, ainda que não tenha estabelecido moradia no México, e sim no Brasil. Não sabemos em que circunstâncias Giner de los Ríos e Mestre Jou se conheceram, mas a menção à amizade entre eles, na carta, evidencia os vínculos entre sujeitos situados em diferentes nações.

Nessa perspectiva, o deslocamento de variados agentes históricos da Espanha para a América e a circulação desses sujeitos pelo espaço latino-americano criaram e/ou fortaleceram conexões que transcenderam as fronteiras nacionais e facilitaram as trocas culturais e editoriais, mas, de igual maneira, abriram espaço para o estabelecimento de relações comerciais. No caso do Fondo de Cultura Económica, a influência das conexões transnacionais está posta no que se refere ao ofício dos escritores e tradutores, à elaboração de coleções e às políticas editoriais, mas também vai se evidenciando na montagem do sistema de distribuição dos livros da casa pela América Latina. Atrelada à circulação dos próprios livros, a difusão continental da editora propiciou e foi propiciada pelo trânsito de sujeitos pelas fronteiras latino-americanas e pela mobilização de conexões entre pessoas situadas em diferentes nações. Os contatos entre sujeitos espalhados pelo continente foram mobilizados para solicitar recomendações, realizar intermediações e, assim, auxiliar no estabelecimento das representações exclusivas do FCE nos diferentes países da geografia latino-americana.⁸⁰

Assim, foi munida dessas recomendações e de um vasto quadro de impressões montado por Orfila Reynal, que María Elena Satostegui iniciou suas “andanzas” pelo Rio de Janeiro. Em 18 de março de 1952, ela escreveu uma breve carta a Orfila dando notícias de suas primeiras providências e informando que estava acertando para que Felipe Mestre Jou viajasse ao Rio de Janeiro com o objetivo de conversar sobre a representação. Três dias depois, em 21 de março, Satostegui redigiu outra missiva, na qual informou que estava encaminhando os trâmites para

⁷⁹ Francisco Giner de los Ríos (1916–1995) foi um poeta espanhol exilado, no México, em 1939. No FCE, trabalhou como tradutor e prefaciador de autores como Comte e Tawney. Era sobrinho-neto do também Francisco Giner de los Ríos (1839–1915), este último jurista e pedagogo fundador da Institución Libre de Enseñanza, na Espanha, em 1876. Uma breve trajetória de Francisco Giner de los Ríos (sobrinho-neto) pode ser encontrada em Valender e Leyva (2006, p. 423-436).

⁸⁰ Para o objetivo singular desta pesquisa, sinalizamos a mobilização de vínculos transnacionais nas tratativas comerciais com o Brasil. Entretanto, foi possível notá-los também no estabelecimento da representação exclusiva do FCE no Chile, concedida ao exilado espanhol José Loredó Aparicio, e na outorga da representação exclusiva na Argentina à Losada, que contou com a intermediação de Pedro Henríquez Ureña – essa última explorada no trabalho de Anguiano (2019). Tais observações, a nosso ver, possibilitariam o desdobramento de outras pesquisas que, por um lado, se aprofundassem na dinâmica das conexões transnacionais no que se refere à expansão comercial do FCE para o Brasil e, por outro, se debruçassem sobre a mobilização de vínculos no processo de estabelecer os distribuidores exclusivos em outros países da América Latina, como Colômbia, Peru e o próprio Chile.

cobrar a dívida pendente da Civilização Brasileira e da Livro Ibero Americano. Naquele momento, ela também já havia visitado a filial da Livraria e Editora do Globo no Rio de Janeiro e conversado com o gerente Maurício Rosenblatt. A respeito dessa incumbência, o que primeiramente ela anunciou foi: “Vamos a tener desagradados con el stock”. Afinal, o estoque de livros do FCE que deveria ser transferido àquela que seria a nova representante estava, segundo a explicação de Satostegui, em mau estado de conservação. Seguindo com a missiva, comentou que, enquanto escrevia, aguardava a chegada de Felipe Mestre ao Rio, pois eles iriam se reunir naquele dia para dialogar a respeito dos negócios de distribuição. Posteriormente, a contadora pretendia ir a São Paulo para conhecer a casa de Mestre Jou e analisar os livros contábeis, pois, conforme frisou: “de contabilidad se entiende”.

Satostegui escreveu outra carta no mesmo dia 21 de março, após concluir uma reunião de três horas com Felipe Mestre Jou. Nessa mensagem, ela relatou que os temas da reunião giraram em torno da avaliação do estoque que deveria ser transferido à Mestre Jou caso a firma obtivesse a representação do FCE e sobre as formas de se conseguirem divisas para realizar os pagamentos dos livros que seriam encomendados. Satostegui comentou, ademais, que, além de efetuar compras por intermédio da Editora mexicana Grijalbo, Mestre Jou havia comprado na Argentina, o que reforça a alegação da Editora e Livraria do Globo, antiga representante, a respeito das dificuldades postas pela concorrência argentina. A esse respeito, Satostegui esclareceu a Orfila que informara a Mestre Jou sobre a impossibilidade de continuar comprando da Argentina ou — podemos interpretar — ao menos de continuar comprando por meio da sucursal argentina do FCE, o que seria uma forma de melhor observar os limites do sistema de distribuição referente a cada país/região.

Destacando os contatos em comum, Satostegui comunicou a Orfila que Felipe Mestre “conoce mucho a López” e “conoce mucho a Aznar por relaciones comerciales”. Em razão das poucas informações fornecidas na carta, não foi possível obter pistas de quem seria López, mas Aznar, provavelmente, era Luís Aznar, escritor argentino que redigiu um dos prefácios de obras da coleção Biblioteca Americana (1947). Companheiro de Orfila Reynal no colégio e na vida universitária, Aznar militou no Partido Socialista, da Argentina, assim como Orfila, Delia Etcheverry e Satostegui (SORÁ, 2017). Em junho de 1945, Luís Aznar passou a atuar como gerente da Editora Nova, de Buenos Aires. A Nova havia sido fundada, em 1942, por um grupo de exilados espanhóis e, após o ingresso de Luís Aznar, voltou sua orientação editorial para livros técnicos (SOLER; GARCÍA, 2016). O posicionamento de Aznar no mercado editorial

argentino e o interesse de Felipe Mestre Jou em comercializar livros técnicos justificam que eles se conhecessem por relações comerciais.

As impressões expressas por María Elena Satostegui após a reunião presencial com Felipe Mestre Jou foram bastante positivas. Em diferentes parágrafos da carta enviada a Orfila, ela redigiu trechos como: “Me impresiona como gente seria y creo que se puede confiar” ou “Me impresiona como gente responsable” (MARÍA..., 1952–1956). Satostegui, ademais, elaborou impressões a respeito da identificação de Felipe Mestre Jou com o Fondo de Cultura Económica para além do evidente interesse comercial: “Tiene gran simpatía por el Fondo y muchos deseos de imponerlo. Espontáneamente, inició la venta de los libros del Fondo porque le interesa la institución.” (MARÍA..., 1952–1956). No que concerne à Livro Ibero Americano – a outra opção para um possível acordo de distribuição –, teceu considerações muito breves, mencionando apenas que: “La gente del Libro Ibero Americano es gente de la Embajada Española.” (MARÍA..., 1952–1956).

Satostegui sinalizou que, no dia seguinte, um domingo, ela continuaria os diálogos com Felipe Mestre “a pesar del asado que tenía proyectado en Teresópolis” porque ele já retornaria a São Paulo na segunda-feira. Não há registros de outra carta redigida por ela após a planejada conversa. Os diálogos e as impressões já desenrolados por Satostegui na carta de 21 de março, contudo, foram suficientes para fundamentar a decisão do diretor Arnaldo Orfila Reynal, que estava autorizado pela Junta de Governo a firmar, nos melhores termos, o contrato de distribuição no Brasil. Assim, em 1º de abril, Orfila enviou um telegrama a Satostegui, o que garantiria uma comunicação mais veloz, e informou que estava de acordo em entregar a representação do FCE à Mestre Jou. Datada de 31 de março de 1952, seguiu também uma carta na qual, livre das limitações de espaço de um telegrama, foi possível desenvolver o tema em mais detalhes.

Na missiva de 31 de março, Orfila orientou Satostegui sobre os argumentos que ela deveria mobilizar para explicar à firma Livro Ibero Americano os motivos de o Fondo não lhes ter concedido a representação. Entre as razões elencadas, apontou, novamente, a viagem de Felipe Mestre ao México, em 1949, como um fator que colaborou para o acordo comercial:

Será necesario que les diga que la demora excesiva que ellos han tomado para toda su correspondencia e incluso para la liquidación de esa primera compra con la cual actuamos tan liberalmente con ellos han hecho que la Junta considere el otro pedido de representación que estaba en pie desde 1949 y para conseguir la cual hasta vino aquí uno de sus representantes – como en realidad lo hizo el señor Mestre. (MARÍA..., 1952–1956).

Em seguida, Orfila reiterou a outorga da distribuição exclusiva dos livros do Fondo de Cultura Económica no Brasil à Mestre Jou e Cia. Ltda., decisão que, em 29 de agosto de 1952, foi também comunicada na reunião da Junta de Governo da casa editorial. Estava iniciada, assim, uma relação comercial que perduraria por mais de vinte anos, mas que, naquele momento, se configurava apenas como uma nova aposta. Ao sintetizar sua decisão na carta, Arnaldo Orfila Reynal expressou que o Fondo estava realizando uma “cuarta prueba”, alusão às dificuldades enfrentadas no movimento inicial de expansão para o Brasil:

La impresión que me trasmities [Satostegui] coincide con la que aquí tenemos y como los informes bancarios que nos suministra el Banco de México son muy favorables, queremos hacer esta cuarta prueba en ese país, a ver si tenemos mejores resultados. (MARÍA..., 1952–1956).

1.4 A Mestre Jou como representante exclusiva do FCE no Brasil

Ainda no Rio de Janeiro, María Elena Satostegui escreveu uma nova carta a Arnaldo Orfila Reynal, em 1º de abril de 1952, a partir do telegrama que acabara de receber com o comunicado de outorga da representação a Mestre Jou. Como esperado, a carta que Orfila redigiu em 31 de março, detalhando a questão, demorou mais tempo para atravessar a América e chegar às mãos de Satostegui. Na missiva a Orfila datada no dia 1º, ela informou que havia recebido, de alguns bancos no Brasil e nos Estados Unidos, informações de que a Mestre Jou e Cia. eram bons pagadores e com muita sagacidade para os negócios e, novamente, exprimiu suas boas impressões a respeito da firma: “De todos modos pienso que en este momento, de la gente que anda en la materia, es el más conveniente y serio.” (MARÍA..., 1952–1956). Além disso, Satostegui redigiu uma carta ao “Señor Mestre Jou”, da qual enviou cópia anexa a Orfila Reynal. Na missiva a Felipe Mestre, ela comunicou que o Fondo estava de acordo em confiar-lhe a distribuição exclusiva de seus livros no Brasil e avisou que planejava ir a São Paulo no fim da semana seguinte, viagem que serviria para analisar a contabilidade e acompanhar a transferência do estoque.

O acordo comercial com a Mestre Jou estava, portanto, se formalizando. Porém, o que significava, no contexto dos anos 1950, ser um representante exclusivo da editora mexicana Fondo de Cultura Económica? Que regras e acordos regeriam a distribuição no Brasil? Ou ainda, nas palavras de Robert Darnton (2010), “Como se afigurava o negócio para as pessoas envolvidas nele?” (p. 151). Ao dissertar sobre alguns pontos da expansão comercial do FCE,

no tópico 2, vimos como se dava o funcionamento geral do sistema de representações da editora, nos anos 1940, e observamos que a prática era conceder um desconto de 50% aos agentes exclusivos em lugar dos 30% que antes eram oferecidos aos livreiros que compravam diretamente. Cerca de dez anos depois, contudo, as condições propostas aos representantes poderiam ter sofrido modificações. Ademais, há a possibilidade de que tais condições se ajustassem a características específicas do comércio livreiro de cada país com o qual o FCE comercializava.

Nessa perspectiva, para melhor compreendermos a circulação dos livros do FCE no Brasil, por meio da atuação da Mestre Jou, importa analisarmos as condições contratuais que regularam aquela atividade de distribuição. Infelizmente, o contrato não foi preservado nos acervos consultados, mas a própria troca epistolar entre Arnaldo Orfila Reynal e María Elena Satostegui traz discussões que nos permitem tecer um quadro a respeito das regras contratuais. Além disso, a correspondência tem a qualidade de nos permitir acompanhar como os sujeitos envolvidos no negócio desenrolaram a negociação entre acordos e tensões, e não apenas o desfecho formalizado em um documento contratual.

Em primeiro lugar, cabe reiterar que, assim como ocorria em relação às outras representações, a atuação da Mestre Jou como distribuidora exclusiva do FCE significava que ela compraria os livros diretamente da casa matriz e os distribuiria para todas as livrarias brasileiras interessadas em comercializá-los, além de vendê-los nas próprias livrarias Mestre Jou, as quais, como vimos, ganharam o mercado carioca e foram se espalhando pelo centro de São Paulo. Desse modo, mobilizando o circuito de comunicação elaborado por Robert Darnton (2010) para analisar a transmissão das mensagens impressas, podemos interpretar que a Mestre Jou se inseria em dois pontos dentro do circuito: como distribuidores e como livreiros.

Por consequência, a Mestre Jou estava sujeita às influências internas e externas que, juntas ou separadamente, atuavam nas atividades de distribuidores e de livreiros. No que tange às influências internas, que são aquelas diretamente relacionadas à transmissão do texto, a Mestre Jou era afetada, entre outras, pela disponibilidade das obras na casa matriz e pelo regime de pagamento a ser aplicado, pelas condições de transporte dos livros, pela necessidade de instalar um depósito e acomodar as obras, pela exigência de se vincular às livrarias brasileiras, organizando um sistema de distribuição interno, e pelo imperativo de avaliar a demanda, desenvolver estratégias de divulgação e lograr comercializar os livros, dando prosseguimento à circulação desses impressos e desenvolvendo o seu negócio. Já no que concerne às influências

externas, a Mestre Jou seria afetada, por exemplo, pelas influências culturais e intelectuais, pelo desenvolvimento do ensino universitário no Brasil, mas também pelas conjunturas econômicas.

Tal explanação ganha sentido uma vez que alguns desses fatores que atingem a distribuição e o comércio de livros já apareciam nas discussões contratuais que regeriam as ações da Mestre Jou como representante do FCE — principalmente o regime de pagamentos, a avaliação da demanda e a influência de conjunturas econômicas. A troca epistolar entre María Elena Satostegui e Arnaldo Orfila Reynal evidencia que as negociações se iniciaram antes mesmo de ela viajar ao Brasil e prosseguiram após a outorga da representação. Na primeira carta que Orfila lhe enviou, datada de 8 de março de 1952, o diretor já explicitava as condições inicialmente oferecidas pela Mestre Jou para firmar o negócio: garantia de venda de 10 mil dólares anuais, aquisição de 200 exemplares de cada novidade editada pelo FCE e aquisição do estoque que estava sob poder da Editora e Livraria do Globo sem, contudo, precisar em que termos.

A proposta de a Mestre Jou vender 10 mil dólares por ano era bastante expressiva. Afinal, uma estatística de vendas do período de 1946 a 1952, apresentada na reunião da Junta de Governo de setembro de 1952, demonstrou que o ano em que o Fondo mais havia vendido no Brasil, até aquele momento, gerara um valor de 4.184,05 dólares, o que ocorreu em 1950, quando a Globo era a representante. Além disso, até aquele momento, a editora não havia alcançado a marca de 10 mil dólares anuais em nenhum dos países apresentados na estatística, com exceção da sucursal argentina, cujos números de vendas eram bem maiores e analisados em separado.⁸¹ Ainda em relação aos termos da negociação, Orfila adiantou que o Fondo estava disposto a oferecer um regime de pagamento de 50% em 30 dias e 50% em 60 dias, a ser aplicado tanto para as novidades quanto para as reposições. Além disso, concordava com o serviço de novidades fixado em 200 exemplares, aceitando que essa cifra diminuísse nos casos de “obras de interés más reducido o localizado a algún país o tema de mucha especialización.” (MARÍA..., 1952–1956).

As condições oferecidas evidenciam, portanto, que não se tratava de um negócio em consignação, no qual a Mestre Jou pudesse encomendar livros ao Fondo e devolvê-los caso os clientes não se interessassem por eles. Ao contrário, os livros seriam efetivamente vendidos à Mestre Jou, que deveria realizar uma boa avaliação da demanda e arcar com os riscos do negócio. Ademais, é possível depreender que, por mais que a quantidade de exemplares pudesse

⁸¹ Os países apresentados na estatística de vendas são Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Peru, Porto Rico, Venezuela e Uruguai.

variar e estivesse sujeita à negociação, o serviço de novidades em si era uma imposição vinculada à representação exclusiva.

Podemos interpretar que o direito de exclusividade concedia benefícios ao livreiro e distribuidor, uma vez que ele teria a oportunidade de distribuir os livros em um país ou região, em teoria, sem que houvesse concorrentes e, na prática, contando com uma significativa diminuição da concorrência.⁸² Em contrapartida, ainda que houvesse margem de negociação, o distribuidor se dispunha a aceitar algumas condições que nem sempre seriam as mais vantajosas para seu negócio – o que se insere numa relação de poder entre a editora/editor, que decide a quem conceder a exclusividade de distribuição de seus livros, e o distribuidor/livreiro, que pleiteia tal exclusividade. O serviço de novidades insere-se nessa lógica, pois a Mestre Jou se comprometeria a adquirir exemplares de todas as obras recém-editadas pelo FCE, mesmo aquelas cujas temáticas pudessem não coincidir com os gostos e interesses dos potenciais leitores brasileiros.

Já a respeito do estoque que se encontrava no Brasil, Orfila informou, ainda na primeira missiva enviada à Satostegui, que seria possível conceder um desconto de 50% sobre o preço de catálogo com pagamento em 180 dias, mas que seria necessário aclarar de que forma a Mestre Jou pretendia adquiri-lo. Isso porque o Fondo não via inconvenientes em aceitar a devolução de livros considerados invendíveis “para limpiar ese stock lo más posible de cosas inútiles”, mas não aprovaria a devolução de obras com valor permanente — e Orfila entendia que 90% do catálogo do Fondo possuía valor permanente. Por fim, enfatizou que seria necessário que Satostegui averiguasse as formas como Mestre Jou pretendia obter divisas para liquidar as compras. Afinal, por se tratar de um comércio internacional, os pagamentos precisariam ser convertidos para o dólar.

Conforme narrado na segunda carta que Satostegui escreveu a Orfila na data de 21 de março, a contadora teve a oportunidade de dialogar sobre as condições postas e realizar as averiguações durante a longa reunião que teve com Felipe Mestre. No que concerne à obtenção de divisas, Satostegui já havia se inteirado dos trâmites e os explicou a Orfila da seguinte forma: uma vez que a mercadoria chegasse ao Brasil acompanhada da fatura, a firma importadora realizaria o pedido de transferência de fundos no Banco do Brasil. Após autorização do Banco, a firma efetuaria o depósito em cruzeiros. Segundo Satostegui, esse era um procedimento

⁸² Mesmo um contrato de distribuição exclusiva dificilmente impediria em absoluto que os livros do FCE fossem comercializados no Brasil por outras rotas de distribuição. No decurso da representação, Felipe Mestre Jou denominou de “infiltrações” esses meios não oficiais de chegada dos livros da editora ao País, o que analisaremos melhor no capítulo 2. Em que pese as “infiltrações”, não há dúvida de que um contrato de exclusividade reduz de modo expressivo a concorrência.

rápido, que poderia ocorrer no mesmo dia. Contudo, após efetuar o depósito, a firma entrava em uma fila à espera de que houvesse os dólares necessários para a transferência. Tal trâmite, que costumava levar uma semana, naquele momento tardava de dois a três meses.

A demora na obtenção de divisas relacionava-se a uma crise cambial que havia se instaurado no Brasil, no ano de 1951, e abarcava todos os ramos de importação. Sobre aquele contexto econômico, Marcelo Abreu (2013) elucida que, iniciado o segundo governo de Getúlio Vargas (1951–1954), o ministro da Fazenda nomeado, Horácio Lafer (1900–1965), avaliou que o controle de importações existente no Brasil causava restrições na oferta de bens, passando a promover uma política de expansão da emissão de licenças para importar. Tal resolução acarretou um *boom* de importações no País unido a uma acumulação de pagamentos atrasados, pois, “[...] embora os importadores brasileiros tivessem liquidado seus compromissos em cruzeiros, o Banco do Brasil não dispunha de cobertura cambial para liquidar os débitos.” (p. 207). Tal circunstância, conforme explicado por Satostegui, era o que teria motivado os atrasos no pagamento da dívida contraída pela Livro Ibero Americano, sendo também o que justificava as averiguações solicitadas por Orfila Reynal.

Ao consultar Felipe Mestre sobre a questão cambial, ele teria dito a Satostegui que o problema não era tão grave como pintavam os comerciantes brasileiros e que muitas vezes a dificuldade de transferência era utilizada pelos importadores como argumento para justificar atrasos de pagamento. Ademais, Satostegui informou que Felipe Mestre lhe confidenciara possuir cerca de 500 dólares em poder de Grijalbo (o editor conterrâneo com quem fazia negócios do México para o Brasil) e que já havia ordenado que o valor fosse transferido a Nova York.

Na narrativa de Satostegui, o outro ponto longamente discutido com Felipe Mestre Jou se referia às condições de aquisição do estoque que estava no Brasil. Ela salientou que Mestre Jou já estava ciente do mau estado de conservação de parte desse estoque e que sobre os livros em más condições “ni hablar”, ou seja: não haveria espaço para negociação. Partindo, então, do pressuposto de que o interesse se limitaria às obras em bom estado de conservação, informou o seguinte:

Hemos analizado todos los títulos y según su opinión [de Felipe Mestre] más o menos el 50% es invendible en Brasil. Los que se refieren a problemas de América Latina, por ejemplo. Le interesa toda economía, historia, filosofía, sociología. (MARÍA..., 1952–1956).

Satostegui corroborou a avaliação do distribuidor e livreiro, argumentando em alusão ao percentual posto por Orfila na missiva anterior: “Yo también opino que el 90% de nuestro catálogo tiene valor permanente, pero para América Latina o para un Brasil de cultura más extendida.” (MARÍA..., 1952–1956). As menções às temáticas que apresentariam boa acolhida comercial reforçam a hipótese de que o Brasil carecia de livros especializados traduzidos, de modo que as traduções para o espanhol empreendidas pelo Fondo de Cultura Económica poderiam auxiliar a suprir a demanda existente. Ao mesmo tempo, as avaliações, ainda que fossem individuais, afirmam que os livros referentes aos “problemas da América Latina” não despertariam interesse nos potenciais leitores brasileiros, sugerindo que, nos anos 1950, o ideal de um conhecimento sobre a realidade latino-americana que se difundisse por todos os países dessa geografia cultural poderia não encontrar suficiente ressonância entre os estudiosos brasileiros. Satostegui, inclusive, não inseriu o Brasil em sua concepção de América Latina ao opinar que a maior parte do catálogo do FCE teria valor permanente para a América Latina *ou* para um Brasil de cultura mais ampla.

Além disso, a análise de Felipe Mestre Jou a respeito de quais seriam os interesses dos leitores brasileiros reforça o entendimento do livreiro – no caso, distribuidor-livreiro – como um dos principais agentes situados entre a oferta e a demanda (DARNTON, 2010), ou, em outras palavras, como um dos mediadores que opera entre os saberes e a difusão dos saberes.⁸³ Afinal, o livreiro avalia a demanda e a comunica aos editores e/ou distribuidores, ao mesmo tempo que recomenda livros e orienta os gostos dos leitores. Tal processo de avaliação e seleção não é neutro, pois o livreiro projeta suas próprias apreciações ou decide por silenciá-las. Além disso, não se trata de um processo isento de conflitos de avaliação, seja em relação aos editores ou em relação à real demanda dos leitores. Desse modo, os livreiros:

[...] ponen en tensión sus apreciaciones sobre lo que se debería leer y lo que producen las editoriales o buscan los consumidores. En esta posición bisagra nunca se mantienen neutrales, aunque a veces puedan silenciar sus apreciaciones. (MIR, 2021, p. 78-79).

Nessa linha, na condição de distribuidor dos livros do FCE no Brasil, Felipe Mestre Jou, no trecho citado e em outras passagens da correspondência comercial⁸⁴, indicou e registrou

⁸³ Conforme analisado por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) e por Ângela de Castro Gomes (2021), o editor e o tradutor são outros agentes do universo dos impressos que atuam como mediadores entre o saber produzido e sua difusão.

⁸⁴ No capítulo 2, analisaremos outras passagens nas quais Mestre Jou avaliou a colocação de determinadas obras da editora mexicana no mercado de livros brasileiro.

aquilo que, supostamente, seriam os gostos dos potenciais leitores brasileiros, ao mesmo tempo que influenciou no que seria posto em circulação ao atuar na seleção das obras a serem distribuídas. Naquele momento de negociações, no entanto, Mestre Jou considerava a possibilidade de tentar vender mesmo aqueles títulos que, de acordo com sua avaliação, apresentariam baixa acolhida comercial. De acordo com o relatado na correspondência, ele propunha que essas obras permanecessem no Brasil por dezoito meses e, ao término do período, os “invendíveis” fossem devolvidos ao FCE. Já em relação à parte do estoque considerada “vendível”, solicitava pagamento em três, seis e nove meses.

Ao receber a carta de Satostegui sobre a reunião com Felipe Mestre, Arnaldo Orfila Reynal pôde, portanto, tomar conhecimento do desenrolar da negociação. Assim, ao redigir a carta de 31 de março, na qual concedia a representação exclusiva à Mestre Jou, Orfila também declarou as condições básicas do contrato: 40% de desconto sobre os livros e 35% sobre as revistas, a serem aplicados tanto ao serviço de novidades quanto às reposições. Notamos que o desconto concedido foi um pouco menor que os 50% que eram oferecidos às representações no início dos anos 1940.

O problema, contudo, residia na transferência do estoque. A proposta de Orfila era de que, ao menos naquele momento, Mestre Jou não devolvesse nenhuma parte, nem mesmo os livros que estavam em mau estado de conservação, porque uma devolução ao México resultaria onerosa ao FCE. Sugeriu, então, que se realizasse uma encadernação econômica de alguns exemplares em más condições para testar a possibilidade de venda por um valor reduzido. Já no que se referia aos títulos avaliados por Felipe Mestre Jou como de baixa colocação no mercado, Orfila reforçou que eles deveriam permanecer por mais um ano no Brasil, em regime de consignação, pois haveria o risco de Felipe Mestre, em alguns casos, ter realizado uma análise equivocada da demanda. Afinal, como vimos, tensões e divergências de avaliação entre livreiros e editores perpassam as relações no mundo do livro. Nesse sentido, Orfila expressou a Satostegui que:

[...] convendría que los retuvieran un año más para que intenten [Mestre Jou] ofrecerlos a bibliotecas o particulares en alguna forma que les de una idea de si son o no colocables, porque de lo contrario se correría el riesgo de que hicieran un juicio equivocado en algunos casos. (MARÍA..., 1952–1956).

María Elena Satostegui ainda não estava de posse dessas informações quando redigiu, em 1º de abril, a missiva ao “Señor Mestre Jou”, comunicando a outorga da representação. Afinal, ela o fez com base no telegrama enviado por Orfila, que era muito mais sucinto. Assim, na carta a Mestre Jou, a contadora orientou que ele se dirigisse diretamente à casa matriz para

encaminhar os detalhes da negociação. A partir desse momento, a correspondência entre María Elena Satostegui e Arnaldo Orfila Reynal a respeito das negociações no Brasil cessou. Podemos supor que, daquele ponto em diante, os diálogos tenham ocorrido diretamente entre Mestre Jou e Orfila Reynal,⁸⁵ ainda que Satostegui tenha viajado a São Paulo “[...] para formalizar la entrega de nuestra representación a la firma Mestre Jou, controlar los stocks que devolvía la firma O’Globo y dejar terminadas esas cuestiones.”⁸⁶ (FILIAL..., 1952).

Alguns meses depois, em dezembro de 1952, Arnaldo Orfila Reynal, que havia realizado uma viagem pela América do Sul a serviço do FCE e permanecido seis dias no Brasil, anunciou à Junta de Governo novidades a respeito da representação firmada com a Mestre Jou. Na ata da reunião da Junta de 23 de dezembro, o diretor informou que, na visita ao Brasil, havia reunido uma excelente impressão dos novos representantes, os quais estavam cumprindo amplamente o contrato estabelecido. Ademais, Orfila levou à consideração da Junta uma proposição que a Mestre Jou havia feito para, ao fim e ao cabo, resolver o problema do estoque de livros que, naquele momento, se encontrava em consignação: adquiri-lo por completo, incluindo as obras que estavam em mau estado de conservação, com um desconto de 70% sobre o preço de venda. Após ampla deliberação da Junta de Governo, a proposta foi aprovada por unanimidade. A Mestre Jou, então, adquiriu e efetuou o pagamento do estoque nas referidas condições, manifestando, em carta de 26 de janeiro de 1953, satisfação pelo FCE ter aceitado a solução proposta.

Estavam, finalmente, fixadas as normas contratuais que regeriam as relações comerciais entre o Fondo de Cultura Económica e a firma Mestre Jou. Em síntese, elas podem ser recapituladas da seguinte forma: venda de 10 mil dólares anuais; serviço de novidades de 200 exemplares (podendo diminuir em caso de obras de interesse reduzido ou tema de muita especialização); 40% de desconto para livros e 35% para revistas, aplicados tanto para as novidades quanto para as reposições; regime de pagamento de 50% em 30 dias e 50% em 60 dias; e aquisição do estoque completo com 70% de desconto.

Dessa forma, passamos a ter mais clareza de como se deu a negociação entre os agentes envolvidos e como funcionaria o negócio em seu interior. Entretanto, podemos pensar que nem tudo o que está em um contrato, necessariamente, será cumprido, posto que a realidade se

⁸⁵ Podemos supor, mas não confirmar, porque o acervo das relações comerciais entre a Mestre Jou e o FCE contém documentos a partir do final de 1952, não abarcando esse período de negociações.

⁸⁶ Trecho de uma carta escrita por Arnaldo Orfila Reynal, em 28 de junho de 1952, e remetida à Delia Etcheverry, gerente da sucursal de Buenos Aires, solicitando que ela fizesse um pagamento a Satostegui, por conta da casa matriz, para cobrir os gastos extras que a contadora teve no Brasil, uma vez que precisou ir a São Paulo.

apresenta de forma mais ampla e complexa do que pode prever qualquer documento contratual. A essa observação, soma-se o entendimento de que nenhuma relação comercial ou norma contratual se congela no tempo. As diversas influências internas e externas que atuam na distribuição e no comércio de livros podem gerar alterações ou mesmo transformar os modos de fazer negócios. É com essa perspectiva que dissertaremos, nos próximos capítulos, sobre a atuação da Mestre Jou na circulação das obras do FCE no Brasil, no período de 1952 a 1965, analisando como ocorria a distribuição do México para o Brasil e quais foram as estratégias de divulgação empreendidas pela distribuidora e livraria.

2 FCE E O BRASIL: LIVROS NOS *EXTREMOS DE AMÉRICA*

Em 1949, o então editor do FCE, Daniel Cosío Villegas, publicou, pela própria editora, o livro *Extremos de América*, reunindo nove ensaios escritos ao longo da década de 1940. O título dado ao livro traz a ideia de abarcar toda a geografia latino-americana. Na mesma linha, o fio condutor dos ensaios situa a edição de livros como uma atividade promotora de alianças entre as nações da América Latina frente à fragmentação cultural. Ao lado da fundação da sucursal argentina do FCE, em 1945, a atividade de distribuição no Brasil deu vida à perspectiva abarcadora de Cosío Villegas: evidenciou o percurso dos livros de norte a sul ou entre os “extremos de América”.

Para melhor compreender a circulação dos livros do FCE no Brasil, esse outro extremo da América, analisaremos, neste capítulo, a atuação da Mestre Jou na distribuição dos livros do Fondo de Cultura Económica. Investigar a circulação requer que tenhamos em consideração o contexto de produção e o de recepção. Com essa perspectiva, abordaremos as dinâmicas e os desafios que caracterizaram as atividades distributivas e, por meio do cruzamento entre dados qualitativos e quantitativos, examinaremos as características dos pedidos, das remessas e devoluções de livros.

Em 1949, o então editor do FCE, Daniel Cosío Villegas, publicou, pela própria editora, o livro *Extremos de América*, reunindo nove ensaios escritos ao longo da década de 1940. O título dado ao livro traz a ideia de abarcar toda a geografia latino-americana. Na mesma linha, o fio condutor dos ensaios situa a edição de livros como uma atividade promotora de alianças entre as nações da América Latina frente à fragmentação cultural. Ao lado da fundação da sucursal argentina do FCE, em 1945, a atividade de distribuição no Brasil deu vida à perspectiva abarcadora de Cosío Villegas: evidenciou o percurso dos livros de norte a sul ou entre os “extremos de América”.

Para melhor compreender a circulação dos livros do FCE no Brasil, esse outro extremo da América, analisaremos, neste capítulo, a atuação da Mestre Jou na distribuição dos livros do Fondo de Cultura Económica. Investigar a circulação requer que tenhamos em consideração o contexto de produção e o de recepção. Com essa perspectiva, abordaremos as dinâmicas e os desafios que caracterizaram as atividades distributivas e, por meio do cruzamento entre dados qualitativos e quantitativos, examinaremos as características dos pedidos, das remessas e devoluções de livros.

2.1 Um olhar para o México: o catálogo do Fondo de Cultura Económica

Para um melhor entendimento da circulação dos livros do FCE no Brasil, convém atentar para o catálogo construído pela editora Fondo de Cultura Económica. A pluralidade de ideias, a diversidade de temas e a preocupação pedagógica são algumas características que marcaram o catálogo da editora mexicana. Desde o início de sua trajetória, o FCE desenvolveu uma linha editorial aberta a diferentes correntes de pensamento. Como aponta Javier Garciadiego (2016), “[...] junto a Marx aparecieron Adam Smith y David Ricardo.” (n.p.). A pluralidade é também destacada como uma diretriz no texto de apresentação do Catálogo Geral de 1955:

Se ha procedido siempre con tolerancia amplia y liberal, con estimación valorativa fundada en la más absoluta objetividad de la calidad e internacionalidad de la obra y de su autor.” (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1955, p. XIX).

Plural nas ideias, as publicações do Fondo também se diversificaram no que se refere às áreas do conhecimento, pois, como mencionamos, o objetivo originário de suprir a falta de bibliografia para o nascente ensino universitário de economia se alargou para outros campos das ciências sociais e humanidades. Logo foram criadas as coleções de Política y Derecho (1937), História (1939), Sociología (1939), Filosofía (1939) e Antropología (1942).⁸⁷

A abertura dessas novas coleções foi fortemente impulsionada pelas trocas culturais entre os fundadores do FCE e o grupo de espanhóis exilados que atuou na editora. Os republicanos exilados contribuíram para a elaboração dos planos editoriais e dirigiram as coleções. Além disso, posto que muitos atuavam como tradutores, a atividade de tradução no FCE se profissionalizou e se intensificou após a chegada do grupo.⁸⁸ A diversificação inicial do catálogo, contudo, também enfrentou obstáculos. Uma vez que ocorreu no contexto da Segunda Guerra Mundial, houve problemas de ordem prática, como as irregularidades dos

⁸⁷ Na bibliografia consultada, há divergências em relação às datas de início de algumas coleções. Para consultar as primeiras publicações de cada seção, utilizamos, sobretudo, o Catálogo Geral de 1955, o Libro conmemorativo del primer medio siglo, publicado em 1984, e o Catálogo Histórico (1934–2009).

⁸⁸ No período de 1934 a 1938, a tradução dos 13 livros editados pelo FCE foi realizada por literatos, como Antonio Castro Leal, Alfonso Reyes e Salvador Novo, e pelos economistas membros da Junta de Gobierno, Daniel Cosío Villegas e Eduardo Villaseñor.

correios e a consequente dificuldade de comunicação.⁸⁹ Sobre isso, José Medina Echavarría,⁹⁰ diretor da coleção de Sociologia de 1939 a 1946, recordaria, no Catálogo Geral de 1955, que “La segunda guerra mundial, ya en sus comienzos, ponía trabas insuperables a la comunicación de publicaciones e inteligencias.” (ECHAVARRÍA, 1955, p. 98).

Entre contribuições e obstáculos, as coleções especializadas foram sendo construídas com a edição dos clássicos de cada disciplina, mas também dos grandes autores contemporâneos para que o conhecimento fosse sempre atualizado. Além disso, editavam-se manuais e livros introdutórios, buscando a profissionalização das ciências sociais e humanidades e o aperfeiçoamento do ensino universitário. Afinal, quase todos os tradutores e diretores das primeiras coleções eram também professores e realizavam uma ponte entre as obras a serem publicadas e as demandas de bibliografia para os cursos e disciplinas que ministravam. No que se refere à coleção de Sociologia, por exemplo, Laura López (2007) observa que:

La selección de los primeros títulos, de 1939 a 1943, respondía a la necesidad de proveer las bibliografías solicitadas por Medina Echavarría en sus cursos, por ejemplo, con la Cátedra de sociología preparada por el autor en 1939 para la Escuela Nacional de Jurisprudencia.” (p. 775).

O caráter pedagógico do catálogo do FCE evidencia-se, assim, na preocupação em disponibilizar manuais voltados diretamente para o ensino universitário, bem como no propósito mais amplo de publicar obras especializadas como forma de colocar professores e estudantes em contato com um acervo bibliográfico que, até então, não estava disponível em espanhol. Sabemos, ademais, que nem tudo foram traduções: por um lado, obras originais integraram as diferentes seções já a partir de 1939, e, por outro, o FCE diversificou ainda mais seu catálogo com a abertura de coleções literárias, americanistas, voltadas para a popularização do livro ou para outros campos do saber. O papel formador do livro foi evocado para qualificar

⁸⁹ Os trabalhos de Laura Lopez (2015) e de Javier Garciadiego (2016) apresentam um caso muito elucidativo das dificuldades enfrentadas pelo FCE no período da Segunda Guerra no que se refere à comunicação e ao acesso a publicações. Trata-se da tradução de *Economia e Sociedade*, de Max Weber, editada com temeridade, em 1944, sem que se conseguisse a permissão da editora alemã. Além disso, só havia um exemplar da obra, que foi traduzida de forma coletiva. Muitas vezes, era necessário esperar durante meses para que um tradutor terminasse o trabalho e o próximo pudesse seguir. Um dos tradutores, José Ferrater Mora, ministrou aulas no Chile e em Cuba nesse período e, assim, aquele único exemplar “[...] a veces peregrinaba en varias regiones de América Latina.” (LOPEZ, 2015, n.p.).

⁹⁰ José Medina Echavarría (1903–1977) foi um sociólogo espanhol. Formou-se em Direito, doutorou-se em Jurisprudência e atuou como pesquisador na França e na Alemanha. Exilou-se no México em 1939, onde exerceu a docência em vários centros universitários, entre eles a Faculdade de Direito e a Escola de Economia da UNAM. No FCE, publicou dois livros de sua autoria e foi responsável por várias traduções. Em 1946, trasladou-se a Porto Rico e, em 1952, ao Chile.

todas as coleções – especializadas ou não –, as quais eram situadas pelos agentes que atuaram no FCE como parte da obra cultural e educativa da editora. A seguinte reflexão de Alfonso Reyes, publicada no prólogo do Catálogo Geral de 1955, resume bem a crença na importância do livro para a formação do ser humano, crença que alentou a fundação e o desenvolvimento da editora:

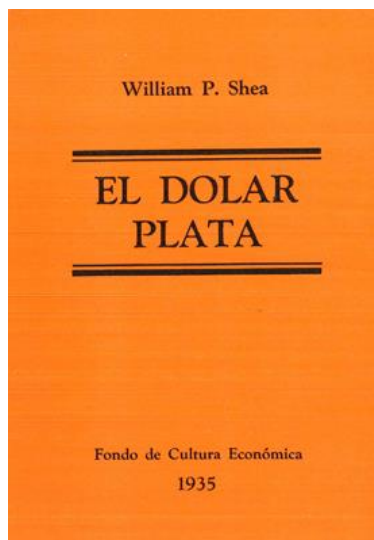
La obra del Fondo de Cultura Económica, que comenzó en efecto por limitarse a las cuestiones de Economía Política, se ha extendido en términos tales que abarca ya todos los aspectos del pensamiento humano, y hablar de ella es tanto como hablar del Libro, así, con mayúscula. ¿Qué sería el hombre sin el pensamiento y el discurso? ¿Pero qué, sin el libro, el discurso y el pensamiento??. (REYES, 1955, p. IX).

Com essas perspectivas gerais, o FCE desenvolveu 21 coleções no período de 1934 a 1965. Considerando apenas obras editadas até 1965, um breve percurso pelo perfil dessas coleções nos aproxima da produção editorial desenvolvida pelo FCE durante o período contemplado e nos auxilia a melhor situar as obras distribuídas no Brasil.⁹¹ Voltamos à coleção de Economia (1935), que, como vimos, inaugurou o catálogo. Dirigida inicialmente por Daniel Cosío Villegas e, em seguida, por Javier Márquez,⁹² Economía lançou obras escritas no século XX, como *Teoría general de la ocupación, el interés y el dinero*, de John Keynes, e *Teoría del desenvolvimiento económico*, de Joseph Schumpeter, editadas respectivamente em 1943 e 1944. Editou também autores clássicos do liberalismo econômico, como Adam Smith, David Ricardo e Thomas Malthus. A coleção destacou-se, ainda, por impulsionar a tradução direta do alemão e a publicação sistemática da obra de Karl Marx, sendo *El Capital*, por exemplo, editado em três tomos no ano de 1946.

⁹¹ Das 21 coleções desenvolvidas entre 1934 e 1965, 18 estão em atividade atualmente; porém, em toda a análise subsequente, consideramos apenas as características das coleções e a edição de títulos observados no período contemplado por esta pesquisa, ou seja, até 1965. Sabemos que algumas coleções mantiveram seus traços gerais e outras se modificaram dos anos 1960 em diante. Acompanhar tal percurso, contudo, não foi nosso objetivo, razão pela qual optamos por descrever as coleções no passado.

⁹² Javier Márquez (1910–1987) nasceu em Madri, formou-se em Direito e se especializou nos estudos econômicos. Atuou como professor de economia e traduziu ao menos 13 obras de temáticas econômicas para o FCE.

Figura 2 – Capa da obra *El dólar plata*, primeiro livro publicado na coleção de Economía (1935)



Fonte: SHEA, William P. *El dólar plata*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1935.

Em *Política y Derecho*⁹³ (1937), a segunda coleção do FCE, editaram-se obras clássicas, a exemplo de *Leviatán*, de Thomas Hobbes, e *Ensayo sobre el gobierno civil*, de John Locke. A coleção também abrigou *La Democracia en América*, de Tocqueville, e, entre as obras contemporâneas, houve ao menos quatro títulos que analisavam a ascensão do fascismo e do nazismo, evidenciando a preocupação com a política mundial daquele período. À *Política y Derecho*, seguiu-se a coleção de *História* (1939), com a finalidade de abrigar as “[...] contribuciones del Fondo a la educación del pensamiento histórico de las nuevas generaciones.” (ZAVALA, 1955, p. 135), conforme destacado por Silvio Zavala, primeiro diretor da coleção ao lado de Ramón Iglesia.⁹⁴ Em *História*, editaram-se Voltaire e o grande expoente do historicismo: Leopold Von Ranke. Entre os autores contemporâneos, foram publicados Henri Pirenne, Benedetto Croce, Fernand Braudel, com seu *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*, publicado em dois tomos no ano de 1953, e o mexicano Edmundo O’Gorman, autor de *La Invención de América*.

Já a coleção de filosofia (1939) se focou na “[...] publicación en español de las obras maestras de la filosofía de nuestros días; preferentemente de aquellas cuya lengua original está más alejada de la española y menos difundida aún entre quienes hablan ésta.” (GAOS, 1955, p.

⁹³ A coleção foi criada com o nome de *Ciencia y Pensamiento Político*, mas logo rebatizada de *Política y Derecho*.

⁹⁴ Silvio Zavala (1909–2014) foi um historiador, professor e escritor mexicano. Não desenvolveu atividades de tradução para o FCE, mas publicou cinco obras pela editora. Já Ramón Iglesia (1905–1948) foi um historiador, professor e tradutor espanhol. Em razão da guerra civil, exilou-se no México em 1939. Publicou dois livros pelo FCE e traduziu vários outros.

181), conforme explicado por José Gaos, que a coordenou em conjunto com Eugenio Ímaz.⁹⁵ Por se concentrar no pensamento filosófico moderno, durante o período analisado, a coleção não publicou os clássicos da Antiguidade, como Platão, Aristóteles ou Sêneca. Por outro lado, editaram-se filósofos modernos e contemporâneos, como os germânicos Hegel, Dilthey e Martin Heidegger. Apesar de não ter publicado autores da Antiguidade, a coleção de Filosofia editou obras sobre o pensamento clássico, com destaque para *Paideia: los ideales de la cultura griega*, de Werner Jaeger, editada em tomos, a partir de 1942, e em volume único no ano de 1957. Conforme apontado por Garciadiego (2016), *Paideia* foi saudada como uma das maiores empresas bibliográficas até então empreendidas pela editora mexicana por ser considerada um dos estudos capitais daquele tempo.

A coleção de Sociología (1939), de modo similar à de Economía, surgiu em um período no qual a disciplina se encontrava em vias de diferenciação e de profissionalização.⁹⁶ No Catálogo Geral de 1955, José Medina Echavarría lembrou que:

Era la sociología en los países de nuestra lengua una entidad confusa que amparaba en su ambigüedad los más varios engendros. Desaguadero de profusa ensayística o canal de ambiciones, no acababa de tener ante nuestro público ilustrado el contorno riguroso y la seriedad de propósitos que trabajosamente había ya ganado en otras partes. En ayuda de algunas voces aisladas, la editorial quiso contribuir en algo al inicial saneamiento. (ECHAVARRÍA, 1955, p. 97).

Era necessário, assim, familiarizar os primeiros praticantes hispano-americanos com os conteúdos, conceitos e a linguagem especializada dessa área do conhecimento “en su reciente y complicada historia”. Para tanto, a coleção de Sociología publicou manuais introdutórios – organizados em nível elementar, médio e avançado – e autores clássicos já reconhecidos, como Comte, além de estudos sobre Spencer e Durkheim. Publicou também obras sobre as quais se estava definindo a nova disciplina, entre essas, a produção quase integral do sociólogo húngaro Karl Mannheim. Foi também na coleção de Sociología que o FCE editou o primeiro livro de um autor brasileiro: *Sociología de la Educación*, de Fernando de Azevedo, publicado em

⁹⁵ José Gaos (1900–1969) foi um filósofo espanhol. Exilou-se no México em 1938, onde atuou como professor. No FCE, desenvolveu um vasto trabalho como tradutor e publicou livros próprios. Eugenio Ímaz (1900–1951) também foi um dos espanhóis exilados. Estudou Direito, mas se enveredou para a Filosofia e para o terreno das traduções. Transladou-se ao México em agosto de 1939. À diferença de grande parte dos intelectuais vinculados ao FCE, Ímaz não conciliou a tradução com a docência, sendo, ao contrário, um tradutor de tempo integral. Traduziu mais de 30 livros, com destaque para a obra quase completa de Dilthey, que também foi prologada por ele.

⁹⁶ No Brasil, o processo de institucionalização das ciências sociais ocorreu na mesma época, como veremos no tópico 2.2.

1942.⁹⁷ Ao lado dessas obras, o maior esforço e a maior contribuição do FCE ao pensamento sociológico, segundo Echavarría, residiu em oferecer a primeira tradução integral para uma língua latina de *Economia y Sociedad*, de Max Weber, publicada pela casa em 1944.

Três anos depois, Antropología (1942) viria se somar ao rol das coleções especializadas com a publicação de *Estudio del Hombre*, de Ralph Linton. Mesmo com a abertura da coleção, alguns livros de temáticas antropológicas continuaram a ser publicados em Sociologia, como uma versão abreviada de *La Rama Viva*, de John Frazer, editada em 1944. Ainda assim, Antropologia se firmou como uma coleção específica, tendo abrigado cerca de 45 títulos no período analisado, entre os quais, vários estudos a respeito das antigas civilizações mesoamericanas. A coleção também contou com a obra de um autor brasileiro, *El maguey y el pulque en los códices mexicanos*, de Oswaldo Gonçalves de Lima; e abrigou *Los Hijos de Sánchez*, de Oscar Lewis, publicação considerada o estopim para a demissão de Arnaldo Orfila Reynal em 1965.

De modo simultâneo à ampliação das coleções especializadas, surgiu a primeira tentativa de publicar contos e poesias às margens dos labores acadêmicos do FCE. A coleção Tezontle (1940), iniciada com *Rama Viva*, do literato espanhol Francisco Giner de los Ríos, nasceu como um refúgio criativo ou uma poética do exílio (BECERRIL, 2019). Tezontle foi abrigo para os livros “fora de série”, congregando títulos com características bastante distintas, como a reunião de ensaios *Extremos de América*, de Cosío Villegas, e os poemas *Libertad bajo palabra*, de Octavio Paz. A princípio tomada como empreendimento temporário, Tezontle acabou fincando raízes no catálogo do FCE e, a ela, se juntou outra coleção literária: Letras Mexicanas (1952). Letras Mexicanas, por sua vez, foi criada especialmente para a expressão da literatura mexicana, publicando autores já consagrados naquele tempo, como Mariano Azuela e Alfonso Reyes, e escritores da geração posterior, mas de fama já estabelecida, como Octavio Paz e Carlos Fuentes.

Ainda nos anos 1940, como vimos no capítulo 1, o FCE complementou a perspectiva universalista de suas traduções com o desenvolvimento de uma forte vocação americanista. A coleção Tierra Firme (1944) trazia como impulso o entendimento de que a América ignorava a América e, com vistas a reduzir esse desconhecimento, planejou-se publicar livros originais sobre temas americanos, ainda que, na prática, nem todos os títulos fossem inéditos. Algumas publicações da coleção analisaram a América Latina como unidade, a exemplo de *El movimiento obrero latinoamericano*, de Moisés de Poblete Troncoso; *¿Existe América Latina?*,

⁹⁷ Sobre a publicação de autores brasileiros na coleção de Sociologia do FCE, ver Faria Filho (2021).

de Luis Alberto Sánchez; ou *Historia de la cultura en la América hispánica*, de Henríquez Ureña. Muitas outras se focaram em um único país, como *Interpretación del Brasil*, de Gilberto Freyre, *Raíces del Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, *Las ideas políticas en Argentina*, de Silvio Romero, ou *La música en Cuba*, de Alejo Carpentier. Além disso, os aspectos abordados foram diversos: publicaram-se obras de geografia, história, política, economia, literatura, artes. Uma década após seu início, o texto de apresentação do Catálogo Geral de 1955 explicitava o anseio formador desse projeto editorial, uma vez que:

Leen los libros de Tierra Firme no sólo especialistas y eruditos, sino estudiantes que completan en ellos la enseñanza que no les dio el liceo, y comprenden mejor a América que las desarraigadas generaciones precedentes. (PICÓN-SALAS, 1955, p. 299).

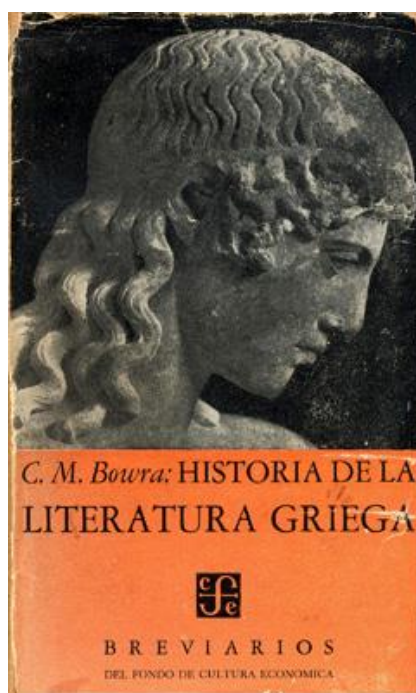
Com o mesmo propósito de compreender a América, Biblioteca Americana (1947) pretendia ser, conforme explicita seu folheto de apresentação, “La única colección de clásicos americanos de todos los tiempos, de todos los países, de todos los géneros y de libros sobre nuestra América de autores extranjeros.” (UREÑA, 1947 apud WEINBERG, 2014, n.p.). Os clássicos vinham acompanhados de prólogos que, algumas vezes, eram extensos estudos preliminares. No período analisado, editaram-se obras caracterizadas como de literatura indígena, como o registro da cultura maia *Popol Vuh: las antiguas historias del Quiché*; os chamados cronistas de índias, como *Historia de las Indias*, de Bartolomeu de las Casas; e *Vida del almirante don Cristóbal Colón*; e literatura do período colonial, como as obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz. Em literatura moderna, houve a edição de poesia e novelas de autores já falecidos, a exemplo da poesia completa de Rubén Darío e das novelas brasileiras *Memorias póstumas de Blas Cubas*, de Machado de Assis, *El Sertanero*, de José de Alencar, e *Cannán*, de Graça Aranha. Entre os autores do pensamento moderno, foram editados: Andrés Bello, Domingo Sarmiento e Rui Barbosa.

Outras coleções dedicadas a diferentes áreas do conhecimento continuaram a ser lançadas nos anos 1940 e 1950. Em 1942, apareceu o primeiro título do que, em 1950, constituiria formalmente a coleção Lengua y Estudios Literarios, dedicada aos estudos sobre linguagem e teoria literária. Em 1943, apareceu a primeira publicação do que, a partir de 1956, seria a coleção de Psicología y Psicoanálisis. Já em 1945, teve início Ciencia y Tecnología e, em 1949, editou-se a primeira obra da coleção de Arte Universal. Na década de 1950, foi lançada Dianoia (1955), um projeto conjunto entre o FCE e o Centro de Estudios Filosóficos da UNAM, que consistia em um anuário de Filosofia com uma coleção anexa de obras originais

de investigação filosófica. Lançou-se também *Vida y Pensamiento de México* (1956), que apresentou trabalhos de investigação e de reflexão sobre a realidade mexicana.

A partir de 1948, percebe-se uma busca pela ampliação do público leitor, caracterizada, no catálogo, pela abertura das coleções Breviarios (1948) e Colección Popular (1959). A proposta da coleção Breviarios era criar uma biblioteca acessível no preço e na linguagem, apresentando tratados sucintos, mas completos, sobre temáticas universais. Desse modo, Breviarios agregou séries – arte, filosofia, história, ciências sociais, literatura e ciências – alimentadas por livros inéditos na editora ou por reedições de obras publicadas em outras coleções. Com pretensões enciclopédicas e dimensões de bolso, os breviários eram numerados e permitiam a consulta momentânea graças à ordenação e aos registros alfabéticos. No período analisado, Breviarios reeditou: *Historia de la filosofía*, de Dilthey; *El liberalismo europeo*, de Harold Joseph; e *Cultura y personalidad*, de Ralph Linton. Além desses, entre vários outros, ainda se editaram *Antropología*, de Clyde Kluckhohn, *Ética y psicoanálisis*, de Erich Fromm, e *Introducción a la historia*, de Marc Bloch. Por esses títulos, já podemos notar que as publicações de Breviarios contemplavam as áreas do conhecimento definidas em outras coleções, mas com foco na difusão e com diferenças na materialidade dos impressos.⁹⁸

Figura 3 – Capa da obra *Historia de la literatura griega*, primeiro livro publicado na coleção Breviarios (1948)



Fonte: BOWRA, C. M. *Historia de la literatura griega*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1948.

⁹⁸ Tanto os livros de Breviarios como de Colección Popular tinham dimensões bastante reduzidas: 17x11cm, o que facilitava a circulação desses impressos.

Já Coleção Popular foi criada por ocasião do 25º aniversário do FCE com o objetivo inicial de editar algumas novidades e reeditar títulos publicados, principalmente, em Letras Mexicanas,⁹⁹ mas também republicou obras de Tierra Firme e de Biblioteca Americana. Em edição rústica, de bolso e a baixo preço, a coleção reeditou, entre outros, *El llano en llamas*, de Juan Rulfo; *Interpretación del Brasil*, de Gilberto Freyre; e *Popol Vuh: las antiguas historias del Quich*. Entre as novas edições, apresentou novelas de Carlos Fuentes, Fernando Benítez e Mariano Azuela. Em 1961, criou-se uma série, dentro de Coleção Popular, denominada *Tiempo Presente*, a qual se dedicou a publicar estudos sociais, políticos e culturais com foco nos dilemas políticos do chamado Terceiro Mundo. A série foi inaugurada com *Escucha, yanque*, de Charles Wright Mills, publicação que analisa o significado político e social da Revolução Cubana e que teria dado início ao mal-estar dos setores culturais e políticos mais conservadores do México em relação às atividades editoriais de Orfila Reynal (SORÁ, 2017). A ela se seguiu *El Reto de África*, de Ndabaningi Sithole; *La China Popular y su economía*, de Trevor Hughes e D. Luard; e *Yugoslavia, democracia socialista*, de Jovan Djordjevich – todas editadas em 1961. Em 1963 e em 1965, respectivamente, editaram-se também *Los condenados de la tierra* e *Por la revolución africana*, de Franz Fanon.

Por fim, no período de 1934 a 1965, o FCE editou algumas coleções breves e com poucos títulos. São elas: *Fuentes para la historia del trabajo* (1939), constituída pelos oito volumes da obra *Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España*, compilada por Silvio Zavala e María Castelo; *Estructura Económica y Social de México* (1951), que, até 1965, havia publicado oito títulos; e *Fuentes para la historia de la revolución mexicana* (1954), que abrigou cinco títulos ao todo e não lançou publicações após 1959.

2.2 Um olhar para o Brasil: a expansão do ensino e o mercado editorial brasileiro

Considerando o contexto de recepção das obras do FCE, importa observar, ainda que de forma aproximada, o desenvolvimento editorial e a expansão do ensino universitário vivenciados no Brasil durante o período analisado. Nesse sentido, durante a década de 1930, o mercado editorial brasileiro apresentou um acentuado desenvolvimento, descrito, em ampla bibliografia, como um *boom* ou um surto editorial (MICELI, 2001b; PONTES, 2001; DUTRA, 2004; SORÁ, 2010; FARIA FILHO, 2017). Afinal, o processo econômico de “substituição de importações”, intensificado com a crise de 1929, propiciou o desenvolvimento da indústria

⁹⁹ Conforme podemos depreender da ata da reunião da Junta de Governo de 14 de julho de 1959.

editorial e o surgimento de novas editoras, de modo que, entre 1930 e 1937, “As cifras relativas a São Paulo sugerem uma taxa de crescimento, na produção de livros entre 1930 e 1936, de mais de 600%.” (HALLEWELL, 2005, p. 422). Dessa maneira, se até o início dos anos 1930 a importação de livros dominava o comércio e “editar era uma prática de impressores e livreiros” (SORÁ, 2010), ao longo da década, houve transformações nos modos de editar, com a aquisição de máquinas gráficas, diversificação nos investimentos, incorporação de profissionais especialistas nas diferentes tarefas de edição e inovações nas estratégias de vendas (MICELI, 2001b).

Em que pese a multiplicação dos estabelecimentos editoriais¹⁰⁰, em fins da década de 1930 e início dos anos 1940, seis editoras concentravam a maior parte dos lançamentos de livros: Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira; Editora Globo; José Olympio; Irmãos Pongetti; Francisco Alves e Melhoramentos, sendo que, como vimos no Capítulo 1, as três primeiras respondiam por 25% do mercado nacional (MICELI, 2001b).

A Cia. Editora Nacional, além de ser a grande referência na edição de livros didáticos, dedicava-se a publicar literatura nacional, enquanto a Civilização Brasileira, sua filial que, como vimos, foi a segunda representante do FCE no Brasil, se dedicava às literaturas nacional e estrangeira. A Cia. Editora Nacional, ademais, foi a responsável pelo empreendimento editorial Biblioteca Pedagógica Brasileira (1931), dirigida pelo intelectual e educador Fernando de Azevedo (1894–1974) e organizada em cinco séries: Literatura Infantil; Livros didáticos; Atualidades Pedagógicas; Iniciação Científica; e Brasiliana. A última delas, Brasiliana, foi criada com o objetivo de interpretar a Nação, sendo o “[...] o maior empreendimento editorial destinado a reunir um conhecimento sistemático sobre o Brasil [...]” (DUTRA, 2006, p. 301).¹⁰¹

Já a editora Globo, que, como sabemos, foi a terceira distribuidora exclusiva do FCE no Brasil, possuía um catálogo fortemente marcado pela literatura de ficção estrangeira, além de publicar ensaios e obras literárias sobre o Rio Grande do Sul. A atividade da editora intensificou-se a partir dos anos 1930, com o lançamento, entre outras, da Coleção Amarela (1931), voltada para novelas policiais; da Coleção Universo (1931), de livros de viagem e de

¹⁰⁰ Em 1936, havia 146 editoras no Brasil (HALLEWEEL, 2005, p. 494).

¹⁰¹ Com o objetivo de compreender a Nação, os volumes publicados na Brasiliana se organizaram nos seguintes campos temáticos: Antropologia e Demografia; Arqueologia e Pré-história; Biografia; Botânica e Zoologia; Cartas; Direito; Economia; Educação e Instrução; Ensaio; Etnologia; Filologia; Folclore; Geografia; Geologia; História; Medicina e Higiene; Política; Viagens. Sobre o projeto editorial da Companhia Editora Nacional e a Biblioteca Pedagógica Brasileira, ver Eliana Dutra (2004) e Maria Rita Toledo (2010). Especialmente sobre a Brasiliana, ver Eliana Dutra (2006).

aventura; e da Coleção Nobel (1938), composta por literatura estrangeira editada em acuradas traduções.¹⁰²

A terceira editora de grande porte do período, José Olympio, possuía como gênero nuclear a literatura nacional, com destaque para a publicação de autores oriundos de estados do nordeste.¹⁰³ Além disso, a editora desenvolveu a coleção Documentos Brasileiros (1936), inicialmente dirigida por Gilberto Freyre (1936–1939), logo depois por Octávio Tarquínio (1938–1959) e por Afonso Arinos de Melo Franco (1962–1989).¹⁰⁴ Nos moldes da coleção *Brasiliana*, Documentos Brasileiros dedicava-se a interpretar a realidade brasileira e foi inaugurada com a obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.¹⁰⁵

Por fim, a editora Irmãos Pongetti tinha como segmento principal a literatura nacional, enquanto os livros didáticos predominavam amplamente na produção da Francisco Alves, e a literatura infantil era o foco da Melhoramentos. A produção das seis maiores casas editoriais do período aponta, portanto, para um predomínio no segmento da literatura, dos livros didáticos e dos estudos sobre a realidade brasileira. Tal tendência se confirmava no mercado editorial como um todo, pois, como aponta Miceli (2001b), a literatura de ficção e os livros didáticos ocuparam o topo da produção de livros no período de 1938 a 1943.¹⁰⁶

Naquele momento, a produção de livros técnicos e científicos,¹⁰⁷ principalmente os que dependiam de tradução, era incipiente no Brasil. Como analisado por Hallewell (2005), “Até então, o mercado de livros no Brasil fora pequeno demais para estimular a publicação do que quer que fosse para um público especializado – e, portanto, limitado.” (p. 499). Assim, as fontes estrangeiras, sobretudo francesa e portuguesa, supriam o mercado brasileiro com a maior parte dos livros desses segmentos. Tal realidade começaria a se modificar durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945). Como observamos no Capítulo 1, durante o conflito mundial, a

¹⁰² Sobre a Livraria e Editora Globo, ver Elisabeth Torresini (1999).

¹⁰³ Sobre a Editora José Olympio, ver Gustavo Sorá (2010).

¹⁰⁴ No mesmo modelo da *Brasiliana*, da Cia. Editora Nacional (1931), e da Documentos Brasileiros, da José Olympio (1936), nas décadas seguintes, outras coleções seriam lançadas com o objetivo de interpretar a Nação. Entre elas, destacam-se a Biblioteca Histórica Brasileira, da Editora Martins (1940), e a Retratos do Brasil, inaugurada pela Civilização Brasileira nos anos 1960. Heloisa Pontes (2001) realiza uma análise comparativa das três primeiras referidas coleções.

¹⁰⁵ Como vimos, *Raízes do Brasil* também foi editado pelo FCE, na coleção Terra Firme.

¹⁰⁶ A literatura de ficção foi responsável por 17% da produção editorial do período, e os livros didáticos, por 14% (MICELI, 2001b). O autor aponta, ainda, que, se consideramos o conjunto dos gêneros literários (ensaio, crítica, poesia, entre outros), a produção de literatura chega a 38%.

¹⁰⁷ Percebemos que a designação “livros técnicos” era usada, durante o período analisado, também para designar obras acadêmicas de ciências sociais e humanidades. Na publicidade em periódicos, a Mestre Jou anunciava os livros do Fondo de Cultura Económica como livros técnicos. Em relação a isso, Azevedo (2018), ao realizar pesquisa em jornais, observou que, entre os anos 1940 e a primeira metade da década de 1960, era comum a ocorrência de termos como: livros técnicos, livros para universidades, edição acadêmica e edição de tipo universitário.

importação de livros brasileira se direcionou para os Estados Unidos e para os países da América Hispânica. No entanto, não houve apenas um deslocamento da fonte importadora, mas também um incremento da indústria nacional, que, no setor de livros técnicos, se evidenciou no aumento de editoras dedicadas a esse segmento e no maior número de editores adquirindo direitos de tradução.

Concomitantemente, o Brasil experimentava uma progressiva expansão do ensino universitário, processo que se articula à ampliação da procura por livros acadêmicos. Como nos informa Luiz Antônio Cunha (2007a), em 1930, o País contava com três universidades: a Escola de Engenharia de Porto Alegre (1896), que não tinha o nome de universidade, mas, naquela época, já apresentava diferenciação em suas atividades acadêmicas; a Universidade do Rio de Janeiro (1920); e a de Minas Gerais (1927), sendo as duas últimas criadas a partir da reunião de faculdades já existentes. Nesse período, contudo, já estavam estabelecidas no Brasil outras faculdades e escolas superiores em diferentes áreas do conhecimento, ainda que não possuíssem a organização universitária. Como exemplo, podemos mencionar a Faculdade de Direito do Recife (1827) e a Escola de Engenharia de Pernambuco (1895), a Escola de Farmácia da Bahia (1832), a Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1891), a Faculdade de Direito de Goiás (1898), entre outras.

Já em 1945, ao fim da Era Vargas (1930–1945), as instituições universitárias eram cinco,¹⁰⁸ sendo a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, um marco importante desse processo. Iniciativa do governo estadual, a USP incorporou escolas superiores já existentes, elevou o Instituto de Educação à categoria de escola superior e, já no âmbito da nova universidade, foi criada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Ao lado da Escola Livre de Sociologia e Política, criada em São Paulo no ano de 1933, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP foi uma grande propulsora da progressiva institucionalização das ciências sociais no Brasil.¹⁰⁹ Nessa linha,

¹⁰⁸ A Escola de Engenharia de Porto Alegre, que passou a se chamar Universidade de Porto Alegre; a Universidade do Rio de Janeiro, que passou a se chamar Universidade do Brasil; a Universidade de Minas Gerais; a Universidade de São Paulo; e as Faculdades Católicas, início da Universidade Católica.

¹⁰⁹ Conforme aponta Lúcia Lippi Oliveira (1991), o termo “institucionalização” é de uso recente. Nos anos 1930, 1940 e 1950, falava-se em “profissionalização”, na ideia de criar profissionais das ciências sociais com conhecimento para atuar na resolução dos problemas da sociedade brasileira. A autora destaca que o processo de institucionalização ou profissionalização deve considerar três eixos: o profissional, o mercado de trabalho e as fontes de financiamento. Além das experiências de São Paulo, em outros estados desenvolveram-se empreendimentos que contribuíram para o processo de consolidação das ciências sociais no período de 1930 a 1960. Os trabalhos de Sérgio Miceli (2001a) e de Luiz Carlos Jackson (2010) tecem comparações entre o processo ocorrido em São Paulo e no Rio de Janeiro, sendo que Miceli (2001a) também apresenta considerações sobre Minas Gerais, Pernambuco e Bahia.

A fundação da Universidade de São Paulo em 1934, especialmente de sua Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que incluiu professores estrangeiros de alta qualificação em seu corpo docente, desde o início de seu funcionamento propiciou condições para que se formasse um novo modelo de docente-pesquisador, que veio a representar destacado papel no processo de institucionalização do campo científico e tecnológico brasileiro. (CUNHA, 2000, p. 173).

O desenvolvimento institucional e intelectual das ciências sociais encontrou ressonância na atividade editorial brasileira. Além da publicação de obras sociológicas nas coleções voltadas para a interpretação do Brasil – as brasileiras –, destaca-se, nesse período, uma iniciativa editorial voltada para a difusão do saber sociológico estrangeiro. Trata-se da coleção Biblioteca de Ciências Sociais, da editora Martins.¹¹⁰ Publicada entre 1943 e 1950, a coleção foi coordenada pelo sociólogo norte-americano Donald Pierson (1900–1995), que era professor da Escola Livre de Sociologia e Política e abrigou a tradução de 11 obras de antropólogos e sociólogos vinculados à Escola de Chicago.¹¹¹ Observamos que dois desses títulos foram também editados pelo Fondo de Cultura Económica na mesma época.

Além da progressiva institucionalização das ciências sociais, para nossos objetivos, importa mencionar que as ciências econômicas também experimentaram um processo de desenvolvimento institucional nos anos 1940. Até 1930, o ensino de Economia era vinculado às cátedras de Direito. Durante essa década, foi criado o curso superior de Administração e Finanças, que concedia o diploma de bacharel em Economia. Em 1945, extinguiu-se esse curso superior, e, em seu lugar, foram criados os cursos de Ciências Econômicas e de Ciências contábeis e Atuariais, que possuíam status universitário. A partir de então, houve a criação de faculdades de economia, a exemplo da Faculdade de Economia e Administração da USP (1946), da Faculdade Nacional de Política Econômica, vinculada à Universidade do Brasil (1946), e da Faculdade de Economia, incorporada à Universidade de Minas Gerais (1948). Conforme analisado por Flávio Saes e Roney Cytrynowicz (2000), os currículos do novo curso demonstravam uma tentativa de desvincular o campo da Economia das áreas de Contabilidade

¹¹⁰ A Martins foi criada, em 1937, como uma livraria importadora e, a partir de 1940, enveredou-se para o ramo da edição, construindo um catálogo quase absolutamente voltado para os autores nacionais. Sobre isso, Heloísa Pontes (2001) informa que, em 1966, a Martins já havia publicado 1.100 títulos, sendo 90% compostos por obras de autores brasileiros. Em que pese essa predominância, a editora desenvolveu a Biblioteca de Ciências Sociais, formada apenas por obras traduzidas.

¹¹¹ A Escola de Chicago, no viés sociológico, ficou assim conhecida devido ao trabalho desenvolvido por um grupo de professores da Universidade de Chicago, que, principalmente entre as décadas de 1910 e 1940, realizaram um conjunto de pesquisas em sociologia, antropologia e psicologia social com foco nos grandes centros urbanos e com base na metodologia de trabalho de campo.

e Direito, o que marca o processo gradual de diferenciação da disciplina econômica em relação a outras áreas do conhecimento, como Direito, Engenharia ou Contabilidade.

A expansão do ensino universitário teve continuidade – e se intensificou – após o fim da Era Vargas. A análise de Cunha (2007b) aponta que, entre 1946 e 1954, outras 11 universidades foram criadas, a exemplo da Universidade do Recife (1946), da Universidade do Paraná (1946) e da Universidade da Bahia (1950). Já no período de 1955 a 1964, houve a criação de mais 22 instituições universitárias. A ampliação das universidades também impactou significativamente o desenvolvimento da pós-graduação: de acordo com os dados compilados por Rodrigo Patto Sá Motta (2014), em 1961, havia seis cursos de pós-graduação no Brasil, número que chegou a 34, em 1965. Por fim, com base nos dados apresentados por Cristina de Carvalho (2002), o número de matrículas nos cursos de graduação elevou-se de cerca de 93 mil, em 1960, para aproximadamente 155 mil, em 1965.

Em que pese essa ampliação do ensino, as atividades de tradução e edição de bibliografia estrangeira para o ensino universitário não apresentaram correspondente crescimento no Brasil. Ainda que não somente estes, alguns aspectos econômicos ajudam a entender este fenômeno. Afinal, no imediato Pós-guerra, o governo brasileiro adotou uma taxa de câmbio artificial que valorizava o cruzeiro em relação ao dólar e, por conseqüente, favorecia as importações.¹¹² Em outubro de 1953, a taxa cambial única foi substituída por um sistema de múltiplas taxas de câmbio, no qual a importação de livros estrangeiros recebia tratamento especial – uma forma de subsídio. O resultado dessa política econômica foi um grande estímulo à importação de livros estrangeiros, que, naquele momento, advinham, sobretudo, da França e de Portugal, mas também dos Estados Unidos, da Espanha e de países da América Hispânica.

Ao contrário dos livros estrangeiros, o pagamento de direitos de tradução não contava com nenhum tipo de câmbio especial e, ademais, o imposto de importação sobre o papel foi aumentando acima do tributo para importar livros. Tais fatores desestimulavam a atividade editorial nacional, de modo que “O efeito final dos impostos alfandegários e da taxa do dólar foi tornar mais barato, durante a maior parte da década de 1950, importar livros do que importar papel para imprimi-los.” (HALLEWELL, 2005, p. 523).¹¹³

¹¹² Marcelo Abreu (2013) aponta que, em 1946, o governo brasileiro fixou o cruzeiro na taxa de Cr\$18,50/dólar, quando a taxa declarada deveria ser em torno de Cr\$130,00/dólar.

¹¹³ Nos anos iniciais da década de 1950, em um contexto econômico favorável à importação de livros, a Mestre Jou ampliou suas atividades importadoras, tornando-se representante exclusiva do FCE. O trabalho de Flávia Baptistini (2017) mostra que, no mesmo período, em 1952, surgiu a livraria importadora Leonardo da Vinci, no Rio de Janeiro, também se beneficiando da conjuntura econômica favorável à importação de livros. Privilegiando a produção francesa, durante a década de 1950, a da Vinci ofertou livros técnicos e científicos e, nos anos 1960, ampliou suas atividades para o ramo da edição.

Esse quadro começou a se modificar a partir do governo de Juscelino Kubitschek (1956–1961). Afirmando, em mensagem enviada ao Congresso, que a produção de livros era um indicador excelente do progresso cultural de um país, o governo JK marcou sua posição de incentivador da indústria editorial nacional (HALLEWELL, 2005). Durante o governo JK, os impostos alfandegários para a importação de livros foram abolidos, mas, ao mesmo tempo, a taxa de câmbio especial foi se modificando em direção à extinção.

O trabalho de Fabiano Azevedo (2018) mostra que discussões em torno das modificações na taxa de câmbio para livros foram veiculadas em periódicos da época. Entre tais discussões, José Garrido Torres, diretor da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc),¹¹⁴ concedeu uma entrevista ao *Jornal do Brasil*, em 26 de outubro de 1958, com o objetivo de explicar a decisão de elevar a taxa de câmbio para importar livros:

Se nós damos ao livro importado a possibilidade de ser vendido a um preço demasiadamente baixo em relação ao do escrito e editado no país, estaremos efetivamente desestimulando o autor e editor nacionais em proveito do estrangeiro. Seria acertado tal modo de proceder? Não é também prejudicial à cultura brasileira impedir que os livros importados sejam traduzidos para alcançar um público maior que o atingido atualmente? Como fazê-lo se na situação atual o custo de uma boa tradução, acrescido das despesas de edição, mais que triplica o preço do livro importado a câmbio favorecido? Muitas vezes nos perguntamos por que não ocorre no Brasil o que acontece no México, onde as obras de maior divulgação encontram mercado bastante amplo quando traduzidas. Veja-se o caso da coleção do ‘Fundo de Cultura Económica’, onde se encontram traduzidos, os grandes livros de economia publicados na Inglaterra e nos Estados Unidos [...] (TORRES, 1958, p. 12).

É notável que o diretor tecesse um paralelo com o México e com a atividade editorial do Fondo de Cultura Económica. Além disso, a reportagem evidenciava os dilemas em torno de facilitar o acesso às ideias estrangeiras ao se subsidiar a importação de livros, ao mesmo tempo que isso desestimulava a produção nacional e, por conseguinte, impedia que mais obras fossem traduzidas para o português e atingissem maior número de leitores. Escolhendo estimular a produção nacional, o governo facilitou a concessão de licenças para importar maquinário gráfico, aboliu os tributos alfandegários sobre a importação de papel, ao mesmo tempo que estimulou a produção nacional do insumo. Tais medidas possibilitaram que as traduções brasileiras fossem publicadas a preços mais competitivos, aumentando a oferta de

¹¹⁴ A Sumoc foi criada, em fevereiro de 1945, com o objetivo de coordenar as políticas monetárias brasileiras e mediar relações com as instituições financeiras internacionais. Para tanto, a Sumoc tornou-se a representante do Estado brasileiro no Fundo Monetário Internacional (FMI). Na década de 1950, a Superintendência desempenhou um papel crucial na área de política cambial e de comércio exterior, executando medidas como o estabelecimento de categorias de importação e de taxas múltiplas de câmbio, no ano de 1953, a modificação dessas categorias, em 1955, e a volta ao câmbio único e livre, em 1961. José Garrido Torres dirigiu a Sumoc de julho de 1958 a agosto de 1959.

obras especializadas em português. Nessa linha, Hallewell (2005) aponta que, em 1963, o número de títulos publicados no Brasil já era maior que o produzido em qualquer país da América Latina – inclusive México e Argentina.

O momento favorável propiciou o surgimento de várias editoras especializadas na tradução de obras de ciências sociais e humanidades ao longo dos anos 1950 e 1960. Entre elas, situamos a Zahar Editores, fundada em 1957, a partir da livraria importadora LER. Já em 1958, surgiu a editora Fundo de Cultura¹¹⁵, como ampliação das atividades editoriais da *Revista Forense*, que editava livros jurídicos desde 1939. Naquele ano, também foram fundadas a Pioneira, a partir da livraria importadora de mesmo nome, e a Mestre Jou, que, como vimos, também surgiu a partir das atividades de livraria e distribuidora. Já na década de 1960, somaram-se a Perspectiva, fundada em 1965, e a Paz e Terra, criada em 1966 como revista e, em 1968, como editora. Além disso, editoras já estabelecidas intensificaram suas atividades no ramo de traduções, a exemplo da Civilização Brasileira, que, na década de 1960, editou Karl Marx, Lukács e Gramsci. O mercado das traduções de livros de ciências sociais e humanidades se transformaria a partir dessas iniciativas e, já nos 1980, a emergência das editoras universitárias marcaria uma nova etapa no desenvolvimento editorial.¹¹⁶

2.3 Entre México e Brasil: dinâmicas e desafios da distribuição dos livros do FCE

Realizamos algumas aproximações ao contexto de produção das obras do FCE, ao percorrermos o catálogo construído pela editora, e nos aproximamos do contexto de recepção dessas obras, ao olharmos para a expansão do ensino e para o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro. Tais aproximações permitem observar que a atuação da Mestre Jou na circulação dos livros do FCE ocorreu em um período no qual o catálogo da editora mexicana, marcado por um manifesto caráter pedagógico, encontrou, no Brasil, um contexto de ampliação do ensino universitário e de institucionalização das ciências sociais e econômicas. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do mercado editorial no Brasil nos leva a analisar como as edições brasileiras impactaram a circulação das obras do FCE nos anos 1950 e 1960. Remetendo a esses contextos, importa examinar como os livros do FCE chegavam ao Brasil por meio do canal de

¹¹⁵ A similaridade com o nome do Fondo de Cultura Económica não passou despercebida pela Mestre Jou e pela administração do FCE, como veremos no tópico 2.5.

¹¹⁶ Conforme analisado por José Marques Neto e Flávia Rosa (2010) e aludido na introdução desta dissertação, as editoras universitárias só viriam a se consolidar na década de 1980, apesar de algumas efêmeras exceções nos anos 1950 e 1960.

distribuição da Mestre Jou. Em outras palavras, interrogamos quais dinâmicas e desafios caracterizaram a circulação desses impressos.

Sabemos que, em 1953, a Mestre Jou já contava com uma filial no Rio de Janeiro e outra em Salvador, além da casa matriz em São Paulo. As livrarias da empresa, por sua vez, foram se expandindo durante o período, ocupando locais em São Paulo e no Rio. Esses estabelecimentos nos fornecem uma ideia dos espaços de distribuição que a Mestre Jou conseguia abarcar por meio de sua própria administração. Contudo, por se tratar de uma representante exclusiva, sabemos também que a Mestre Jou era a responsável por garantir a distribuição dos livros do FCE às demais livrarias interessadas por todo o Brasil.

A correspondência editorial oferece-nos algumas pistas a respeito do funcionamento da logística de distribuição às outras livrarias espalhadas pelo País, pois, em carta a Orfila Reynal de julho de 1953, Felipe Mestre explicou que a Mestre Jou anunciava a todos os livreiros parceiros sempre que um envio de títulos estava próximo, insistia quando os livros chegavam e, periodicamente, por turnos, voltava a oferecer aos livreiros. Em outra missiva, de outubro do mesmo ano e dirigida à parte administrativa do FCE, a Mestre Jou mencionou que se dedicava à difusão das obras da editora enviando exemplares das novidades “[...] no solamente a nuestras sucursales y representantes que poseemos en los principales centros del país, sino también a los agentes que en numerosas ciudades trabajan los libros de nuestra distribución.” (“53” MESTRE..., 1953). Por meio dessas estratégias de circulação, a Mestre Jou trabalhava com o objetivo manifesto de que “[...] los libros de ese Fondo lleguen hasta el más apartado rincón del Brasil.” (“55” MESTRE..., Expediente 23, 1955). Encaminhando tal objetivo, alguns anos depois, em carta de 12 de setembro de 1956, a Mestre Jou informou que estava enviando livros de norte a sul do País, “desde Belén a Pelotas, en la frontera con Uruguay”, e que havia destinado alguns de seus funcionários para visitar as principais cidades do Brasil com a finalidade de realizar exposições e promover vendas.¹¹⁷

Se, por um lado, contamos com apenas algumas pistas a respeito de como a Mestre Jou efetuava a distribuição dos livros do FCE dentro do território brasileiro, por outro, não faltam dados relativos às formas como os livros chegavam ao Brasil. A Mestre Jou iniciou a atividade

¹¹⁷ Muitas cidades brasileiras, contavam, durante o período investigado, com uma significativa rede de livrarias, instituições universitárias e uma intelectualidade ativa. Contudo, conforme mencionado, os arquivos comerciais da Mestre Jou não foram preservados, o que impossibilitou analisar em profundidade as dinâmicas de distribuição dos livros do FCE dentro do Brasil. Acreditamos que futuras pesquisas possam utilizar outras fontes, como anúncios na imprensa periódica e planos de cursos universitários, para melhor mapear a circulação das obras da editora mexicana pelos diversos estados do Brasil.

de distribuição exclusiva valendo-se do estoque que antes estava sob poder da Livraria e Editora do Globo e que acabou adquirindo com 70% de desconto. Uma vez que o texto epistolar transita no tempo, podendo remeter ao passado e ao futuro, em 1961, Felipe Mestre relembriaria as condições de aquisição daquele estoque:

Es conveniente recordarle, amigo Sr. Orfila, las vicisitudes que pasamos cuando nos hicimos cargo de su representación: el stock de libros que recogimos se hallaba muy mal cuidado, con un buen número de ejemplares manchado, húmedos, rotos, etc. A muchos de ellos les fuimos dando salida con precios bajos, aun perdiendo, y hoy nos encontramos con un campo bien abonado en todo el país [...]” (“61” MESTRE JOU..., 1961).

Ao longo do capítulo, veremos que, se a Mestre Jou conseguiu vender muitos livros daquele estoque, ainda que a preços baixos, outros tantos parecem não ter encontrado colocação no mercado, havendo indícios de que, inclusive, chegaram a constar em algumas devoluções realizadas ao FCE. Além dos livros adquiridos no estoque, durante todo o período, as obras da editora eram enviadas à Mestre Jou por dois meios: os pedidos realizados pela própria Mestre Jou e o serviço de novidades. Os pedidos serão analisados em detalhes no tópico 2.4. Já o serviço de novidades consistia em enviar sempre certa quantidade de obras recém-editadas sem que a Mestre Jou precisasse acionar o FCE. Entre essas obras, não estavam incluídas as reimpressões.¹¹⁸

Como vimos nas negociações para iniciar as atividades de distribuição, o serviço de novidades era uma imposição vinculada à representação exclusiva que, a princípio, contemplava o envio de 200 exemplares de cada obra recém-lançada, podendo diminuir caso o título fosse de interesse reduzido ou sobre tema muito especializado. As condições desse serviço sofreram alterações no decurso das relações comerciais. Houve momentos em que se aumentou a quantidade de exemplares enviados, como quando, em abril de 1955, Orfila Reynal viajou ao Brasil e fechou acordo com Felipe Mestre Jou sobre o aumento para 300 exemplares das novidades de Economia e de Breviarios.¹¹⁹ Houve momentos de suspensão do serviço a pedido da Mestre Jou ou por falhas de comunicação ocorridas na troca epistolar, tendo a Mestre Jou reclamado, algumas vezes, de que as novidades não estavam sendo enviadas com regularidade. Houve também solicitações para que se diminuísse o serviço, sendo que uma delas ocorreu logo no início das relações comerciais.

¹¹⁸ A carta enviada pelo FCE à Mestre Jou com data de 27 de abril de 1957 informa que o serviço de novidades não incluía reedições porque alguns clientes haviam reclamado que as reedições não constituíam essencialmente uma novidade.

¹¹⁹ Na reunião da Junta de Governo de 17 de maio de 1955, Orfila Reynal informou que um dos seus feitos durante a viagem à América do Sul foi conseguir aumentar o serviço de novidades e regularizar alguns pagamentos.

Já em janeiro de 1953, a Mestre Jou, valendo-se da previsão de reduzir o serviço de novidades de obras de pouco interesse ou muito especializadas, remeteu uma carta ao FCE solicitando que enviassem apenas seis exemplares – e não 200 – das novidades de literatura. A parte administrativa da editora respondeu, em carta não assinada, que havia tomado nota da solicitação. Alguns meses depois, em 11 de junho, Orfila Reynal respondeu uma carta na qual Felipe Mestre perguntava a opinião do diretor sobre o trabalho que a Mestre Jou vinha desempenhando. Expressando sua opinião, Orfila teceu elogios à atuação da firma, mas perguntou por que era tão excessiva a limitação a apenas seis exemplares de livros de literatura. Em seguida, o diretor expressou a sua avaliação de que existia no Brasil um grande interesse pela literatura hispano-americana.

À avaliação do editor, Felipe Mestre respondeu, em carta de 7 de julho, que o interesse do público brasileiro pelos livros de literatura hispano-americana era muito reduzido, não sendo nenhuma resistência especial a “su estimada editorial”. O livreiro-distribuidor agregou ainda que: “Cualquier libro de literatura, con algunas excepciones de los clásicos castellanos, resulta casi invendible en nuestro país.” (“53” MESTRE..., 1953). Não obstante, Felipe Mestre cedeu parcialmente e autorizou aumentar o serviço de novidades de seis para dez exemplares sempre que se tratasse de tema não localista.

Essa passagem dialoga com a ocasião em que, nas negociações para iniciar a representação, Felipe Mestre Jou avaliou o estoque e afirmou que aquilo que se referia aos problemas da América Latina era de venda difícil no Brasil. Em ambas as passagens, ao interpretar e guiar os interesses literários, percebemos o livreiro como uma figura de mediação-chave entre os livros ofertados e a difusão desses objetos culturais. Tal mediação se torna evidente nos momentos em que se justificam as avaliações, mas se faz presente no ato cotidiano de encomendar certos livros e não outros e de registrar, para os editores, as obras de maior êxito, comunicando quais seriam os gostos e as preferências dos leitores. Em outros momentos da troca epistolar, inclusive em uma devolução que analisaremos no tópico 2.5, identificamos diálogos semelhantes, nos quais os agentes que atuavam no FCE problematizavam as seleções efetuadas pela Mestre Jou. Interessa observar que tais conflitos de avaliação se deram, todas as vezes, em relação a obras que versavam sobre literatura ou temáticas hispano-americanas, ocasiões em que a Mestre Jou contrapunha com seu reiterado entendimento de que tal interesse era demasiado reduzido no Brasil.

Entre as vezes em que o FCE interferiu nas encomendas da Mestre Jou, houve casos em que a distribuidora reconsiderou ou corrigiu sua avaliação. Um deles ocorreu em relação à obra

Pensamiento y Religión en el México Antiguo. Após efetuar um pedido de 20 exemplares do livro, a Mestre Jou recebeu uma extensa carta de Manuel Andújar, gerente de promoção e publicidade do FCE, sugerindo que teria ocorrido uma confusão involuntária, pois, de nenhuma forma, era possível explicar encomenda tão reduzida de uma obra que possuía indiscutível interesse cultural geral e não versava sobre tema mexicano, mas, sim, universal. Essas informações foram grifadas na carta para conferir maior destaque. A Mestre Jou respondeu, então, que a primeira impressão fora a de que a obra seria muito localista, por isso, agradecia a insistência e pedia para aumentar a encomenda para 170 exemplares.

Era comum, portanto, a intervenção da editora nas encomendas, argumentando para que determinadas obras fossem enviadas ao Brasil. Ao mesmo tempo, em relação às obras de manifesto interesse, era a Mestre Jou que cuidava para que os envios ocorressem com antecedência. Em diversas cartas, a distribuidora solicitou que o FCE avisasse antecipadamente quando houvesse uma nova edição ou quando estivesse a ponto de se esgotar alguma obra, pois isso serviria de orientação para realizar os pedidos, especialmente em relação às obras adotadas em centros de estudos brasileiros. Em algumas passagens, teceu-se esse tipo de relação entre a dinâmica das encomendas e o ensino no Brasil, com a Mestre Jou informando que cursaria pedido dentro de breves dias, “ahora que ha comenzado la época escolar”, ou comunicando que certas obras haviam sido adotadas em universidades, mas que eles já não dispunham de exemplares.¹²⁰

Em relação às novidades, a Mestre Jou também reiterou, na correspondência, que essas fossem sempre enviadas com antecedência de 15 a 20 dias, principalmente porque que os transportes de navio do México para o Brasil não ocorriam com tanta frequência. O interesse em receber as novidades com antecedência tinha como objetivo evitar que os títulos chegassem a outros importadores brasileiros antes que a Mestre Jou – o que nos leva a pensar: mas como os títulos poderiam chegar primeiro a outros importadores se a Mestre Jou detinha a exclusividade da distribuição?

¹²⁰ Em carta datada de 9 de agosto de 1956, a Mestre Jou informou que as obras *Introducción a la teoría monetária*, de Lester Chandler, e *La Poesía*, de Johannes Pfeiffer, haviam sido adotadas na Faculdade de Ciências Econômicas de Santo André. Em carta de 5 de setembro de 1957, a Mestre Jou informou que seria ministrado um curso sobre a obra *Valor y Capital*, de John Hicks, na Seção Pós-graduada de Economia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Já em carta de 24 de abril de 1961, informou que o breviário *La filosofía actual*, de autoria de Innocentius Bochenski, havia sido adotado na Faculdade de Filosofia, no Rio de Janeiro, e que as obras *Curso Superior de Economía*, de Frederick Benham, *Estructura económica* e *Valor y Capital*, ambos de J. R Hicks, e *Tratado sobre los ciclos económicos*, de James Estey, haviam sido adotadas em outros centros de estudos não mencionados.

Observamos que a exclusividade da distribuição não impedia que se abrissem rotas paralelas de exportação, de modo que alguns livreiros de outros países adquiriam livros do FCE e os enviavam a compradores brasileiros sem que a transação passasse pela Mestre Jou. A Mestre Jou denominava essas operações de “infiltrações”, e as primeiras reclamações a respeito ocorreram nos anos de 1953 e 1954. Em cartas ao FCE, a distribuidora informou que alguns títulos haviam aparecido no comércio brasileiro e que suspeitava que a livraria mexicana Porrúa Hermanos efetuara os envios.¹²¹ Nas respostas, o FCE lamentou o ocorrido, informou que havia advertido seus clientes mexicanos para que não expedissem os livros, mas alertou sobre a impossibilidade de efetuar um controle absoluto a esse respeito.

Naquela época, o FCE já conhecia bem o problema dos envios irregulares, principalmente porque, nos anos 1940 e início dos anos 1950, tal problema se fez muito presente na sucursal argentina da editora. Vimos que a própria sucursal chegou a vender diretamente a livreiros brasileiros quando os distribuidores no Brasil ainda eram a Livraria do Globo e as relações comerciais não estavam funcionando a contento. No entanto, para além disso, muitos livreiros da América do Sul compravam obras do FCE diretamente das livrarias argentinas devido aos benefícios cambiais que os livros gozavam naquele país. Tal situação prejudicava os representantes exclusivos e, como nos informa Anguiano (2019), a sucursal argentina chegou a implementar diversos mecanismos na tentativa de sanar a questão.¹²² Essas medidas parecem ter provocado efeito, posto que o comércio irregular por meio da Argentina diminuiu por volta de 1952 (ANGUIANO, 2019).

Naquele momento das relações comerciais com a Mestre Jou, contudo, o problema se colocava principalmente em relação às remessas de livreiros do próprio México, situação que persistiu ao longo de todo o período analisado sem que se encontrasse uma resolução efetiva. A partir de 1955, percebemos que o tom das reclamações, na correspondência comercial, começou a se tornar mais severo, com a Mestre Jou afirmando, em cartas gerais e em missivas remetidas especialmente a Orfila Reynal, que as “infiltrações” geravam prejuízos econômicos e morais, desvirtuavam a representação, ridicularizando-os frente aos clientes, colocando-os em pé de inferioridade ou os transformando em simples depositários das obras do Fondo.

Em uma das cartas, a Mestre Jou enfatizou que a situação gerava surpresa e mal-estar “[...] a nosotros y especialmente a nuestros vendedores y distribuidores en todo Brasil.” (“57”

¹²¹ A Porrúa Hermanos, como vimos no capítulo 1, foi uma das primeiras editoras mexicanas do século XX, tendo surgido em 1914 como prolongação da livraria Porrúa.

¹²² Anguiano (2019) menciona que a sucursal argentina enviou circulares aos livreiros para que não vendessem aos outros países sul-americanos e chegou, até mesmo, a numerar os exemplares para tentar perseguir a circulação e o destino dos livros.

MESTRE..., 1957). Em outra ocasião, frisou que, por meio das infiltrações, os exportadores mexicanos se beneficiavam injustamente da difusão que a Mestre Jou vinha criando nas escolas, centros de estudos e entre o público geral. Às reclamações, o FCE seguia com a conduta de advertir os clientes mexicanos, além de ter aumentado os preços do catálogo em moeda nacional por duas vezes, o que deveria diminuir as vantagens que os livreiros mexicanos encontravam na exportação. A medida, contudo, não surtiu o efeito esperado, pois os informes de novas infiltrações seguiram se avolumando nas cartas remetidas pela Mestre Jou.

Ao mesmo tempo, a Mestre Jou se esforçava para compreender como operavam os circuitos paralelos de distribuição, tentando “decifrar el enigma”. A livraria e distribuidora parecia, realmente, tomar a questão como um mistério a ser investigado, pois, em abril de 1958, remeteu uma carta ao FCE informando que havia comprovado suas suspeitas em relação à Livraria Porrúa da seguinte forma: “Aquella sospecha ha sido ahora confirmada, pues personalmente hemos arrancado la etiqueta de uno de sus libros, que adjunto remitimos a Uds.” (“58” MESTRE..., 1958). A etiqueta foi, então, colada no papel da carta como prova.

Enquanto a Mestre Jou realizava suas investigações no Brasil, situação similar ocorria no vizinho Uruguai. Héctor D’Elía, o distribuidor exclusivo do FCE naquele país, informou ao FCE, em outubro de 1956, que havia comprovado pessoalmente o envio de livros da editora ao Uruguai, vindos, porém, do Brasil. O FCE tratou de comunicar o ocorrido a Mestre Jou, que logo realizou suas pesquisas e averiguou, a princípio, que a rota era a seguinte: os livros haviam saído da Porrúa Hermanos para a Livraria Martin,¹²³ de São Paulo, e, logo, enviados ao Uruguai. No ano seguinte, Héctor D’Elía enviou outra carta ao FCE, a qual foi transcrita por Orfila Reynal a Felipe Mestre Jou. Na missiva, D’Elía afirmou que estava comprovado que o representante no Brasil era quem enviava livros ao Uruguai e, como não tinha relação alguma com ele, solicitava o intermédio do FCE. Ao tomar conhecimento da acusação, Felipe Mestre escreveu diretamente a Héctor D’Elía e enviou uma cópia da carta a Orfila, a qual, infelizmente, não consta na documentação pesquisada. Pela resposta do diretor do FCE, contudo, sabemos que o episódio desagradou a Felipe Mestre Jou.

É notável, portanto, que as rotas paralelas de distribuição ocorriam em dimensão transnacional, em várias direções e, até mesmo, em escalas, desafiando as tentativas de

¹²³ Não encontramos nenhuma menção à Livraria Martin na bibliografia ou nas consultas a jornais, estas últimas realizadas no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Na carta enviada pela Mestre Jou, é dito que se tratava de uma livraria de pouca importância situada em São Paulo. Por esse comentário, acreditamos que não se tratava da Livraria e Editora Martins, fundada em 1937 e que, nos anos 1950, já era uma editora importante no cenário nacional. Também não se tratava da Livraria Martins Fontes, pois essa só seria inaugurada em 1960, na cidade de Santos.

circunscrever a comercialização de livros a cada país. Esse é um modo de visualizar como o processo de distribuição, de acordo com o circuito de comunicação de Darnton (2010), recebe, a todo tempo, a influência de outros circuitos do livro no mesmo momento temporal. No caso, o ciclo de distribuição oficial e exclusiva das obras do FCE era afetado, a todo tempo, pelos circuitos paralelos, que cruzavam fronteiras e “infiltravam” livros nas diferentes nações da geografia latino-americana.

Afetadas por outros circuitos do livro, as atividades de distribuição da Mestre Jou também sofreram influências externas relativas a conjunturas econômicas, entre elas os problemas nas transferências de divisas. A escassez de dólares para transferir divisas e liquidar as importações assombrava os importadores brasileiros desde 1951 e foi tema dos diálogos entre Maria Elena Satostegui e Felipe Mestre para a outorga da representação exclusiva. Vimos que, naquele momento, o distribuidor afirmou que o problema não era tão sério quanto aparentava, mas o desenrolar das relações comerciais mostrou que se tratava de um aspecto econômico capaz de afetar seriamente a comercialização dos livros.

Na primeira vez que Arnaldo Orfila Reynal visitou a Mestre Jou em São Paulo, no final de 1952, teve a oportunidade de se reunir, em companhia de Felipe Mestre, com o então ministro da Fazenda brasileiro, Horácio Lafer (1951–1953), e pedir tratamento especial para as transferências do FCE.¹²⁴ As mediações com o ministro da Fazenda, contudo, não tiveram um resultado efetivo, pois as dificuldades para a transferência de fundos continuaram a ocupar muitas linhas da correspondência comercial. Além disso, em meados de 1953, Horácio Lafer deixou a pasta da Fazenda, sendo substituído por Oswaldo Aranha (1894–1960).

Com Oswaldo Aranha, veio uma reforma no regime cambial, que, no entendimento da Mestre Jou, seria capaz de regularizar os problemas de pagamento.¹²⁵ Entretanto, até o final de 1954, isso não se verificou. O que ocorreu foi um ano marcado por instabilidades e incertezas econômicas, com a Mestre Jou comunicando, com frequência, novas medidas adotadas pelo governo brasileiro no que se referia às importações e expectativas de normalizar a situação que não se cumpriam.¹²⁶ A partir de 1955, contudo, a situação foi se normalizando, e, em 1957, a

¹²⁴ Como vimos no capítulo 1, Horácio Lafer (1900–1965) foi o ministro da Fazenda responsável por promover uma política de expansão das licenças para importar, o que acarretou um *boom* de importações e uma consequente escassez de dólares para liquidar os pagamentos que os importadores depositavam em cruzeiros.

¹²⁵ Tratava-se da Instrução n. 70, da Sumoc, publicada em 9 de outubro de 1953. A medida criou cinco categorias de importação a depender da essencialidade e determinou que, para conseguir uma licença de importação, o comerciante deveria participar de leilões organizados pelo Banco do Brasil (ABREU, 2013).

¹²⁶ Naquele período, ocorreram significativas mudanças políticas no Brasil devido ao suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, e, logo, a posse de João Café Filho (1954–1955). Essas mudanças acarretaram substituições na pasta da Fazenda e novas decisões econômicas. Além da Instrução n. 70, naquele período, também se

Mestre Jou comunicou uma nova disposição do Banco do Brasil que, finalmente, resolveria o problema. Naquele ano, o FCE acusou o recebimento de uma série de pagamentos atrasados, além de novas ordens de transferência. A partir de então, o tema da transferência de divisas deixou de aparecer na correspondência.

As dificuldades nas transferências de fundos, assim como as mencionadas infiltrações de livros, foram muito utilizadas pela Mestre Jou como argumentos para os períodos de diminuição nas vendas. O primeiro desses períodos de baixa comercial ocorreu no ano de 1954. Em setembro daquele ano, a Mestre Jou pediu ao FCE que não estranhasse que as compras tivessem diminuído nos últimos meses, pois a distribuidora optara por encomendar apenas o necessário enquanto não se regularizasse a transferência de fundos. Mas, em janeiro de 1955, Orfila Reynal passou a enviar cartas a Felipe Mestre Jou comunicando extrema preocupação em relação aos números de 1954, que eram muito inferiores às vendas de 1952 e 1953. O diretor comunicou, então, que faria uma viagem pela América do Sul, o que incluiria o Brasil, com o objetivo de dialogar sobre as perspectivas comerciais da Mestre Jou para o futuro e discutir a continuidade da representação exclusiva.

Após a viagem, Orfila Reynal passou a expressar opiniões mais positivas a respeito das relações comerciais com a Mestre Jou. Em seu retorno, comunicou à Junta de Governo, em reunião de 17 de maio de 1955, que a Mestre Jou estava desenvolvendo um excelente trabalho na difusão dos livros do FCE. O diretor agregou ainda que, no seu entendimento, o Brasil seria um dos grandes mercados para os livros da editora em um futuro imediato. Na mesma perspectiva, em carta remetida a Felipe Mestre, em 14 de maio de 1955, Orfila expressou renovada confiança em relação ao futuro comercial com o Brasil:

La impresión que he sacado de las posibilidades del mercado del Brasil son muy alentadoras y mucho más frente a las seguridades que usted me dio (y que se concretaban en la apuesta que lamento no haber aceptado...) sobre el seguro porvenir que ve para la mejor difusión de nuestros libros. ("55" MESTRE..., Expediente 23, 1955)

As previsões otimistas que Felipe Mestre teria anunciado a Orfila Reynal durante a viagem se confirmaram. Afinal, ao longo de 1956, a correspondência da Mestre Jou expressava que as vendas estavam no auge, ainda que Orfila considerasse que deveriam aumentar ainda mais. Em 1957, a Mestre Jou comunicou que as vendas continuavam aumentando graças ao

publicou a Instrução Sumoc n. 113, de 17 de janeiro de 1955, que alterou as categorias de importação definidas na Instrução anterior.

esforço empreendido com publicidade e ante professores e amigos, com os quais mantinham contato para a propagação das obras do FCE. Orfila expressou satisfação e confiança de que as vendas alcançassem níveis cada vez superiores. O momento comercial positivo pode guardar relações com a regularização na transferência de divisas, gerando maior segurança para realizar as transações. Além disso, como vimos, a partir de 1955, o ensino universitário brasileiro expandiu-se ainda mais, com a criação de 22 novas universidades até 1964. Havia, assim, um contexto favorável para a difusão de obras acadêmicas, o que pode ter ajudado a impulsionar as vendas da Mestre Jou no período.

Já em setembro de 1958, a Mestre Jou celebrou que sobrepassaria amplamente as vendas do ano anterior, apesar do surgimento de sérias dificuldades. As dificuldades relacionavam-se às constantes “infiltrações”, a obras muito aceitas que se encontravam esgotadas e ao surgimento de um elemento novo – a edição em português de importantes obras da editora mexicana. A Mestre Jou havia informado ao FCE, em maio daquele ano, que dois livros do catálogo do FCE haviam sido editados no Brasil, um pela Zahar Editores e outro pela Civilização Brasileira.¹²⁷

Em julho, a Mestre Jou informou a edição brasileira de mais uma obra do catálogo, e, então, Felipe Mestre escreveu diretamente a Orfila Reynal, o qual se encontrava em Buenos Aires, argumentando que, devido ao desenvolvimento editorial no Brasil, poderia ser interessante adquirir os direitos em português das principais obras do FCE. Avisou que, por sua parte, estava interessado em desembocar para o ramo das edições, já que o número de leitores no Brasil era crescente e havia facilidades para a importação de papel. Sugeri, então, um possível negócio de edição conjunta de obras do FCE em português. O bom momento aludido por Mestre Jou se relaciona, como vimos, às medidas do Governo JK para impulsionar a indústria nacional do livro. Entretanto, quando a carta chegou a Buenos Aires, Orfila já havia partido de volta ao México, e a proposta ficou sem resposta até o ano seguinte.

Em 1959, os informes de obras traduzidas por editoras brasileiras iam se avolumando na correspondência, e, após nova insistência da Mestre Jou, Orfila Reynal analisou a proposta de adquirir as edições em português. No entanto, isso foi feito em um momento em que as vendas da Mestre Jou haviam voltado a cair, com o agravante de que o diretor considerava que

¹²⁷ O livro editado pela Zahar era *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, de William Lewis. Já o título editado pela Civilização Brasileira era *Problemas da formação de capital em países subdesenvolvidos*, de Ragnar Nurkse.

até o bom momento comercial dos anos anteriores poderia ter alcançado números melhores.¹²⁸ O diretor levou a questão à Junta de Governo, na reunião de 31 de março de 1959, e, conforme ata, a Junta considerou inviável contratar os direitos para a edição em português, pois isso exigiria investimentos importantes que precisariam ser subtraídos das atividades que o FCE já desempenhava. Resolveu, assim, que a Mestre Jou poderia se encarregar das edições em português utilizando o nome do FCE mediante remuneração.

Ao comunicar a decisão à Felipe Mestre, Orfila explicou que, além de outorgar o nome, a editora poderia auxiliar com as gestões para contratar os direitos em português ao mesmo tempo que negociasse os direitos em espanhol, sendo que todo o aspecto econômico ficaria a cargo da Mestre Jou. Após alguns trâmites, percebemos que o acordo não rendeu frutos nos anos seguintes.¹²⁹ Conectando com a queda nas vendas, Orfila expressou, já naquele momento, o receio de que as novas atividades editoriais da Mestre Jou pudessem prejudicar as tarefas de distribuidores, uma vez que, por se tratar de ramos diferentes, todas as experiências demonstravam que a edição competia e debilitava a distribuição. Tal receio foi reiterado com veemência em mais duas cartas enviadas em 1959. A essas advertências, Felipe Mestre Jou respondeu, em mais de uma missiva, que ambas as atividades marchariam em harmonia, explicando também que, para as tarefas de edição, contaria com a vinda de um seu familiar, da Espanha, enquanto as importações seguiram sempre a cargo do próprio Felipe Mestre.

Não obstante as perspectivas expostas pelo distribuidor, observamos que, nos anos seguintes, houve um considerável enfraquecimento das atividades de distribuição da Mestre Jou, além de um acentuado desgaste nas relações comerciais, que se perpetuaram até o fim do período analisado. Em 1960, sabemos que Felipe Mestre viajou ao México para discutir as condições para a continuidade da representação exclusiva.¹³⁰ Já em março de 1961, Orfila Reynal remeteu uma carta ao “estimado Sr. Mestre”, introduzida pela seguinte observação: “Creo que tanto en las relaciones amistosas como en las comerciales es conveniente y favorable

¹²⁸ Iniciada com a garantia de venda de 10 mil dólares anuais, no final dos anos 1950, a representação exclusiva deveria contemplar a venda de 30 mil dólares anuais, o que ocorreu em 1956, 1957 e 1958. Contudo, Orfila considerava que era possível alcançar cifras mais altas porque o FCE ampliava seu catálogo a cada ano e porque, a seu ver, o Brasil era um dos países mais pujantes do continente.

¹²⁹ Por meio desse acordo, chegou-se a negociar a edição da obra *Tratado de Teoría Económica*, de Francisco Zamora, sendo redigido um contrato, no qual o Fondo de Cultura Económica cedia à Mestre Jou S.A. o direito de editar o livro em idioma português. Não localizamos a edição em português desse livro. Identificamos apenas um exemplar, no sítio eletrônico da Estante Virtual, editado em 1959 e em português, sinalizando que possa ser a edição da Mestre Jou, ainda que não conste o nome da editora. Também em 1959, o FCE iniciou a negociação para ceder à Mestre Jou o direito de editar o livro *El Hombre y sus obras*, de Jena Herskovits, em português. Tal livro, contudo, foi editado pela Mestre Jou, já como “Editôra Mestre Jou”, apenas em 1963 e já fora desse acordo com o FCE.

¹³⁰ Os detalhes da viagem, assim como as relações comerciais durante o ano, são desconhecidos porque a documentação de 1960 não foi preservada.

el usar de la más amplia franqueza [...]”. O diretor explicou, então, que havia falta de atenção da Mestre Jou, particularmente com ele, ao não responder às colocações a respeito da extraordinária baixa das vendas que se estava verificando. A carta também menciona que Manuel Andújar, o gerente de promoção e publicidade, viajaria à América do Sul, no segundo semestre, e passaria pelo Brasil para discutir o desenvolvimento das relações comerciais. Orfila, por fim, explicou que viajaria para a América do Sul naquele mês, passaria pelo Rio e por São Paulo sem permanecer, e que Felipe Mestre Jou poderia escrever-lhe endereçando à sucursal de Buenos Aires.

Felipe Mestre respondeu ao “estimado amigo Sr. Orfila” argumentando que, desde a posse do novo governo no Brasil – a saber: o governo do presidente Jânio Quadros (1961) –, a situação econômica geral era muito instável e, ademais, uma nova disposição havia retirado o câmbio especial para a importação de livros, gerando uma radical paralização nas importações até que a situação se acomodasse. Tratava-se da Instrução n. 204, da Sumoc, que estabelecia o câmbio livre para todos os produtos de importação com o objetivo de unificar a taxa cambial. Com efeito, em 14 de março de 1961, um dia depois da publicação da instrução, a Mestre Jou havia enviado uma carta ao FCE ordenando a suspensão de todas as encomendas e do serviço de novidades. Após relatar o momento econômico brasileiro, o distribuidor terminou sua missiva alegando que:

[...] con toda franqueza, que me siento dolorido por ser ésta la segunda vez que, en los últimos años pasa usted por Brasil, escalando en Río de Janeiro, y ni siquiera ha intentado una visita a nuestra firma o un simple entrevista, aunque sólo hubiera sido formal. Yo estimo que los contactos son muy necesarios, sobre todo teniendo en cuenta que yo tuve que hacer un viaje a México, casi con el exclusivo propósito de entrevistarme con ustedes. (“61” MESTRE..., 1961).

Felipe Mestre referia-se à viagem que Orfila Reynal faria em breve, mas também àquela que fizera a Buenos Aires, no ano de 1958, e não passara pelo Brasil. O excerto explicita que, se as viagens favorecem a comunicação e têm o potencial de estreitar laços e fortalecer os negócios, a falta delas também pode gerar incômodos e intensificar os descompassos comerciais. Afinal, por se desenvolver à distância, a comunicação epistolar possui limites atenuados pela comunicação direta que as viagens possibilitam. Vimos que, talvez pelos protestos de Felipe Mestre, Orfila acabou alterando seus planos e incluiu o Brasil em sua viagem. Durante a visita, ressurgiu a proposta de realizar uma sociedade com o FCE para a edição de obras do catálogo em português. A insistência, unida à continuidade de missivas relatando a tradução de obras do catálogo, sinalizam que o desenvolvimento editorial brasileiro

seguia impactando a comercialização das obras da editora. Ao regressar ao México, Orfila expôs a proposta na reunião da Junta de Governo, de 18 de julho, e a Junta resolveu recusá-la por impeditivos de ordem legal e técnica. O diretor comunicou a decisão a Felipe Mestre, e, a partir de então, os diálogos sobre a proposta de edição conjunta findaram, com a Mestre Jou passando apenas a avisar a tradução de novas obras para o português.

A anunciada viagem do gerente Manuel Andújar ao Brasil, que ocorreu em fins de agosto e início de setembro, tampouco serviu para alentar as relações comerciais. Andújar retornou ao México levando, pessoalmente, uma carta na qual a Mestre Jou solicitava redução do serviço de novidades e a devolução de uma série de livros dos quais possuía estoque elevado. Andújar observou que estavam criando faculdades em todo o Brasil, mas, ao mesmo tempo, Felipe Mestre Jou continuava a relatar as instabilidades políticas e econômicas, que seguiam com a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, e com o aumento da inflação e dos preços dos livros importados e nacionais. Devido ao fim do câmbio especial para a importação dos livros e a outras medidas gerais e relativas ao comércio livreiro, Mestre Jou chegou a relatar que o público estava pagando quatro vezes mais por um livro e anexou, às missivas, recortes de jornais sobre a difícil situação do mercado livreiro naquele momento.¹³¹

Em meio às conjunturas econômicas e aos desafios internos ao processo de distribuição, a Mestre Jou já não alcançava o nível de vendas estabelecido, suspendia ou diminuía o serviço de novidades e começou a solicitar devoluções não previstas. Desse modo, a continuidade da representação exclusiva passou a ser questionada de 1961 em diante. Em abril de 1963, Orfila Reynal visitou a Mestre Jou, em São Paulo, tendo a oportunidade de dialogar pessoalmente. Ainda assim, em agosto daquele ano, Orfila Reynal redigiu uma extensa carta à atenção de Felipe Mestre Jou e comunicou ao “querido amigo” que, como vinha sinalizando nos últimos anos, o FCE desejava encerrar o compromisso de exclusividade ao final de 1963. A Mestre Jou continuou a realizar encomendas e a enviar cartas à administração do FCE, mas nenhuma resposta foi dada ao importante comunicado de Orfila.

Cerca de um ano depois, Orfila Reynal voltou a mencionar a carta sobre o fim da representação, afirmando que não recebia notícias diretas de Felipe Mestre há muito tempo e apontando, com certa ironia, que: “Siempre será oportuno – antes de cumplirse un año – recibir comentario a esa carta [...]”. Orfila adicionou que também lhe agradaria receber notícias e

¹³¹ Além da adoção do câmbio livre para a importação de livros, vista com tanta preocupação por Felipe Mestre Jou, Hallewell (2005) nos informa que o governo Jânio Quadros (1961) também aboliu o câmbio especial para o papel de impressão e retirou o subsídio para a produção de papel nacional, o que elevou vertiginosamente o preço do insumo. Em conjunto, tais medidas geraram não apenas o aumento dos livros importados, como também elevaram os custos das edições nacionais.

impressões de Felipe Mestre sobre “la situación tan complicada de ese país en estos momentos” (“64” MESTRE..., 1964). No que se refere à situação tão complicada do Brasil, é possível interpretar que Orfila não se referia às relações comerciais com o FCE – que andavam complicadas há alguns anos –, mas à situação política estabelecida no Brasil após o golpe de março de 1964.

De todo modo, tal missiva também ficou sem resposta. O que verificamos, até o fim do período, é que a Mestre Jou manteve o envio de cartas comerciais à administração do FCE, mas a correspondência direta entre Orfila Reynal e Felipe Mestre foi desaparecendo. O volume da documentação relativa às relações comerciais também diminuiu consideravelmente, em 1964 e 1965, evidenciando o arrefecimento não só dos negócios, mas também dos diálogos. Em março de 1965, Orfila Reynal voltou a passar, brevemente, por São Paulo em uma de suas viagens. Ao retornar ao México, expressou que gostaria de ter trocado mais impressões com Felipe Mestre a respeito da atividade comercial, que lamentavelmente havia sofrido “tantos deterioros en los últimos tiempos”. Felipe Mestre Jou respondeu a missiva exprimindo satisfação pela visita e pela oportunidade de tratar sobre os problemas das relações comerciais.

Arnaldo Orfila Reynal e Felipe Mestre Jou não voltaram a trocar cartas diretamente durante aquele ano, e, em novembro, Orfila Reynal foi destituído da direção do FCE devido aos seus posicionamentos políticos, demissão que instaurou uma crise e acarretou a substituição de grande parte do corpo técnico da editora. A partir de então, caberia à Mestre Jou e a Felipe Mestre Jou construir novas relações com Salvador Azuela (1902–1983), aquele que substituiria Orfila na direção da casa editorial, e adaptar suas atividades de distribuição ao novo período que se inaugurava na editora.

2.4 Os livros pedidos

Após nos aproximarmos das dinâmicas e dos desafios gerais da distribuição dos livros do FCE pela Mestre Jou, chega o momento de nos perguntarmos quantos e quais livros percorriam esse canal de distribuição e eram disponibilizados aos potenciais leitores brasileiros. Para tanto, utilizamos como principal fonte as listas de pedidos enviadas pela Mestre Jou à editora mexicana, no período de 1952 a 1965, com a ressalva de que a maior parte da documentação de 1960 não foi preservada. Trabalhamos apenas com as encomendas efetuadas pela Mestre Jou e não com o serviço de novidades, uma vez que, nos arquivos consultados, não constam registros sistemáticos a respeito do envio de novidades, impossibilitando conhecer e

quantificar as obras efetivamente remetidas por esse meio. Já os pedidos de livros eram registrados em listas anexas às missivas, no próprio corpo da carta ou por telegrama.

As listas de pedidos anexas eram mais comuns, datadas e identificadas com o número do pedido, autor e título das obras e o número de exemplares.¹³² Tais listas poderiam ser extensas, chegando a 110 títulos, ou reduzidas, com seis ou cinco títulos. Porém, os pedidos mais reduzidos, com uma ou duas obras, costumavam ser encaminhados no próprio corpo das cartas e, em geral, mantinham a identificação numérica. Algumas listas e alguns pedidos no corpo das cartas requeriam urgência ou máxima urgência no envio, mas, quando a urgência, aparentemente, era muito grande, as solicitações eram enviadas por telegrama – especificamente 48 telegramas em um universo de 212 pedidos.

Os funcionários do FCE anotavam à caneta nos próprios pedidos o preço unitário de cada obra solicitada e marcavam com a letra “A” – de *agotado* – os títulos que se encontravam esgotados. Tais títulos não eram faturados, o que nos permitiu diferenciar o que era pedido daquilo que era enviado e, por consequência, acompanhar a diferença entre a procura e aquilo que o FCE efetivamente conseguia ofertar.

Dessa forma, essas fontes possibilitam conhecer, quantificar e classificar as obras pedidas e as obras enviadas pelo canal de distribuição exclusiva da Mestre Jou. Importa enfatizar, contudo, que tal documentação permite analisar os livros que foram encomendados ao FCE pela Mestre Jou, e não os livros efetivamente vendidos no Brasil. Isso porque, no percurso da distribuição, nossa análise está circunscrita no ponto entre o México e o Brasil. Ao chegar em terras brasileiras, os livros ainda seriam distribuídos às livrarias varejistas de todo o País e disponibilizados nas livrarias Mestre Jou para que pudessem ser comprados por bibliotecas e particulares, chegando, finalmente, às mãos dos leitores. Uma vez que os arquivos comerciais da Mestre Jou não foram preservados, esses estágios subsequentes permanecem desconhecidos.

Ainda que não saibamos quais e quantos títulos foram realmente vendidos no Brasil, entendemos que a documentação relativa aos pedidos nos aproxima de qual era a demanda de

¹³²A numeração dos pedidos sofreu modificação durante o período analisado. Até o fim de 1953, eram identificados pela sigla “FC” – que podemos concluir ser Fondo de Cultura – seguida de um número sequencial. Isso nos ajudou, durante a pesquisa, a controlar se os pedidos estavam na ordem e se havia alguma lacuna. A partir de 1954, a numeração perdeu a sigla “FC” e a ordem sequencial, além de começarem a aparecer números com três dígitos, o que nos leva a inferir que a Mestre Jou adotou uma numeração única para os seus pedidos de importação. Além disso, nos pedidos que continham obras de Breviarios e de Colección Popular, coleções cujos títulos eram numerados, a identificação de autor e título era substituída pelo número da obra na coleção, como exemplo: “Breviario 10” ou “Colección Popular 25”. A Biblioteca do Fondo de Cultura Económica nos disponibilizou um documento com os códigos das obras editadas pelo FCE, o que permitiu que identificássemos os Breviarios e as obras de Colección Popular solicitados.

livros do FCE no País. Afinal, ainda que as encomendas estivessem sujeitas a apostas, equívocos e omissões, Felipe Mestre Jou precisava ativar seu faro comercial ao realizar os pedidos, sobretudo porque não se tratava de um negócio em consignação e porque, até 1961 e com exceção de uma ocorrência em 1955, as devoluções só estavam previstas em caso de envios equivocados ou de livros defeituosos.

Para tratar a documentação relativa aos pedidos, tabelamos cada título dos 212 pedidos identificados. A Biblioteca do Fondo de Cultura Económica havia nos fornecido uma tabela com todas as obras editadas pela editora no período de 1934 a 1965, contendo colunas referentes a coleção, idioma original e ano da primeira edição, o que facilitou a incorporação dessas informações à tabela que elaboramos. Ao fim, nossa tabela base continha o ano, a data e o número do pedido; a quantidade de títulos pedidos; o nome de cada obra e seu autor; a coleção à qual pertencia; o idioma original; o ano da primeira edição publicada pelo FCE; e a quantidade de exemplares solicitados.¹³³ Isso possibilitou que utilizássemos filtros, desdobrásssemos outras tabelas¹³⁴ e construíssemos os gráficos e quadros que analisaremos a seguir.

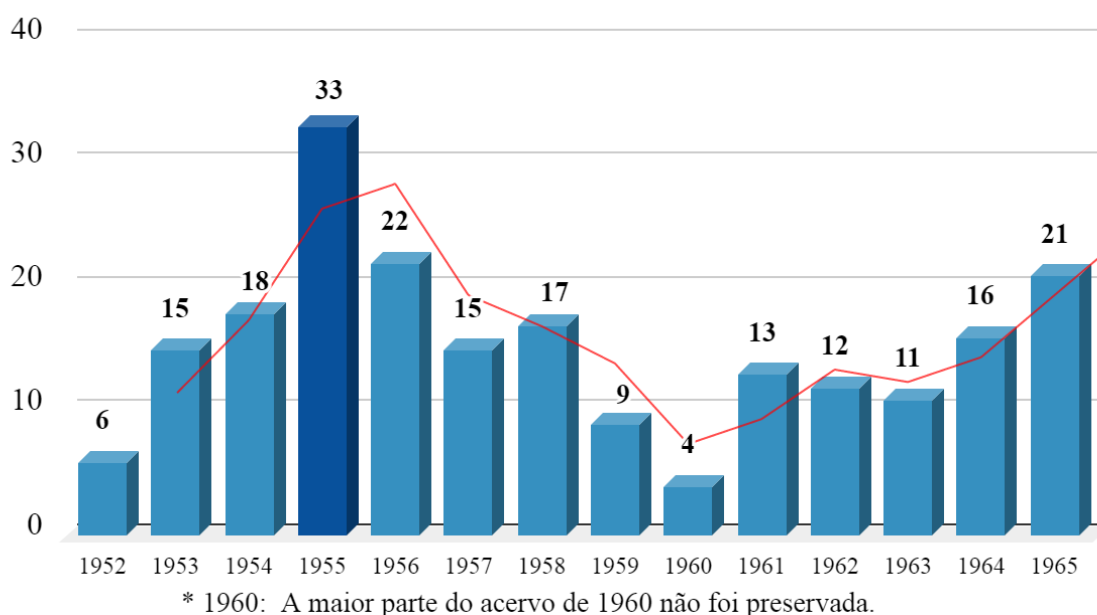
Conforme mencionamos, localizamos 212 pedidos efetuados pela Mestre Jou ao FCE no período abarcado por esta pesquisa. O Gráfico 1 apresenta a distribuição desses pedidos ao longo do período.

¹³³ Por se tratar de uma documentação antiga, ainda que bem preservada, houve casos de corrosão que impediram a leitura. No que se refere aos pedidos, em um universo de 4.182 ocorrências de títulos pedidos, houve 31 casos em que o número de exemplares estava corroído. A corrosão não impediu que o título fosse identificado, mas impediu que pudéssemos contabilizar a quantidade de exemplares pedidos e enviados, que, portanto, não constaram nos valores apresentados nos gráficos e tabelas. Ainda que os números de exemplares pudessem ser reveladores caso estivessem legíveis, compreendemos que essas corrosões não seriam motivo para abandonar a análise quantitativa relativa aos exemplares porque elas representam um percentual muito pequeno em relação ao universo pesquisado (cerca de 0,74%).

¹³⁴ As outras tabelas que desdobramos foram: uma que excluía os títulos esgotados; outra que acompanhava cada obra ao longo do tempo e as ordenava pela quantidade de exemplares solicitados; ainda outra que acompanhava cada obra, com exceção das que estavam esgotadas, ordenando-as pela quantidade de exemplares enviados.

Gráfico 1 – Quantidade de pedidos realizados (1952–1965)

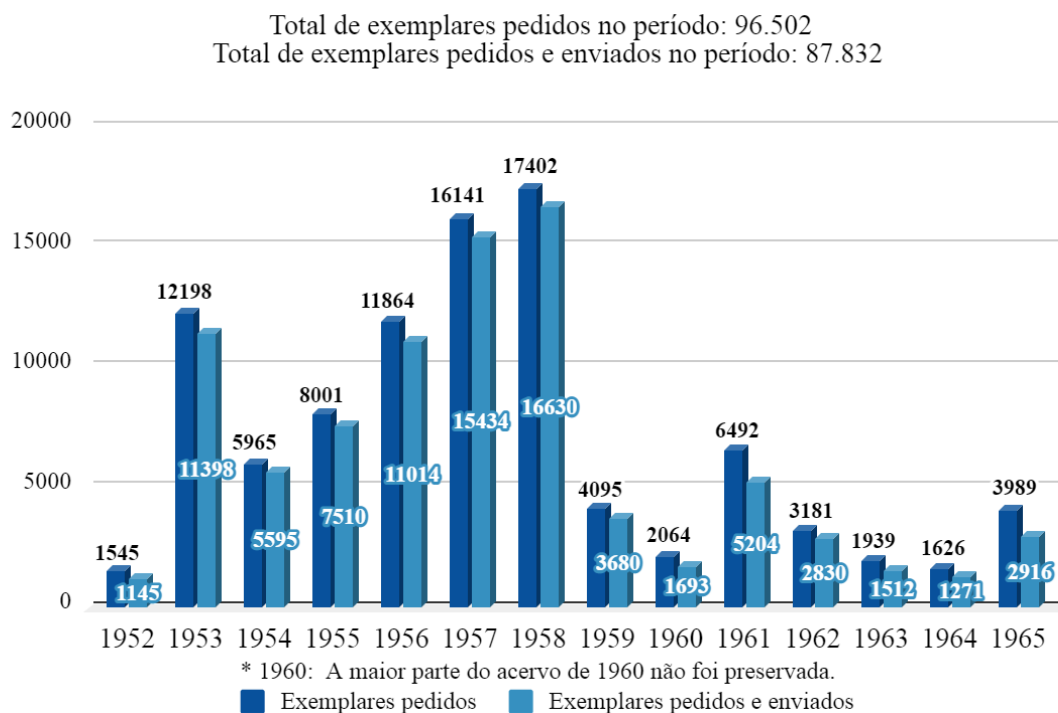
Total de pedidos do período: 212



Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Na maior parte do tempo, os pedidos chegavam ao FCE mais de uma vez ao mês, mas um grande volume de encomendas não significa, necessariamente, uma grande quantidade de livros solicitados. Como vimos, houve pedidos muitos extensos e outros com apenas uma ou duas obras. Contudo, a distribuição dos pedidos pelo período nos fornece um quadro a respeito do ritmo – mais ou menos agitado – daquela relação comercial: constatamos que, em alguns anos, as encomendas chegavam com mais frequência, imprimindo movimento ao negócio. Nessa linha, pode não ter sido coincidência que a maior quantidade de pedidos tenha ocorrido em 1955, ano em que Orfila Reynal, desde janeiro, havia anunciado sua viagem ao Brasil com o objetivo de discutir a continuidade da representação exclusiva após o fraco desempenho comercial de 1954.

Ao considerarmos o número de exemplares solicitados (Gráfico 2), percebemos que a correspondência e as evidências quantitativas se reforçam, pois, após a queda em 1954, os negócios realmente foram se intensificando, de 1955 em diante, e atingiram o ápice no ano de 1958. O próprio Felipe Mestre Jou, ao contrapor as observações de Orfila Reynal a respeito do fraco desempenho comercial de 1954, nos fornece elementos para interpretar os dados quantitativos dos primeiros anos de distribuição e nos dá a oportunidade de conhecer como ele compreendia e conduzia o negócio.

Gráfico 2 – Quantidade de exemplares pedidos e de exemplares enviados (1952–1965)

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Felipe Mestre Jou, em carta “a la atención de D. Arnaldo Orfila”, datada de 26 de fevereiro de 1955, argumentou que, ao comparar 1954 com os anos anteriores, era preciso ter em conta que, em 1952, parte dos valores faturados corresponderam à compra do estoque da editora e livraria do Globo. Além disso, explicou que a Mestre Jou havia feito compras para que o estoque do FCE fosse o mais variado possível. Em 1953, “[...] ya con conocimiento más profundo del Fondo de Uds. nos lanzamos de verdad para tener un stock completo y en cantidad.” (“55” MESTRE..., Expediente 23, 1955). Felipe Mestre Jou agregou que, também em 1953, o governo brasileiro impulsionara as importações diante do temor de um conflito internacional, tendência seguida pela Mestre Jou para evitar o risco de ela ser privada, um tempo depois, das importações dos livros do FCE.¹³⁵ O número de exemplares pedidos em 1953 confirma a iniciativa narrada por Felipe Mestre de garantir uma boa oferta dos livros do FCE. Por fim, Felipe Mestre reiterou, como explicação para a queda nos pedidos de 1954, a ação constante dos exportadores mexicanos que vendiam a diversas firmas brasileiras – as tão mencionadas “infiltrações”.

¹³⁵ Trata-se, provavelmente, da já referida medida promovida pelo ministro Horácio Lafer (1900–1965) de aumentar as licenças de importação com vistas a evitar a restrição de bens no País, o que acarretou escassez de divisas.

Findando o mau momento comercial, entre 1955 e 1958 ocorreu um progressivo aumento na quantidade de livros pedidos, o que converge com as manifestações sobre o êxito das vendas na correspondência. Entretanto, se 1958 foi o ano com maior quantidade de livros pedidos, a queda no ano de 1959 foi abrupta. Além das instabilidades políticas e econômicas, um dos fatores que teria impactado os números da relação comercial – que se mantêm baixos até o fim do período analisado – seria exatamente o aumento das traduções dos livros do catálogo do FCE por editoras brasileiras. Afinal, se as “infiltrações” constituem um problema que perpassou a relação comercial desde o início, o significativo aumento das traduções no Brasil representou um elemento novo. Como vimos, a partir de maio de 1958, as cartas de Felipe Mestre Jou ao FCE passaram a trazer frequentes alertas sobre o surgimento das traduções brasileiras. Já a partir de 1962, conforme veremos mais adiante, se estabeleceu a prática de devolver livros ao FCE sob o argumento de que eles haviam sido editados em português. Assim, o aumento das traduções brasileiras caracterizou-se como um processo que, paulatinamente, foi criando uma difícil competição e enfraquecendo as relações comerciais com o Brasil.

Entre outras editoras brasileiras que se dedicaram à tradução de obras de ciências sociais e humanidades, acreditamos que o surgimento da Zahar, em 1957, tenha contribuído significativamente para a intensificação das traduções brasileiras e para a diminuição do espaço ocupado pelo FCE no mercado livreiro do Brasil. No período de 1957 a 1965, a Zahar editou 211 títulos, mas foi a partir de 1959 que a produção se acentuou.¹³⁶ Ao observarmos as coleções mais claramente voltadas para a área de ciências sociais e economia, percebemos que, até 1965, a editora publicou 64 obras na coleção denominada Biblioteca de Ciências Sociais, fundada em 1957; 7 títulos na coleção Manuais de Economia Cambridge, fundada em 1960; e 2 na coleção Biblioteca de Ciências Econômicas, fundada em 1964. Entre essas obras, apenas duas não eram traduções. Além disso, comparamos as publicações da Zahar com o catálogo do FCE e observamos que, dos 211 títulos publicados pela editora brasileira até 1965, 25 já haviam sido editados pelo FCE e 3 foram publicados pelas duas editoras no mesmo ano.¹³⁷ Tais aproximações entre os catálogos foi, inclusive, tema de um anúncio de “livros novos”, publicado no *Jornal do Dia*, de Porto Alegre, em 23 de março de 1960:

¹³⁶ Em 1957, a Zahar editou apenas dois títulos e, 1958, editou três. Já em 1959, a produção aumentou para 12 títulos. Todos esses dados foram obtidos em Azevedo (2018). Os dados trabalhados por Azevedo (2018) não possuíam informações sobre tiragem.

¹³⁷ Para obter esses dados, trabalhamos com a lista de livros publicados pela Zahar Editores de 1957 a 1970, apresentada como apêndice da tese de Fabiano de Azevedo (2018). Em seguida, selecionamos os títulos publicados até 1965 e observamos se eles constavam no *Catálogo Histórico do FCE* (2009) e/ou no *Libro conmemorativo del primer médio siglo* (1984).

A organização Zahar Editores, do Rio, mercê de sua profícua atividade editorial iniciada há apenas dois anos, está desempenhando entre nós o papel saliente que tem caracterizado a editorial Fondo de Cultura Econômica, do México, na divulgação de obras de Economia, assinada por autores predominantemente norte-americanos. Todo o elenco de títulos bibliográficos abrangido pela editora mexicana, um dos mais preciosos mananciais para o estudo dos problemas econômicos da atualidade, tem sido editado e difundido em língua portuguesa por Zahar Editores, do Rio, num ritmo incessante e criterioso e através de composições gráficas que muito honra a indústria do livro do país. (JORNAL DO DIA, 1960, p. 4).¹³⁸

Antes de fundarem a Zahar Editores, os irmãos Jorge e Ernesto Zahar eram donos da Livraria Ler, criada em 1946, na cidade do Rio de Janeiro. Recordemos que, nos anos 1940, eles efetuavam pedidos com frequência à sucursal do FCE em Buenos Aires.¹³⁹ Mais que isso, os irmãos Zahar possuíam vínculos com a Casa Herrera, primeira representante do FCE no Brasil, pois Ernesto era genro de Antonio Herrera, e Jorge começou a trabalhar na Herrera em 1940 (AZEVEDO, 2018). Esses livreiros e editores, portanto, não apenas tinham experiência com o mercado de obras estrangeiras, como conheciam o catálogo do FCE e haviam realizado negócios com a editora mexicana.

Além do aumento das traduções, a diminuição no número de livros pedidos após 1958 pode guardar relações com o desenvolvimento das atividades editoriais da Mestre Jou, indo ao encontro do receio expresso por Orfila Reynal de que as atividades de edição costumavam prejudicar as de distribuição. Sabemos que a Mestre Jou começou a atuar como editora a partir de 1958, período em que propôs a parceria ao FCE para editar obras do catálogo em português. As atividades editoriais da Mestre Jou significaram uma ampliação e não um deslocamento, visto que a empresa continuou a atuar na distribuição dos livros do FCE até a década de 1970. Contudo, tornar-se editora, somado a um contexto em que os livros do FCE vinham perdendo mercado para as traduções em português, pode ter significado uma mudança nas prioridades da Mestre Jou.

Em conjunto com as variações ao longo do tempo, convém observar as diferenças entre os exemplares pedidos e os enviados (Gráfico 2)¹⁴⁰. Tal diferença explicita que o FCE não conseguia sustentar a demanda por seus livros integralmente, pois, em todos os anos, os títulos esgotados impediram que os pedidos fossem completamente atendidos. Com efeito, a reedição

¹³⁸ Tivemos conhecimento desse anúncio por meio de Azevedo (2018).

¹³⁹ Conforme carta de Delia Etcheverry a Orfila Reynal, datada em 14 de setembro de 1949, e mencionada no Capítulo 1.

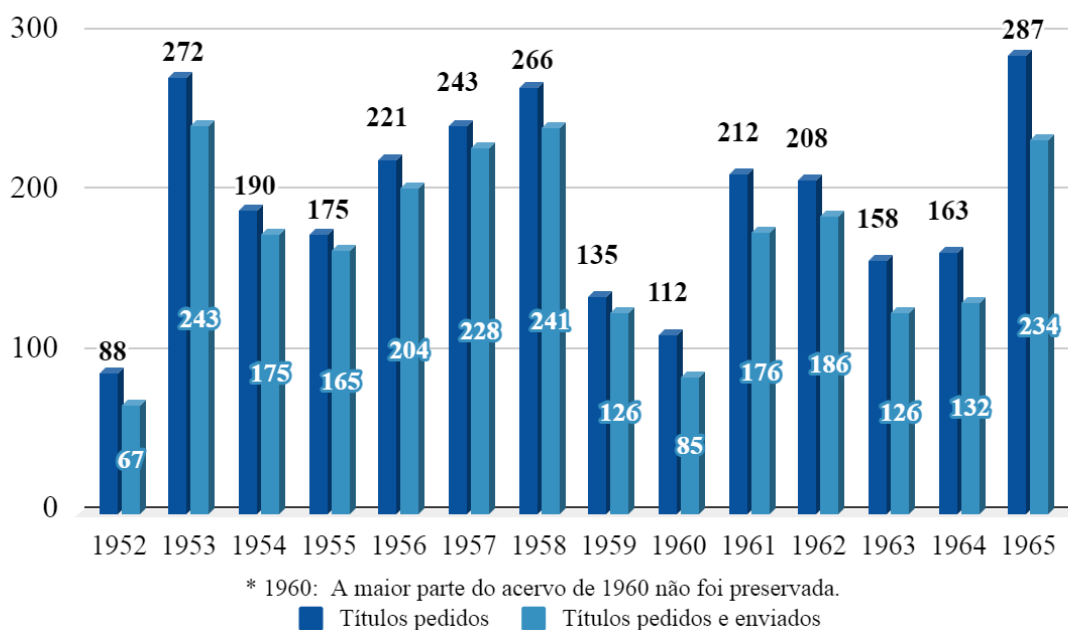
¹⁴⁰ Infelizmente, não foi possível explorar o que representaria o número de exemplares enviados à Mestre Jou em relação à totalidade de livros importados para o Brasil no mesmo período porque os dados que encontramos sobre importação de livros não estavam dispostos em exemplares ou títulos, mas sim em dólares (ANDRADE, 1978) ou em toneladas (HALLEWELL, 2005). Além disso, os dados encontrados não discriminavam os assuntos gerais dos livros importados, o que tornaria qualquer comparação muito diluída.

de obras esgotadas constituiu-se como um problema que perpassou a gestão do FCE durante o período. A questão foi tema da correspondência entre Arnaldo Orfila Reynal e Felipe Mestre Jou, na qual o diretor do FCE revelou que atender a reedição de obras esgotadas era um dos aspectos mais complicados do trabalho editorial. Nas atas das reuniões da Junta de Governo, era comum abordar o tema das reedições como uma dificuldade que exigia levantar fundos nem sempre disponíveis e modificar o programa anual de edições.¹⁴¹

Por fim, ao examinar os exemplares, convém recordar que nossa análise está circunscrita às encomendas efetuadas pela Mestre Jou. Se consideramos que a relação comercial também era movimentada pelo serviço de novidades, sobre o qual não dispomos de dados sistemáticos, concluímos que a quantidade de exemplares distribuídos foi muito mais elevada do que aquela que visualizamos nos pedidos. Sabemos que os números do serviço de novidades variaram ao longo do tempo e que o envio nem sempre ocorreu com regularidade. Ainda assim, apenas para que tenhamos uma visão geral, se multiplicarmos os livros lançados pelo FCE, entre 1952 e 1965, pelo acordo inicialmente efetuado para o envio de novidades – 200 exemplares de cada obra, exceto obras de literatura, que seriam seis exemplares – percebemos que cerca de outros 106 mil exemplares foram distribuídos pela Mestre Jou. O serviço de novidades, portanto, movimentou uma volumosa distribuição de livros e, ao nos debruçarmos sobre as encomendas, estamos a analisar uma parte dessas transações.

Se, por um lado, os dados sobre os exemplares informam sobre o volume da relação comercial, por outro, importa observar a diversidade de títulos do FCE que circulou pelo canal de distribuição da Mestre Jou. O Gráfico 3 apresenta quantos títulos diferentes foram pedidos e enviados em cada ano do período analisado.

¹⁴¹ Em 1953, por exemplo, o FCE contava mais de 100 obras esgotadas. Anos depois, Orfila Reynal expressou, na reunião da Junta, de 28 de junho de 1960, que o problema dos esgotados era cada vez mais agudo, sobretudo na coleção Breviarios. Já em julho de 1962, somavam-se mais de 350 obras esgotadas, das quais se considerava desejável a reedição de ao menos 100 títulos.

Gráfico 3 – Quantidade de títulos pedidos e de títulos enviados (1952–1965)

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Os pedidos realizados pela Mestre Jou continham uma grande diversidade de títulos.¹⁴² Em vários anos, ficaram acima de 200 os títulos demandados. Tal diversidade foi possível, antes de tudo, porque, nos anos 1950, o FCE já contava com um catálogo extenso e diversificado. Em 1952, o Fondo já havia editado 829 títulos em primeira edição, número que aumentaria para 1.357, em 1959, e para 1.807, em 1965.¹⁴³

Numa direção analítica, é possível realizar algumas aproximações com a diversidade de títulos editados no território brasileiro durante o mesmo período. A esse respeito, orientando-nos principalmente pelo trabalho de Olímpio de Souza Andrade (1978), consultamos os Anuários Estáticos do Brasil, elaborados pelo IBGE, dos anos de 1964, 1965 e 1967.¹⁴⁴ Tais anuários apresentam dados sobre a produção editorial brasileira relativa aos anos de 1962, 1963 e 1964.¹⁴⁵ No período anterior a 1962, as áreas ou os temas atribuídos aos livros editados no

¹⁴² Novamente, não foi possível tecer relações entre a diversidade de títulos pedidos ao FCE e enviados, a cada ano, com a totalidade dos títulos importados para o Brasil no mesmo período porque, como mencionamos, os dados sobre importação localizados estão dispostos em dólares (ANDRADE, 1978) ou em toneladas (HALLEWELL, 2005).

¹⁴³ Dados obtidos em Fondo de Cultura Económica (1984).

¹⁴⁴ Os anuários estatísticos do Brasil do período de 1908 a 2021 estão disponíveis em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=720&view=detalhes>. Acesso em: 22 ago. 2022.

¹⁴⁵ Não conseguimos acesso aos dados de 1965. Pela lógica de organização, eles deveriam constar no Anuário de 1968, mas, no arquivo digitalizado e disponível na página eletrônica do IBGE, há uma lacuna entre as p. 536-548, que seriam referentes à Cultura.

País eram muito amplos ou genéricos, tornando as aproximações pouco proveitosas para nossos objetivos. A partir de 1964, contudo, houve mudanças nos critérios, e os temas das obras publicadas passaram a ser apresentados de modo mais específico.¹⁴⁶ Andrade (1978) alerta que, ainda assim, o critério adotado para a divisão dos assuntos possui muita arbitrariedade, mas entendemos ser útil mobilizar esses dados para produzir algumas referências gerais.

Nessa perspectiva, selecionamos quatro áreas ou temas que mais dialogavam com o catálogo do FCE, a saber: Filosofia e Psicologia; Sociologia e Estatística; Ciências Políticas, Economia Política; Linguística e Filologia. De acordo com os anuários do IBGE, em 1962, editaram-se, no Brasil, 341 títulos que versavam sobre os referidos temas; em 1963, editaram-se 320 títulos sobre tais temáticas; e, em 1964, 339 títulos. Assim, no período de 1962 a 1964, o mercado editorial brasileiro produziu, por ano, em torno de 330 títulos diversos sobre temáticas que se relacionavam ao catálogo do FCE. Nesses mesmos anos, os pedidos efetuados pela Mestre Jou à editora mexicana geraram o envio ao Brasil de, respectivamente, 126, 132 e 234 títulos diversos. Esses números apontam que, em relação à produção brasileira, os livros do FCE ofereceram uma contribuição importante à diversidade de títulos de ciências sociais e humanidades disponibilizados no Brasil em cada um desses anos.

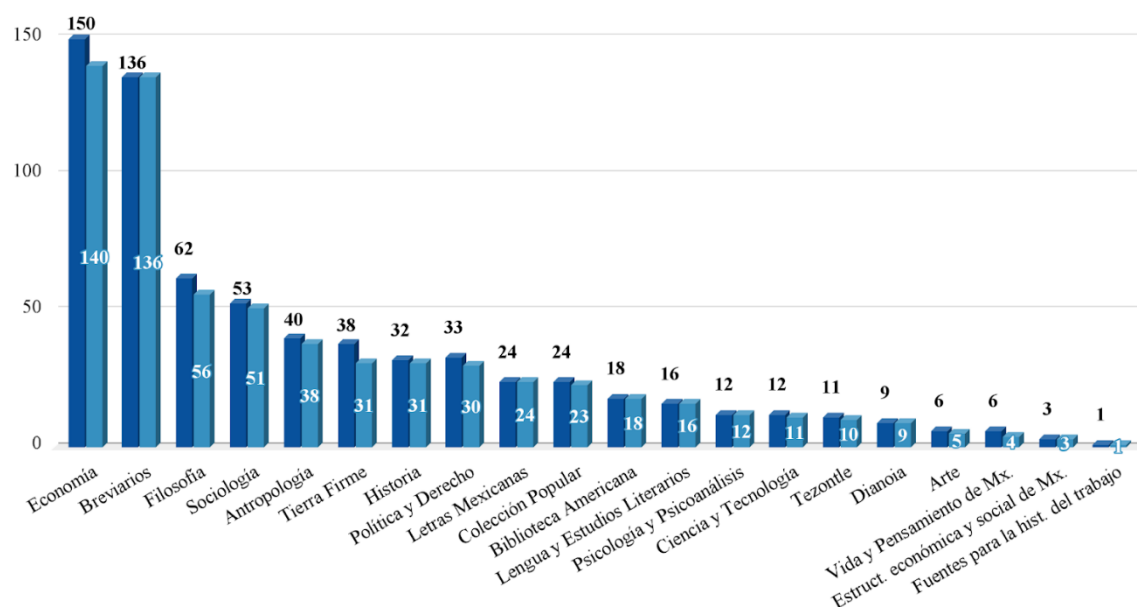
Essas evidências quantitativas corroboram o depoimento do intelectual brasileiro Antônio Cândido, apresentado na introdução deste trabalho. Antônio Cândido rememora que, mesmo nos anos 1950, o Brasil contava com pouca bibliografia de ciências humanas, além de estudos específicos sobre o País. Assim, muitas obras foram proporcionadas por editoras de língua espanhola, mas sobretudo pelo FCE, que trouxe grandes textos de diferentes áreas do conhecimento: “Eram obras de Max Weber, Mannheim, Toënnies, Dilthey, Cassirer, Ermatinger, Alfonso Reyes e tantos outros.” (SOUZA, 1993, p. 54). As memórias de Antônio Cândido trazem exatamente a ideia da diversidade de títulos proporcionada pelo FCE, que também percebemos ao analisar essa oferta de leitura em termos quantitativos.

A contribuição do FCE à diversidade de títulos em ciências sociais e humanidades é reforçada ao observarmos que a maior parte dos títulos pedidos e enviados ao Brasil se referiam

¹⁴⁶ Os assuntos atribuídos no período anterior a 1962 são: Obras gerais; Filosofia, Moral; Religião, Teologia; Ciências Sociais, Direito; Filologia; Ciências Puras; Ciências Aplicadas; Belas-artes, Recreações, Desportos; Literatura; História, Geografia, Biografias. Já os anuários relativos ao ano de 1962 em diante elencam 24 assuntos, entre eles: Filosofia e Psicologia; Sociologia, Estatística; Ciências Políticas, Economia Política; Direito, Administração; Ensino e Educação; Linguística e Filologia; Matemática e Ciências Naturais; Literatura; Manuais Escolares. Percebe-se que houve uma ampliação e um refinamento dos assuntos, além da separação dos manuais escolares.

às coleções de Economia, Filosofia, Sociologia e Antropologia, além de Breviarios, que também publicava obras de interesse acadêmico (Gráfico 4).¹⁴⁷

Gráfico 4 – Títulos pedidos e títulos enviados organizados por coleção (1952–1965)



* Dianoia: Coedição com o Instituto de Investigaciones Filosóficas da UNAM.

■ Títulos pedidos ■ Títulos pedidos e enviados

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

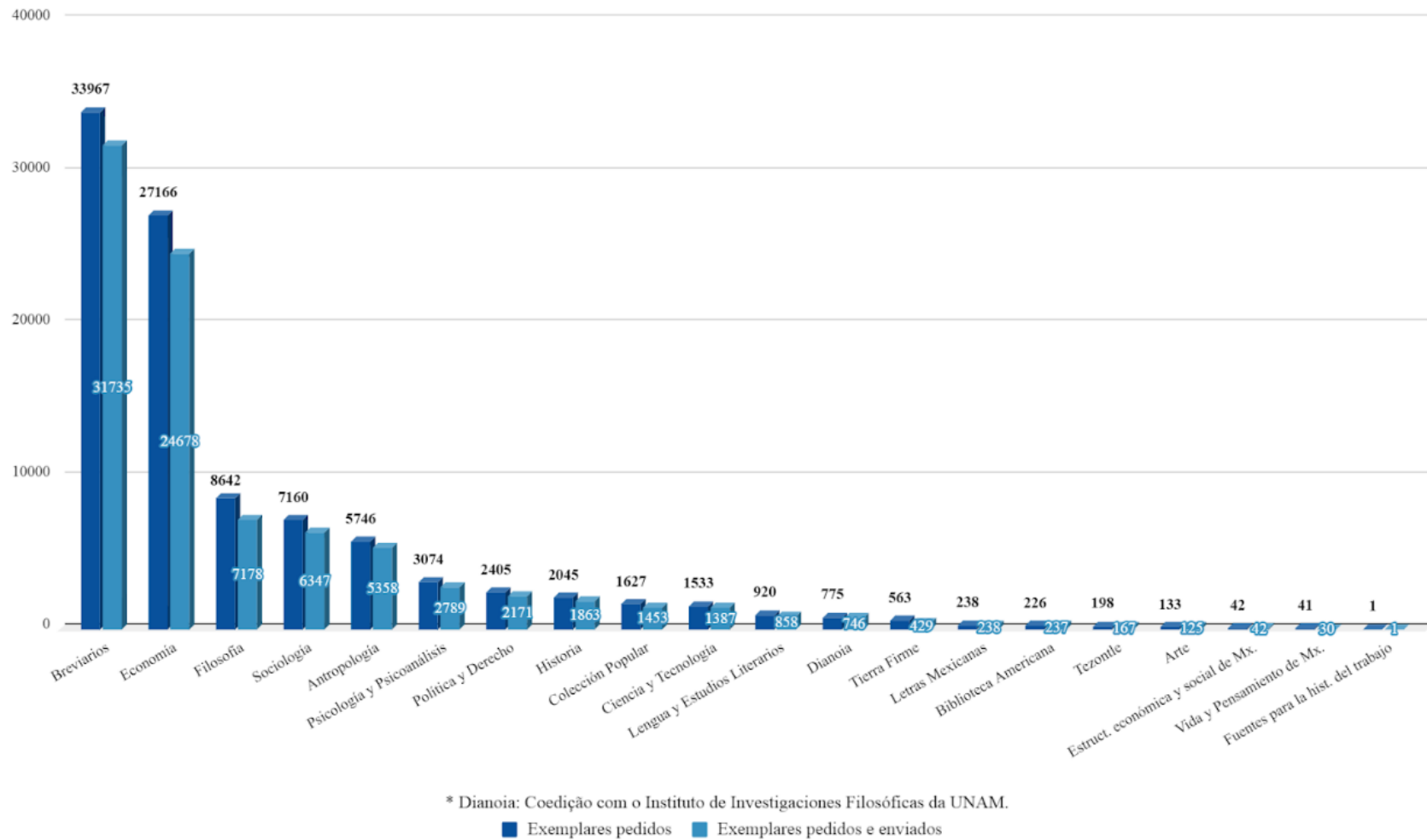
No período de 1952 a 1965, a Mestre Jou encomendou 150 títulos diferentes da coleção de Economia, seguida de Breviarios, com 136 obras diversas. Economia era a coleção mais antiga da editora mexicana e na qual mais se haviam editado obras. Em 1952, essa coleção já contava com 146 títulos e, em 1959, com 205. A coleção Breviarios, fundada posteriormente à de Economia (1948), possuía uma produção bastante intensa, tendo atingido o Breviário de número 100, no ano de 1954, e o de número 150, no ano de 1959. A extensão dessa coleção condizia com a proposta de formar uma grande biblioteca de cultura geral.¹⁴⁸ Assim, em termos de títulos publicados, a oferta dessas coleções estava posta e coincidiu com a grande procura

¹⁴⁷ Das 21 coleções inauguradas pelo FCE entre 1934 e 1965, a única que não consta no Gráfico 4 é Fuentes para la historia de la revolución mexicana (1954) porque não foi solicitado nenhum dos cinco títulos editados na coleção.

¹⁴⁸ Dados sobre a coleção de Economia obtidos em Fondo de Cultura Económica (1984). Dados sobre a coleção Breviarios obtidos em Fondo de Cultura Económica (1984, 2009), em carta enviada a Mestre Jou, na data de 21 de outubro de 1954, comunicando a publicação do Breviario n. 100, e na planilha fornecida pela Biblioteca do Fondo de Cultura, na qual é possível identificar o número de cada Breviário e, assim, buscar a data de edição da obra.

verificada nas encomendas da Mestre Jou. Mas o que podemos observar em relação aos exemplares organizados por coleção? (Gráfico 5, que se encontra na próxima página).

Gráfico 5 – Quantidade de exemplares pedidos e de exemplares enviados organizados por coleção (1952–1965)



Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Quando observamos a quantidade de exemplares organizados por coleção – e não mais os títulos diversos –, vemos se manter o claro acento em Breviarios, Economia, Filosofia, Sociologia e Antropologia, mas Breviarios e Economia invertem de lugar. Isso porque, nos pedidos da Mestre Jou, os títulos de Economia eram mais variados, mas foram encomendados em menor quantidade de exemplares, enquanto se pediam mais exemplares de uma mesma obra no que se referia à coleção Breviarios. Podemos pensar que isso ocorre em razão de Economia atender a um nicho mais especializado, cuja procura requer menos exemplares, enquanto Breviarios atinge uma gama bastante variada de potenciais leitores, uma vez que, nessa coleção, editavam-se obras de temas diversos elaboradas com vistas à ampla difusão do conhecimento.

Ainda que guarde muita imprecisão, pode não ser de todo infundada a relação entre o número de livros encomendados e a frequência aos cursos superiores nas respectivas áreas. Devemos notar, a esse respeito, que, no período, foram encomendados 27.166 e enviados 24.678 livros da coleção de Economia. Se pensarmos que, no Brasil de 1952, havia 3.358 estudantes matriculados nas escolas superiores de economia – número que aumentou para 5.590, em 1956; para 7.934, em 1960; e para 14.360, em 1964 (CUNHA, 2007b, p. 87-90) –, percebemos que a quantidade de exemplares da coleção de Economia distribuídos pela Mestre Jou foi significativa em relação ao número de estudantes da época, ainda que os potenciais leitores dessa coleção não se restringissem aos alunos dos cursos de Economia.¹⁴⁹

Por outro lado, as coleções com menor número de exemplares pedidos são aquelas que se propunham a refletir sobre a realidade mexicana (Estructura económica y social de México, Vida y Pensamiento de México e Fuentes para la historia del trabajo); as que abrigavam obras de arte, prosa e poesia (Letras Mexicanas, Arte Universal e Tezontle); mas também as que tinham como objetivo manifesto favorecer a integração cultural da América Latina (Tierra Firme e Biblioteca Americana). O caso de Tierra Firme é notável porque se pediu certa variedade de títulos (Gráfico 4), mas em pequena quantidade de exemplares: houve pedidos solicitando apenas um exemplar de livros dessa coleção.

O desempenho das coleções nos pedidos da Mestre Jou possui algumas correspondências com o desempenho geral das vendas do FCE. Em média, Breviarios e

¹⁴⁹ Talvez essa relação proposta ganhasse maior precisão se a fizéssemos, por exemplo, com o número de professores dos cursos superiores, no Brasil, durante o período. Esse é um dado, no entanto, que não conseguimos encontrar.

Economia eram as coleções da editora que mais vendiam exemplares por título.¹⁵⁰ Do mesmo modo, os poucos exemplares das coleções *Tierra Firme* e *Biblioteca Americana* nos pedidos para o Brasil coincidem com o desempenho comercial dessas coleções nas vendas totais do FCE.

O fraco desempenho comercial de *Biblioteca Americana* e de *Tierra Firme* foi, inclusive, pautado em reuniões da Junta de Governo da editora. Na sessão de 20 de fevereiro de 1961, após a apresentação da produção editorial de 1960, Eduardo Suárez, membro da Junta, manifestou que, no seu entendimento, a publicação de obras em *Biblioteca Americana* deveria ser mantida, ao que Orfila Reynal respondeu que a diminuição no ritmo daquela coleção – o que não significava seu abandono – ocorria em razão da lenta difusão de seus livros, que, após publicados, permaneciam por anos nos armazéns da editora. O diretor acrescentou que: “[...] tampoco cumple una función cultural editando libros que no se leen.” (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1960–1961, p. 60).

Na reunião de 22 de março de 1961, Eduardo Suárez retomou a questão, reiterando seu interesse na continuidade das publicações em *Biblioteca Americana*, assim como a edição de grandes obras de História, porque, apesar de não disporem de um excessivo mercado, essas coleções concediam um grande prestígio à editora. Orfila Reynal explicou, então, que a diminuição no ritmo de publicação se dava em razão da dificuldade na preparação de várias obras encomendadas, mas acrescentou que as últimas edições de *Biblioteca Americana* haviam tido um fraco desempenho: “[...] que expresa la falta de interés de los estudiosos latino-americanos por ese tipo de literatura” e repete a ideia de que “[...] la obra cultural de la editorial se cumple en tanto los libros editados salen de las bodegas y llegan a las manos de muchos lectores.” (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1960–1961, p. 64).

É possível que manifestações sobre a continuidade das coleções americanistas tenham ocorrido em outras reuniões da Junta, mas não constaram nas atas. Assim, quatro anos depois, Orfila comunicou, na reunião de 5 de outubro de 1965, que havia reunido as observações formuladas a respeito da necessidade de o FCE contribuir para o “proceso de integración latinoamericana por medio de una mayor unidad intelectual entre nuestros países [...]” (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1964–1967, p. 64). A partir dessas formulações, sugeriu a retomada do antigo propósito da coleção *Tierra Firme* de publicar obras de destacados autores

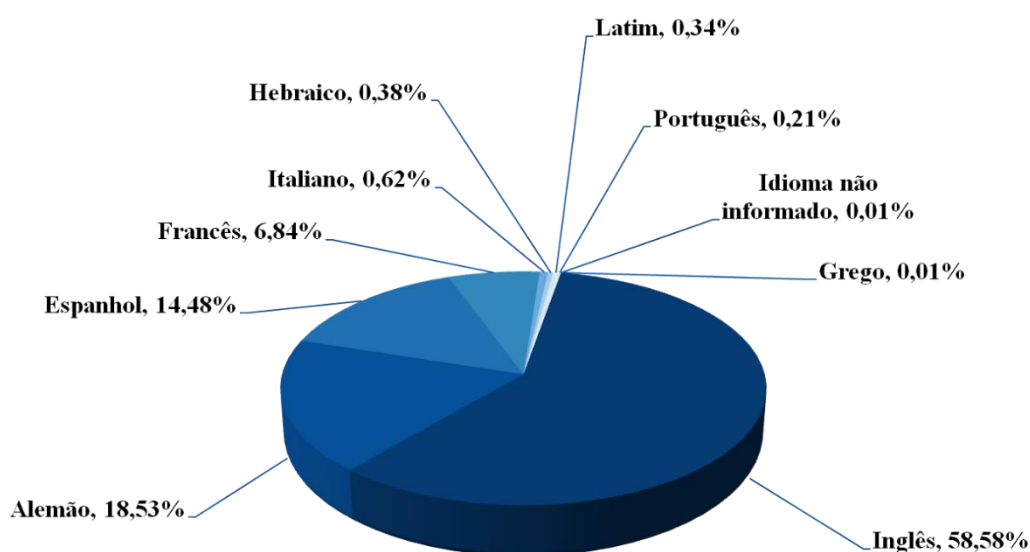
¹⁵⁰ De acordo com o promédio de exemplares vendidos por ano apresentado na reunião da Junta de Governo de 22 de dezembro de 1956.

do continente e informou que já havia reativado contatos e acordos com vários escritores. Como sabemos, Orfila seria demitido um mês depois e, assim, as decisões a respeito dos planos editoriais ficariam a cargo de Salvador Azuela, o novo diretor.

Esses diálogos a respeito de Biblioteca Americana e de Tierra Firme explicitam que há momentos em que as decisões editoriais se dão em meio às tensões entre o baixo desempenho comercial e o significativo impacto simbólico de determinadas obras ou coleções. Além disso, os diálogos evidenciam que a baixa acolhida comercial das coleções americanistas não se deu apenas no Brasil – país com diferenças histórico-culturais significativas e que oscilava em se ver como parte da América Latina –, mas em todo o mercado abarcado pelo FCE.

Nessa linha, quando nos debruçamos sobre os idiomas originais das obras efetivamente enviadas pelo canal de distribuição da Mestre Jou, percebemos que a ênfase dos envios residia nas obras traduzidas pela editora – o que já se insinuava na organização por coleções – como também recaía sobre o idioma inglês (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Idiomas originais dos exemplares enviados (1952–1965) (%)



Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

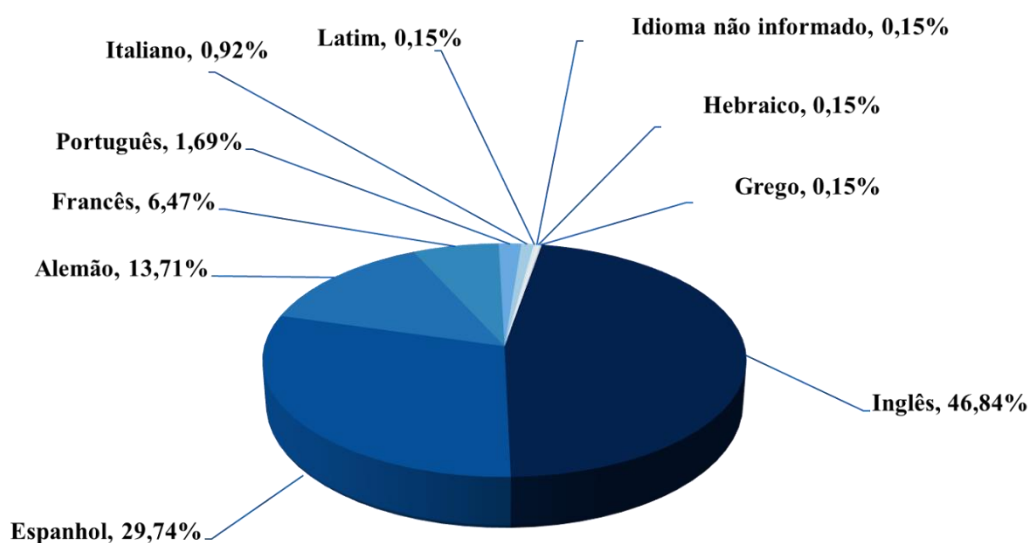
Quase 60% dos exemplares enviados se referiam a obras cujo idioma original era o inglês, e quase 20% a obras originais em alemão. Em primeiro lugar, esse dado sinaliza que

existia um interesse por obras de matriz de pensamento anglo-saxônica e germânica. Nas encomendas, foram solicitados, por exemplo, muitos exemplares de *El Capital*, de Karl Marx, ou de *Historia económica general*, de Max Weber. Entretanto, esse dado também sugere uma provável maior dificuldade dos potenciais leitores com certos idiomas, no caso, com o inglês e com o alemão.

Conforme observa Olímpio Andrade (1978), nos anos 1950, a importação de livros para o Brasil ainda contava com uma acentuada presença de obras em francês. Na mesma linha, Flávia Baptistini (2017), ao analisar a trajetória da livraria importadora Leonardo da Vinci, do Rio de Janeiro, a qual privilegiava a produção editorial francesa, sinaliza que a inclinação aos livros franceses se dava “[...] em razão da influência que a cultura e o pensamento francês ainda exerciam no Brasil, especialmente no meio acadêmico e em alguns dos ambientes mais influentes da sociedade carioca, mesmo com a crescente presença da cultura norte-americana no país.” (p. 56). Ao cotejarmos esses dados e análises com o pequeno percentual, nas encomendas da Mestre Jou, de livros originais em francês traduzidos ao espanhol, reforçamos a sugestão de que a leitura em francês, naquele período, se mostrava mais acessível aos leitores brasileiros em comparação ao inglês.

Já o percentual de quase 15% de obras originais em espanhol ocorre porque, apesar do enfoque nas traduções, algumas obras originais em castelhano eram pedidas em número considerável de exemplares, sobretudo as que se relacionavam aos temas de economia, filosofia e os breviários. É interessante notar ainda que, quando observamos os idiomas originais tendo como base a quantidade de títulos enviados e não mais a quantidade de exemplares, o espanhol tem uma ocorrência maior que o alemão (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Idiomas originais dos títulos enviados (1952–1965) (%)



Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Isso ocorre porque, nas encomendas da Mestre Jou, houve uma maior variedade de títulos escritos, originalmente, em espanhol, mas foram pedidos poucos exemplares da maioria desses títulos. Por outro lado, os títulos originais em alemão eram menos diversos, mas pedidos em grande quantidade. Esse comportamento dos dados conversa com o que pudemos perceber em relação à coleção *Tierra Firme*. Foram pedidos muitos títulos diversos dessa coleção (Gráfico 4), mas poucos exemplares (Gráfico 5). Não por acaso, a maioria dos livros de *Tierra Firme* eram originalmente escritos em espanhol, contribuindo, assim, para a alta ocorrência desse idioma quando consideramos a diversidade de títulos.

Até o momento, percorremos muitos dados que nos informam sobre *quantos* livros foram pedidos e enviados, mas também é pertinente conhecer *quais* foram esses livros. Com esse objetivo, a Tabela 1 apresenta os dez livros mais pedidos pela Mestre Jou no período analisado.

Tabela 1 – Os 10 títulos mais pedidos (1952–1965)

Obras	Coleção	Id Original	Ano (1ªed FCE)	Nº de exemplares pedidos no período	Nº de pedidos no período
JAEGER, Werner Wilhelm. Paideia : Los ideales de la cultura griega.	Filosofía	Alemão	1942	1.420	21
JONES, Clarence Fieldden; DARKENWALD, Gordon G. Geografía económica .	Economía	Inglês	1944	1.280	17
HICKS, J. R.; HART, A. G. Estructura de la Economía : introducción al estudio del Ingreso.	Economía	Inglês	1950	1.220	24
PREBISCH, Raúl. Introducción a Keynes .	Economía	Espanhol	1947	1.190	26
ESTEY, James Arthur. Tratado sobre los ciclos económicos .	Economía	Inglês	1948	1.155	18
WOLFF, Werner. Introducción a la psicología .	Breviarios	Inglês	1953	1.142	28
MARX, Karl. El Capital : crítica de la economía política (3 tomos)	Economía	Alemão	1946	1.130	24
LINTON, Ralph. Estudio del hombre .	Antropología	Inglês	1942	1.080	7
KEYNES, John Maynard. Teoría general de la ocupación, el interés y el dinero .	Economía	Inglês	1943	1.070	26
PIRENNE, Henri. Historia económica y social de la Edad Media . Con un anexo bibliográfico y crítico de H. van Werveke.	Economía	Francês	1939	1.030	18

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Percebemos que, entre as obras mais pedidas, a maioria pertence à coleção de Economia. Há também grande predominância de obras traduzidas, pois apenas *Introducción a Keynes*, do economista argentino Raúl Prebisch, não era uma tradução. Novamente, os pedidos para o Brasil guardam algumas relações com os números gerais do FCE: *Introducción a la psicología*, de Werner Wolff; *El Capital*, de Karl Marx; *Estudio del hombre*, de Ralph Linton; e *Historia económica y social de la Edad Media*, de Henri Pirenne, compõem a lista dos 50 títulos mais reimpressos pela editora no período de 1934 a 1984.¹⁵¹ Cabe observar, ademais, que duas das obras mais solicitadas se referem ao trabalho do economista inglês John Keynes: *Teoría general*

¹⁵¹ Dados obtidos em FONDO DE CULTURA ECONÓMICA (1984).

de la ocupación, el interés y el dinero, do próprio Keynes, e o mencionado livro de Prebisch, que realiza uma introdução ao pensamento do economista inglês.¹⁵²

A tabela apresenta a procura de duas formas: a penúltima coluna mostra o total de exemplares pedidos de cada obra, e a última coluna mostra o total de encomendas para cada um dos livros. Apresentamos os dados dessa forma em razão da observação metodológica presente em Robert Darnton (1998) de que o total de encomendas de cada obra complementa ou corrige a informação sobre o total de exemplares, pois indica a continuidade da procura. Nessa perspectiva, percebemos que as obras da tabela não só foram pedidas em grande quantidade, como foram encomendadas muitas vezes durante o período, o que mostra a demanda de forma reiterada e reduz a possibilidade de que determinado título conste entre os mais pedidos apenas em razão de um equívoco de avaliação do livreiro, que pudesse resultar em um volumoso e ousado pedido de livros sem procura no Brasil.

Uma exceção ocorreu em relação à obra *Estudio del hombre*, que, apesar de solicitado em grande quantidade, apareceu em apenas sete encomendas. Editado pelo FCE em 1942, *Estudio del Hombre* só passou a constar nos pedidos da Mestre Jou a partir de 1956. A obra já estava editada em português desde 1943, lançada na Biblioteca de Ciências Sociais da Editora Martins, com o título *Homem: Uma introdução à antropologia*. A Martins reeditou o livro em 1952, posteriormente em 1959, em 1962 e em 1965.¹⁵³

Em 28 de abril de 1956, A Mestre Jou enviou uma carta ao FCE desejando saber quando *Estudio del Hombre* estaria disponível porque, de acordo com a missiva, dentro de um ou dois meses sairia a edição em português; caso o FCE lançasse antes, poderiam realizar um pedido de 500 exemplares. Não localizamos nenhuma edição da obra em 1956, sendo a de 1959 a próxima reedição identificada. De todo modo, em 12 de maio, a Mestre Jou efetuou a encomenda não de 500, mas de 700 exemplares, por meio de um telegrama escrito “Manden urgente 700 Linton”. Assim, a maior quantidade de exemplares foi encomendada entre 1956 e

¹⁵² Raul Prebisch, que foi membro da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) de 1949 até sua morte, em 1986, é situado como um dos principais responsáveis por introduzir o pensamento de Keynes na América Latina (CARVALHO, 2008). A obra de Keynes, ao ser adaptada para a realidade latino-americana, teria influenciado as reflexões desenvolvidas na Cepal. Celso Furtado (1920–2004), que também era membro da Comissão, foi considerado um dos primeiros expoentes do pensamento keynesiano no Brasil. O trabalho de Furtado, conforme analisado por Lília Schwarcz e Heloisa Starling (2015), forneceu elementos para se pensar os dilemas nacionais por meio de uma palavra-chave: subdesenvolvimento; palavra essa que se difundiu e entrou para o vocabulário da população nos anos 1950. Cabe mencionar que José Medina Echavarría, coordenador da coleção de Sociologia do FCE, também integrou a Cepal de 1952 a 1977. Sobre a influência do pensamento de Keynes no Brasil, ver Carvalho (2008).

¹⁵³ Consulta realizada no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais.

1958, no lapso entre a 2ª e a 3ª edição da Martins. Já entre 1959 e 1965, período em que a Martins reeditou a obra três vezes, a Mestre Jou encomendou apenas 30 exemplares. O caso das encomendas de *Estudio del Hombre* evidencia as correlações com o mercado editorial brasileiro e, especificamente, com o surgimento das edições em português.

Na mesma lógica interpretativa, a ausência de traduções ou ainda as dificuldades de acesso a edições em português poderiam resultar em uma grande circulação das versões em espanhol no Brasil. Esse foi o caso de *El Capital*, de Marx, a sétima obra mais pedida pela Mestre Jou. As edições brasileiras de *O Capital* começaram a surgir no século XX em versões resumidas, sendo que a mais antiga identificada data de 1931 e foi empreendida pela Editorial Moderna Paulistana (MARCHETTI, 2019). Novas edições e reedições das versões resumidas continuariam a aparecer nas décadas seguintes, mas apenas em 1967 teve início a publicação da primeira edição completa de *O Capital* no Brasil, empreendimento realizado pela Civilização Brasileira.¹⁵⁴

Em contrapartida, as edições de *O Capital* em espanhol começaram a surgir anteriormente. A primeira tradução identificada foi realizada pelo médico argentino Juan Bautista Justo (1865–1928) ainda no século XIX. Trata-se de uma versão parcial do primeiro tomo, publicada, entre 1897 e 1898, em cadernos quinzenais na cidade de Madri, tendo sido vendida também em Buenos Aires. Já a primeira tradução completa de *El Capital* foi empreendida por Manuel Pedroso¹⁵⁵, professor e tradutor que, posteriormente, se exilou no México, e publicada em Madrid, no ano de 1931, pela editora Aguilar.

Conforme observado por Horacio Tarcus (2017), “La historia de sus ediciones [de El Capital] en lengua española es una verdadera saga transatlántica, atravesada por revoluciones, guerras, dictaduras y exilios.” (p.1). A edição empreendida pelo FCE forma parte dessa saga transatlântica: sendo a segunda publicação completa da obra em castelhano, *El Capital* do FCE foi traduzido pelo exilado espanhol Wenceslao Rocés¹⁵⁶, que se instalou no México, em 1942,

¹⁵⁴ O livro 1 de *O Capital* foi publicado pela Civilização Brasileira em 1967; o livro 2, em 1970; e o livro 3, em 1973. É notável que a edição da obra tenha ocorrido já durante a ditadura militar brasileira (1964–1985). Conforme apontado por Sandra Reimão (2021), ao analisar a censura de autores estrangeiros editados no Brasil, a Civilização Brasileira foi um importante espaço de resistência ao regime militar e, no universo dos livros, “o alvo predileto de ações das forças de repressão.” (p. 201).

¹⁵⁵ Manuel Pedroso (1883–1958) nasceu em Havana, Cuba, filho de espanhóis. Realizou sua formação em Direito na Espanha e se dedicou a traduzir diversas obras do alemão para o castelhano. Exilou-se no México, onde realizou atividades docentes na Casa de España e na UNAM.

¹⁵⁶ Wenceslao Rocés (1897–1992) foi jurista, tradutor e ensaísta. Estudou Direito na Espanha e continuou seus estudos na Alemanha. Participou da fundação da editora espanhola Cenit, onde publicou sua tradução prologada

após passar por Cuba e pelo Chile. Naquele momento, Roces, que criticou duramente a tradução de Pedrosa, já havia terminado a sua tradução do tomo 1 da obra, publicado pela editora espanhola Cenit em 1934 (GARCIADIEGO, 2016). No México, revisou o primeiro tomo e traduziu os outros dois, que, como sabemos, foram editados pelo FCE em 1946. Considerado um empreendimento editorial de primeira magnitude, a edição de *El Capital* pelo FCE, “Con 38 reediciones y reimpressiones entre 1945 y 2015, y un estimado de 230.000 juegos lanzados a la venta, se trató de la versión más difundida en España y América Latina durante medio siglo.” (TARCUS, 2017, p. 10).

No que se refere ao Brasil, a grande difusão da edição de *El Capital* realizada pelo FCE, em um momento em que o País ainda não contava com uma edição completa, é perceptível quando observamos os números da Mestre Jou: foram solicitados 1.130 exemplares, em 26 encomendas que abarcaram todo o período de 1952 a 1965. Ao ser informada que estava prevista a reedição da obra em 1959, a Mestre Jou expressou seu contentamento, em carta de 5 de fevereiro, informando que *El Capital* era muito solicitado e já não havia exemplares do FCE a oferecer, de modo que os clientes estavam comprando a edição pirata argentina nas livrarias concorrentes.¹⁵⁷ Quando a reedição de 1959 também já estava praticamente esgotada, a Mestre Jou remeteu uma carta, em julho de 1962, perguntando se o FCE dispunha de exemplares defeituosos de *El Capital*, pois, se os defeitos não fossem muito importantes, poderia enviar 50 exemplares. Fulvio Zama, gerente de administração e vendas da editora, respondeu, em 16 de julho, que a edição estava mesmo esgotada e que até as obras defeituosas haviam sido vendidas no mês anterior.

A grande procura da obra evidenciou-se por meio de uma carta remetida ao FCE por um leitor brasileiro. Embora se trate de uma manifestação individual, a análise da carta é relevante porque, como alertado por Darnton (1998), os dados numéricos não falam por si só e as cartas podem revelar “o elemento humano por trás dos números”. Assim, a carta manuscrita em português e datada de 6 de julho de 1965 foi enviada ao FCE por um arquiteto de São Paulo, Sr. Jair Laguna.¹⁵⁸ O próprio ato de remeter uma carta à editora mexicana demonstra o empenho

de *O Manifesto Comunista*, além do tomo 1 de *O Capital*. Exilou-se primeiramente na França, Chile e Cuba e, posteriormente, no México. Instalado no México, atuou como tradutor no FCE e como professor na UNAM.

¹⁵⁷ A referida edição pirata parece ser da editora Cartago, de Buenos Aires, conforme é possível inferir de carta enviada pela Mestre ao FCE com data de 26 de junho de 1959.

¹⁵⁸ Chama a atenção que a carta solicitando *El Capital* ao FCE tenha sido enviada em 1965, já durante a ditadura militar no Brasil. Conforme frisado por Sandra Reimão (2021), mesmo antes da decretação do Ato Institucional

do arquiteto paulista em adquirir a versão completa de *El Capital*. Além disso, na missiva, ele relata as grandes dificuldades para encontrar a obra e expressa seu anseio por lê-la:

Há algum tempo, venho procurado em todas as livrarias aqui de São Paulo a obra “O Capital” de Karl Marx. O máximo que encontrei foi uma edição resumida que, infelizmente, não chega a dar uma ideia dessa obra. Procurei por toda parte! As livrarias “Mestre Jou” informaram-me que a edição do “Fondo de Cultura Económica” estava esgotada há muito tempo e que não há perspectivas de aparecimento de uma nova edição. Fiquei muito aborrecido, pois há anos venho estudando quase diariamente e creio estar agora em condição de poder ler e compreender essa obra. Por isso venho à procura de Vv. Ss. já quase sem esperanças. (“65” MESTRE..., 1965).

O FCE, então, remeteu uma carta não assinada a Mestre Jou com a missiva de Jair Laguna anexada. Na carta, a editora expressou não compreender por que a Mestre Jou não havia formulado nenhum pedido da obra nos últimos tempos, posto que ela havia sido reeditada novamente. A Mestre Jou respondeu que não havia recebido notícias a respeito da reedição, o que não teria passado despercebido, uma vez que se tratava de uma obra tão básica e que era vendida em quantidade estimável. A Mestre Jou, inclusive, repreendeu o FCE por não ter avisado de forma mais contundente, o que aponta, por um lado, a expectativa de venda da obra e, por outro, as dificuldades de comunicação a que o comércio transnacional de livros estava sujeito. A Mestre Jou informou, por fim, que já estava em contato com o Sr. Jair Laguna e, posteriormente, enviou ao FCE duas encomendas de *El Capital*, com 100 exemplares cada.

Já a obra mais pedida, *Paideia*, escrita pelo filósofo alemão Werner Jaeger, se trata de um extenso estudo sobre a formação do homem grego; como vimos, foi editado em três tomos, a partir de 1942, e, em 1957, publicado em um volume de 1.152 páginas. *Paideia* já havia recebido uma edição em português, publicada pela Editora Herder, em 1936,¹⁵⁹ mas, ainda assim, encabeçou os pedidos da Mestre Jou durante o período analisado. A grande quantidade

nº 5 (AI-5), em 1968, editoras e livrarias foram alvo de apreensão e confisco de livros. Já a tese de Luciana Pereira (2010) sobre a apreensão de livros pela polícia política do Rio de Janeiro durante a ditadura mostra que várias obras de Karl Marx foram apreendidas, entre elas a citada versão resumida de *O Capital* da Moderna Paulistana. Contudo, a autora não registrou a apreensão de nenhuma obra do Fondo de Cultura Económica. Entre as editoras estrangeiras, identificou-se a apreensão de duas obras da Siglo XXI, que seria fundada por Orfila Reynal em 1966. Nas correspondências entre a Mestre Jou e o FCE até o final de 1965, também não identificamos nenhum comentário, ainda que discreto ou evasivo, sobre alguma interdição à circulação dos livros da casa editorial mexicana no Brasil.

¹⁵⁹ Na edição da Editora Herder, não constam informações sobre tiragem para que tenhamos noção do volume dessa edição. A próxima publicação brasileira de *Paideia* que identificamos ocorreu em 1979 e foi empreendida pela Martins Fontes. O grande intervalo entre as duas edições brasileiras pode ter contribuído para a procura pela edição em espanhol produzida pelo FCE.

e a frequência de pedidos dessa obra informam sobre a procura, mas há também outro elemento a se considerar: apesar de muito solicitada, *Paideia* foi pouco enviada por se encontrar frequentemente esgotada. Esse fator contribuiu para a frequência dos pedidos, pois, uma vez que a obra estava esgotada em determinada data, era preciso solicitá-la novamente – insistência que, inclusive, reitera a existência da demanda.

O caso de *Paideia* é um bom exemplo das dificuldades que o FCE enfrentava para garantir as reedições, conforme analisamos ao observar as diferenças entre pedidos e envios (Gráfico 2). Assim, ao menos em duas ocasiões, a correspondência entre a Mestre Jou e o FCE tratou especificamente das dificuldades na remessa de *Paideia*. A primeira dificuldade foi explicitada em carta de 26 de janeiro de 1953, quando a Mestre Jou avisou que os últimos pedidos haviam chegado sem que se incluíssem os 50 exemplares da obra, solicitados em 19 de setembro de 1952. O FCE respondeu, em 23 de fevereiro, que não havia realizado o envio porque o primeiro tomo de *Paideia* estava esgotado e pediu a Mestre Jou que sinalizasse caso possuísse interesse na remessa dos outros dois volumes. A Mestre Jou, em 21 de março, afirmou que, na impossibilidade de enviar a obra completa, o FCE anulasse a encomenda. Entretanto, não deixou de reiterar: “Obra muy solicitada, les agradeceremos que si proveyesen una nueva edición, nos lo comuniquen inmediatamente.” (“53” MESTRE..., 1953).

Em fins de 1955, *Paideia* voltou a ser tema da correspondência. Na impossibilidade de atender um pedido de 30 exemplares feito pela Mestre Jou, o FCE tentou conseguir os livros com os representantes de Barcelona e, um mês depois, informou o seguinte:

Sentimos tener que comunicar a ustedes que los 30 ejemplares de Paideia que habíamos pedido para ustedes a nuestra sucursal en Barcelona no podrán serles enviados en virtud de haberseles agotado la existencia de dicho libro. (“55” MESTRE..., Expediente 24, 1955).¹⁶⁰

As diferenças entre as encomendas e as remessas, ilustradas por *Paideia*, podem ser visualizadas na Tabela 2, que apresenta os dez títulos mais pedidos e, efetivamente, enviados no período.

¹⁶⁰ A sucursal espanhola do FCE situava-se em Madrid e foi fundada em 1963. Contudo, os administradores da editora costumavam chamar as representações exclusivas de sucursais. Assim, ao mencionar “nuestra sucursal de Barcelona”, o documento está se referindo à representação exclusiva de Barcelona.

Tabela 2 – Os 10 títulos mais pedidos e enviados (1952–1965)

Obras	Coleção	Id Original	Ano (1ªed FCE)	Nº de exemplares enviados no período	Nº de pedidos no período
JONES, Clarence Fieldden; DARKENWALD, Gordon G. Geografía económica.	Economía	Inglês	1944	1.230	17
HICKS, J. R.; HART, A. G. Estructura de la economía: introducción al estudio del Ingreso.	Economía	Inglês	1950	1.205	24
PREBISCH, Raúl. Introducción a Keynes.	Economía	Espanhol	1947	1.175	26
WOLFF, Werner. Introducción a la psicología.	Breviarios	Inglês	1953	1.112	28
MARX, Karl. El Capital: crítica de la economía política (3 tomos)	Economía	Alemão	1946	1.080	24
KEYNES, John Maynard. Teoría general de la ocupación, el interés y el dinero.	Economía	Inglês	1943	1.040	26
PIRENNE, Henri. Historia económica y social de la Edad Media. Con un anexo bibliográfico y crítico de H. van Werveke.	Economía	Francês	1939	1.030	18
LINTON, Ralph. Estudio del hombre.	Antropología	Inglês	1942	1.025	7
JAEGER, Werner Wilhelm. Paideia: Los ideales de la cultura griega.	Filosofía	Alemão	1942	970	21
KLUCKHOHN, Clyde. Antropología.	Breviarios	Inglês	1949	955	28

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Quando consideramos os envios, ocorre uma mudança na ordem dos títulos: *Paideia*, por exemplo, passa a ocupar a 9ª colocação. Além disso, *Tratado sobre los ciclos económicos*, de James Estey, deixa de constar na lista e, em seu lugar, aparece *Antropología*, de Clyde Kluckhohn. O único título que apresentou equiparação entre as encomendas e as remessas foi *Historia económica y social de la Edad Media*, de Henri Pirenne, pois o FCE conseguiu enviar todos os 1.030 exemplares da obra solicitados ao longo do tempo.

O novo livro da lista, *Antropología*, representou um caso atípico. A obra foi pedida com frequência e em grande quantidade até o ano de 1962, mas, em 1963, foi editada em português pela Editora Itatiaia. Mobilizando esse motivo, a Mestre Jou devolveu 36 exemplares do livro ao FCE. A obra passou, assim, de uma das mais pedidas para a situação de devolvida. Contudo, em 1965, Mestre Jou voltou a efetuar dois pedidos do livro, ainda que em quantidade reduzida: cada encomenda com cinco exemplares. Essa situação explicita as possíveis idas e vindas na

dinâmica de distribuição dos impressos a depender de como se comportavam a procura e o mercado editorial brasileiro e a depender dos ajustes nas avaliações do livreiro.

Em suma, consideramos que as obras mais pedidas, observadas em relação à quantidade e à frequência das encomendas, nos aproximam daquilo que constituía maior procura no Brasil. Nos apêndices da dissertação, apresentamos os cinco destaques de cada coleção (Apêndice A) para maior conhecimento do leitor. Na outra ponta, os livros menos pedidos informam sobre os temas que apresentaram baixa acolhida no mercado livreiro brasileiro. Em diálogo com o desempenho das coleções (Gráfico 4 e Gráfico 5), percebemos que as obras menos pedidas se referiam, principalmente, aos livros de literatura mexicana e aos estudos sobre a realidade do México ou de países da América Central. Essas características sinalizam que o entendimento que Felipe Mestre Jou expressou ao avaliar o estoque da Livraria do Globo, no início das relações comerciais, se manteve durante todo o período. Houve também pouco interesse por livros sobre arte egípcia, chinesa, coreana e indiana. No que concerne ao idioma das obras, a maioria dos livros pouco pedidos tinha como idioma original o espanhol, reforçando, uma vez mais, o maior interesse pelas traduções. Nos apêndices da dissertação, apresentamos a lista dos títulos menos pedidos (Apêndice B) para que o leitor possa conhecer essas obras.¹⁶¹

2.5 Os livros devolvidos

O processo de distribuição dos livros do FCE no Brasil, por meio da Mestre Jou, comportou encomendas, mas também devoluções, de modo que o movimento da distribuição se constituiu pela vinda de livros ao Brasil, mas também pelo retorno de livros ao México. Para compreender como os livros voltavam ao México, analisamos os avisos e as solicitações de devolução. Tais avisos ou solicitações eram anunciados diretamente no corpo das cartas, antecedidos pela palavra “DEVOLUCIÓN” grifada e em caixa alta, e, em geral, havia a explicitação do motivo. As devoluções não eram numeradas, não possuindo, portanto, a mesma organização sistemática das listas de pedidos. Ao receber uma devolução, o FCE gerava novos documentos: o recibo de armazém e o aviso de crédito à Mestre Jou.

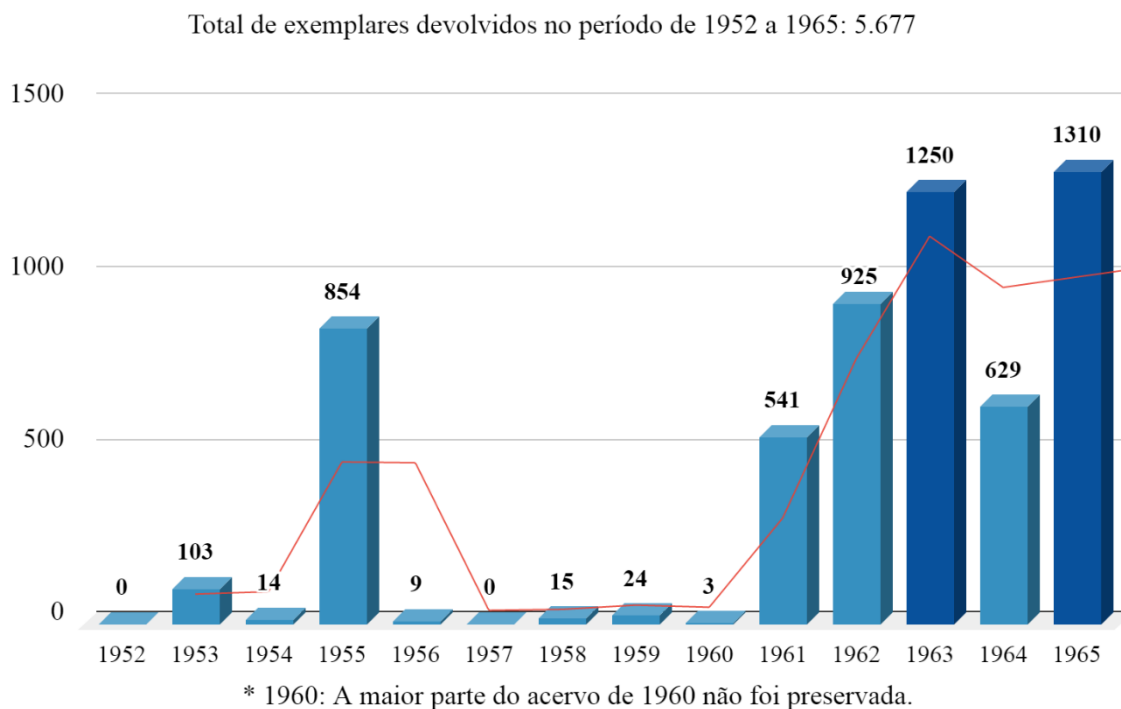
Por se encontrarem difusos na correspondência, os dados sobre as devoluções representaram um desafio. Foi preciso que examinássemos as cartas com cuidado, cruzando-as,

¹⁶¹ A lista das obras menos pedidas apresenta 33 títulos porque foi encomendado apenas um exemplar de cada um deles.

muitas vezes, com os recibos de armazém ou avisos de crédito para identificar possíveis lapsos. A partir desse exame, identificamos 94 avisos de devolução e registramos cada um deles em uma tabela base que continha: a data da devolução; a quantidade de títulos devolvidos; o nome de cada obra devolvida e seu autor; a coleção à qual pertencia; o idioma original; o ano da primeira edição publicada pelo FCE; a quantidade de exemplares devolvidos¹⁶² e o motivo alegado para a devolução. De modo similar ao tratamento dado às listas de pedidos, a organização da tabela base de devoluções possibilitou que utilizássemos filtros, desdobrássemos outras tabelas e elaborássemos alguns gráficos.

O tratamento e a análise dessa documentação revelaram que a dinâmica das devoluções sofreu modificações ao longo do tempo, o que veremos em mais detalhes ao cotejarmos os dados numéricos presentes no Gráfico 8 com a correspondência entre o FCE e Mestre Jou.

¹⁶² Nos avisos de devolução, também houve casos de corrosão que impossibilitaram a leitura. Em um universo de 300 ocorrências, por duas vezes o número de exemplares estava corroído. A corrosão não impediu que o título fosse identificado, mas impediu que pudéssemos contabilizar a quantidade de exemplares devolvidos, que, portanto, não puderam constar nos valores apresentados nos gráficos e tabelas. Um dos casos ocorreu em 1953. O motivo da devolução não estava explícito, mas, provavelmente, tratava-se da devolução de um ou poucos exemplares por defeito. Isso porque o livro foi devolvido junto a outro título com apenas dois exemplares, em um período em que ainda não era comum, nas relações comerciais entre a Mestre Jou e o FCE, haver grandes devoluções, principalmente sem uma justificativa explícita. O outro caso de corrosão é de 1956, tendo como argumento que o livro estava defeituoso, o que nos permite inferir que se tratava de pequena quantidade de exemplares. Por essas razões, compreendemos que os exemplares corroídos causam pouco impacto e não comprometem os dados quantitativos apresentados.

Gráfico 8 – Quantidade de exemplares devolvidos (1952–1965)

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

No Gráfico 8, observamos claramente que poucos exemplares foram devolvidos até 1961 – com exceções importantes no ano de 1953 e de 1955 – e que, de 1961 em diante, as devoluções se tornaram volumosas. As fontes que versam sobre as negociações contratuais para iniciar a representação exclusiva – referimo-nos à troca epistolar entre Arnaldo Orfila Reynal e María Elena Satostegui trabalhada no capítulo 1 – não mencionam nenhum dispositivo sobre direito à devolução. Consonante a isso, as devoluções efetuadas pela Mestre Jou até 1960, em regra, ocorreram em razão de os livros enviados conterem defeitos: ou porque estavam mal compaginados ou porque sofreram avarias no transporte do México para o Brasil. Tais devoluções se caracterizavam por poucos exemplares – geralmente um ou dois – de diversos títulos.

Desde o início das relações comerciais, a Mestre Jou avisava ao FCE sobre a necessidade de melhorar o acondicionamento dos livros para transporte. Em carta de 5 de maio de 1953, há inclusive recomendações concretas: a Mestre Jou informou que a embalagem da última expedição havia chegado um pouco melhor, mas não o suficiente para ser considerada boa. Sugeriu, então, que o envoltório dos livros fosse feito com um papel mais forte, evitando

que chegassem “más paquetes deshechos, libros estropeados y algunos perdidos” (“53” MESTRE..., 1953). Anos depois, em 21 de fevereiro de 1957, outra carta da Mestre Jou expressou agradecimento pela maior atenção que vinha sendo prestada às embalagens, pois as últimas expedições haviam chegado em perfeito estado. É notável que, exatamente em 1957, nenhum livro foi devolvido. Nos anos 1960, a correspondência sinalizava que as expedições geralmente chegavam em bom estado, mas que isso ainda poderia melhorar se os livros fossem envolvidos em papel cartão.

Em meio às devoluções de livros “deshechos y estropeados”, houve um caso curioso de devolução em 1953. Em fevereiro daquele ano, o FCE enviou a Mestre Jou 100 exemplares da obra *O Sertanejo*, de José de Alencar, cuja tradução havia sido editada pela editora mexicana com o título de *El Sertanero*. Como vimos ao percorrer o catálogo da editora, *El Sertanero* foi uma das obras de autores brasileiros publicadas na coleção Biblioteca Americana. Mais especificamente, foi o segundo livro de um escritor brasileiro publicado na coleção, tendo sido lançado em 1952, como o volume 22 da Biblioteca (FARIA FILHO, 2021).

Os 100 exemplares de *El Sertanero* foram enviados como serviço de novidade, ou seja: sem que a Mestre Jou tivesse realizado o pedido. Naquela época, a distribuidora brasileira já havia sinalizado que gostaria de receber, como serviço de novidade, apenas seis exemplares dos títulos de literatura.¹⁶³ Por isso, em uma missiva que a Mestre Jou remeteu aos “Señores del Fondo de Cultura Económica”, datada de 27 de abril de 1953, há um *post scriptum* relatando a surpresa com o recebimento de 100 exemplares de um livro de literatura, além de que a mencionada obra, apesar de tratar de um tema local e ser de um autor nacional, era de difícil venda por existirem numerosas edições em língua portuguesa. O FCE respondeu que o envio da obra havia sido um equívoco e que se, passado um tempo, a Mestre Jou não conseguisse vendê-los, a editora aceitaria a devolução dos livros que tivessem sobrado.

Encerrando momentaneamente a comunicação sobre o assunto, a Mestre Jou informou, em 12 de agosto, que se permitiu devolver 80 exemplares de *El Sertanero* e, em nova carta, datada de 31 de agosto, avisou que se permitiu devolver mais 14 exemplares, já que, até aquela data, não havia efetuado nenhuma venda do livro. Ao fim e ao cabo, permaneceram com a Mestre Jou apenas seis exemplares, exatamente a quantidade combinada para o serviço de

¹⁶³ Como vimos, pouco tempo depois, em carta de 7 de julho de 1953, a Mestre Jou aceitaria aumentar o serviço de novidades de obras de literatura de seis para dez exemplares sempre que se tratasse de temas considerados não localistas.

novidades das obras de literatura. Não sabemos se o envio de *El Sertanero* pelo FCE foi ou não um equívoco, mas a proposta de que os livros continuassem com a Mestre Jou para que se tentasse vendê-los insinua uma tentativa de forçar a colocação, no mercado livreiro do Brasil, da tradução em espanhol de uma obra escrita por um consagrado autor brasileiro e que já possuía grande circulação em diversas edições em português; tentativa que foi contornada pela Mestre Jou ao se permitir efetuar as devoluções.

Em 1955, ocorreu o segundo caso de devolução que fugia ao motivo dos livros defeituosos. Em 3 de fevereiro, Felipe Mestre Jou redigiu uma carta aos senhores do FCE, sem direcioná-la especificamente a Orfila ou a outra pessoa da editora, com o objetivo de remeter uma lista de livros cuja venda no Brasil resultava difícil. Tratava-se de uma listagem bastante extensa, composta por 133 títulos e 3.082 exemplares, pertencentes a várias coleções, com destaque para as obras de História, que perfaziam 35 títulos. Na missiva, afirmou o seguinte:

No ignoramos que no tenemos ningún derecho a pedir dicha devolución, pero pensamos que tal vez entre los títulos señalados haya alguno que esté a punto de agotarse o bien que pueda interesar a otro país más que al nuestro. Les rogamos y agradeceremos enormemente que vean de atendernos, si no totalmente por lo menos en parte (“55” MESTRE..., Expediente 24, 1955).

O trecho explicita que as devoluções não estavam previstas nas regras contratuais que regiam a relação comercial entre a Mestre Jou e o FCE. Não obstante, na carta de resposta, datada de 18 de fevereiro e sem assinatura, o FCE informou que havia analisado a lista enviada pela Mestre Jou e autorizou a devolução – com restituição do valor – de cerca de 40% dos títulos da listagem, ou seja: uma devolução parcial. A Mestre Jou devolveu os livros aceitos pelo FCE e expressou que estavam “[...] sumamente agradecidos por su gentileza al permitirnos devolver una gran parte de los libros [...]” (“55” MESTRE..., Expediente 23, 1955).

O redator da carta do FCE, contudo, não deixou de frisar que havia sido tomado com estranheza o fato de figurarem muitos títulos verdadeiramente interessantes na lista da Mestre Jou, principalmente da coleção de História, de modo que não sabiam por que motivo a Mestre Jou havia deixado de vender “[...] estos libros que aquí y en todas partes tienen una gran demanda.” Em que pese essa observação, notamos que o FCE não aceitou a devolução de todos os títulos de História que compunham a lista.

As obras de História presentes na listagem, em sua maioria, versavam sobre a América espanhola e sobre a história mexicana após a independência. Entre os títulos, havia também

livros relativos à história dos Estados Unidos, da Holanda, da Rússia e da França; alguns sobre história da Roma Antiga; um livro sobre o historicismo e suas origens; e outro escrito por Leopold Ranke. Felipe Mestre Jou respondeu à observação do FCE com um argumento que merece ser transcrito pela clareza com que expressa sua visão a respeito do pouco interesse dos leitores brasileiros pela história da América hispânica.

Por lo que se refiere a los títulos de la sección de Historia, es preciso tener en cuenta que en el Brasil se habla otro idioma, y que no interesa tanto la Historia Hispanoamericana como en otros países. Aquí interesa mayormente la Historia relacionada con Portugal, aunque no desconocemos que, sobre todo en el periodo de descubrimientos, se hallan entrelazadas la historia de ambos países. (“55” MESTRE..., Expediente 23, 1955).

Pelo trecho acima, conhecemos a avaliação da demanda realizada por Felipe Mestre Jou naquilo que se referia às obras de História, evidenciando, novamente, sua intermediação entre os livros produzidos/editados e a difusão desses bens culturais para o público leitor. Mas, considerando a listagem de devolução como um todo, perguntamo-nos: por que a Mestre Jou desejava devolver uma lista tão extensa, composta por 133 títulos e 3.082 exemplares? Essa volumosa devolução representaria uma expectativa de venda da distribuidora que não se cumpriu?

Guiados por essas perguntas, percorremos os títulos da lista e percebemos que apenas 15 das 133 obras foram realmente encomendadas pela Mestre Jou, compondo seus pedidos. Todos os outros títulos teriam sido remetidos por outros meios: ou como serviço de novidades, ou poderiam ainda ser parte do estoque que a Mestre Jou adquirira integralmente em 1952. Nessa linha, em sua maior parte, a lista era composta por títulos que foram enviados sem passar pela seleção/avaliação da Mestre Jou.

Quando observamos a data de edição das obras, percebemos que 79 dos 133 títulos não se enquadraram no envio de novidades, pois haviam sido editados antes de 1951. Esse dado indica que, provavelmente, eles formavam parte do estoque adquirido ainda no início das relações comerciais, evidenciando que, se a Mestre Jou foi capaz de comercializar parte desse estoque, outros tantos livros não tiveram saída, sendo necessário recorrer a uma devolução atípica naquele momento das relações comerciais.

Se as devoluções de 1953 e de 1955 podem ser consideradas atípicas pelo modo como ocorreram e pela quantidade de exemplares devolvidos – que destoam da tendência do Gráfico 8 para o período –, a partir de 1961, contudo, a dinâmica das devoluções foi se modificando e

gerou um volume bem maior de livros devolvidos. Durante a viagem de Felipe Mestre Jou ao México, em 1960, foi acordada a devolução de 21 exemplares da obra *Como proyectar una empresa industrial*, de Walter Rautenstrauch, cujo envio ocorreu em 6 de março de 1961. As fontes editoriais não mencionam o motivo dessa devolução, mas esse seria o primeiro caso, desde 1955, que fugiu às características da devolução por defeito.

Já em outubro daquele ano, a Mestre Jou informou, na correspondência, que havia devolvido um conjunto de livros editados em português, além da obra *Las ideas sociales contemporáneas en México*, cujo tema seria muito localista. Trata-se de uma volumosa devolução, composta por cinco títulos e 334 exemplares. O gerente de vendas, Fulvio Zama, foi quem respondeu a carta, registrando a devolução e comunicando que, após acusar o recebimento da expedição, seria efetuado o abono na conta da Mestre Jou.

Não há, portanto, nenhuma objeção a essa devolução, mas também não há, nas fontes editoriais, nenhuma menção explícita a mudanças nas regras. Além da viagem de Felipe Mestre Jou ao México, sabemos que Orfila Reynal foi a São Paulo e visitou a Mestre Jou, em maio de 1961; e que Manuel Andújar, gerente de publicidade, visitou a Mestre Jou em agosto. É possível que algumas mudanças em relação à devolução dos títulos editados em português tenham sido acordadas durante esses encontros. De todo modo, o que podemos perceber é que, a partir daquele ano, os livros editados em português passaram a ser devolvidos pela Mestre Jou e aceitos pelo FCE sem nenhum tipo de obstáculo.

O processo de mudança em relação à devolução por baixa acolhida comercial – sem que o título tivesse sido editado em português – foi diferente. Cerca de um mês antes da devolução de outubro, a Mestre Jou enviou ao FCE, em carta de 31 de agosto de 1961, uma relação de livros que pretendia devolver por estar de posse de numerosos exemplares. Trata-se da mesma carta na qual a Mestre Jou solicitou uma redução no serviço de novidade e que foi levada ao FCE por Andújar ao retornar de sua viagem ao Brasil. No texto da missiva, foi dito o seguinte a respeito da devolução: “No creemos que su aceptación suponga serios inconvenientes para ustedes, pues es posible que algunos de los títulos relacionados estén en falta en otros lugares.” (“61” MESTRE..., 1961). Notamos que a solicitação foi feita de um modo mais desembaraçado, diferente daquela realizada em 1955, em que a Mestre Jou reconheceu não possuir nenhum direito de devolver as obras e expressou amplamente seu agradecimento pela gentileza do FCE em aceitá-las.

Na editora mexicana, contudo, a solicitação não foi tomada como algo simples. Em 30 de setembro, Orfila Reynal enviou uma carta de resposta, informando que a questão seria levada à próxima reunião da Junta de Governo junto às dificuldades gerais que a representação no Brasil vinha enfrentando.¹⁶⁴ Em 14 de novembro, o diretor enviou outra carta afirmando que a Junta havia decidido aguardar para tomar alguma resolução definitiva e que, portanto, seria aceita uma devolução parcial da listagem apresentada pela Mestre Jou.

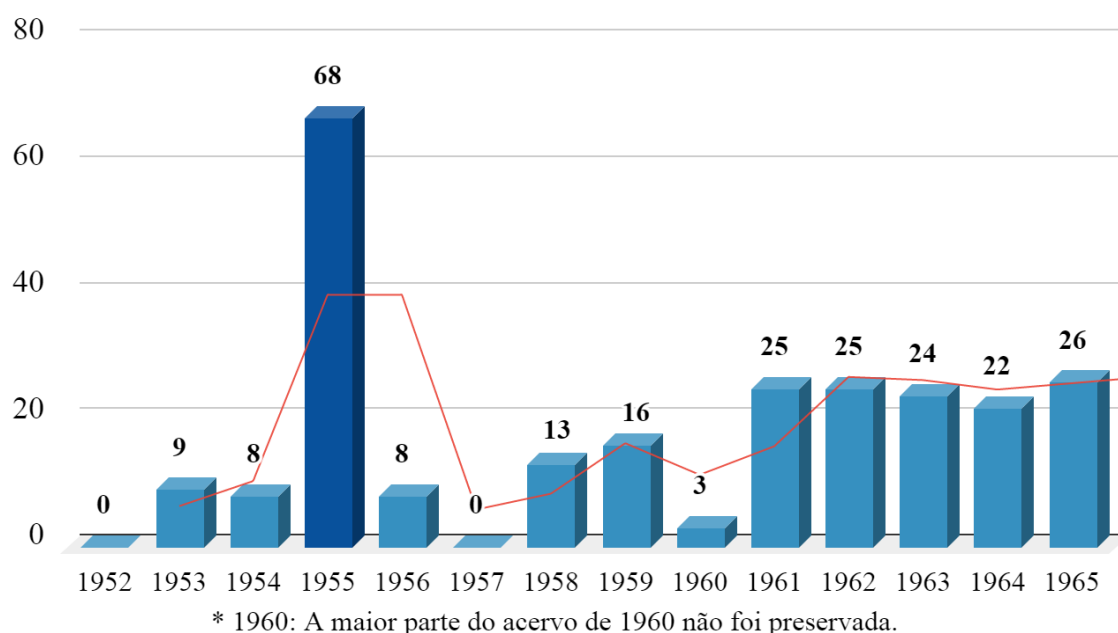
Ainda que a carta do FCE se referisse àquela devolução específica, por volta de um ano depois, voltaram a ocorrer devoluções em razão de o estoque da Mestre Jou estar muito elevado, o que foi unido ao argumento de que determinadas obras estavam esgotadas ou em falta e poderiam ser de interesse da editora. Essas devoluções foram aceitas e guardam relação com as dificuldades de reedição enfrentadas pelo FCE. Afinal, aceitar devoluções de livros esgotados e com demanda em outros lugares poderia ser vantajoso, o que foi sinalizado por Fulvio Zama ao responder uma das solicitações de devolução. Quando a Mestre Jou solicitou devolver uma obra que se encontrava esgotada, Fulvio Zama respondeu que:

Le agradecemos mucho la sugerencia que nos hacen y desde luego suplicamos que nos haga el favor de devolvernos cualquier número de ejemplares de este título que ustedes consideren conveniente. De una vez aprovechamos la ocasión para comunicarle otros títulos que se nos han agotado recientemente, por si ustedes juzgan conveniente devolvernos ejemplares que no creen oportuno conservar. (“62” MESTRE..., 1962).

Após esses casos, percebemos que, até o fim do período analisado, devolver livros que estavam em grande quantidade no estoque da Mestre Jou e em falta no FCE, mas também aqueles que eram considerados de venda difícil no Brasil, se tornou uma prática admitida por ambas as partes da relação comercial, ainda que a correspondência não apresente um marco para essa mudança e que ela tampouco tenha sido discutida na Junta de Governo – ou ao menos relatada nas atas das reuniões. Recordamos, contudo, que essas devoluções se intensificaram em um momento no qual as relações comerciais apresentavam desgaste e que a representação exclusiva era posta em questão.

As mudanças na dinâmica das devoluções também podem servir como chave para analisar o Gráfico 9, que apresenta a quantidade de títulos diversos devolvidos ano a ano.

¹⁶⁴ Não há registro da ata dessa reunião da Junta de Governo.

Gráfico 9 – Quantidade de títulos devolvidos (1952–1965)

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

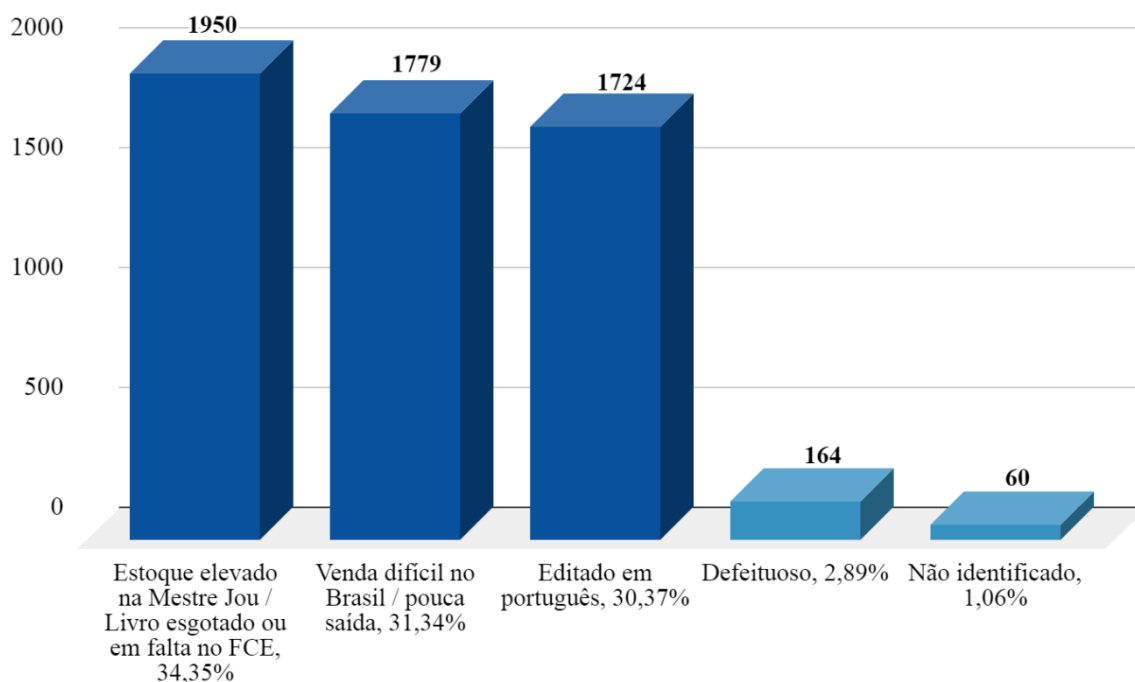
Quando observamos a quantidade de títulos devolvidos, percebemos que, com exceção do ano de 1955, quando ocorreu a primeira grande devolução da Mestre Jou, o período até 1960 apresenta alta variedade de títulos em relação ao número de exemplares (Gráfico 8). Isso ocorre porque as devoluções por defeitos nos livros, predominantes no período, se caracterizaram por poucos exemplares avariados, mas tais avarias acometiam uma grande variedade de títulos. Após 1961, não há tantos títulos diversos em relação à grande quantidade de exemplares devolvidos. Afinal, as devoluções por baixa acolhida comercial, que marcaram o período, configuram-se por muitos exemplares da mesma obra, já que a razão da devolução estava atrelada ao título – que foi editado em português ou apresentava pouca saída, ou estava em abundância no estoque...

As mudanças na dinâmica das devoluções, além de evidenciarem as alterações nas práticas comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, apontam que, no desenrolar da atividade de distribuição e comércio de livros, Felipe Mestre Jou foi desenvolvendo uma expertise no ofício de livreiro e de distribuidor, que lhe permitiu ajustar o estoque, refinar a avaliação da demanda e transitar entre as transformações ocorridas no mercado editorial brasileiro. Tal expertise se alcança no cotidiano da prática profissional, por meio de um aprendizado que se constrói na –

e pela – experiência. Como sinalizado por Thais Schettino (2013), os saberes específicos do ofício de livreiro não são ensinados em escolas ou dispostos em manuais, pois “[...] o livreiro não dispõe de um espaço de formação profissional institucionalizado [...]” (p. 605). O saber do livreiro se constrói na rotina da livraria, junto aos livros e aos clientes. Assim, na livraria ou no escritório, enquanto importava os livros, abria novas lojas e ampliava os negócios para o ramo da edição, Felipe Mestre pôde aprimorar a acuidade necessária ao “saber-fazer do livreiro”, tornando-se um mestre em seu ofício.¹⁶⁵

Entre as mudanças nas práticas comerciais e o aprimoramento no ofício livreiro, Felipe Mestre Jou mobilizou motivos para justificar as devoluções dos livros, os quais variaram em torno de determinados argumentos. Isso possibilitou organizá-los em categorias (Gráfico 10).

¹⁶⁵ Ao analisar como os livreiros formam seus pares e se constituem como grupo profissional, Thais Schettino (2013) argumenta que o “saber-fazer” do livreiro é caracterizado pela indexação, ou seja: pela capacidade, desenvolvida na prática do trabalho, de “[...] relacionar livros a autores, temas a títulos, assuntos a pessoas, palavras dispersas a obras impressas, exemplares a vendas.” (p. 611). Analisando o momento atual, a autora observa que alterações no campo editorial, como a produção em larga escala, e modificações no comércio de livros, como a informatização dos dados e o estabelecimento de padrões internacionais na organização e tratamento da informação, têm deslocado o livreiro do papel ativo de indexador para um posto auxiliar.

Gráfico 10 – Quantidade de exemplares devolvidos organizados pelo motivo da devolução (1952–1965)

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Embora tenha se mostrado exequível, a tarefa de classificação dos motivos exigiu que fizéssemos escolhas, algumas delas arbitrárias, posto que as fontes costumam escapar das “gavetinhas cartesianas” que tentamos impingir à realidade (CHALHOUB, 2011).¹⁶⁶ Com o objetivo de explicitar tais escolhas, seguem algumas observações. A categoria “não identificado” refere-se a casos em que o motivo da devolução não estava explícito na documentação. A devolução acordada durante a viagem de Felipe Mestre Jou ao México é um exemplo representativo dessa situação.

Percebemos que, quando a Mestre Jou solicitou uma devolução sob a justificativa de que o estoque das obras estava muito elevado, tal argumento foi evocado em conjunto com a informação de que aquelas obras estavam esgotadas no FCE ou, ao menos, em conjunto com a

¹⁶⁶ Muito nos auxiliaram as considerações presentes em Robert Darnton (1998) a respeito do trabalho de classificação das fontes, especialmente as páginas 84-98, com sua nota de rodapé 95. Ao refletir sobre as dificuldades de categorizar os documentos, várias vezes, recordávamos a seguinte observação de Sidney Chalhoub (2011) a respeito da pesquisa que empreendeu em arquivos judiciais: “[...] as fontes confundiam, misturavam, carregavam de ambiguidade as gavetinhas cartesianas que o pesquisador procurava impingir à realidade.” (p. 22).

sugestão de que os livros poderiam estar em falta na editora. Por essa razão, decidimos agrupar os dois argumentos na mesma categoria.

Houve casos em que o argumento de “venda difícil no Brasil/pouca saída” e o de “editado em português” se combinaram, como neste trecho: “[...] observarán que dichos libros corresponden a títulos que han sido editados en idioma portugués, por lo que han quedado reducidísimas nuestras posibilidades de venta.” (“61” MESTRE..., 1961). Nesses casos, decidimos classificar a devolução como “editado em português” por considerarmos que essa informação possuía maior peso, uma vez que ela especifica a razão da venda difícil e uma vez que a traduções constituíram uma questão que impactou significativamente as relações comerciais entre a Mestre Jou e o FCE.

Além de haver “motivos híbridos”, a linha divisória entre as três primeiras categorias do Gráfico 10 é bastante tênue. Mais que isso, podemos pensar que tanto o “estoque elevado” quanto o “editado em português” são derivações da “venda difícil no Brasil/pouca saída” – isto é: aqueles livros estavam sendo devolvidos, antes de tudo, porque apresentavam baixa acolhida comercial. Se estivessem vendendo bem, o estoque não estaria elevado – ou o estoque elevado seria uma boa notícia – e, mesmo editados em português, os livros não seriam devolvidos. Um reforço a essa última situação é que houve livros que, mesmo após surgir a tradução para o português, nunca foram devolvidos.

Nessa perspectiva, a classificação teve como objetivo fornecer uma visão aproximada dos diferentes argumentos mobilizados, em uma tentativa de dar inteligibilidade aos dados, mesmo que, em alguns casos, tais argumentos possam se combinar ou representar derivações da mesma situação de fundo. Para conhecimento do leitor, apresentamos, nos apêndices da dissertação, uma tabela com todos os títulos devolvidos organizados por coleção e com o motivo da devolução (Apêndice C).

Ao organizarmos os exemplares devolvidos entre as categorias (Gráfico 10), notamos que a maior quantidade dos livros foi devolvida sob o argumento de “estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE”, embora a diferença seja bem pequena em relação aos exemplares devolvidos em razão de “venda difícil no Brasil/pouca saída” e de “editado em português”. Os três argumentos juntos servem como justificativa para 96,06% dos exemplares devolvidos. Importa mencionar que o argumento relativo aos livros defeituosos foi mobilizado mais vezes, ou seja, houve um maior número de avisos de devolução com essa justificativa;

mas, quando consideramos a quantidade de exemplares devolvidos, o argumento “defeituoso” representou um percentual bem pequeno.

Assim como ocorreu em relação à listagem cuja devolução foi solicitada em 1955, aos observarmos as devoluções em geral, perguntamo-nos por que a Mestre Jou devolveu 5.453 livros por motivos relacionados à baixa acolhida comercial. Percebemos, então, que cerca de 66% dos títulos devolvidos devido à dificuldade de vendas nunca foram encomendados pela Mestre Jou. Portanto, novamente há uma relação entre os títulos devolvidos e o serviço de novidades ou o estoque adquirido da Livraria do Globo. Essas constatações nos permitem concluir que as devoluções da Mestre Jou não tiveram como característica principal possíveis avaliações equivocadas da demanda, mas possuíram significativa relação com o envio compulsório (serviço de novidades), ou com o estoque que, apesar de avaliado, ao fim foi adquirido integralmente, sem que passasse por alguma seleção.

Por fim, apresentamos uma tabela com os 22 títulos devolvidos por terem sido editados em português (Tabela 3). Consideramos oportuno conhecer tais títulos, já que as edições em português representaram um elemento novo e externo que passou a influenciar a distribuição dos livros do FCE no Brasil a partir de 1958.

Tabela 3 – Títulos devolvidos por terem sido editados em português (1952–1965)

Obras	Coleção	Id Original da obra	Ano (1ªed FCE)	Nº de exemplares devolvidos no período	Edição em português
FRIEDRICH, Carl Joachim. La filosofía del derecho.	Breviarios	Alemão	1964	280	Zahar, 1965
ROSTOW, Walt Whitman. Las etapas del crecimiento económico: Un manifiesto no comunista.	Economía	Inglês	1961	172	Zahar, 1961
LANGE, Oskar. Introducción a la econometría.	Economía	Inglês	1964	140	Fundo de Cultura, 1961
SMITH, Adam. Investigación sobre la naturaleza y causas de la riqueza de las naciones.	Economía	Inglês	1958	105	Edição mais antiga localizada: Abril Cultural, 1974

HIRSCHMAN, Albert O. La estrategia del desarrollo económico.	Economía	Inglês	1961	100	Fundo de Cultura, 1961
LINK, Arthur S. La política de los Estados Unidos en América Latina, 1913-1916.	Política y Derecho	Inglês	1960	100	Não localizada
BURROWS, Millar. Los rollos del Mar Muerto.	Historia	Inglês	1958	99	Ed. Porto, 1956
FURTADO, Celso. Dialéctica del desarrollo: Diagnóstico de la crisis del Brasil.	Economía	Português	1965	96	Fundo de Cultura, 1964
KLINEBERG, Otto. Psicología social.	Psicología y Psicoanálisis	Inglês	1963	95	Fundo de Cultura, 1959
ALENCAR, José de. El sertanero.	Biblioteca Americana	Português	1952	94	Romance de 1875. Edição mais antiga localizada: Melhoramentos, 1940
DIAMOND, William. Bancos de fomento.	Economía	Inglês	1960	80	Fundo de Cultura, 1961
LAING, Ronald David. El yo dividido: un estudio sobre la salud y la enfermedad.	Psicología y Psicoanálisis	Inglês	1964	83	Zahar, 1963
BATTEN, Thomas Reginald. Las comunidades y su desarrollo: Estudio introductorio con referencia especial a la zona tropical.	Sociología	Inglês	1964	50	Não localizada
TIMASHEFF, Nicholas Sergeyeitch. La teoría sociológica: Su naturaleza y desarrollo.	Sociología	Inglês	1961	43	Zahar, 1960
MANNHEIM, Karl. Diagnóstico de nuestro tiempo.	Sociología	Inglês	1944	40	Zahar, 1961
KLUCKHOHN, Clyde. Antropología.	Breviarios	Inglês	1949	36	Itatiaia, 1963
RIVET, Paul. Los orígenes del hombre americano.	Colección Popular	Francês	1960	30	Progresso Editorial, 1948

AZEVEDO, Fernando de. Sociología de la educación: Introducción al estudio de los fenómenos pedagógicos y de sus relaciones con los demás fenómenos sociales.	Sociología	Português	1942	30	Cia. Ed. Nacional, 1940
VEBLEN, Thorstein Bunde. Teoría de la clase ociosa.	Sociología	Inglês	1944	21	Pioneira, 1965
ELLIS, Howard Sylvester; WALLICH, Henry C. El desarrollo económico y América Latina: Trabajos y comentarios presentados en la Conferencia de la Asociación Económica Internacional celebrada en Río de Janeiro em agosto de 1957.	Economía	Português	1960	20	Não localizada
GARRETT, Henry Edward. Las grandes realizaciones en la psicología experimental.	Psicología y Psicoanálisis	Inglês	1958	6	Cia. Ed. Nacional, 1959
BURCKHARDT, Jacob. Reflexiones sobre la historia universal.	Colección Popular	Alemão	1961	4	Zahar, 1961

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

Dos 22 títulos devolvidos por haver edições em português, seis foram publicados pela Zahar, o que reforça o entendimento de que a fundação dessa editora, em 1957, impactou o nicho editorial de traduções em ciências humanas no Brasil. Outras cinco obras foram publicadas pelo Fondo de Cultura, editora que, como vimos, era vinculada ao periódico jurídico *Revista Forense*.¹⁶⁷ A designação similar à do Fondo de Cultura Económica não passou despercebida pela Mestre Jou, pois a distribuidora consultou seus advogados e alertou ao FCE sobre as possibilidades de anular, judicialmente, o registro da editora brasileira. A questão foi, inclusive, levada à Junta de Governo, que concedeu ao advogado da Mestre Jou procuração para representar-lhes em um processo de propriedade intelectual. Ao menos até 1962, o processo ainda corria na justiça.

Já no que concerne ao idioma das obras devolvidas, é notável que, dos 22 títulos, 15 tivessem o inglês como idioma original. Não obstante, notamos também a presença de títulos

¹⁶⁷ Infelizmente, não localizamos a edição brasileira de três títulos devolvidos sob o argumento de terem sido editados em português. O caso que mais chamou a atenção foi *Investigación sobre la naturaleza y causas de la riqueza de las naciones*, de Adam Smith. A Mestre Jou afirmou claramente que a obra havia sido publicada em português, mas a primeira edição que localizamos no Brasil foi empreendida pela Abril Cultural, em 1974. Em Portugal, uma edição de 2014 traz o prefácio da edição de 1980, que é situada como sendo a primeira (SANTOS, 2014). Desse modo, permaneceu uma interrogação no que se refere a essa obra.

cujo idioma original é o português. Isso porque as devoluções não consideraram apenas as traduções, abarcando também obras de autores brasileiros editadas em espanhol pelo FCE. A devolução de *El Sertanero*, de José de Alencar, foi exemplificativa desses casos. No que tange aos autores brasileiros, a tabela apresenta, ademais, a devolução da obra *Sociología de la educación*, do intelectual da educação Fernando de Azevedo, e de *Dialéctica del desarrollo*, do economista Celso Furtado.

Sociología de la educación, como vimos, foi o primeiro livro de um autor brasileiro publicado pelo FCE e se tornou um grande êxito editorial. Editada em 1942, a obra foi reimpressa seis vezes até 1965 e, atualmente, está em sua 19ª reimpressão, publicada em 2015. Conforme apontado por Faria Filho (2021):

Foi, até o início do século XXI, o livro de segunda maior venda da coleção de Sociologia, com mais de 70 mil exemplares vendidos [...]. Provavelmente, o livro de Azevedo é um dos livros brasileiros, de perfil acadêmico, que mais circulou no continente da década de 40 até o início do século XXI. (p. 111).

Sucesso editorial do FCE, a tradução em espanhol da obra de Azevedo, evidentemente, não teve a mesma acolhida comercial no Brasil porque havia edições em português. Nessa linha, a obra nunca constou nas encomendas da Mestre Jou, tendo chegado até a distribuidora pelo estoque da Livraria do Globo ou por outros meios que não foram registrados na documentação.¹⁶⁸ A Mestre Jou tentou devolver 50 exemplares de *Sociología de la educación* na grande listagem submetida ao FCE no ano de 1955. Entretanto, a obra não apareceu entre os títulos cuja devolução o FCE aceitou, talvez porque tivesse saído uma nova reimpressão alguns meses antes, no ano de 1954. Já em dezembro de 1962, quando a devolução de títulos editados em português já era algo comum, a Mestre Jou conseguiu devolver 30 exemplares da obra.

Dialéctica del desarrollo, de Celso Furtado, também não constou entre as encomendas da Mestre Jou. Editada pelo FCE em 1965, na coleção de Economia, a obra, ao que tudo indica, foi enviada à Mestre Jou como serviço de novidade. Publicada em português desde o ano anterior pela já mencionada editora Fundo de Cultura, a Mestre Jou efetuou a devolução de 96 exemplares já em dezembro de 1965.

No que se refere às traduções, o título que lidera a Tabela 3, *La filosofía del derecho*, de Carl Friedrich, foi editado pelo FCE em 1964. Porém, no ano seguinte, foi publicado na

¹⁶⁸ Como o serviço de novidades não contemplava as reimpressões, em teoria, a obra não foi enviada por esse meio.

Biblioteca de Ciências Sociais, da Zahar. Sem ter sido encomendada pela Mestre Jou, essa obra teve 280 exemplares devolvidos de uma só vez, em 30 de dezembro de 1965.

Houve também situações de livros que eram encomendados regularmente e passaram a ser devolvidos após a edição em português. Entre esses, há o caso já comentado de *Antropología*, de Clyde Kluckhohn, que figurou entre os livros mais pedidos pela Mestre em todo o período (Tabela 2), teve 36 exemplares devolvidos após a edição da Itatiaia, em 1963, e voltou a ser pedido em pequena quantidade no ano de 1965. Caso similar ocorreu com *Diagnóstico de nuestro tiempo*, de Karl Mannheim. Essa obra foi encomendada regularmente até 1961, ano em que foi editada na Biblioteca de Ciências Sociais, da Zahar. Em outubro de 1961, ocorreu a devolução de 40 exemplares do livro que, contudo, voltou a ser encomendado posteriormente em pequenas quantidades: cinco exemplares em 1964, e dez exemplares em 1965.

Outras tantas obras apareceram na correspondência da Mestre Jou com o aviso de que haviam sido editadas em português, mas não chegaram a ser devolvidas. O que verificamos é que algumas não foram mais encomendadas após a edição em português. É o caso de *Teoría general de la ocupación, el interés y el dinero*, de John Keynes, que aparece entre os dez títulos mais pedidos pela Mestre Jou (Tabela 1), e não foi mais encomendado após sua edição em português pela Fundo de Cultura, em 1964. É também o caso do livro *Dinero*, de Dennis Robertson, que não foi mais pedido após 1960, ano de sua edição pela Zahar, e de *Orígenes del capitalismo moderno*, de Henri Sée, publicado pelo Fundo de Cultura, em 1959, e cujo último pedido ocorreu em 1958.

Outras obras passaram a ser encomendadas em menor frequência e quantidade, como o caso de *Estudio del Hombre*, de Ralph Linton, que comentamos. O mesmo ocorreu com *Psicoanálisis de la sociedad contemporánea*, de Erich Fromm. Editado pelo FCE, em 1956, o livro foi muito solicitado até 1958, aparecendo como um dos 30 títulos mais encomendados pela Mestre Jou, mas foi pedido apenas uma vez (20 exemplares) após sua edição em português pela Zahar, em 1959.

Entre pedidos, envios e devoluções, percebemos que a Mestre Jou desenvolveu um comércio bastante ativo durante o período analisado: foram encomendados 96.502 livros, remetidos 87.800 e devolvidos 5.677, com as devoluções representando cerca de 6% das encomendas. Essa intensa atividade de distribuição também se evidenciou pela troca de

centenas de cartas, abertas a temas econômicos, políticos e culturais e reveladoras de estreitamentos e estrebecimentos nas relações comerciais.

Além disso, o mapeamento das obras distribuídas nos possibilitou conhecer as características dos pedidos e devoluções e nos aproximar de qual era a demanda de livros do FCE no Brasil daquele período. O cruzamento dos dados quantitativos e qualitativos aponta que, em um contexto de progressiva institucionalização universitária, a circulação dos livros do FCE proporcionou uma oferta de leitura importante aos potenciais leitores brasileiros ao facilitar o acesso a obras especializadas traduzidas para o espanhol – confirmando, assim, nossa hipótese inicial. Isso não significa que a editora mexicana foi a única via de entrada, no Brasil, da literatura acadêmica traduzida ao espanhol; outras editoras, a exemplo das argentinas Losada, Espasa-Calpe e Emecé, também se dedicaram a isso. Contudo, consideramos que a importância da oferta de livros aportada pelo FCE se mostra nos números relativos à diversidade de títulos de ciências sociais e humanidades que a editora disponibilizou no Brasil em relação à produção brasileira do mesmo período. Sobretudo, mostra-se em perspectiva qualitativa: o FCE traduziu para o espanhol, idioma próximo ao português, e difundiu no Brasil obras de autores muito significativos para o pensamento econômico e social do século XX, como Karl Marx, Max Weber, Adam Smith, John Keynes, em um momento em que os leitores brasileiros ainda não contavam com esses pensadores traduzidos para o português – ou contavam apenas com traduções de versões resumidas. Por fim, foi-se tornando claro que estávamos percorrendo um período de descontinuidades, em que o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro e o aumento das traduções para o português nos deram a oportunidade de visualizar a diminuição do papel do FCE na importação de literatura acadêmica para o Brasil.

3 MEDIAÇÕES E TROCAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO DOS LIVROS DO FCE

A atuação da Mestre Jou como distribuidora do FCE contemplou a distribuição dos livros como objetos físicos, mas também estratégias de divulgação desses impressos. Ao difundir os livros, concebidos como mercadoria e bem simbólico, Felipe Mestre Jou desenvolveu práticas de mediação cultural. De modo concomitante, exerceu uma função mediadora entre a intelectualidade brasileira e a editora mexicana, o que favoreceu a ocorrência de trocas culturais. Nessa dinâmica, Felipe Mestre Jou e outros agentes envolvidos na difusão das obras do FCE atuaram como intelectuais mediadores. Essas trocas e mediações tecidas nas ações de divulgar os livros serão o tema deste capítulo.

3.1 Folhetos, anúncios e resenhas: a divulgação impressa e na imprensa periódica

A cultura de massas entrou em cena no Brasil nos anos 1920 e 1930, por meio de adventos tecnológicos e novas linguagens de comunicação caracterizados pela ampliação da fotografia, do rádio, do cinema e da indústria fonográfica (DUTRA, 2013). Esse processo se intensificou nas décadas seguintes, de modo que os anos 1950 são considerados o auge do rádio. Exatamente no ano de 1950, outra inovação nos meios de comunicação chegaria a São Paulo – a televisão –, sendo a Tupi a primeira emissora televisiva da América Latina (WANDERLEY, 2006). O mercado editorial valeu-se das novas mídias para implementar estratégias de divulgação de seus livros. Como analisa Eliana Dutra (2004), a Companhia Editora Nacional, por exemplo, já nos anos 1930 e 1940, recorreu a programas de radiodifusão e previu a elaboração de um filme falado para divulgar sua coleção *Brasiliana* nos cinemas.

Na mesma época, outros países latino-americanos vivenciaram esse dinamismo nos meios de comunicação com impactos nas ações de difusão desenvolvidas pelo mercado editorial. No México, o Fondo de Cultura Económica divulgava seus livros nas dezenas de emissoras de rádio existentes e, já a partir de 1955, organizou um programa de televisão chamado *Invitación a la cultura*, que ia ao ar às quartas-feiras, às 20h30min, no formato de

tertúlias em que intelectuais eram convidados para discutir um tema específico ou comentar algum dos livros editados pelo FCE.¹⁶⁹

Os novos meios de comunicação diversificaram as estratégias de difusão dos livros, de modo que a divulgação em suporte impresso passou a coexistir e a dialogar com o audiovisual. O som e a imagem, contudo, não substituíram a tradicional divulgação impressa. No que se refere ao FCE, nos anos 1950 e 1960, a editora investia de modo predominante na publicidade impressa — e na imprensa — pois, além de produzir a revista de difusão *La Gaceta*, elaborava catálogos comemorativos e folhetos enviados a todos os distribuidores dos países latino-americanos. Desde 1954, o FCE contava com um departamento de Promoção e Publicidade, gerenciado, como vimos, por Manuel Andújar, que sugeria ações publicitárias em esfera continental. Andújar enviava cartas a Mestre Jou, com regularidade, comunicando a elaboração de folhetos sobre obras e coleções, que eram enviados ao Brasil e distribuídos pela Mestre Jou a livrarias, faculdades, escolas e estabelecimentos bancários.¹⁷⁰ Junto aos folhetos, Andújar propunha abordagens para as vendas, entre as quais a sugestão de anunciar a coleção completa dos 100 primeiros breviários como presente de Natal. Em carta de 21 de outubro de 1954, o gerente de publicidade apresentou o folheto da coleção e afirmou que a biblioteca dos 100 breviários havia se tornado uma das mais exitosas experiências de venda entre os principais livreiros de toda a América hispânica. Discorreu, então, a Mestre Jou que:

La colección completa de los 100 BREVIARIOS constituye el regalo más apreciado y selecto, en Navidad y Año Nuevo, para su distinguida clientela. Desde ahora queremos subrayar la importancia que pueden alcanzar, gracias a su colaboración, estas bibliotecas de cultura moderna para el hogar moderno, en las operaciones que Ud. realice con motivos de dichas fiestas. (“54” MESTRE..., 1954).

Unida a outras cartas sobre a divulgação de Breviarios, essa passagem explicita o empenho de publicidade continental em torno da coleção com inclusão do Brasil. Criada com o objetivo de se tornar uma biblioteca de cultura ampla nas casas latino-americanas, o apelo publicitário associado ao Natal reforça a ideia de Breviarios se voltar para o lar moderno, para

¹⁶⁹ De acordo com informações presentes no periódico *La Gaceta*, do FCE, em 1955 havia 53 emissoras de rádio no México. Já o programa de televisão do FCE ia ao ar pelo canal 5, o Telesistema Mexicano, que surgiu da fusão de três canais televisivos criados em 1952. Em 1973, o Telesistema Mexicano daria origem à emissora Televisa, que ganhou projeção e se tornou famosa em todo o subcontinente latino-americano.

¹⁷⁰ Em carta enviada ao FCE com data de 28 de outubro de 1957, a Mestre Jou informou que, dentro das possibilidades, sempre colocava folhetos em livrarias, faculdades, escolas, estabelecimentos bancários etc.

as famílias que desejassem investir em cultura geral e adquirir uma biblioteca caracterizada como apreciada, seleta e moderna.

De sua parte, Felipe Mestre Jou costumava elogiar os folhetos e outras ações de publicidade empreendidas pelo FCE e pedir a opinião da editora a respeito das estratégias de divulgação que ele mesmo desenvolvia, de maneira que a correspondência abria espaço para trocas a respeito das estratégias de difusão dos livros. A correspondência, ademais, foi utilizada para manter o FCE informado a respeito da divulgação na imprensa periódica brasileira. A Mestre Jou comunicava, com frequência, a ocorrência de anúncios e referências a obras em jornais e revistas, além de enviar recortes dos periódicos anexos às missivas ou um exemplar do impresso por correio a parte.¹⁷¹

Com efeito, a difusão em jornais e revistas configurou-se como a principal e mais constante ação de divulgação empreendida pela Mestre Jou. Desde o início da representação exclusiva, a distribuidora divulgou os livros do FCE em jornais e revistas brasileiras por meio de anúncios e da mobilização de jornalistas e críticos literários para que publicassem notas bibliográficas e resenhas das obras recém-editadas.¹⁷²

A divulgação por meio de anúncios, em sua maior parte, circunscreveu-se às cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde a Mestre Jou mantinha suas livrarias, ainda que a distribuidora tenha mencionado uma publicidade no Diário de Notícias de Salvador, onde contava com uma filial. Entretanto, uma vez que a Mestre Jou distribuía os livros do FCE a livrarias de outros estados, não é improvável que tais estabelecimentos tenham desenvolvido

¹⁷¹ Alguns recortes enviados em anexo foram preservados, mas os periódicos remetidos por correio a parte não compõem o acervo analisado. Os avisos da Mestre Jou sobre os anúncios e as resenhas traziam o nome do periódico e a data exata ou aproximada da publicação. Isso nos possibilitou conhecer em quais veículos de comunicação a Mestre Jou articulava a divulgação das obras do FCE. A partir das indicações presentes na correspondência da Mestre Jou, consultamos os periódicos diretamente sempre que necessário e possível. Tal consulta foi realizada por meio da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, e dos acervos digitalizados dos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*. Consultamos também os acervos físicos da revista *Anhemi* e da revista *O Cruzeiro*, disponíveis na Biblioteca de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH-UFMG). Não foi possível consultar diretamente o periódico *Diário de São Paulo*, que não se encontra digitalizado ou disponível nas hemerotecas locais.

¹⁷² Nosso objetivo ao analisar os anúncios e as resenhas publicados na imprensa brasileira é alargar a compreensão a respeito das estratégias desenvolvidas pela Mestre Jou para divulgar os livros do FCE, sem, contudo, realizar uma análise circunstanciada desses impressos. Afinal, conforme advertido por Tania de Luca (2018), uma análise circunstanciada exigiria examinar a materialidade do impresso e seus suportes, as condições técnicas vigentes, as fontes de receita do periódico, o lugar ocupado por aquele veículo de comunicação no contexto histórico no qual foi produzido e circulou e o potencial público-leitor. Isso extrapolaria as condições e os objetivos deste trabalho, que não utiliza a imprensa como principal fonte ou como objeto de pesquisa.

estratégias de divulgação próprias e publicado anúncios ou notas de obras do FCE em outros periódicos brasileiros.

No que se refere às ações de divulgação empreendidas pela própria Mestre Jou, percebemos que, além da concentração em São Paulo e no Rio de Janeiro, os anúncios foram veiculados em periódicos culturais, como o mensal *Jornal de Letras* (RJ), o quinzenário de letras e artes *Para Todos* (RJ), e a revista de cultura *Anhembí* (SP), mas também em jornais de grande circulação, como *O Estado de São Paulo*, *O Tempo* (SP), *A Gazeta* (SP), *Folha da Manhã* (SP) e *Tribuna da Imprensa* (RJ). Em setembro de 1954, Felipe Mestre dirigiu uma carta diretamente a Orfila Reynal, informando que: “[...] estamos anunciando todas las semanas en los principales periódicos, o sea: ‘O Estado de S. Paulo’, ‘La Gazeta’, ‘O Tempo’, además del anuncio que Ud. ya conoce de ‘Anhembí.’” (“54” MESTRE..., 1954).

A correspondência da Mestre Jou conferia destaque às ações de divulgação veiculadas na revista de cultura *Anhembí*. Afinal, a Mestre Jou anunciou na *Anhembí* durante quase todo o período de existência da revista — ela foi publicada, mensalmente, de dezembro de 1950 a novembro de 1962, e os anúncios aparecem de março de 1952 até o encerramento do periódico.¹⁷³ Os anúncios eram sempre localizados no fim da seção “Livros de 30 dias”, divisão que trataremos com mais detalhes ao analisar as resenhas que também foram publicadas nessa revista. As características da publicidade em *Anhembí* sofreram algumas alterações ao longo do tempo, pois, durante o ano de 1952, os anúncios da Mestre Jou a apresentavam apenas como “distribuidores de livros espanhóis”. Já a partir de janeiro de 1953, a publicidade vinculou a Mestre Jou ao FCE, passando a incluir o logotipo da editora e a apresentar a firma brasileira como “representantes exclusivos da importante editora mexicana FONDO DE CULTURA ECONÓMICA.”¹⁷⁴ Outra alteração se deu de fevereiro de 1955 em diante, quando a Mestre Jou passou a incluir o título, o autor e o preço das últimas novidades recebidas, publicizando o serviço de novidades do FCE.

¹⁷³ No período em que foi publicada, *Anhembí* contou com 144 números ininterruptos. Na Biblioteca da FAFICH-UFMG, há todos os números, com exceção da edição de setembro de 1957 (n. 82) e a de março de 1961 (n. 124). Consultamos os números disponíveis na Biblioteca para confirmar a ocorrência e a periodicidade dos anúncios e para acessar as resenhas e notas bibliográficas publicadas na revista.

¹⁷⁴ O logotipo da editora Fondo de Cultura Económica é o mesmo desde 1935, apesar de algumas alterações gráficas, de cores ou em razão de datas comemorativas. Sobre uma história da elaboração do logotipo e suas transformações, com riqueza de imagens, ver Marina Gravier (2011, p. 253-265).

Figura 4 – Anúncio publicado na Revista *Anhembi* (1959)



MESTRE JOU, S. A.
 Representantes exclusivos da importante editora Mexicana — FONDO DE CULTURA ECONOMICA.
Atendemos pelo Reembólso Postal
 Rua Martins Fontes, 99 — Telefone : 36-0319

Últimas novidades recebidas do F. C. E.

Silva Herzog, "Agrarismo mexicano y la Reforma Agraria"	Cr\$ 640,00
Kusnets, "Aspectos cuantitativos del desarrollo económico"	" 280,00
Ricardo, "Folletos y artículos — 1809-1811" (vol. III de "Obras y Correspondencia")	" 590,00
Gamou, "Los hechos de la vida", Breviario n. 146	" 130,00
Gómez Robledo, "Idea y experiencia de América"	" 280,00
Sejourné, "Un palacio en la ciudad de los dioses" (Teotihuacán)	" 1.470,00

Fonte: ANHEMBI. São Paulo: v. 37, n. 109, p. 181, dez. 1959.

Esse mesmo padrão de anúncio foi utilizado em outros jornais e revistas. Uma exceção importante, porém, passou a ocorrer a partir de 1956, quando a Mestre Jou enviou uma carta ao FCE com o único propósito de comunicar que havia inserido um anúncio de grandes dimensões, na edição de domingo do jornal paulistano *Folha da Manhã*, em parceria com a livraria Palácio do Livro.¹⁷⁵ O recorte do anúncio seguiu anexo à missiva, e a Mestre Jou solicitou comentários a seu respeito. A publicidade realmente apresentava grandes dimensões e bastante destaque, visto que ocupava cerca de um quarto da página do jornal. Nela, o Palácio do Livro apresentava “a famosa coleção de livros do ‘Fondo de Cultura Económica’ do México”, elencando diferentes títulos da editora já com os preços e agrupados por assuntos.¹⁷⁶ Em outras ocasiões, o Palácio do Livro também divulgou as obras do FCE em seus anúncios de grandes dimensões veiculados, aos domingos, na *Folha da Manhã*. As outras publicidades identificadas não eram específicas sobre a editora mexicana. Em algumas delas, porém, há o título “Breviarios del Fondo de Cultura Económica – México” em meio à divisão de assuntos, conferindo destaque a

¹⁷⁵ A livraria Palácio do Livro localizava-se na Praça da República, um dos mais tradicionais endereços de São Paulo e, ao menos desde 1958, também passou a atuar como editora.

¹⁷⁶ Anúncio veiculado na edição de domingo, 26 de fevereiro de 1956, p. 12, da *Folha da Manhã*, de São Paulo (SP).

essa coleção que, como vimos no Capítulo 2, foi um sucesso de vendas no Brasil em relação ao conjunto dos livros do FCE.¹⁷⁷

Os anúncios em periódicos eram promovidos e custeados pela Mestre Jou. Já a publicação de resenhas e notas bibliográficas comportava uma dinâmica que, além da distribuidora, envolvia o FCE e alguns redatores de jornais brasileiros. O Fondo distribuía livros no México e no exterior para fins de difusão e publicidade, prática que, inclusive, foi discutida em uma das reuniões da Junta de Governo de 1956. Com o objetivo de mostrar que os livros enviados para publicidade não prejudicavam os números da produção, o diretor Orfila Reynal forneceu informações a respeito das quantidades e da abrangência dessa atividade de divulgação:

Quedan 4,900 libros distribuidos en revistas del país y del extranjero, críticos, escritores, funcionarios, bibliotecas, comentaristas de radio, colaboradores, los que absorben ese promedio de 50 ejemplares por título editado, cifra que es notablemente exigua. (FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1956–1957, p. 108).

A Mestre Jou era um desses vários agentes que absorviam livros para fins de publicidade. Afinal, já no início de 1953, o FCE autorizou que a distribuidora destinasse à imprensa quatro exemplares de cada obra recém-editada com o correspondente abono na conta, ou seja: era o FCE que custeava o envio de livros aos redatores de jornais e revistas. Para prestar contas, a Mestre Jou remetia, em periodicidade semestral ou anual, uma lista com os títulos e exemplares efetivamente entregues a jornalistas. Podemos considerar que o êxito dessa prática de divulgação requeria que Felipe Mestre Jou possuísse contatos e um bom trânsito na imprensa periódica, recurso frisado por ele em carta remetida a Orfila, de 14 de junho de 1954: “[...] ya sabe Ud. que mis excelentes relaciones con la prensa me facultan publicar todo lo que Ud. me pida.” (“54” MESTRE..., 1954). Com efeito, as listas de livros remetidos para publicidade contemplavam uma significativa variedade de periódicos, ainda que circunscrita à imprensa paulista, e resultaram em uma efetiva e constante publicação de resenhas em jornais e revistas.

Durante a maior parte da década de 1950, a Mestre Jou direcionou o envio de livros ao diretor da revista *Anhembi*, o jornalista Paulo Duarte, aos jornalistas do *Diário de São Paulo*, Joaquim Pinto Nazário e Antônio D’Elia, ao professor Luís Washington Vita, inicialmente apresentado como redator do *Diário de São Paulo*, e à redatora da Revista de variedades *O*

¹⁷⁷ É o caso dos anúncios veiculados na edição de domingo, 24 de fevereiro de 1957, p. 64, e na edição de domingo, 5 de maio de 1957, p. 8, ambos na *Folha da Manhã*, de São Paulo (SP).

Cruzeiro, Helena Silveira. A partir de 1958, as listas de livros para publicidade deixaram de incluir *O Cruzeiro* e o *Diário de São Paulo* e passaram a abarcar os jornais *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Tarde* e, em 1960, o recém-criado *Folha de São Paulo*. Em 1963, o *Correio Paulistano* foi extinto e, assim, também deixou de constar nas listas.¹⁷⁸

De modo similar aos anúncios, a revista *Anhembí* publicou resenhas e notas bibliográficas de livros editados pelo FCE durante todo o período de produção do periódico – embora não em todos os números da revista. Na mesma carta enviada a Orfila, em 14 de junho de 1954, Felipe Mestre fez o seguinte comentário:

Supongo que seguirá Ud. recibiendo la revista “Anhembí” que dirige mi particular amigo Paulo Duarte: esa Revista trae en cada número alguna crítica de libros del Fondo. Si alguna vez quisiera hacerme alguna observación, la aceptaré con mucho gusto, tanto en lo que se refiere a Anhembí como a cualquier otra publicación. (“54” MESTRE..., 1954).

A menção à amizade com Paulo Duarte sinaliza a tecitura de vínculos intelectuais que poderiam facilitar a divulgação dos livros e estabeleciam os interlocutores possíveis ou privilegiados no âmbito da imprensa periódica.¹⁷⁹ Além disso, a Mestre Jou remetia ao México os números da revista *Anhembí* e, não só na passagem acima como em diferentes missivas, perguntou se os agentes do Fondo a estavam recebendo normalmente. O envio da revista coloca em evidência as trocas culturais propiciadas pelas relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou: não apenas a editora mexicana distribuía seus livros no Brasil, como também a Mestre Jou utilizava o canal criado entre as duas instituições para fazer chegar ao México objetos culturais brasileiros que poderiam ser de interesse.

Anhembí era uma revista de cultura paulistana associada às vanguardas estéticas e culturais europeias, em particular, francesas. Conforme aponta Sérgio Miceli (2001a), “*Anhembí* cobria os espaços de sociabilidade (estreias nacionais e espetáculos de companhias estrangeiras em temporada, exposições e bienais, cinemateca, livros novos etc.) frequentados

¹⁷⁸ A lista de periódicos evidencia que o envio se limitava à imprensa paulista, com exceção de um episódio, em 1956, em que um crítico literário de Curitiba solicitou à Mestre Jou o envio de livros do FCE. A distribuidora, então, consultou a editora mexicana sobre a possibilidade de enviar a ele alguns exemplares nas mesmas condições acordadas para São Paulo, o que foi autorizado. A Mestre Jou, no entanto, nunca comunicou a publicação de alguma crítica em periódicos de Curitiba. O nome do crítico literário tampouco foi mencionado.

¹⁷⁹ Paulo Duarte (1899–1984) foi jornalista, advogado, historiador e poeta. Os vínculos desse intelectual com Felipe Mestre Jou revelam-se também na edição, em São Paulo, do número 105 da *Revista de Catalunya*. Conforme aponta Meritxell Marsal (2014), Paulo Duarte foi quem empreendeu a impressão do periódico, e Felipe Mestre Jou, como mencionado no capítulo 1, foi um dos promotores da publicação.

pelas novas elites universitárias independente de suas afinidades ideológico-partidárias [...]” (p. 130-131). Ao analisar o clima intelectual paulista dos anos 1930 a 1960, Miceli (2001a) fornece elementos para situar *Anhembi* em sua relevância cultural e tendência política. O autor destaca *Clima* (1941), *Brasiliense* (1955) e *Anhembi* (1950) como revistas de cultura que atestavam o vigor intelectual da primeira geração de cientistas sociais formados em São Paulo, pois muitos desses intelectuais universitários criaram ou prestaram ampla colaboração aos citados empreendimentos editoriais.¹⁸⁰

Enquanto *Clima* circulou de maio de 1941 a novembro de 1944, *Anhembi* e *Brasiliense* foram fundadas já no período da Guerra Fria. As divisões políticas entre “ocidente” e socialismo, características daquele contexto, teriam marcado as tendências políticas das duas publicações. Unida à associação com as vanguardas europeias, *Anhembi* expressava uma posição política identificada aos aliados “ocidentais” que venceram a Segunda Guerra, ao mesmo tempo que se afastava da via socialista soviética. Em contraponto, a revista *Brasiliense* firmava-se como um espaço de discussão de intelectuais de esquerda no que se refere ao aspecto político, econômico e cultural e como um veículo de difusão da teoria marxista. Nesse sentido, “*Anhembi* e *Revista Brasiliense* representavam as vertentes culturalistas de direita e esquerda em vigência no campo intelectual paulista.” (MICELI, 2001a, p. 130).

No que concerne à organização, cada número da revista *Anhembi* possuía cerca de 200 páginas, divididas em um editorial, geralmente escrito por Paulo Duarte, um bloco de ensaios, alimentado por colaboradores brasileiros e estrangeiros, e uma terceira parte composta por um apanhado das novidades culturais do mês (FRANÇA, 2009). O último bloco era organizado pelos seguintes títulos: “Jornal de 30 dias”, “Livros de 30 dias”, “Teatro de 30 dias”, “Artes de 30 dias”, “Música de 30 dias”, “Cinema de 30 dias” e “Esportes de 30 dias”.¹⁸¹ As resenhas e notas bibliográficas referentes a livros do FCE situavam-se em “Livros de 30 dias”, seção que trazia novidades literárias nacionais e estrangeiras. As resenhas não eram assinadas, sendo que

¹⁸⁰ A revista *Clima* (1941–1944) foi editada por um grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP que se tornariam professores universitários e críticos de cultura com uma importante produção intelectual. Entre os expoentes do Grupo Clima estavam Gilda de Mello e Souza, Antônio Cândido de Mello e Souza, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes e Ruy Galvão de Andrada Coelho. Sobre o grupo e seus críticos, ver Heloisa Pontes (1998). Por sua vez, a revista *Brasiliense* (1955–1964), que teve Caio Prado Jr. como um de seus fundadores, contou com a colaboração, entre outros, de Elias Chaves Neto, João Cruz Costa e Florestan Fernandes. Já em *Anhembi*, colaboraram, entre outros, Florestan Fernandes e Octavio Ianni. Sobre a *Brasiliense*, ver Claudia Wasserman (2010).

¹⁸¹ George França (2009) mostra que essa organização sofreu algumas alterações ao longo do tempo, como a inclusão da seção “Ciência de 30 dias” e “Brasiliense de 30 dias”, em 1954, assim como a inclusão da seção “Rádio e TV de 30 dias” e a exclusão da seção “Esportes de 30 dias” em 1956.

a única exceção identificada se refere à análise do livro *La Rama Dorada*, editado na coleção de Sociologia do FCE, e assinada pelo sociólogo Florestan Fernandes (1920–1995).

A maioria das resenhas de livros do FCE veiculadas em *Anhembi* possuía cerca de uma página e trazia, já no título, a referência completa da obra. Outras eram apresentadas com um título que remetia ao tema do livro. Outras, ainda, traziam informações sobre uma coleção completa ou um conjunto de obras e apontavam os impactos daqueles empreendimentos editoriais para o desenvolvimento de uma cultura latino-americana. Como exemplo, o texto “Uma coleção de Breviários”, além de trazer notas sobre alguns breviários, destacou a importância do FCE para a cultura e a consciência dos países latino-americanos. Na mesma linha, o texto “Publicações do Fondo de Cultura”¹⁸² apresentou livros da coleção de Economia, assinalando que tal coleção:

[...] está prestando um serviço enorme principalmente aos países sul-americanos com as edições que vem lançando, em língua espanhola, sobre assuntos econômicos que até agora só poderiam ser estudados através de idiomas menos acessíveis à América Latina.” (PUBLICAÇÕES..., 1955, p. 576).

A partir de 1956, ainda que a publicação de resenhas tenha permanecido, surgiram pequenas notas bibliográficas em *Anhembi*, inseridas na subseção “Registro Bibliográfico”, também localizada em “Livros de 30 dias”. Tais notas continham apenas um parágrafo com o resumo geral dos livros, indicando-os com o título de “edições em espanhol” ou “edições estrangeiras”.

Se, por um lado, foi possível perceber tendências e modificações na estrutura das resenhas publicadas em *Anhembi*, por outro, foi difícil captar inclinações ou evidentes predileções em relação aos temas das obras resenhadas. De acordo com as listas para publicidade, os livros que a Mestre Jou enviava a Paulo Duarte abarcavam uma grande variedade de assuntos: obras de literatura, de sociologia, de economia, de história, e muitos breviários. A variedade se manteve nas resenhas: resenharam-se obras de todas essas áreas, com espaço para temas em discussão no contexto da Guerra Fria, como os desafios do capital e a energia atômica, e com destaque para a resenha de livros da coleção Breviarios ou para essa coleção como um todo.

¹⁸² Os mencionados textos foram veiculados respectivamente no n.27, de fevereiro de 1953, e no n. 51, de fevereiro de 1955, da revista *Anhembi*.

Em paralelo às resenhas publicadas na revista de cultura *Anhembi*, interessa-nos observar a divulgação de obras do FCE na revista de variedades *O Cruzeiro*. Fundada em 1928, *O Cruzeiro* era uma revista semanal e ilustrada – com forte apelo visual – que pertencia ao grupo Diários Associados.¹⁸³ Nos anos 1940 e 1950, a revista tornou-se um fenômeno de tiragem, atingindo uma média de 720 mil exemplares semanais em 1954 (LAURENZA, 2008).¹⁸⁴ Conforme apontado por Thomaz Corrêa (2008), *O Cruzeiro* tinha uma distribuição privilegiada porque se beneficiava do mesmo sistema de bancas de jornal que vendiam, diariamente, as dezenas de jornais publicados pelos Diários Associados.

Conforme mencionamos, as listas de livros para publicidade acusam remessas à redatora de *O Cruzeiro*, Helena Silveira, apenas até 1958. Foi durante esse período que a Mestre Jou informou, nas cartas ao FCE, seis referências a livros da editora publicadas em *O Cruzeiro*. Ao consultar as referências nas revistas, percebemos que não se tratava de resenhas, com análise crítica e cunho intertextual, e sim de notas sobre novidades literárias do Fondo, com um breve resumo dos livros. Apenas uma das notas produzidas, referente à obra *¿Capitalismo o socialismo?*, destoa um pouco, uma vez que abre espaço para a perspectiva crítica do autor do resumo. Todas as notas apareceram na seção “Literatura e História”, em uma coluna intitulada “No mundo dos livros”, assinada por Geraldo de Freitas.¹⁸⁵ As novidades anunciadas destacavam a coleção Breviarios, que, por visar a um público amplo e não especializado, dialogava com a proposta de ampla circulação da revista *O Cruzeiro*. Além disso, a revista abriu espaço para notas sobre livros de filosofia e para a mencionada obra *¿Capitalismo o socialismo?*, que abordava uma dualidade político-econômica bastante difundida no contexto marcado pela Guerra Fria.

Ainda na esfera dos Diários Associados, o *Diário de São Paulo*, um dos principais jornais do grupo, constou, nas listas da Mestre Jou, como um importante destinatário dos livros do FCE para fins de divulgação, embora as remessas tenham se concentrado entre 1953 e 1957. A maior parte dos livros era direcionada a Luís Washington Vita, inicialmente apresentado

¹⁸³ Os Diários Associados são uma cadeia de imprensa, em atividade até os dias de hoje, fundada em 1924 sob a direção de Assis Chateaubriand (1892–1968). Além de jornais e revistas, a empresa administrava emissoras de rádio e a TV Tupi.

¹⁸⁴ Conforme frisado por Ana Maria Laurenza (2008), no período em que *O Cruzeiro* atingiu a tiragem de 720 mil exemplares semanais, o Brasil era um país com cerca de 52 milhões de habitantes, com uma população predominantemente rural.

¹⁸⁵ “No mundo dos Livros” era uma coluna fixa da revista *O Cruzeiro*, que existia ao menos desde 1945.

como redator do referido diário.¹⁸⁶ Luís Washington Vita escreveu resenhas para o *Diário de S. Paulo*, ao mesmo tempo que escrevia para o *Correio Paulistano*, jornal que não fazia parte da cadeia de imprensa dos Associados. A partir de 1957, concentrou a publicação de suas resenhas no *Correio Paulistano*, até a extinção desse periódico, em 1963, data em que voltou a publicar no *Diário de S. Paulo*. Com a marcante atuação de Washington Vita, o *Correio Paulistano* foi o jornal mobilizado pela Mestre Jou que mais veiculou resenhas do FCE, visto que a distribuidora informou à editora mexicana a ocorrência de 70 resenhas publicadas nesse periódico, das quais 68 foram escritas por Luís Washington Vita. Por sua vez, Washington Vita figurou como o principal e mais constante resenhista das obras do FCE.¹⁸⁷

As resenhas de Luís Washington Vita eram comentários críticos, que traziam informações sobre o contexto de produção da obra e traçavam conexões com discussões intelectuais mais amplas, explicitando as contribuições para o campo. Em alguns casos, o resenhista colocava em diálogo duas obras sobre temas similares no mesmo texto jornalístico. Bacharel em Filosofia e em Direito, Washington Vita atuou como crítico literário e como professor de filosofia na Escola Livre de Sociologia e Política, além de publicar cerca de 20 livros sobre temas filosóficos.¹⁸⁸ Reflexo de sua formação e atuação profissional, suas resenhas, tanto no *Diário de S. Paulo* como no *Correio Paulistano*, mostram acentuada inclinação para os livros e temas filosóficos. O filósofo também resenhou obras de história, sociologia, economia e sobre política, mas, mesmo nesses casos, costumava focar-se em livros sobre o pensamento econômico e social e imprimia uma chave de leitura filosófica às suas análises.

Ao anunciar as resenhas de Luís Washington Vita, nas cartas ao FCE, a Mestre Jou costumava destacar que elas haviam sido escritas pelo “amigo”, por “nuestro amigo” ou pelo “común amigo” Washington Vita. Em carta a Orfila Reynal, de junho de 1954, Felipe Mestre desenvolveu a ideia de uma amizade em comum, ao mencionar a Orfila uma publicação do

¹⁸⁶ A Mestre Jou também comunicou, em carta não datada, mas recebida no FCE em 17 de junho de 1957, que Joaquim Pinto Nazário, um dos jornalistas do *Diário de S. Paulo* que figuraram nas listas de envio de livros, teria assinado um artigo no periódico sobre a publicação de autores brasileiros pela editora mexicana. Não foi comunicada nenhuma resenha produzida por Antônio D’Elia, o outro jornalista do *Diário de S. Paulo* que apareceu nas listas de destinatários dos livros.

¹⁸⁷ A título de informação numérica, a Mestre Jou comunicou, nas cartas ao FCE, a ocorrências de 35 resenhas publicadas no *Diário de S. Paulo*, sendo alguns recortes enviados em anexo. Dessas, ao menos 19 foram assinadas por Luís Washington Vita, segundo informações da própria Mestre Jou. Conforme mencionado, não tivemos acesso ao *Diário de S. Paulo* e, por isso, não pudemos confirmar a autoria das demais resenhas.

¹⁸⁸ Luís Washington Vita (1921–1968) era paulista, graduou-se em Filosofia pela USP e em Direito pela Universidade do Brasil. Além de atuar como professor na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, ministrou cursos em universidades da Argentina, Estados Unidos e Canadá. Faleceu em 1968, aos 47 anos. Sobre Washington Vita, ver Edda Bomtempo (2000).

amigo Luís Washington, “a quien Ud. ya conoce”. Orfila, então, respondeu a carta agradecendo “a nuestro simpático y distinguido amigo don Luis Washington”. Orfila Reynal foi apresentado a Washington Vita durante a viagem que realizou ao Brasil, em novembro de 1952, ainda no início da representação exclusiva com a Mestre Jou. Anos depois, em carta de 22 junho 1963, o diretor do FCE relembria como se tecera a conexão, mencionando que havia se vinculado a Luís Washington Vita por meio de Felipe Mestre Jou.

Na mesma carta de junho de 1963, fica evidente que as relações entre Felipe Mestre e Washington Vita tinham se desgastado. Afinal, Orfila Reynal expressou que se surpreendera ao receber uma missiva do filósofo e crítico literário informando que havia tido algumas diferenças com Felipe Mestre Jou e consultando sobre a possibilidade de o FCE lhe enviar, diretamente, livros para que pudesse comentar. O diretor, então, teceu os seguintes comentários:

Comprenderá que me resulta incómodo intervenir en un problema planteado entre personas tan amigas como Uds., y de un conocimiento intelectual con una persona tan estimable como Washington, a quién me vincule por usted. No quisiera pues que este nuevo conflicto pudiera traer mayores consecuencias y como él me escribe rogándome le continuemos enviando directamente algunos libros que pueda comentar, y como desde luego es una de las personas que han sido más constantes en esa tarea de crítica bibliográfica, le he expresado al Departamento de Publicidad que le manden algunos libros [...] (“63” MESTRE..., 1963).

Em 15 de julho de 1963, Felipe Mestre respondeu a missiva de Orfila Reynal, confidenciando que:

Usted sabe cuánta amistad unía nuestra firma, y yo personalmente, con el Sr. Washington Vita. Nuestras relaciones con la redacción del diario “Correio Paulistano” y el valor personal, como profesor y crítico, del Sr. Vita, se constituyó uno de los principales ejes para la divulgación de las obras de ese Fondo. (“63” MESTRE..., 1963).

Em que pesasse o importante trabalho de divulgação realizado, Felipe Mestre afirmou que Washington Vita, em suas resenhas, nunca fazia menção à Mestre Jou como distribuidora das obras do FCE, de modo que muitos estudiosos procuravam os livros em outras livrarias e, até mesmo, recorriam diretamente à editora mexicana. Em 1963, a negação explícita do crítico literário em mencionar a distribuidora teria sido a causa do rompimento. Felipe Mestre Jou agregou, ainda, que as menções eram importantes porque, embora em São Paulo, capital, a Mestre Jou fosse conhecida, os jornais chegavam a lugares que a propaganda da livraria não alcançava. Desse modo, a carta aponta a importância e a expectativa que o livreiro atribuía à

difusão de críticas bibliográficas em jornais como ação cultural e comercial, consideradas uma forma privilegiada de divulgar as livrarias Mestre Jou devido ao grande potencial de circulação dos periódicos.

Já os laços entre Felipe Mestre Jou e Luís Washington Vita, assim como a mencionada amizade do livreiro com Paulo Duarte, revelam que os vínculos de amizade e de cumplicidade se configuraram como um aspecto importante para que Felipe Mestre lograsse articular um espaço de trabalho intelectual com o intuito de difundir os livros do FCE e o seu próprio negócio livreiro. Na mesma linha, ao mobilizar suas relações pessoais, Felipe Mestre atuou como mediador para o estabelecimento de novas conexões intelectuais, no caso em tela, entre Luís Washington Vita e a editora FCE, no papel de seu editor Arnaldo Orfila Reynal. O estremecimento das relações entre Felipe Mestre e Washington Vita, por outro lado, acarretou mudanças na dinâmica do envio de livros para divulgação, evidenciando como os afetos, mas também os desafetos, impactam as atividades e parcerias intelectuais.

Washington Vita não deixou de publicar críticas a livros do FCE após o rompimento com a Mestre Jou, pois, no ano de 1965, as cartas da distribuidora anunciaram mais duas resenhas assinadas por ele e publicadas em o *Diário de São Paulo*. Contudo, a partir de 1963, o que notamos, na correspondência, foi o surgimento de algumas menções a Leonardo Arroyo como resenhista, escritor e crítico paulista que já havia colaborado com *La Gaceta*, do FCE. Entre 1963 e 1965, a Mestre Jou anunciou a publicação de três críticas assinadas por Arroyo no jornal *Folha de São Paulo*. Desde seu surgimento, em janeiro de 1960, a *Folha de São Paulo* incluía pequenas notas bibliográficas de novidades literárias do FCE, em uma coluna denominada “Nas livrarias”, que trazia uma imagem das capas dos livros e carregava forte apelo visual (Figura 5). As críticas assinadas por Leonardo Arroyo, por seu turno, foram publicadas na coluna “Livros e Autores”, do caderno “Folha Ilustrada”, e analisaram um dos volumes das obras completas de Alfonso Reyes, o volume sete da obra *Historia del pensamiento socialista*, que trata do socialismo e da ascensão do fascismo, e a polêmica em torno da edição do livro *Los Hijos de Sanchéz*, que serviu de estopim para a destituição de Orfila Reynal como diretor do FCE.

Figura 5 – Novidades literárias na coluna “Nas Livrarias” da *Folha de São Paulo* (1963)

Nas LIVRARIAS ★ **Nas LIVRARIAS** ★ **Nas LIVRARIAS**

"HISTORIA DA CULTURA", de Kaj Birket-Smith. Obra notável que historia todo o esforço do homem na conquista da cultura. Um livro resumido por dois volumes, com 371 ilustrações e 7 mapas, com o primeiro de 270 páginas, Cr\$ 2.700,00. Editora Melhoramentos. A venda em todas as livrarias.

NOVIDADE! **"A BORBOLETA DE PRATA"**, de Pearl S. Buck. Um livro inesquecível da grande escritora que conta a história de uma família patológica e dramas domésticos. A bela China ainda presente neste belo livro pela primeira vez apresentada em português. Dele somente de 200 páginas, Cr\$ 600,00. Lançamento das Edições Melhoramentos de São Paulo. A venda em todas as livrarias.

NOVIDADE! **"FABULAS"**, de La Fontaine. As fabulas são as histórias da grande e pequena fábula de bela apresentação gráfica, ricamente ilustrada e comentada. Dele, 120 páginas, com 120 ilustrações de interesse para todos os leitores. Um livro que atrai os adultos e crianças sempre aliado. Volume encadernado e ilustrado de 254 páginas, Cr\$ 2.100,00. Editora Melhoramentos. A venda em todas as livrarias.

ASCENSÃO E QUEDA DO III REICH, de Wilhelm L. Herr. Monumental e serena história de Hitler, do nascimento de II Grande Guerra, sua luta definitiva e consumada em todo o mundo. Pequena obra, em 120 páginas, com 120 ilustrações. Livro histórico e que atrai os leitores. Um livro para todos. Volume de 349 páginas, Cr\$ 500,00. Publicado pela editora Livraria José Olympio Editora, rua dos Guimarães, 190, São Paulo.

"PARÇA MAIS JOVEM... VIVA MAIS TEMPO", de Cayetano de Castro. Livro maravilhoso, considerado por milhares de leitores. Uma história de vida longa e feliz no alcance de todos. Como viver com saúde e alegria mental. Um livro para todos. Volume de 349 páginas, Cr\$ 500,00. Publicado pela editora Livraria José Olympio Editora, rua dos Guimarães, 190, São Paulo.

"EL UNIVERSO DE QUINTALCOTL", de Lauretta Sébourné. O simbolismo arqueológico do século Mexicano um livro de qualidade. O essencial religioso e os grandes ídolos deus cultura. Pequena obra de verdadeira beleza sobre arqueologia americana. Volume arrojado de 205 páginas, em ilustrações em cores, Cr\$ 440,00. Editora de Cultura Avoncos, México. Distribuidor em Livraria Mestre Jou.

"TEM FUTURO O HOMEM?", de Bernard Russell. Um pequeno-grande livro que uma advertência para o homem atual. A obra e seus autores modernos e admiráveis pensadores modernos. Ajuda, com a leitura deste livro, a construir um mundo melhor e tranquilo. Volume de 112 páginas, bela apresentação, Cr\$ 350,00. Lançamento de Editora Intendência Brasileira.

LEI ORGANICA E REGULAMENTO GERAL DA PREVIDENCIA SOCIAL -- 1ª edição -- Contem, ainda, a legislação posterior e índice alfabético, facilitando a consulta. Edição de Adriano Campinho, Preço do vol. Cr\$ 800,00. Alameda de São Paulo, 112 -- Editora Atlas S.A., Rua Capitão Saldanha, 88 -- São Paulo -- tel. 34-9445.

"O MUNDO DE Nossos dias" -- ANUÁRIO DA FOLHA DE SÃO PAULO. Uma verdadeira enciclopédia, distribuída em cinco grandes grupos: 1 -- O Homem e a Sociedade; 2 -- O Vestuário e a Casa; 3 -- A Cidade, o Estado, e Negócio; 4 -- O Futuro e 5 -- O Universo. Materia de fácil localização, através de vários índices. A venda em todas as livrarias e bancas de jornais e revistas. Postal, Pedidos e Dúvidas de Circulação Preço Cr\$ 500,00.

FOLHA DE S. PAULO - Domingo, 13 de janeiro de 1963 - FOLHA ILUSTRADA - Pag. 5

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Folha Ilustrada, 13 jan. 1963, p. 5.

Foi também no fim do período analisado, especificamente em 1964, que o jornal *O Estado de São Paulo* passou a ser mencionado, com mais frequência, na correspondência da Mestre Jou. Desde 1958, quando o jornal passou a constar nas listas de livros para publicidade, a Mestre Jou anunciou a publicação de três resenhas no periódico e, mesmo antes, em 1957, comunicou o envio de outros dois recortes do jornal. Entretanto, só no ano de 1964, comunicou a publicação de outras quatro resenhas.¹⁸⁹ As resenhas publicadas em *O Estado de São Paulo*

¹⁸⁹ Em carta de 6 de julho de 1957, a Mestre Jou comunicou o envio de um recorte de *O Estado de São Paulo*, que havia sido publicado em 5 de julho, sem mencionar se se tratava de alguma resenha. Não conseguimos localizar, no jornal, o texto mencionado. As demais resenhas foram publicadas, respectivamente, nas edições do *Suplemento Literário*, de *O Estado de S. Paulo*, de 6 de julho de 1957, 17 de maio de 1958, 24 de janeiro de 1959, 11 de novembro de 1961, 29 de fevereiro de 1964, 11 de abril de 1964, 23 de maio de 1964 e 19 de dezembro de 1964.

eram assinadas, extensas e com forte perspectiva analítica.¹⁹⁰ Elas foram veiculadas no *Suplemento Literário* do jornal, caderno projetado como uma pequena revista de cultura que divulgava críticas aplicadas a literatura, cinema, teatro e artes plásticas.¹⁹¹ O conjunto das resenhas, ainda que pequeno, mostra uma inclinação para as obras de prosa e poesia, música e artes. Entre essas, houve abertura para a análise de livros de temáticas e autores hispano-americanos, como as críticas às obras completas de Alfonso Reyes, a um livro sobre história da literatura hispano-americana, e a outro sobre música mexicana.

Por fim, a Mestre Jou comunicou, em suas missivas ao FCE, a ocorrência de comentários a obras da editora que parecem ter sido produzidos fora da dinâmica de envio dos livros para publicidade. Trata-se de um comentário redigido pelo romancista José Lins do Rego (1901–1957), escritor já consagrado naquele período, e publicado em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, e uma resenha produzida pelo escritor Antônio Olinto (1919–2009), publicada no jornal carioca *O Globo*. Os dois jornais não figuravam, nas listas da Mestre Jou, entre os periódicos destinatários de livros para publicidade.¹⁹² Um terceiro comentário a livros do FCE anunciado pela Mestre Jou foi realizado por Carlos Drummond de Andrade, em setembro de 1959, e publicado no *Correio Paulistano*.¹⁹³ Drummond, que, naquela época, também já era um poeta renomado, comentou o livro *Memorias de Cocina y Bodega*, do intelectual mexicano Alfonso Reyes, e fez menções à época em que Reyes fora embaixador no Brasil (1930–1936).¹⁹⁴

Ao analisar as listas de livros para publicidade elaboradas pela Mestre Jou e as cartas que comunicavam a publicação de resenhas e notas bibliográficas, percebemos que as referências a livros do FCE cobriram ampla variedade de periódicos na imprensa paulista. As características dessas referências – resenhas críticas, notas bibliográficas ou breves anúncios de novidades – variaram de acordo com o formato dos periódicos. Os livros criticados também abarcaram grande diversidade de temas, ainda que seja possível perceber o destaque concedido

¹⁹⁰ As resenhas localizadas foram assinadas por Mário Leônidas Casanova, Hélio Leite de Barros, Oliveira S. Ferreira, José da Veiga Oliveira, Carlos Felipe Moisés, Júlio García Morejón e duas por Ricardo Navas Ruiz.

¹⁹¹ O *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de São Paulo* guarda relações com os intelectuais do grupo Clima, pois Antônio Cândido foi seu idealizador, a convite do jornal; Décio de Almeida atuou como diretor do *Suplemento*, entre 1956 e 1966; e Paulo Emílio Salles Gomes colaborou como crítico de cinema. Iniciado em 6 de outubro de 1956, o *Suplemento Literário* tornou-se um importante veículo cultural, e a qualidade de seus textos fez com que muitos fossem reunidos em coletâneas publicadas como livros.

¹⁹² O texto de José Lins do Rego foi publicado na edição de 28 de abril de 1955, p. 4, de *O Jornal*. Já a resenha de José Olinto foi publicada na edição de 2 de junho de 1962, p. 9, de *O Globo*.

¹⁹³ Texto publicado na edição de 22 de setembro de 1959, caderno 1, p. 6, do *Correio Paulistano*.

¹⁹⁴ Alfonso Reyes participou ativamente da vida intelectual brasileira durante o período no qual atuou como embaixador do México no Brasil. Conforme sinaliza Regina Crespo (2006), Reyes foi amigo de Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Ronald de Carvalho.

à publicidade e à crítica de livros da coleção Breviarios e a livros de temas filosóficos, estes últimos em razão da intensa atividade de crítica literária desenvolvida por Luís Washington Vita. Em diálogo com os dilemas mundiais daquele contexto, as resenhas também se inclinaram para livros que discutiam temas relacionados ao socialismo e ao capitalismo, bem como os problemas dos chamados países de “terceiro mundo”.

As estratégias de divulgação sob a ótica das resenhas possibilitam, sobretudo, observar o movimento de diferentes atores no mundo dos impressos. Nessa perspectiva, Cristina Fernández (2016), ao investigar a seção bibliográfica do periódico argentino *Revista de Filosofía*, aponta que as resenhas de livros podem se converter em um espaço adequado para visualizar a circulação de bens culturais e para detectar os modos como os produtores de periódicos se tornam destinatários dos livros e mediadores em relação a outros públicos potenciais. Tais potencialidades de análise são pertinentes ao nosso objeto, uma vez que, ao examinar a dinâmica de envio de obras para publicidade, visualizamos como se deu a circulação dos livros do FCE também pelo canal da divulgação: canal em que Felipe Mestre Jou atuou como mediador ao criar pontes e articulações entre os livros, a imprensa e os intelectuais resenhistas. As resenhas, assim, são um meio de detectar algumas das mediações intelectuais que operam na difusão transnacional dos livros.

De modo concomitante, a atividade dos resenhistas revelou-se um modo de vislumbrar uma das muitas práticas que correspondem aos intelectuais mediadores. Os críticos literários desenvolveram práticas de mediação cultural ao difundirem os livros do FCE a um público mais amplo por meio de suas resenhas. Resenhas que se configuram, por si só, como novos produtos culturais construídos a partir da leitura, apropriação e reelaboração dos livros. Devido à intensa e constante atividade de crítica que desenvolveu com os livros do FCE, Luís Washington Vita foi quem mais claramente encarnou a figura do resenhista, atuando como um intelectual mediador: alguém que criou e colocou em circulação outros produtos culturais – as resenhas – no próprio ato de divulgar os livros do Fondo de Cultura Económica.

3.2 “Una campaña cultural”: aniversários do FCE e exposições do livro

A divulgação dos livros do FCE na imprensa brasileira coexistiu e se articulou com outras práticas de difusão impulsionadas pela Mestre Jou ou promovidas por um esforço conjunto entre a distribuidora e a editora mexicana. Nesse sentido, a Mestre Jou cuidava para

que os livros do FCE se fizessem presentes em exposições e feiras de livros, espaços que, guiados por objetivos comerciais e de promoção da leitura, se convertem em importantes meios de circulação de ideias e de trocas culturais.¹⁹⁵ Ao mesmo tempo, o FCE se empenhava para que os aniversários da editora fossem celebrados em esfera continental, mobilizando livrarias, imprensa e a intelectualidade latino-americana para difundir o labor cultural da editora nas comemorações, concebidas como verdadeiras campanhas culturais.

As propostas e ações de divulgação que a Mestre Jou promoveu em torno de exposições e feiras de livros tiveram início em 1954, associadas às comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo. Naquele ano, São Paulo foi palco de diversas ações culturais e viu sua paisagem urbana transformar-se com a inauguração da Catedral Metropolitana (Catedral da Sé) e do Parque Ibirapuera, o qual contou com um grande pavilhão para receber as exposições que integrariam as comemorações.

O clima comemorativo propiciou que outros eventos ocorressem na cidade sob os auspícios ou na esteira das celebrações do IV Centenário. Foi nessa linha que, após ser informado pela Mestre Jou de que uma série de eventos ocorreriam em virtude do aniversário de São Paulo, Orfila Reynal consultou Felipe Mestre sobre a possibilidade de a cidade também receber o III Congresso de editores hispano-americanos. Nas palavras de Orfila, a comemoração do IV Centenário:

[...] podría también ser oportunidad para realizar ese congreso de editores y librerías de España y América Latina. Pienso que a Brasil podría interesarle especialmente esta celebración como una manera de estrechar vínculos de todas estas empresas culturales en las que estamos empeñados. (“53” MESTRE..., 1953).

Orfila, então, sugeriu que Felipe Mestre Jou averiguasse a possibilidade de realizar o congresso com os contatos que possuía na organização do IV Centenário e na Câmara Brasileira do Livro. Apesar de tê-lo feito, inclusive enviando cópia de uma carta assinada pela Câmara do Livro, o congresso de editores não se realizou porque, de acordo com as informações de Felipe Mestre, todas as datas já estavam preenchidas com outros congressos e porque, a seu modo de ver, a Câmara do Livro não conduziu a ideia com o interesse necessário.

Outra das propostas de difusão atreladas ao IV Centenário, ao que tudo indica, também não se realizou, dessa vez devido ao reduzido interesse do FCE. Desde meados de 1953, a

¹⁹⁵ Ao analisar exposições de livros no espaço latino-americano, durante os anos 1930 e 1940, Eliana Dutra (2012) traça reflexões sobre as exposições como espaços de circulação de ideias e como promotoras de trocas culturais.

Mestre Jou vinha informando à editora sobre a realização de uma exposição, no IV Centenário, que se organizaria em pavilhões separados para cada nacionalidade. A Mestre Jou propôs ocupar um *stand* no pavilhão do México, animada pelo propósito de “expansión del libro mexicano en nuestro país”. Ainda que a Junta de Governo do FCE tenha aprovado a participação da editora,¹⁹⁶ houve alguns empecilhos relacionados ao investimento necessário para alugar o *stand*, de modo que Orfila Reynal, em carta de setembro de 1953, pediu que a Mestre Jou aclarasse melhor os gastos envolvidos por acreditar que uma mostra daquele tipo não teria tanta importância para a maior circulação dos livros do FCE. Ao fim, a Mestre Jou comunicou que iria ocupar outro pavilhão, em um *stand* que lhes fora encomendado pela editora Larousse de Paris.

Ainda na esteira das comemorações do IV Centenário, o FCE informou à Mestre Jou, em carta de 5 de outubro de 1954, que, durante o mês de novembro, se realizaria, na cidade de São Paulo, a III Conferência Interamericana de Contabilidade, evento que ocorria a cada dois anos com sede em algum país da América. A editora solicitou, então, que a Mestre Jou atendesse a delegação mexicana e instalasse um espaço de exposição e venda de livros durante o evento. A Mestre Jou respondeu a missiva comunicando que estava ciente da conferência e já havia planejado uma exposição de livros do FCE. Anexa à carta, enviou uma notícia de jornal que aclarava melhor a iniciativa da conferência.¹⁹⁷ Organizada sob os auspícios da Comissão do IV Centenário de São Paulo, a conferência de contabilidade, além de realizar comunicações técnicas, promoveria ações para realçar o aspecto cultural do evento, com exposições sobre o desenvolvimento dos processos contábeis no Brasil, mostra de trabalhos profissionais e exposições de livros, entre as quais aquela que seria promovida pela Mestre Jou.

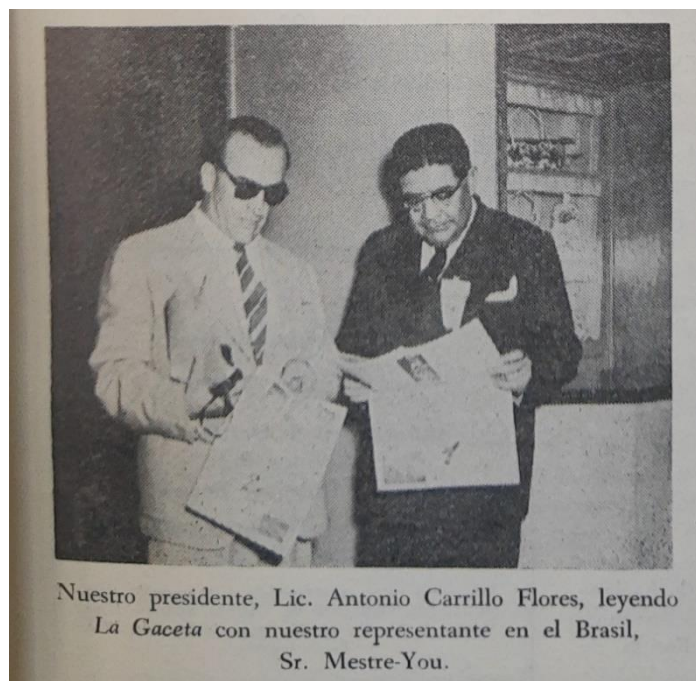
Finalizada a conferência, a Mestre Jou enviou uma carta ao FCE, comunicando que, em anexo, seguia um recorte de jornal sobre o evento com uma fotografia de Felipe Mestre Jou e Antonio Carrillo Flores. Esse último atuava como presidente da Junta de Governo do FCE, naquele momento, e havia viajado ao Brasil para participar da conferência. A foto, provavelmente, é a mesma veiculada na revista *La Gaceta*, do FCE, em janeiro de 1955.¹⁹⁸

¹⁹⁶ A participação do FCE na exposição do IV Centenário foi aprovada na reunião da comissão editorial de 28 de julho de 1953.

¹⁹⁷ Notícia veiculada no *Diário do Comércio*, de São Paulo, em 15 de outubro de 1954.

¹⁹⁸ Mencionamos que provavelmente é a mesma fotografia porque não tivemos acesso ao recorte de periódico enviado como anexo à carta nem à notícia no próprio jornal.

Figura 6 – Felipe Mestre Jou (à esquerda) e Antonio Carrillo Flores (à direita) por ocasião da III Conferência Interamericana de Contabilidade (1954)



Fonte: LA GACETA. Cidade do México: ano 2, n. 6, p. 3, jan. 1955.

As propostas e ações de difusão relacionadas ao IV Centenário, embora nem todas tenham se concretizado, apontam a proximidade da Mestre Jou com agentes e atividades culturais da cidade de São Paulo, além de uma disposição em promover a divulgação dos livros do FCE por meio de iniciativas culturais – apontamentos que se confirmariam nos anos seguintes, visto que a Mestre Jou continuou a participar de exposições e de feiras do livro.

Em 1956, a distribuidora avisou ao FCE que havia montado barracas em duas feiras do livro, uma em São Paulo e outra em Porto Alegre, enfatizando que estava promovendo uma intensa campanha de propaganda e venda das obras do FCE.¹⁹⁹ Já em 1958, a distribuidora participou do II Festival do Livro da América, realizado entre 21 de junho e 5 de julho, na cidade do Rio de Janeiro.²⁰⁰

Em carta de 25 de fevereiro de 1958, a Mestre Jou perguntou ao FCE sobre o interesse em participar do Festival e enviou, em anexo, o prospecto geral do evento. Pelo prospecto, percebemos a diversidade de ações empreendidas pela comissão organizadora do festival com

¹⁹⁹ No que se refere à feira de Porto Alegre, tratava-se da segunda edição da feira do livro do Rio Grande do Sul, que teve início, em 1955, com 14 barracas e se tornou um evento tradicional no universo livreiro e editorial brasileiro em atividade até os dias de hoje. Sobre a feira, ver Luís Augusto Fischer (2004).

²⁰⁰ O I Festival do Livro da América realizou-se, em 1957, na Venezuela.

vistas a difundir o livro nacional e estrangeiro no Brasil e o envolvimento de diferentes instituições e órgãos públicos. Organizado pela Universidade do Brasil, sob os auspícios da Organização dos Estados Americanos (OEA), o II Festival do Livro da América contou com uma comissão organizadora composta pelo então reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, pelo diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, Eremildo Viana, e pelo catedrático de Língua Portuguesa da instituição, Celso Cunha.

As ações propostas para o evento contemplavam uma exposição internacional do livro; mesas redondas e conferências; exposições de artes gráficas e das organizações universitárias; uma feira do livro; e atividades artísticas afins, como cobertura jornalística e produção de filmes e peças por companhias cinematográficas e de teatro. No que tange à exposição internacional do livro, essa seria montada a partir do empréstimo ou doação de livros, fotografias e peças museológicas dos diversos Estados Nacionais que se engajassem na proposta.

Reforçando o envolvimento do poder público, o festival foi regulamentado por um decreto, assinado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, que declarou o interesse público do evento e dispôs sobre as atribuições de cada um dos seguintes órgãos do Executivo: ao Ministério da Educação e Cultura caberia prestar assistência técnica e cultural à comissão organizadora; ao Ministério da Fazenda caberia promover o desembaraço do material doado; ao Ministério das Relações Internacionais caberiam diligências para angariar a participação de entidades públicas e privadas.²⁰¹

Após a consulta da Mestre Jou, Arnaldo Orfila Reynal respondeu que o FCE não poderia encabeçar a participação no festival devido aos investimentos necessários e ao excesso de compromissos já assumidos pelo Departamento de Publicidade. Contudo, sugeriu que, se a Mestre Jou estivesse disposta, seria oportuno que participasse no papel de representante da editora, que, por sua parte, enviaria material publicitário. A Mestre Jou, então, reforçou o interesse em participar e a satisfação em receber o material publicitário.

Em carta 19 de junho, já próximo à data do evento, Manuel Andújar comunicou à Mestre Jou o envio, por pacote aéreo, de cartazes e de centenas de marcadores de livro e folhetos de coleções, como Breviarios, Biblioteca Americana e Letras Mexicanas. O gerente de publicidade deu algumas sugestões sobre como montar a exposição e, assim, criar formas de comunicar os livros, recomendando que as diferentes coleções fossem organizadas de modo destacado, pois:

²⁰¹ Refere-se ao Decreto n. 42.005, de 9 de agosto de 1957.

“La colocación por grupos de colores, distintivos de cada sección, puede resultar muy atractiva.” (“58” MESTRE..., 1958). O material publicitário não chegou a tempo, mas a Mestre Jou informou que montara “una bonita exposición de los libros de su Fondo”.

Se por um lado o prospecto do festival e as próprias cartas da Mestre Jou informam, principalmente, sobre os planos e os preparativos para o evento, por outro, o trabalho de Fabiano de Azevedo (2018), ao consultar notícias de jornais, aporta informações sobre como o Festival teria se desenrolado. Segundo notícias publicadas, dentre os países participantes, estavam Portugal, França, Alemanha, Tchecoslováquia, Estados Unidos, Polônia, Argentina, Venezuela, México e Japão. A feira do livro, uma das ações desenvolvidas, teria contado com 60 barraquinhas entre livreiros brasileiros e estrangeiros. Já a exposição internacional teria recebido cerca de 25 mil livros doados por 30 países. Além disso, o prospecto do evento orientou que os livros expostos deveriam ser incorporados às bibliotecas da Universidade do Brasil. De acordo com Azevedo (2018), alguns jornais da época chegaram a falar de 25 a 30 mil livros doados às bibliotecas da Universidade.²⁰² A Mestre Jou foi um dos agentes que colaborou com essas doações, tendo comunicado ao FCE que doara todos os livros da editora que haviam sido expostos.

Em continuidade ao objetivo de difundir os livros do FCE, na década de 1960, a Mestre Jou montou exposições nas bienais do livro, que tiveram início em 1961, como parte das bienais de arte de São Paulo.²⁰³ Entre 1961 e 1965, a distribuidora participou das três bienais realizadas, sempre perguntando ao FCE se havia interesse em colaborar com material publicitário e com a divisão dos gastos. Em 1965, quando houve a III Bienal do Livro, as relações comerciais entre a Mestre Jou e o FCE já se encontravam desgastadas, e os diálogos, prejudicados. Isso impediu que um livro recém-editado pela editora concorresse a prêmios no evento em razão de a Mestre Jou não o ter em estoque devido a lapsos no envio do serviço de novidades. Ainda assim, ao discorrer sobre a III Bienal, a Mestre Jou expressou ao FCE a sua avaliação a respeito da importância do evento como estratégia de divulgação e forneceu pistas sobre o alcance da iniciativa:

²⁰² O autor frisa que não foi possível apurar esses dados e aponta a pertinência de futuras pesquisas nos arquivos das bibliotecas da UFRJ.

²⁰³ Já na I Bienal, um livro mexicano recebeu, pela primeira vez, um prêmio internacional na categoria de artes gráficas. Tratava-se do livro *El Palacio en la ciudad de los dioses*, de Laurette Sejourne, editado pelo Instituto Nacional de Antropologia e História, mas distribuído pelo FCE. A Mestre Jou, prontamente, anunciou o ocorrido à editora mexicana, e a notícia foi veiculada na revista *La Gaceta*, do FCE, com o título de “Premio en Brasil a libro mexicano”.

Fue inaugurada por el Presidente de la República y con asistencia de altas autoridades, teniendo el atractivo esta Bienal de que se celebra en la misma fecha y en el mismo pabellón que la Bienal de Arte y recibe la visita constante de millares de personas. Por este simple hecho, la participación compensa, pero este año aún más porque están situados sus libros en lugar de preferencia. (“65” MESTRE..., 1965).

A participação da Mestre Jou nas bienais, bem como nas outras exposições e feiras do livro, mostra que a distribuidora não só promoveu a divulgação dos livros do FCE, indo além da comercialização estritamente, como diversificou suas estratégias de difusão, ocupando eventos que promovem a circulação de objetos de leitura e criam outras formas de aproximação aos livros.

De modo similar, as comemorações dos aniversários do FCE, ocorridas nos meses de setembro, são propícias para visualizar o desenvolvimento de atividades que promovem diversas formas de aproximação e de comunicação dos livros a um público mais amplo. Essas efemérides também apontam a colaboração de intelectuais em diferentes atividades culturais. Nessas datas, o FCE promovia ações de difusão no México e provocava suas sucursais e representantes no exterior para que desenvolvessem publicidade em periódicos, veiculassem notícias radiofônicas de tipo cultural, montassem exposições de livros em centros de ensino, e engajassem as livrarias para que, durante o mês de setembro, ocupassem suas vitrines com os livros da editora.

Além disso, o FCE animava as distribuidoras a angariar a adesão de “autoridades intelectuales, instituciones culturales y universitarias”. Para registrar as ações, a editora solicitava que as distribuidoras enviassem recortes de periódicos e fotografias que seriam repercutidos na revista *La Gaceta*, criada como parte das comemorações do aniversário de 20 anos da editora.²⁰⁴ Com essas iniciativas, o FCE tinha o objetivo manifesto de que seus aniversários se transformassem em campanhas de difusão cultural em esfera continental. Entre outras passagens, tal objetivo foi comunicado em carta à Mestre Jou por ocasião do aniversário de 21 anos:

Estamos seguros de que para ello sabrá encontrar Ud. los vehículos más adecuados en ese país y las formas de iniciativa más eficaces, de modo que se logre una gran resonancia del XXI aniversario del Fondo, que la simpatía e identificación de todos nuestros amigos convertirá en una campaña de difusión cultural y de los buenos libros de habla española. (“55” MESTRE..., Expediente 24, 1955).

²⁰⁴ O primeiro número de *La Gaceta* apareceu em setembro de 1954.

Para que as celebrações ocorressem de forma coordenada nos diferentes países da América Latina, o FCE enviava circulares com orientações às distribuidoras, além de cartazes e folhetos publicitários. No que se refere aos planos e diálogos desenvolvidos com a Mestre Jou, percebemos que a distribuidora absorvia as propostas do FCE, mas também planejava suas próprias ações e não se furtava a fazer sugestões. A sugestão mais específica ocorreu em carta a Orfila Reynal, de 17 de fevereiro de 1955, na qual Felipe Mestre Jou mencionou que, ao voltar de uma viagem, encontrara sobre sua mesa de trabalho um exemplar do catálogo que o FCE editara em comemoração ao aniversário de 20 anos:

También encuentro el ejemplar del magnífico catálogo que han editado, el cual me ha gustado mucho. Si me permite una sugerencia, creo que deberían Uds. hacerle un guardapolvo que hiciera más alegre la presentación del libro, sin mermarle la seriedad. (“55” MESTRE..., Expediente 24, 1955).

Em meio às sugestões e aos diálogos para organizar os aniversários, percebemos que a comemoração dos 25 anos foi a que, durante o período analisado, mais gerou diretrizes para as ações de difusão, sendo também aquela em que a Mestre Jou mais propôs atividades. Nessa linha, em julho de 1959, Manuel Andújar enviou a Mestre Jou uma carta organizada em quatro itens, nos quais perguntava: quais exposições de livros a Mestre Jou estava organizando em universidades, centros culturais, bibliotecas ou sindicatos importantes; quais livrarias, tanto em São Paulo como nas principais cidades, poderiam se comprometer a exibir as obras do FCE em suas vitrines de forma “destacada e impressionante”; quais escritores, professores e intelectuais se comprometeriam a comentar o significado da obra do FCE em conferências e em artigos de periódicos; e qual a possibilidade de organizar programas especiais de rádio e de televisão com a participação de “intelectuales relevantes”.

No que se referia às atividades envolvendo a intelectualidade brasileira, o gerente de publicidade sugeriu que fosse concedida especial atenção às obras de autores brasileiros editadas pelo FCE. Ademais, mencionou que seriam enviados cartazes do XXV aniversário e um modelo de circular sobre a montagem das vitrines: a mesma circular a ser dirigida a livrarias de toda a América, criando, assim, uma proposta articulada de exibição em diferentes casas livreas espalhadas pelos países latino-americanos.

Em resposta à missiva, a Mestre Jou remeteu um programa de atividades composto por sete ações culturais. Entre elas, estava prevista uma entrevista de Felipe Mestre Jou a um

programa de rádio de índole cultural. Outras duas ações se relacionavam às exposições de livros em vitrines, sendo que, naquele momento, estava acordada a exibição em três livrarias paulistas. Uma dessas livrarias, a Livraria do Povo, iria se concentrar nos livros de autores brasileiros editados pelo FCE e colocaria um cartaz na vitrine mencionando que, de todas as repúblicas latino-americanas, o FCE havia editado mais obras do Brasil. Já nas vitrines das livrarias Mestre Jou, os livros seriam organizados nas cores verde, branca e vermelho, imitando uma bandeira do México, e, conforme aludimos no Capítulo 1, seria afixado um cartaz com os dizeres em caixa alta: “uma editora mexicana de âmbito continental”.

O programa de atividades também anunciava a realização de conferências, no Rio de Janeiro e em São Paulo, com os professores João Cruz Costa, Sérgio Buarque de Holanda, Josué de Castro, Miguel Reale, Luís Washington Vita, entre outros. Cruz Costa e Sérgio Buarque de Holanda tinham livros editados pelo FCE.²⁰⁵ Além disso, havia a ideia de realizar uma conferência com o então embaixador do México no Brasil, Antonio Gómez Robledo, que era filósofo e autor do livro *La filosofía en el Brasil*, também editado pelo FCE. A Mestre Jou havia sugerido que ele fizesse uma comunicação no Instituto Brasileiro de Filosofia, em São Paulo, e contava com a intermediação do Fondo para viabilizar a proposta. Também no Instituto Brasileiro de Filosofia, seria montada uma exposição de obras de filosofia editadas pelo FCE, com retratos de autores que deveriam ser enviados pela editora. Por fim, a Mestre Jou se comprometia a dar publicidade às atividades na imprensa local.

Na programação proposta pela Mestre Jou, é notável a utilização de diferentes vetores culturais – rádio, imprensa, recursos visuais – para a difusão dos livros. Cada um desses vetores possibilita diferentes formas de aproximação do público com os objetos de leitura. Além disso, o programa de atividades aponta o envolvimento de intelectuais brasileiros nas ações comemorativas. Para além das conferências, a Mestre Jou destacou, em outra missiva, a atuação de Luís Washington Vita, que estaria prestando “una calurosa colaboración a nuestro plan conmemorativo del XXV aniversario”.

Apresentadas as propostas de atividades, a troca epistolar entre a Mestre Jou e Manuel Andújar começou a se desenrolar em um ritmo acelerado, que expressava a agitação dos preparativos: os cartazes, circulares para livrarias e fotografias de autores foram enviados por expresso aéreo, mas não chegavam; as vitrines já estavam sendo montadas, mas dependiam dos

²⁰⁵ *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, foi editado pelo FCE em 1955. *Esboço de uma História das ideias no Brasil*, de Cruz Costa, foi editado pelo FCE em 1957.

cartazes; as fotografias chegaram, mas os cartazes ficaram presos na aduana; a Mestre Jou precisou, então, confeccionar seus próprios cartazes.

Ao fim, entre contratempos e adequações, a Mestre Jou informou que houve exposições de livros do FCE em vitrines de quatro livrarias paulistas, ao longo de uma semana, além da exibição em suas próprias lojas durante todo o mês.²⁰⁶ A distribuidora enviou fotos das exibições, que foram publicadas em *La Gaceta*, do FCE, formando um mosaico junto a vitrines de livrarias de diversos países da América Latina, Portugal e Espanha. A ação de divulgação por meio da montagem de exposições em vitrines é significativa porque explora um espaço de difusão de grande alcance. Quantas pessoas transitavam todos os dias pelas ruas do centro de São Paulo, ou de tantas outras cidades da América Latina, e puderam ver os livros do FCE expostos, acompanhados de cartazes com dizeres e recursos visuais ou organizados no formato da bandeira mexicana? Essas exibições, que iam além da simples colocação dos livros em vitrines, configuram-se como práticas de mediação culturais que comunicam os livros a um público mais amplo e, ao aliar mensagens textuais, cores e formas criativas de dispor os impressos, produzem novos sentidos e significados a serem apropriados, de múltiplas formas, pelos transeuntes.

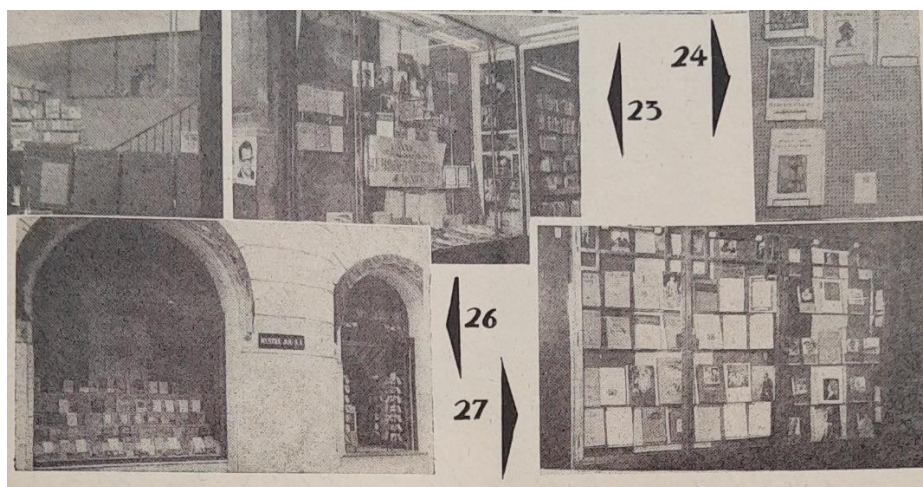
Figura 7 – Mosaico das vitrines de livrarias na América Latina, Portugal e Espanha (1959)



Fonte: LA GACETA. Cidade do México: ano V, n. 62, p. 6-7, out. 1959.

²⁰⁶ Além da Mestre Jou, as livrarias participantes foram Freitas Bastos, Jaraguá, Brasil e Brasiliense.

Figura 8 – Foco nas vitrines de três livrarias paulistas (23, 26, 27) com exposições dos livros do FCE



Fonte: LA GACETA. Cidade do México: ano V, n. 62, p. 7, out. 1959.

Além disso, o FCE havia enviado a Mestre Jou um material sobre a história da editora, e a distribuidora estava realizando a tradução do texto para difundi-lo amplamente. A tradução também se configura como uma atividade de mediação cultural representativa porque, conforme apontado por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016), realiza “[...] a ‘passagem’ de um código cultural a outro, através da reinvenção de um bem cultural em outra língua.” (p. 34).

A correspondência não mencionou o desfecho das outras atividades propostas, de modo que não sabemos se todas foram realizadas. Já no que concerne à difusão audiovisual e na imprensa, a Mestre Jou informou que a notícia do aniversário do FCE havia sido transmitida pela TV Tupi e enviou recortes periodísticos. Entre as publicações na imprensa, a revista *Anhembi* veiculou um extenso texto sobre a trajetória do FCE, que, pela riqueza de dados quantitativos e pela redação endógena, é possível que seja o mesmo texto que o FCE enviou a respeito de sua história e cuja tradução foi feita por Mestre Jou.

A *Folha da Manhã* escreveu sobre a publicação de autores brasileiros pelo FCE e, em outra nota, enfatizou que o aniversário da editora “teve o caráter de uma campanha cultural americana”. No *Correio Paulistano*, Luís Washington Vita, ressaltando o impacto cultural do FCE no continente, mencionou que a criação e desenvolvimento da editora “Mais que um capítulo da história comercial do México, em que uma empresa atinge seus objetivos plenamente, é um capítulo da história cultural de toda a América Latina.” (VITA, 1959, p. 6).

Os recortes de jornais e as fotografias das ações empreendidas pela Mestre Jou foram utilizados para embasar a notícia publicada na edição de *La Gaceta*, de outubro de 1959, sobre o XXV aniversário da editora; notícia que, além da exibição nas vitrines, destacou as exposições, conferências e concursos promovidos por livrarias, universidades, bibliotecas e por órgãos de governo, bem como os artigos publicados por intelectuais em jornais e revistas. As manifestações culturais foram promovidas em diversos países, abarcando a geografia latino-americana de norte a sul.²⁰⁷ Não por acaso, o título da notícia em *La Gaceta* destacou: “El vigesimoquinto aniversario del Fondo, una campaña cultural”.

Embora com menos atividades propostas, a celebração do aniversário de 30 anos do FCE seguiu a mesma linha de divulgação, com a Mestre Jou declarando que “con el mayor placer nos dispondremos a celebrarlo, movilizandno nuestras amistades y relaciones en la prensa y círculos competentes.” (“64” MESTRE..., 1964). Nessa linha, a distribuidora remeteu ao FCE um artigo, publicado na *Folha de S. Paulo* e escrito por Leonardo Arroyo, o qual já vinha colaborando com a difusão dos livros do FCE por meio de resenhas em periódicos.²⁰⁸ A exibição em vitrines de livrarias também teve continuidade e foi repercutida, na edição de outubro de 1964, na revista *La Gaceta*.

Conforme ressaltado por Eliana Dutra (2012), “[...] analisar o percurso da edição e da divulgação dos livros exige que consideremos suas mediações intelectuais e a condição mesma dos livros como mediadores de cultura e de identidades.” (p. 1). Nessa linha, se as mediações intelectuais já se fizeram presentes na divulgação dos livros do FCE em anúncios e resenhas, elas se diversificaram e ganharam novos contornos quando examinamos as ações de difusão em exposições, feiras e nas efemérides, pois esses eventos congregaram múltiplas atividades culturais, que criaram outras formas de aproximação aos livros e propiciaram a colaboração de intelectuais nas diferentes atividades culturais.

Analisadas em conjunto, as ações de divulgação promovidas pela Mestre Jou em anúncios e resenhas e nas exposições, feiras e efemérides, evidenciam que, assim como os resenhistas, Felipe Mestre Jou atuou como intelectual mediador. O livreiro realizou mediações com intelectuais brasileiros para promover a divulgação dos livros do FCE no Brasil. Ao mesmo tempo, Felipe Mestre desenvolveu práticas de mediação cultural ao comunicar e difundir as

²⁰⁷ Foram mencionadas ações culturais no México, Argentina, Colômbia, Brasil, Chile, Peru, Honduras, Cuba, Equador e El Salvador. Na Europa, a notícia mencionou também atividades culturais em Barcelona, Madri e em Porto.

²⁰⁸ Artigo publicado na edição de 6 de julho de 1964 da *Folha de São Paulo*.

obras do FCE para um público mais amplo, criando outras formas de aproximação aos livros e novos produtos culturais no próprio ato de divulgar.

3.3 “*El Fondo viaja por América*”: viagens ao Brasil e mediações intelectuais

Em um modo de operar que comportava várias atividades e funções, Felipe Mestre Jou também desempenhou outras ações de mediação entre o FCE e a intelectualidade brasileira. Tais ações podem ser vislumbradas ao observarmos a intermediação que o livreiro exerceu entre autores brasileiros e a editora mexicana e ao identificarmos os vínculos intelectuais que mobilizou por ocasião das viagens de Arnaldo Orfila Reynal ao Brasil.

Outros agentes vinculados ao FCE viajaram ao Brasil no período analisado. Algumas viagens ocorreram em razão de conferências: como a mencionada Conferência Interamericana de Contabilidade, em 1954, e uma reunião da CEPAL, realizada em São Paulo, no ano de 1953, que motivou o deslocamento de vários intelectuais mexicanos envolvidos com as atividades da editora.²⁰⁹ Como vimos, o gerente de publicidade, Manuel Andújar, também viajou ao Brasil, em 1961, com o objetivo de incrementar a difusão e impulsionar a venda dos livros do FCE.²¹⁰ No fluxo contrário, Felipe Mestre Jou viajou ao México, em 1960, para discutir os rumos da distribuição exclusiva. A Mestre Jou também ficava atenta às viagens ao Brasil de autores editados pelo FCE. Essas visitas se convertiam em oportunidades de a distribuidora incrementar a venda dos livros desses autores, como nas ocasiões em que os professores Luís Recasens Siches e Leopoldo Zea visitaram o País para realizar conferências.²¹¹

Não obstante, nosso foco recairá sobre as viagens que Arnaldo Orfila Reynal realizou ao Brasil, uma vez que os registros produzidos nessas visitas permitem identificar um conjunto de ações de difusão da atividade editorial do FCE e mediações intelectuais desenvolvidas por

²⁰⁹ Em cartas de 31 de março e de 13 de abril de 1953, o FCE informou que, dentre os vários intelectuais que viajariam para a reunião da CEPAL, estavam Victor Urquidi, diretor do periódico *El Trimestre Económico*, Gónzales Robles, membro da Junta de Governo, e, conforme frisam, o amigo em comum Francisco Giner de los Ríos.

²¹⁰ Durante a viagem, Manuel Andújar deu uma entrevista ao *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, quando falou sobre os esforços para a aproximação cultural dos países da América Latina. A entrevista foi publicada na edição de 6 de setembro de 1961.

²¹¹ Luís Recasens Siches (1903–1977) foi um advogado e filósofo do Direito guatemalteco. Filho de espanhóis, trasladou-se a Barcelona ainda jovem. Deslocou-se ao México em 1937, onde atuou na *Casa de España* e no Colégio de México. A Mestre Jou comentou sobre a viagem de Siches ao Brasil em carta de 9 de agosto de 1956. Na mesma carta, comentou sobre a viagem de Leopoldo Zea. Por sua vez, Leopoldo Zea (1912–2004) foi um filósofo mexicano, professor na UNAM e autor de diversos livros. Zea foi discípulo de José Gaos, coordenador da coleção de Filosofia do FCE.

Felipe Mestre Jou. Durante o período analisado, Orfila visitou o Brasil cinco vezes. As viagens ocorreram em 1952, 1955, 1961, 1963 e 1965. Nessas visitas, Felipe Mestre Jou mobilizou contatos, preparou eventos e acionou a imprensa periódica. Ao longo deste trabalho, as viagens de Orfila já foram mencionadas sob a ótica dos impactos que trouxeram para o desenvolvimento das vendas e das relações comerciais. Neste momento, esses deslocamentos serão abordados pelo aspecto da divulgação da obra editorial e dos contatos intelectuais que propiciaram.

Em agosto de 1952, discutiu-se, na reunião da Junta de Governo, que havia sete ou oito anos o FCE não visitava nenhum país da América Latina, o que desconectava a editora da clientela e a impedia de atender melhor os mercados.²¹² Para suprir essa falta, Arnaldo Orfila Reynal empreendeu uma viagem, entre outubro e dezembro daquele ano, a Lima, Santiago do Chile, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Caracas, Bogotá e Barranquilla, tendo permanecido seis dias no Brasil. Ao retornar, fez um apanhado de suas impressões na reunião da Junta, de 23 de dezembro, expressando que pôde observar, durante a viagem, um grande interesse dos círculos intelectuais e universitários do continente pelas publicações do FCE.

No Brasil, onde a Mestre Jou acabara de iniciar o trabalho de distribuição exclusiva, Orfila informou que havia reunido uma excelente impressão da firma e que pôde visitar as principais livrarias de São Paulo e do Rio de Janeiro. O diretor também ressaltou que, em razão de sua visita, haviam realizado ampla publicidade na imprensa periódica e que ele pôde se reunir com muitos professores e escritores. Com efeito, em carta de janeiro de 1953, Felipe Mestre Jou informou que havia enviado, por correio a parte, os recortes de periódicos que cobriram a visita de Orfila Reynal ao Brasil e sugeriu ao diretor do FCE que escrevesse algumas linhas aos bons amigos Luiz Washington Vita e ao diretor do jornal paulistano *A Gazeta*, cujo nome não foi mencionado, pelas muitas atenções que lhes dispensaram durante a viagem.²¹³

Na missiva de resposta, Orfila avisou que já havia escrito a Washington Vita e que também lhe enviara livros. Como vimos, Orfila Reynal lembraria, anos depois, que se vinculou a Washington Vita por meio de Felipe Mestre Jou. Sobre o diretor de *A Gazeta*, agradeceu a sugestão de escrever-lhe. Nos arquivos de Orfila Reynal, consta a carta que ele endereçou ao “muy distinguido señor Director y amigo” de *A Gazeta*, na qual agradeceu a hospitalidade que ele e seu periódico lhe haviam prestado. Agregou que: “Hago votos porque

²¹² Conforme consta na ata da reunião da Junta de Governo de 29 de agosto de 1952.

²¹³ Segundo o verbete de *A Gazeta*, no dicionário do CPDOC-FGV, no período de 1943 a 1954, o diretor do jornal era Miguel de Arco e Flexa.

los vínculos culturales entre nuestros países puedan ser tonificados por la obra que tanto ustedes como nosotros venimos cumpliendo [...]” (ARNALDO..., 1947–1962, p. 159).

A viagem de 1952 já indica, portanto, o interesse de Felipe Mestre Jou em mobilizar os contatos que possuía para incrementar a viagem de Orfila Reynal, mediando conexões que, potencialmente, poderiam gerar benefícios culturais tanto para os intelectuais brasileiros como para o FCE. As intermediações de Felipe Mestre se tornariam mais evidentes durante a visita de Orfila, em 1955, viagem mais documentada e repercutida dentre as analisadas. No período de março a maio de 1955, o diretor do FCE percorreu 15 cidades em 11 países da América Latina, tendo visitado mais de 150 livrarias.²¹⁴ Por onde passou, Orfila gerou notas em periódicos e concedeu entrevistas à imprensa, como mostram os recortes de jornais de vários países organizados em sua correspondência. A partir desse farto material, a revista *La Gaceta*, do FCE, noticiou amplamente a viagem, ampliando a repercussão a outros espaços e leitores. Em *La Gaceta*, foram publicadas duas notícias extensas, nas edições de maio e de junho de 1955, apresentadas, em destaque, com o título “El Fondo viaja por América”.

Conforme discutido em reuniões da Junta de Governo daquele ano, a viagem de 1955 foi motivada pela necessidade de reforçar as vendas no continente e pelo interesse em estabelecer relações com livrarias, bibliotecas, escritores etc. No que tange ao Brasil, sabemos que também havia o objetivo específico de discutir os rumos da representação exclusiva com a Mestre Jou após o fraco desempenho comercial em 1954. Assim, Felipe Mestre Jou adiou uma viagem familiar que tinha planejado à Europa para receber Orfila e “[...] poder hablar de todos los asuntos pendientes, los cuales verdaderamente necesitaban de un contacto personal para poder ser resueltos.” (“55” MESTRE..., Expediente 23, 1955).

Durante o tempo em que esteve no Brasil, Orfila Reynal dialogou com Felipe Mestre Jou sobre as perspectivas comerciais, renovando seu otimismo, e visitou livrarias nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Ao retornar da viagem e traçar comentários, na reunião da Junta de Governo de 17 de maio de 1955, informou que pôde observar um excelente trabalho de difusão dos livros do FCE no Brasil, pois os encontrou “en la totalidad de las muchas y excelentes librerías visitadas”.

Em São Paulo e no Rio, Orfila Reynal também participou de eventos organizados por Felipe Mestre Jou com a finalidade de aproximá-lo de núcleos intelectuais. Na cidade de São

²¹⁴ Informações contidas na ata da reunião da Junta de Governo de 17 de maio de 1955.

Paulo, o diretor do FCE visitou a Câmara do Livro. Além disso, Felipe Mestre ofereceu um almoço a Orfila, que, conforme noticiado no jornal *O Tempo*, em 23 de abril de 1954, contou com a presença de livreiros e de “figuras representativas do mundo intelectual paulista”. Durante o almoço, Orfila Reynal teria anunciado a edição, pelo FCE, do livro *Esboço de uma História das ideias no Brasil*, de autoria de João Cruz Costa. Ainda de acordo com a notícia no referido jornal, Luís Washington Vita discursou no evento, em nome de Felipe Mestre Jou, sobre a importância do FCE para a divulgação de autores estrangeiros entre os estudiosos brasileiros.

Já no Rio de Janeiro, como parte das recepções de Felipe Mestre Jou, foi oferecido um *cocktail* no jardim da Associação Brasileira de Imprensa, para o qual, de acordo com o *Diário de Notícias*, estariam convidados “críticos literários e intelectuais”.²¹⁵ Ao noticiar o evento, *La Gaceta*, do FCE, divulgou uma fotografia, na qual se podem ver várias pessoas reunidas (Figura 9), e mencionou a presença de Josué de Castro, Lins do Rego, Paulo Duarte, Celso Furtado, Cruz Costa, Luís Washington Vita, entre outros.²¹⁶ Na mesma notícia, Orfila Reynal destacou que, na Associação Brasileira de Imprensa, “el núcleo de escritores, profesores, periodistas profesionales, que nos rodearon” o fizeram perceber a simpatia com que todos viam a tarefa de edição de autores brasileiros pelo FCE, editora que teria levado ao conhecimento do mundo de língua espanhola obras de autores como Machado de Assis, Rui Barbosa, José de Alencar, entre vários outros. Nesse sentido, percebemos que os argumentos mobilizados para caracterizar a obra do FCE aludiam tanto à importância da editora para a difusão de obras de autores estrangeiros no Brasil, quanto à circulação de autores brasileiros nos países de língua espanhola.

²¹⁵ Nota publicada no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 24 de abril de 1955.

²¹⁶ Notícia publicada na edição de junho de 1955 de *La Gaceta*.

Figura 9 – Grupo de escritores, jornalistas e professores no evento da Associação Brasileira de Imprensa (1955)



Fonte: LA GACETA. Cidade do México: ano II, n. 4, p. 3, mai. 1955.

Orfila Reynal visitou Belo Horizonte na companhia de Felipe Mestre Jou. Não há menções a eventos ou reuniões na cidade ou a notícias publicadas nos periódicos da capital mineira.²¹⁷ Não obstante, sobre as visitas a livrarias, Orfila comentou, também na notícia veiculada em *La Gaceta*, que Belo Horizonte contava com oito ou dez livrarias importantes, entre as quais a de Oscar Nicolai.²¹⁸ Cerca de um ano depois, Felipe Mestre comentaria, em missiva a Orfila Reynal, que a visita que fizeram a Belo Horizonte produziu efeitos, pois haviam intensificado as vendas naquela cidade.²¹⁹

Ao fim da viagem, a Mestre Jou encaminhou ao FCE dez recortes de periódicos, que, entre notas e entrevistas, deram cobertura à visita de Orfila Reynal ao Brasil. Em entrevista ao *Diário de São Paulo*, Orfila destacou a publicação de autores brasileiros pela editora e se colocou como um embaixador das letras: “sobrçando livros, difundindo cultura”. O Fondo foi

²¹⁷ Entre os recortes de periódicos preservados na correspondência de Arnaldo Orfila Reynal, não há nenhuma notícia relativa à viagem do diretor do FCE a Belo Horizonte. Além disso, realizamos consulta na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, em 10 de outubro de 2022, a qual não retornou nenhum resultado.

²¹⁸ Em outubro de 1953, a livraria Oscar Nicolai já havia demonstrado interesse em comercializar os livros do FCE em Belo Horizonte. Nelson Nicolai, que trabalhava na livraria como responsável pela correspondência internacional, enviou uma carta diretamente ao FCE interessado em adquirir obras “[...] pela dificuldade e quase impossibilidade de encontrá-las no Brasil.” (“53” MESTRE..., 1953). A solicitação foi encaminhada à Mestre Jou.

²¹⁹ Carta de Felipe Mestre Jou a Arnaldo Orfila Reynal datada de 12 de setembro de 1956.

caracterizado pelo editor como um instrumento de unidade continental: promotor dos vínculos mais integradores, posto que emanados do espírito.

Já na *Folha da Manhã*, foi veiculada uma reportagem do jornalista Geraldo Azevedo, na qual Orfila retomou a história da fundação do FCE e situou o Brasil como um grande mercado consumidor, apesar das diferenças linguísticas. A reportagem destacou que “O sr. Arnaldo Orfila Reynal não é apenas um livreiro que se interessa por colocar no mercado os livros que saem de sua editora. Há nele um amor à cultura que enobrece e completa a profissão a qual se entregou.” (AZEVEDO, 1955, p. 2) O trecho, assim, enfatiza a missão do FCE como uma empresa cultural, sinalizando a função do livreiro ou do editor como alguém que congrega a cultura e as exigências do mercado em um mesmo fazer profissional, posto que lida com o livro: objeto que, ao mesmo tempo, é mercadoria e bem simbólico.

Por essas entrevistas, percebemos os temas e as ideias mobilizadas para difundir a atividade editorial do FCE. A missão cultural e integradora da editora é posta em destaque, o que também ocorreu em relação aos recortes de periódicos oriundos dos outros países visitados. Nas entrevistas, podemos visualizar a vocação americanista que marcou o catálogo e a expansão comercial do FCE a partir dos anos 1940. O americanismo como um conjunto de ideias, mas também como uma prática, revela-se nas viagens de Orfila Reynal pelo continente; viagens motivadas pela necessidade de resolver impasses comerciais e de angariar mercados, mas, de modo atrelado, pelo intuito de estabelecer conexões intelectuais e alimentar a projeção cultural da editora em esfera continental.

Após 1955, as viagens de Orfila Reynal ao Brasil seriam rápidas passagens a caminho de outros destinos. Em 1958, ao saber que Orfila iria a Buenos Aires, Felipe Mestre sugeriu que ele se detivesse por alguns dias em São Paulo. Fazendo referência à viagem de 1955, o livreiro, novamente, colocou-se à disposição para mobilizar seus contatos intelectuais e recepcionar Orfila:

Intente dilatar un poco su estancia en ésta para, igual que en su pasado viaje, permanecer unos días. Le agradeceré responderme a este respeto, a fin de poder tener una reunión de conjunto con los intelectuales brasileños y amigos de ese Fondo. (“58” MESTRE..., 1958).

Na carta de resposta, Orfila avisou que não conseguiria passar pelo Brasil. Tempos depois, em 1961, quando as relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou já enfrentavam desgastes, Orfila viajaria, novamente, à América do Sul sem se deter no Brasil. Como vimos,

Felipe Mestre Jou enviou seus protestos e frisou a importância dos contatos pessoais para o bom desenvolvimento dos negócios. Orfila alterou seus planos e incluiu uma breve passagem pelo Brasil no seu percurso de viagem. Não houve menções a eventos ou reuniões, e o único recorte de jornal enviado pela Mestre Jou refere-se a uma pequena nota no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, avisando que o editor do FCE se encontrava na cidade.²²⁰

Contudo, a breve estada de Orfila Reynal possibilitou que ele tivesse contato com a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, mostrando como as viagens também são oportunidades de se acercar à produção cultural local. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* havia sido editado no ano anterior, pela Francisco Alves, e se converteu rapidamente em um sucesso de vendas.²²¹ Segundo Audálio Dantas, jornalista que impulsionou a publicação do livro, “Em poucos meses, a partir de agosto de 1960, quando foi lançado, sucessivas edições atingiram, em conjunto, as alturas dos 100 mil exemplares.” (DANTAS, 2014, n.p.).

A troca epistolar entre Felipe Mestre e Orfila Reynal mostra que, durante a passagem pelo Brasil, Orfila manifestou interesse em publicar o livro, em espanhol, na série *Tiempo Presente*, da *Colección Popular*. Felipe Mestre, então, iniciou suas gestões para conseguir os direitos de edição. O livreiro conhecia Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas, que, naquele momento, atuava como representante da escritora. Em *Casa de Alvenaria*, segundo livro de Carolina Maria de Jesus, a escritora, inclusive, comentou que, em setembro de 1960, autografara *Quarto de Despejo*, na Mestre Jou da Rua Augusta, mencionando o nome de vários funcionários da livraria (JESUS, 2021).

Assim, em carta de 4 de maio de 1961, a Mestre Jou confirmou a Orfila que *Quarto de Despejo* era o *bestseller* brasileiro e informou que haviam “tenido amplia conversación” com Audálio Dantas. Pela conversa, souberam que os direitos de edição do livro em espanhol já haviam sido cedidos à editora Abraxas, de Buenos Aires, que o publicaria com o título *El hambre es amarilla*. Contudo, devido às boas relações que Felipe Mestre mantinha com Audálio Dantas, este último escreveria à Abraxas para negociar a limitação dos direitos à Argentina e ao Uruguai. Orfila respondeu a carta agradecendo as gestões cumpridas e lamentando o fracasso

²²⁰ Nota publicada na edição de 25 de abril de 1961 do *Diário de Notícias*.

²²¹ Carolina Maria de Jesus (1914–1977) foi uma escritora nascida em Minas Gerais que, em 1937, se mudou para São Paulo e se instalou na favela de Canindé. Em *Quarto de Despejo*, relata a luta para sobreviver na cidade de São Paulo e para enfrentar a fome física e a fome como metáfora do vazio existencial. O jornalista Audálio Dantas conheceu Carolina Maria de Jesus e seu trabalho de escritora quando foi realizar uma reportagem em Canindé. A partir de então, tornou-se agente da escritora. Para uma análise da obra da escritora, ver Conceição Evaristo (2021).

com a edição do livro. Afinal, o FCE não poderia aceitar que se fizesse uma edição para a Argentina e o Uruguai e outra para o México porque a editora trabalhava contratando os direitos em idioma espanhol sem limitação de fronteiras.

A esse episódio, iniciado durante a viagem de Orfila, somaram-se alguns outros em que Felipe Mestre Jou intermediou o envio de obras de autores brasileiros para que o FCE estudasse a possibilidade de editá-los em espanhol. Acompanhado dos livros, Felipe Mestre remetia uma carta apresentando o autor, o tema e os méritos da obra.²²² Em conjunto com outras mediações intelectuais observadas, o envio de livros de autores brasileiros ao FCE e a tentativa de negociar direitos de edição evidenciam, conforme observado por Faria Filho (2021), que “[...] a atuação da Mestre Jou como distribuidora comportava, também, ações de mediação com a intelectualidade brasileira nas quais a empresa atuava como uma representante da editora mexicana no Brasil.” (p. 93).

Em continuidade às viagens, em abril de 1963, seria inaugurada a sucursal do FCE em Madri. Aproveitando que iria à Europa, Orfila Reynal visitou o Peru, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil, tendo permanecido três dias em São Paulo. Apesar do pouco tempo, o diretor concedeu uma entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, realizada nas dependências da livraria Mestre Jou. A visita também foi noticiada em texto de Leonardo Arroyo, publicado no mesmo jornal, intelectual que, como vimos, vinha colaborando com a difusão da obra do FCE por meio de suas resenhas.²²³

Ao retornar ao México, Orfila escreveu a Mestre Jou e pediu a ele que enviasse cumprimentos aos “amables amigos” com quem tivera a oportunidade de conversar durante sua estância: “[...] particularmente a Washington Vita, a Pablo Duarte y su simpática señora, al Prof. Vieira Teixeira y a sus colaboradores de la casa [...]” (“63” MESTRE..., 1963). Os vínculos com Luís Washington Vita, que talvez já tivesse se reaproximado da Mestre Jou, e com Paulo Duarte já são conhecidos. Já o Prof. Vieira Teixeira, provavelmente, se tratava de Dorival Teixeira Vieira, economista e sociólogo que atuou como professor na USP. Orfila Reynal agradeceu, ainda, o almoço oferecido por Felipe Mestre Jou e ressaltou o ritmo acelerado da viagem, marcado por múltiplas atividades e diálogos: “Creo que nunca aproveché

²²² Identificamos outros três episódios na correspondência. Em 1955, Felipe Mestre enviou o livro *Moeda, Crédito, Bancos e Ciclos*, de autoria de Nelson Lobo de Barros. Em 1958, remeteu *Introdução à Astrofísica*, de Flávio Pereira. Já em 1962, enviou *O mundo antes do dilúvio*, de Mário Graciotti. Nenhuma dessas obras foi editada pelo FCE.

²²³ Notícias publicadas nas edições da *Folha de São Paulo*, respectivamente, de 11 de abril de 1963 e de 8 de abril de 1963.

más intensamente las horas y me sorprendo al recordar todo lo que hicimos y las personas con quienes pude hablar y el cambio de ideas que pudimos mantener.” (“63” MESTRE..., 1963).

Desse modo, se, por um lado, as relações comerciais entre a Mestre Jou e o FCE se deterioravam naquela época, com a continuidade da representação exclusiva sendo questionada, por outro, as viagens pareciam representar um alento, pois eram oportunidades de negociar pessoalmente, participar de recepções e dialogar com outros agentes vinculados a Mestre Jou e às ações de difusão do FCE no Brasil. Sobre a viagem de 1965, quase não há menções na correspondência, e a Mestre Jou enviou apenas uma nota de jornal, que anunciava a chegada de Orfila. Como mencionamos no Capítulo 2, ao retornar ao México, Felipe Mestre e Orfila Reynal trocaram cartas comentando que gostariam de ter compartilhado mais impressões sobre os problemas das relações comerciais e, então, não mais voltaram a se corresponder diretamente.

As aproximações às viagens de Orfila ao Brasil aqui realizadas são um panorama mais descritivo que analítico, uma vez que investigar os reais impactos desses deslocamentos, como o desenvolvimento de conexões intelectuais duradouras, o nascimento de contatos que pudessem desembocar em edições de livros, ou o desenvolvimento de projetos editoriais germinados a partir das viagens, ultrapassaria os objetivos e as condições deste trabalho. Contudo, nesta breve incursão, buscamos mostrar que Felipe Mestre Jou também exerceu uma função mediadora entre a intelectualidade brasileira e o FCE ao mobilizar vínculos intelectuais durante as viagens de Orfila e ao mediar contatos entre autores brasileiros e a editora. Nessa perspectiva, a Mestre Jou postava-se como uma representante do FCE no País não apenas porque era a distribuidora exclusiva, mas porque realizava tarefas de divulgação e de intermediação ou negociação entre escritores e a edição, que são próprias de uma editora. Além disso, percebemos que as viagens de Orfila foram instrumentos de difusão da missão editorial do Fondo, podendo ser situadas como uma das práticas que alimentaram o ideário americanista que estruturou e foi estruturado no labor da editora mexicana.

3.4 “*Cartas del Brasil*”: a presença de intelectuais brasileiros na revista *La Gaceta*, do FCE

Ao examinarmos as ações empreendidas pela Mestre Jou para divulgar os livros do FCE no Brasil, bem como os aniversários da editora e as viagens de Orfila Reynal, é notável que muitas dessas ações tenham sido veiculadas na revista *La Gaceta*, editada pelo FCE. Criada em 1954, no mês do aniversário de 20 anos da editora mexicana, *La Gaceta*, à primeira vista,

configurou-se como um periódico mensal de difusão das atividades promovidas pela editora, dando a conhecer as novas publicações e os projetos editoriais desenvolvidos. Porém, logo a revista passou a agregar notas e artigos sobre a vida literária, intelectual e política do continente, produzindo e colocando em circulação reflexões sobre os problemas comuns e sobre a integração cultural da América Latina.

De 1954 a 1958, *La Gaceta* possuía quatro páginas em formato tabloide, era impressa em cores, com riqueza de ilustrações e, em cada número, trazia os títulos das seções com uma cor diferente, o que criava uma organização visual. De 1958 a 1965, manteve o formato e a identidade visual, mas passou a conter oito páginas. Já em 1965, ocorreram mudanças mais significativas: o periódico deixou de conter desenhos e passou a ter 30 páginas em formato A4. *La Gaceta* ainda está em circulação: nos dias de hoje, voltou ao formato tabloide e possui cerca de 20 páginas.

Durante o período analisado, a presença do Brasil nas páginas de *La Gaceta* ocorreu de diferentes formas: obras de autores brasileiros editados pela casa foram noticiadas e analisadas; houve também a colaboração de intelectuais brasileiros, a exemplo de um artigo escrito por Celso Furtado, com conselhos aos jovens economistas, publicado na edição de outubro de 1962, e outro assinado por Newton Freitas sobre a obra do artista Aleijadinho, veiculado na edição de fevereiro de 1963.²²⁴

Contudo, para nossos objetivos, pretendemos focalizar a presença de intelectuais brasileiros nas páginas de *La Gaceta* por meio das mediações efetuadas pela Mestre Jou. Em outras palavras, faremos breves aproximações às intermediações realizadas pela distribuidora para a produção e o envio de resenhas e de artigos de escritores brasileiros para que fossem veiculados em *La Gaceta*.

Nessa linha, relembramos que a Mestre Jou conservava a prática de encaminhar, anexos às missivas, recortes das resenhas sobre os livros do FCE publicadas na imprensa brasileira. Algumas dessas resenhas foram traduzidas ao espanhol e repercutidas, integral ou parcialmente, na seção “La crítica y nuestros Libros”, de *La Gaceta*. Ao examinar a referida seção, percebemos que 14 resenhas de críticos literários brasileiros foram reproduzidas durante o

²²⁴ O livro *Dialética do desenvolvimento*, de Celso Furtado, seria editado pelo FCE um tempo depois, em 1965. Já Newton Freitas (1907–1996) foi um escritor e diplomata brasileiro. Durante o Estado Novo, exilou-se em Buenos Aires, onde intensificou intercâmbios culturais entre o Brasil e a Argentina. Freitas não chegou a ser editado pelo FCE.

período analisado. Em alguns casos, mencionava-se o periódico no qual a crítica havia sido originalmente publicada e, com exceção de uma ocorrência, houve a indicação da autoria.

A resenha sem indicação de autoria refere-se a um trecho da crítica à obra *Origen y evolución del capitalismo moderno*, de Henry Sée, reproduzida em *La Gaceta* de julho de 1955 e, originalmente, publicada em o *Diário de São Paulo*. Outra das críticas foi escrita pelo filósofo Ruy Fausto e, originalmente, veiculada no *Suplemento Literário*, de *O Estado de São Paulo*.²²⁵ Notamos que tal resenha não foi encaminhada ao FCE como anexo à correspondência da Mestre Jou, tendo chegado à editora por outros circuitos. Isso evidencia que, conquanto observemos as mediações efetuadas pela Mestre Jou no que se refere a publicações em *La Gaceta*, não podemos esquecer que os recortes de periódicos brasileiros também poderiam chegar ao FCE por outros meios ou pelas mãos de outros agentes mediadores.

Já as outras 12 resenhas identificadas foram escritas por Luís Washington Vita e veiculadas em *La Gaceta* entre 1955 e 1963. De algumas delas, foram publicados apenas trechos. Outras foram divulgadas integralmente, complementadas por ilustrações e com um título de destaque. Uma das críticas reproduzidas, inclusive, foi acompanhada de uma fotografia de Washington Vita, ainda que não houvesse nenhum texto de apresentação do filósofo.²²⁶

A repercussão, em *La Gaceta*, de resenhas publicadas no Brasil nos parece significativa das dinâmicas de difusão dos livros do FCE e da ocorrência de trocas culturais, sobretudo porque diferentes atividades de mediação cultural ocorrem nesse processo. Afinal, os livros do FCE circulavam no Brasil, e muitos deles eram objeto da produção de resenhas, as quais se configuram como novos produtos culturais. Por sua vez, muitas dessas resenhas eram enviadas ao FCE pela Mestre Jou, e algumas traduzidas e publicadas em *La Gaceta*, em um trabalho que realiza a mediação de um código de linguagem a outro e possibilita a difusão desses produtos culturais em espaços e entre um público ainda mais amplo. Além disso, essa dinâmica de difusão se configura como um modo de maior consagração dos próprios resenhistas, que têm seus textos publicados e postos em circulação em um periódico no exterior. Tendo novamente Luís Washington Vita como o maior exemplo, essa oportunidade de consagração passa por publicar no México, mas também pela frequência com que ele teve seus textos veiculados em *La Gaceta*.

²²⁵ Ruy Fausto (1935–2020) foi um filósofo paulista e professor na Universidade de São Paulo (USP). A resenha escrita por ele foi publicada, originalmente, em *O Suplemento Literário*, de *O Estado de São Paulo* de 12 de janeiro de 1957, e reproduzida em *La Gaceta* de junho de 1957.

²²⁶ Publicada em *La Gaceta* de novembro de 1955.

A respeito disso, importa sinalizar que, ainda nos anos 1950, a revista conquistou um amplo espaço de circulação. Conforme apontado por Sorá (2017): “No existía un periódico similar en América Latina. El renombre de la editorial y las alternativas de anticipación intelectual que proponía ampliaron su circulación al continente entero.” (p. 43). No Brasil, entre as várias formas de circulação possíveis, *La Gaceta* era distribuída pela Mestre Jou, que recebia os exemplares diretamente do FCE e os difundia em diferentes espaços. Em agosto de 1956, a firma foi, oficialmente, nomeada distribuidora exclusiva de *La Gaceta* em todo o território brasileiro, de modo que o FCE efetuava o envio de exemplares de cada edição publicada.²²⁷ O seguinte trecho de uma carta, remetida ao FCE em 28 de julho de 1956, explicita o trabalho de distribuição realizado pela Mestre Jou e o interesse por *La Gaceta*:

Agradecemos quieran enviarnos 100 ejemplares de cada uno de los siguientes Nos. 17- 18 y 19. Asimismo aumenten en cien ejemplares más, la cantidad que acostumbran enviarnos de ésta publicación, pues es muy procurada en los círculos Literarios, Periodísticos, Bancarios, etc." (“56” MESTRE..., Expediente 26, 1956).

No trabalho de distribuição, a Mestre Jou tinha contato com o periódico do FCE e poderia empreender avaliações sobre os supostos interesses dos leitores. Foi nessa linha que Felipe Mestre remeteu uma missiva ao FCE, em 28 de abril de 1956, pleiteando a maior presença de referências sobre o Brasil na coluna “Balcón”, de *La Gaceta*, que publicava novidades do mundo literário latino-americano:

Observamos que en esta Sección de la revista “La Gaceta” se hacen comentarios sobre Argentina y otros países. Muchos agradeceríamos a Uds. que en los próximos números que publiquen los hagan también sobre Brasil, así como de sus filósofos, libros de mayor venta del F.C.E., etc, ya que este sería un motivo de propaganda y muy del agrado de nuestros clientes. (“56” MESTRE..., Expediente 25, 1956).

À observação, Orfila Reynal respondeu que havia interesse em dar mais espaço ao Brasil na revista e que isso não era feito com mais frequência porque o FCE carecia de maiores informações sobre o cenário intelectual do País. O editor lembrou que, em várias oportunidades, a editora havia reproduzido os artigos de Luís Washington Vita. Agregou que seria bem-vindo se algum “intelectual distinguido” pudesse escrever uma “Carta del Brasil” para a revista, na qual versasse sobre o movimento intelectual brasileiro de forma concreta para

²²⁷ Conforme carta do FCE à Mestre Jou datada de 30 de agosto de 1956.

que “[...] el mundo de habla hispánica conozca cuáles son las líneas principales de esa actividad cultural.” (“56” MESTRE..., Expediente 25, 1956). Sugeriu, então, que a carta fosse escrita por João Cruz Costa, explicando que não sugeria Washington Vita apenas porque era, naquele momento, o único nome conhecido em *La Gaceta*. A missiva de Orfila também explicitou que a colaboração seria remunerada, já indicando o valor em dólares.

A proposta de escrever uma “carta del Brasil” se relacionava a uma coluna de *La Gaceta* que publicava as novidades do cenário intelectual, assinada por algum intelectual que “remetia uma carta” a partir de algum país, cidade ou região. Assim, no período analisado, foram publicadas cartas de diversos países latino-americanos, mas também dos Estados Unidos, França, Alemanha, Espanha, Portugal, Itália, além de “cartas de Europa” de forma ampla. Após a proposta, Felipe Mestre Jou respondeu que estava realizando gestões “entre nuestros amigos intelectuales” para obter a colaboração em *La Gaceta*. Cerca de um mês depois, remeteu uma carta avisando que havia conversado com Cruz Costa, o qual demonstrou interesse e conformidade com as condições. Felipe Mestre, então, enviou junto à missiva aquela que seria a primeira “Carta del Brasil” publicada em *La Gaceta*, deixando antever que já havia combinado o envio de um segundo trabalho do mesmo autor.

Publicada na edição de julho de 1956, a carta de Cruz Costa argumentou que era urgente que se mobilizassem os mais variados recursos, inclusive as informações bibliográficas, com o objetivo de ampliar o conhecimento entre os intelectuais do continente, conhecimento esse que, de acordo com o autor, era muito superficial. Cruz Costa observou que, apesar das diferenças, havia muitos traços em comum entre os países latino-americanos e destacou o esforço de integração cultural realizado pelo FCE. Em seguida, fez uma lista comentada e selecionada de novidades literárias editadas no Brasil e sobre temas relativos ao País.

Já a segunda “Carta del Brasil” de Cruz Costa foi remetida ao FCE pela Mestre Jou, em missiva de setembro de 1956, e publicada em *La Gaceta* no mesmo mês. O texto também se caracterizou por um relato bibliográfico, apontando e comentando obras recém-editadas no Brasil. Cruz Costa escreveria, ainda, uma terceira “Carta del Brasil” na mesma linha das demais e veiculada em *La Gaceta* de fevereiro de 1957. Essa, contudo, não foi enviada pela Mestre Jou. Em uma viagem ao México para participar do seminário do Instituto Panamericano de Geografia e História, Cruz Costa entregou seu texto diretamente aos agentes do FCE, informando, na própria carta, que a entregara em mãos de Orfila Reynal.

Tardaria alguns anos para que aparecesse outra “Carta del Brasil”, em *La Gaceta*: aquela que seria a quarta e última. Em dezembro de 1961, a revista publicou uma carta do país de autoria de Leonardo Arroyo, que havia sido escrita em outubro daquele ano. Seguindo a orientação da coluna de comentar obras recém-editadas, Arroyo focou-se em dois pontos: a figura e a obra de Carolina Maria de Jesus e, em seguida, o panorama cultural brasileiro no ano de 1961, momento no qual aproveitou para apresentar algumas novidades literárias. A carta de Arroyo foi um relato extenso acompanhado de três ilustrações de destaque, entre elas uma fotografia da escritora Carolina Maria de Jesus.

Ao contrário das cartas de Cruz Costa, as mediações realizadas para a publicação do texto de Leonardo Arroyo em *La Gaceta* nos são desconhecidas, posto que não há nenhuma menção na correspondência entre o FCE e a Mestre Jou. Sabemos que Leonardo Arroyo teve contato com a Mestre Jou ao menos a partir de 1962, pois prefaciou um livro editado pela firma naquele ano.²²⁸ Além disso, vimos que, a partir de 1963, há menções, na correspondência, a resenhas de livros escritas por ele e publicadas em jornais brasileiros, além de artigo sobre o aniversário de 30 anos do FCE e sobre a viagem que Orfila realizou ao Brasil em 1963. Nesse sentido, há a possibilidade de a Mestre Jou ter feito alguma referência a Arroyo ter publicado uma “Carta del Brasil” na correspondência de 1960, que não foi preservada. Contudo, é também possível que o autor tenha se vinculado ao FCE por múltiplos outros processos e agentes, posto que a Mestre Jou se configurou como uma mediadora importante entre o FCE e a intelectualidade brasileira, mas, evidentemente, não era o único canal de intermediação.

Anúncios na imprensa, envio de livros para publicidade, resenhas e notas bibliográficas em jornais e revistas, entrevista no rádio, difusão na TV, organização de conferências, montagem de exposições, participação em festivais e feiras de livro. Múltiplas foram as práticas desenvolvidas pela Mestre Jou para divulgar os livros do Fondo de Cultura Económica no Brasil, objetos que congregam a dupla face de mercadoria e de bem cultural. Nessas atividades de difusão, Felipe Mestre Jou encarnou a figura do intelectual mediador, agente “(...) cuja atenção primordial se volta para práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, práticas que fazem ‘circular’ os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 26).

²²⁸ Leonardo Arroyo prefaciou o livro *Minha Luta*, de Adolf Hitler, que foi editado pela Mestre Jou em 1962, após uma edição feita pela editora Globo em 1934. O prefácio de Arroyo possui o título “Um livro, uma advertência”, situando a obra como um material para o estudioso da história contemporânea que deveria ser submetido ao bom senso da inteligência.

Ao mediar os livros, Felipe Mestre também mediou relações intelectuais, mobilizando suas conexões para colaborar nas estratégias de difusão da editora, para recepcionar Orfila Reynal no Brasil e para fazer a ponte entre atores brasileiros e a editora mexicana. Nessa dinâmica, a circulação de produtos culturais ocorreu *entre* lugares, e não em fluxo unilateral: os livros editados pelo FCE circularam no Brasil, mas livros e revistas de cultura brasileiros, assim como resenhas e artigos em colaboração à *La Gaceta*, também chegaram ao México por meio do canal criado entre a Mestre Jou e o FCE. Esse movimento evidencia a existência de trocas culturais que transbordam os limites de um país, desenvolvendo-se em escala transnacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 8 de novembro de 1965, Arnaldo Orfila Reynal foi demitido da direção do Fondo de Cultura Económica. Naquele dia, pela manhã, a Junta de Governo foi convocada para uma reunião urgente sem a participação de Orfila Reynal. Durante a sessão, Antonio Ortiz Mena (1907–2007), secretário da Fazenda do governo de Gustavo Díaz Ordaz (1964–1970)²²⁹ e presidente da Junta desde junho de 1959, comunicou a demissão aos demais membros e informou o nome de Salvador Azuela como substituto.²³⁰

Orfila havia ingressado no Partido Socialista da Argentina em 1930 e, nos anos 1950, foi se aproximando de uma esquerda revolucionária, tendo apoiado a Revolução Cubana (1953–1959). Embora o FCE usufrísse de liberdade na construção de seu programa editorial, desde 1961, algumas obras publicadas pela editora vinham incomodando os setores conservadores da intelectualidade e da política mexicana. O estopim para a demissão foi a edição do livro *Los Hijos de Sánchez*, do antropólogo Oscar Lewis. O episódio da destituição foi analisado por Gustavo Sorá (2008) como parte de um contexto de “guerra fria cultural”, no qual os Estados Unidos aplicavam um controle ideológico à circulação de ideias consideradas subversivas por meio de uma rede de subordinações e mediações espalhadas pela América Latina.

Após a demissão, centenas de intelectuais articularam uma extensa rede de solidariedade em torno de Orfila Reynal e contribuíram para a fundação da editora Siglo XXI, empresa que diversificou o espaço editorial latino-americano. Alguns escritores, como Carlos Fuentes, Juan Rulfo e Alejo Carpentier, se dispuseram a retirar suas obras do FCE para depositá-las na nova editora que seria administrada por Orfila Reynal. Outros, como Julio Cortázar e Miguel Ángel Asturias, se dispuseram a migrar para o catálogo da Siglo XXI desde suas editoras argentinas. O posicionamento de Carlos Fuentes a esse respeito foi bastante enfático e ilustra a rede de

²²⁹ Gustavo Díaz Ordaz (1911–1978) desenvolveu um governo de cunho autoritário, sendo o massacre da Praça Tlatelolco, na Cidade do México, um dos episódios mais emblemáticos de autoritarismo. Em 1968, um protesto de estudantes e de trabalhadores foi brutalmente reprimido pelo exército e pela polícia, resultando em um número de mortos cujo cálculo oscila entre 300 e 500.

²³⁰ Salvador Azuela (1902–1983) foi um jurista e escritor mexicano; também atuou como professor de Direito e de História na UNAM. Dirigiu o FCE até 1970. Era filho do reconhecido escritor mexicano Mariano Azuela, que teve vários de seus livros editados pelo FCE. De acordo com Sorá (2008), Azuela tinha vínculos com Gustavo Díaz Ordaz ao menos desde os anos 1940, quando Ordaz era senador e Azuela era diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM.

solidariedade mobilizada em torno de Arnaldo Orfila Reynal. Em uma carta remetida ao artista plástico Vicente Rojo, em novembro de 1965, o escritor solicitou:

consulta con Orfila si hay manera de sacar mis libros actuales del Fondo de Cultura (¿podremos seguir llamándolo así?) y pasarlos a la nueva editorial si se forma, a Joaquín, 10 a Era, a Sudamericana, a Barral, a lo que sea, pero no quiero seguir un minuto más en esa Gestapo de la mediocridad que se ha instalado a la Hitler en el Fondo [...] (FUENTES, 2013, p. 241-242).

Enquanto isso, o novo diretor do FCE, Salvador Azuela, sinalizou, já na reunião da Junta de Governo de 9 de dezembro de 1965, a realização de auditorias e a renovação dos funcionários da casa. Após essa sessão, a Junta de Governo foi esvaziada, voltando a se reunir apenas em abril de 1966. Em outubro daquele ano, os últimos membros fundadores da Junta renunciaram. Em dezembro de 1967, o estatuto do FCE foi alterado para possibilitar o controle da Secretaria da Fazenda.

A Mestre Jou permaneceu atuando como distribuidora exclusiva do FCE até 1978. No fim daquele ano, um informe da Junta de Governo afirmou que o FCE havia decidido terminar a representação por considerar negativo o trabalho de distribuição que a Mestre Jou vinha desenvolvendo. A editora passou, então, a vender diretamente ao Brasil, inaugurando, em julho de 1991, uma sucursal na cidade de São Paulo.

O episódio de demissão de Arnaldo Orfila Reynal da direção do FCE explicita a imbricação das dimensões culturais e políticas no universo da edição. Para nossos objetivos, sinaliza como o circuito de difusão dos livros, conforme o modelo proposto por Robert Darnton (2010); sofre, a todo tempo, influência de elementos econômicos, culturais e políticos. A destituição do diretor e a consequente substituição de parte significativa do corpo técnico da editora influenciaram o ciclo de distribuição dos livros do FCE no Brasil, antes de tudo porque a Mestre Jou passaria a negociar com novos agentes. Já sabemos, pelo exame da correspondência, que as negociações comerciais, até aquele momento, se desenvolviam, de modo muito direto e atuante, com o diretor da editora. Entretanto, a análise dos modos como a demissão de Orfila afetou o ciclo de distribuição dos livros do FCE no Brasil depende de outras pesquisas que se debrucem sobre as atividades de representação da Mestre Jou após 1965.

Delimitando-nos ao período de 1952 a 1965, voltamos à questão: “Como os livros chegam aos leitores?” A partir dessa pergunta ampla e fundamental – que serviu como guia para a análise –, ajustamos nossa lente sobre o estágio da distribuição e examinamos a atuação

da Mestre Jou como distribuidora exclusiva dos livros do FCE no Brasil. Tal exame nos forneceu elementos para melhor compreendermos as condições e dinâmicas de circulação dos livros da editora entre México e Brasil, evidenciando como os agentes históricos conduziam o negócio, mas também as relações – relações comerciais que são, antes de tudo, relações humanas. Ficou evidente que, além de o ciclo de difusão dos livros sofrer, a todo tempo, a influência de elementos externos, é também afetado por outros circuitos de livros que se desenvolvem na simultaneidade – rotas paralelas transnacionais, produção de títulos do catálogo por outras editoras. Com isso, percebemos que são muitos os processos e agentes que atuam na circulação dos impressos.

Processos e agentes que operaram mesmo antes de iniciar a representação exclusiva com a Mestre Jou. Afinal, as gestões empreendidas para firmar o negócio foram reveladoras do cenário de dificuldades e tropeços vivenciado na expansão comercial, do papel crucial desempenhado por Maria Elena Satostegui nas negociações, e da mobilização de vínculos entre pessoas situadas em diferentes nações com o objetivo de favorecer os diálogos e adentrar o mercado livreiro do País. A expansão comercial da editora mexicana para o Brasil foi, portanto, um modo de observar a dinâmica das conexões operando em escala transnacional.

Entre os múltiplos atores que atuam na circulação dos impressos, enfocamos o livreiro como um intermediário cultural chave, que, a todo tempo, faz a ponte entre produtores de livros e leitores, no desenrolar de um ofício que se constrói na experiência. Nessa posição, Felipe Mestre Jou, durante todo o período analisado, avaliou a procura, selecionou os livros ofertados pelo FCE e, assim, interferiu no que seria posto em circulação. O livreiro e distribuidor firmou suas encomendas e, entre reduções e devoluções, ajustou o estoque e negociou com os envios compulsórios do serviço de novidades do FCE.

Os dados quantitativos e o ritmo da correspondência apontaram que a Mestre Jou desenvolveu um comércio bastante ativo durante o período analisado. Consideramos que o tratamento quantitativo das listas de encomendas possibilitou que nos aproximássemos de qual era a demanda de livros do FCE no Brasil daquele período. Evidenciou-se que os pedidos tiveram um acentuado foco nas coleções Breviarios e Economia. Além disso, a ênfase residiu nas obras traduzidas, com predominância de livros cujo idioma original era o inglês. Conforme antecipamos no encerramento do capítulo 2, consideramos que o cruzamento das variáveis quantitativas e qualitativas confirmou nossa hipótese inicial. Afinal, a análise apontou que, em um contexto de progressiva institucionalização universitária, a circulação dos livros do FCE

proporcionou uma oferta de leitura importante aos potenciais leitores brasileiros ao facilitar o acesso a obras especializadas traduzidas para o espanhol.

Ao cotejar os dados quantitativos com a correspondência comercial, também concluímos que estávamos examinando um período de descontinuidades, no qual o aumento da tradução de livros do catálogo do FCE por editoras brasileiras, a partir de 1959, sinalizou um paulatino processo de perda de mercado para as obras da editora mexicana. De modo concomitante, a Mestre Jou viu seus números de venda despencarem nos anos 1960, atribuindo o baixo desempenho comercial à concorrência das traduções crescentemente publicadas no Brasil, aos circuitos paralelos de distribuição – as chamadas infiltrações – e a mudanças nas políticas econômicas de importação de livros.

No desenvolvimento do trabalho, a complexidade do livro como mercadoria e como bem simbólico foi se revelando. Esse caráter multifacetado do objeto livro propiciou que Felipe Mestre desenvolvesse um modo de operar que ultrapassou a simples comercialização. O livreiro promoveu variadas estratégias de divulgação das obras do FCE, mobilizando vínculos intelectuais e articulando práticas de mediação cultural, as quais comunicavam os livros e produziam novos produtos culturais na própria ação de divulgar.

Atuando em um comércio transnacional, Felipe Mestre Jou se postou como um representante da editora mexicana no Brasil. Nesse sentido, ajudou a construir pontes e canais de comunicação que propiciaram o desenvolvimento de trocas culturais, a exemplo do envio de livros, revistas e de textos de intelectuais brasileiros para publicação nos periódicos de difusão da editora. Em meio a essas diversas práticas de difusão, Felipe Mestre atuou como um intelectual mediador e congregou outros intelectuais mediadores, sendo Luís Washington Vita o maior exemplo.

Em síntese, no intrincado movimento dos sujeitos no mundo da cultura e no contexto de relações transnacionais, o multifacetado objeto livro se constituiu como mediador cultural e comercial entre agentes os mais diversos. Ao mesmo tempo, foi objeto de atenção e de práticas mediadoras de sujeitos postados em diferentes espaços intelectuais e circuitos comerciais.

Devido às diversas variáveis que atravessam este tema de pesquisa e ao volume documental explorado, muitos outros aprofundamentos e desdobramentos são possíveis. Nesta dissertação, por entender que estávamos investigando um problema de pesquisa ainda pouco trabalhado, optamos por dilatar o foco, construindo uma visão ampla a respeito da atuação da livraria Mestre Jou na circulação dos livros do FCE. Em meio a essas escolhas e às dificuldades

enfrentadas, a pesquisa se situou no cruzamento entre aquilo que desejávamos produzir e a concretude do que pôde ser produzido. Certamente, outras investigações poderão desenvolver elementos que auxiliem a preencher as lacunas deixadas neste trabalho.

Entre os desdobramentos que conseguimos vislumbrar, situamos a pertinência de mais pesquisas que se debruçam sobre as conexões transnacionais tecidas e mobilizadas pelo FCE na montagem do sistema de distribuição dos livros da editora pela América Latina, considerando, além do Brasil, países como Colômbia, Peru e Chile. Além disso, retomando os referenciais teóricos da história do livro e da leitura, reiteramos que, embora tenhamos focalizado o aspecto da circulação para fins de investigação, tal segmento não deve ser concebido como um fim em si mesmo, mas em interação com a produção dos objetos de leitura e com a recepção pelos leitores. Nessa linha, vislumbramos a pertinência de pesquisas que se voltem para a recepção dos livros do Fondo de Cultura Económica no Brasil, investigando, por exemplo, a acolhida de determinados autores e ideias ou o impacto da oferta de leitura propiciada pela editora na estruturação de campos de conhecimento como a economia e as ciências sociais. Com vistas a essas possíveis aproximações, o Apêndice A desta dissertação traz os cinco títulos mais encomendados pela Mestre Jou, no período de 1952 a 1965, organizados por coleções e, portanto, por temáticas.

Ao fim deste trabalho, temos maior clareza de que são muitos e múltiplos os processos e agentes que atuam na circulação dos impressos. Analisar como os livros do FCE se difundiam pelo canal de distribuição da Mestre Jou mostrou-se um modo, entre vários outros, de conhecer alguns dos caminhos pelos quais os livros chegam aos leitores.

ACERVOS CONSULTADOS

ANHEMBI. Belo Horizonte: Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH–UFMG), 1950–1962.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, 1908–, 1964–1965, 1967.

ARNALDO Orfila Reynal. 1952–1962. (Expediente Autores). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO (Brasil). Rio de Janeiro, 1940–1985.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 1940–1985.

FICHAS da Delegacia Especializada de Estrangeiros. 1946–1974. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.

FILIAL de Argentina. Caixa 1, Expediente 2, sem Clave. 1947. (Expediente Filial de Argentina). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FILIAL de Argentina. Caixa AG7, Expediente 4, Clave 82/7. 1949. (Expediente Filial de Argentina). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FILIAL de Argentina. Caixa 45, Expediente 7, Clave 82/7. 1952. (Expediente Filial de Argentina). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Acervo Folha**. [São Paulo], [2022]. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 4 nov. 2022.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1937–1945. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1948–1949. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1950–1951. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1952. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1953. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONOMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1954–1955. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONOMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1956–1957. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1958. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1959. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1960–1961. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1962–1963. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1964–1967. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1974. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo General de 1955**. Cidade do México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo Histórico (1934–2009)**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2009.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Libro conmemorativo del primer medio siglo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca digital brasileira**. Rio de Janeiro: FBN, 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

GRUPO ESTADO. **Acervo Estadão**. São Paulo, 1995–. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/procura/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

INFOGLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES. **Acervo O Globo**. Rio de Janeiro, 1996–. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

LA GACETA. **Biblioteca Gonzalo Robles del Fondo de Cultura Económica**. Cidade do México, 1954–. 1954–1962.

MARÍA Elena Satostegui. **Caixa 45, Expediente 1, Clave 81/264**. 1952–1956. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

O CRUZEIRO. **Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH-UFMG)**. Belo Horizonte, 1928–1985, 1955–1957.

VILLEGAS, Daniel Cosío. **Extremos de América**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

“53” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 21, Clave 81/172**. 1953. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“54” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 22, Clave 81/172**. 1954. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“55” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 23, Clave 81/172**. 1955. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“55” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 24, Clave 81/172**. 1955. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“56” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 25, Clave 81/172**. 1956. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“56” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 26, Clave 81/172**. 1956. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“57” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 27, Clave 81/172**. 1957. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“58” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 28, Clave 81/172**. 1958. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“59” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 29, Clave 81/172**. 1959. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“61” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 30, Clave 81/172.** 1961.
(Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“62” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 31, Clave 81/172.** 1962.
(Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“63” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 32, Clave 81/172.** 1963.
(Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“64” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 33, Clave 81/172.** 1964.
(Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“65” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 34, Clave 81/172.** 1965.
(Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

REFERÊNCIAS

Referências documentais (fontes citadas)

ARNALDO Orfila Reynal. **1947–1962 (Expediente Autores)**. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

AZEVEDO, Geraldo de. O mexicano Arnaldo Orfila Reynal: “a cultura é o problema máximo dos países americanos”. **Folha da Manhã**. São Paulo: Atualidades e Comentários, p. 3, 1º maio 1955.

DIÁRIO Oficial do Estado de São Paulo. **Poder Executivo**, São Paulo, ano LXVIII, n. 228, p. 77, 14 out. 1958.

ECHAVARRÍA, José Medina. Presentación. *In*: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo General de 1955**. Cidade do México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955. p. 97-101.

EL FONDO viaja por América. **La Gaceta**, Cidade do México, n. 9, p. 3, maio 1955.

EL FONDO y la cultura de América. **La Gaceta**, Cidade do México, n. 58, p. 3, jun. 1959.

FILIAL de Argentina. **Caixa 1, Expediente 2, sem Clave. 1947** (Expediente Filial de Argentina). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FILIAL de Argentina. **Caixa AG7, Expediente 4, Clave 82/7. 1949** (Expediente Filial de Argentina). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FILIAL de Argentina. **Caixa 45, Expediente 7, Clave 82/7. 1952** (Expediente Filial de Argentina). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1937–1945. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONOMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1956–1957. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1960–1961. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Actas de la Junta de Gobierno**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1964–1967. Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

- FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo General de 1955**. Cidade do México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955.
- FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo Histórico (1934–2009)**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Libro conmemorativo del primer medio siglo**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- FUENTES, Carlos; REYNAL, Arnaldo Orfila. **Cartas Cruzadas: 1965–1979**. Siglo XXI, 2013. *E-book*.
- GAOS, José. Apresentação. *In*: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo General de 1955**. Cidade do México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955. p. 181–185.
- JESUS, Maria Carolina de. **Casa de Alvenaria** – volume 1: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- JORNAL DO DIA. Porto Alegre, 23 mar. 1960. p. 4.
- MARÍA Elena Satostegui. **Caixa 45, Expediente 1, Clave 81/264**. 1952–1956 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.
- PEREA, Alberto Enríquez. La Casa de España en México: algunos documentos sobre su fundación. **Boletín Editorial El Colegio de México**, Cidade do México, n. 77, p. 16-29, jan./fev. 1999.
- PICÓN-SALAS, Mariano. Apresentação. *In*: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo General de 1955**. Cidade do México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955. p. 299-303.
- PUBLICAÇÕES do “Fondo de Cultura Económica”. **Anhembi**, São Paulo, v. 17, n. 51, p. 576, fev. 1955.
- REYES, Alfonso. Prólogo. *In*: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Catálogo General de 1955**. Cidade do México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955. p. IX-XIII.
- SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. Fondo de Cultura Económica Brasil. **La Gaceta**, Cidade do México, n. 265, p. 54-55, jan. 1993.
- TORRES, José Garrido. Diretor da SUMOC explica: “Porque foi elevada a taxa de câmbio para livros”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2º Caderno, p. 12, 26 out. 1958.
- VILLEGAS, Daniel Cosío. **Extremos de América**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- VITA, Luís Washington. Fondo de Cultura Económica. **Correio Paulistano**. São Paulo, 1º caderno, p. 6, 20 ago. 1959.

ZAVALA, Silvio. Presentación. *In: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. Catálogo General de 1955*. Cidade do México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955. p. 135-137.

“53” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 21, Clave 81/172**. 1953 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“54” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 22, Clave 81/172**. 1954 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“55” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 23, Clave 81/172**. 1955 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“55” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 24, Clave 81/172**. 1955 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“56” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 25, Clave 81/172**. 1956. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“56” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 26, Clave 81/172**. 1956. (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“57” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 27, Clave 81/172**. 1957 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“58” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 28, Clave 81/172**. 1958 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“59” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 29, Clave 81/172**. 1959 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“61” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 30, Clave 81/172**. 1961 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“62” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 31, Clave 81/172**. 1962 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“63” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 32, Clave 81/172**. 1963 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“64” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 33, Clave 81/172**. 1964 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

“65” MESTRE Jou and Co. LTD. **Caixa 44, Expediente 34, Clave 81/172**. 1965 (Expediente Brasil). Arquivo Histórico do Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

Referências bibliográficas

ABELLÁN, José Luis. **El Exilio Filosófico en América:** los transterrados de 1939. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

ABREU, Marcelo de Piva. O processo econômico. *In:* GOMES, Angela de Castro (Org.). **Olhando para dentro:** 1930–1964. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 179-227. v. 4.

ABREU, Márcia; MOLLIER, Jean-Yves. Nota introdutória: circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX. *In:* GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania de. **Suportes e mediadores:** a circulação transatlântica dos impressos (1789–1914). Campinas: Unicamp, 2018. p. 9-13.

ALTAMIRANO, Carlos. Introducción General. *In:* ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina:** I. la ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008. p. 9-27.

ANDRADE, Olímpio de Souza. **O livro brasileiro desde 1920.** Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

ANGUIANO, Francisco Joel Guzmán. **La sucursal argentina del Fondo de Cultura Económica en sus primeros años:** circuito editorial y prácticas (1945–1956). 2019. Tesis (Maestría en Historia) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2019.

ARCINIEGA, Víctor Díaz. **Historia de la Casa Fondo de Cultura Económica (1934–1994).** Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

ARDAO, Arturo. Panamericanismo y Latinoamericanismo. *In:* ZEA, Leopoldo (Org.). **América Latina em sus ideas.** Cidade do México: Siglo XXI, 2006, p. 157-171.

AZEVEDO, Fernando Cataldo de. **Editar livros, sonho de livreiros:** os Zahar e o livro no Brasil (1940–1970). 2018. Tese (Doutorado em História Política e Cultura) – Centro de Ciência Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BAGGIO, Kátia Gerab. A integração latino-americana como projeto utópico em Manuel Ugarte. *In:* PRADO, Maria Lígia. **Utopias Latino-americanas:** política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021. p. 355-371.

BAGGIO, Kátia Gerab. **A "outra" América:** a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. 1998. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BAPTISTINI, Flávia Maria Zanon. **Livrarias, memória e identidade:** a importação de livros no Brasil e a trajetória da Livraria Leonardo da Vinci no Rio de Janeiro. 2017. Dissertação

(Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: UNESP, 2010.

BECERRIL, Freja I. Cervantes. Fondo de cultura económica: una estrategia de integración cultural. *In*: WEINBERG, Liliana (Org.). **Historia comparada de las Américas: perspectivas de la integración cultural**. Cidade do México: Cialc, 2016. p. 559-572.

BECERRIL, Freja I. Cervantes. Semblanza de la Colección Cvltvra (1916–1923). **Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes** – Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX–XXI), 2017.

BECERRIL, Freja Ininna Cervantes. **El pájaro trasmutado en piedra: la Colección Tezontle del Fondo de Cultura Económica**. 2019. Tesis (Doctorado en Letras) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2019.

BOMTEMPO, Edda. Vida e Obra de Luiz Washington Vita. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 39, n. 97, p. 296-297, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Uma revolução conservadora na edição. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 17, n. 39, p. 198-249, maio/ago. 2018.

BOUVET, Nora Esperanza. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Unesp, 2010.

CAPELATO, Maria Helena. O “gigante brasileiro” na América Latina: ser ou não ser latino-americano. *In*: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Viagem Completa: a experiência brasileira (1500–2000): a grande transação**. São Paulo: Senac, 2000. p. 286-316.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. **Reforma universitária e os mecanismos de incentivo à expansão do ensino superior privado no Brasil (1964–1984)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

CARVALHO, Fernando J. Cadim de. Keynes e o Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 17, n. especial, p. 569-574, dez. 2008.

CHALHOUB, Sidney. Introdução: Zadig e a História. *In*: CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 12-31.

CHARTIER, Roger. De la historia del libro a la historia de la lectura. *In*: CHARTIER, Roger. **Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna**. Madri: Alianza, 1993.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 77-105.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 207-232.

COSTA, Adriane Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. *In*: COSTA, Adriane Vidal; MAÍZ, Claudio (Orgs.). **Nas tramas da “cidade letrada”**: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais. Belo horizonte: Fino Traço, 2018. p. 153-178.

CRESPO, Regina. Contrastes e confluências: relações culturais e intelectuais entre o México e o Brasil durante as décadas de 1920 e 1930. *In*: VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006, Campinas. **Anais...** Campinas: 2006. p. 1-10.

CRESPO, Regina. O projeto educativo de José Vasconcelos no México pós-revolucionário: nacionalismo e modernidade. **Intellèctus**, ano XV, n. 2, p. 122-144, 2016.

CRESPO, Regina. Projetos de integração do Brasil na América Latina: realidade ou utopia? *In*: PRADO, Maria Lígia. **Utopias Latino-americanas**: política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021. p. 391-407.

CROCE, Marcela. Biblioteca Americana: la utopía del archivo continental. **Confluenzee**, v. 5, n. 1, p. 26-36, 2013.

CROCE, Marcela. Biblioteca Ayacucho: un sueño de religación continental. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 1, p. 7-31, jan./mar. 2020.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino superior e universidade no Brasil. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-204.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**: o ensino superior da Colônia à Era Vargas. São Paulo: Unesp, 2007a.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica**: o ensino superior na república populista. São Paulo: Unesp, 2007b.

DANTAS, Audálio. Prefácio. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014, n.p.

DARNTON, Robert. Conclusão. *In*: DARNTON, Robert. **La gran matanza de gatos y otros episodios en la historia de la cultura francesa**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1987. p. 259-267.

DARNTON, Robert. **O Iluminismo como negócio**: história da publicação da Enciclopédia (1775–1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. Retorno a “¿Qué es la historia del libro?”. **Prismas**, n. 12, p. 157-168, 2008.

DEMENECH, Pedro. **Velhos e novos mundos**: Ángel Rama em seu *Diário* (1974–1983). 2017. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Departamento de História do Centro de Ciência Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DIEGO, José Luis de. **La otra cara de Jano**: una mirada crítica sobre el libro y la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2015.

DIEGO, José Luis de. **Los autores no escriben libros**: nuevos aportes a la historia de la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2019.

DUTRA, Eliana de Freitas. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional no Brasil dos anos 30. *In*: I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2004. p. 1-22.

DUTRA, Eliana de Freitas. A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção *Brasiliiana*. *In*: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Política, Nação e Edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política. São Paulo: Annablume, 2006. p. 299-314.

DUTRA, Eliana de Freitas. Projetos editoriais e exposições do livro no espaço latino-americano: intelectuais e trocas culturais: 1930-1940. *In*: PRIMER COLOQUIO ARGENTINO DE ESTUDIOS SOBRE EL LIBRO Y LA EDICIÓN, 2012, La Plata (Argentina). **Anais...** La Plata (Argentina): Universidad Nacional de La Plata, 2012. p. 1-21.

DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. *In*: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Olhando para dentro**: 1930–1964 – volume 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 229-274.

EVARISTO, Conceição. Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. *In*: JESUS, Maria Carolina de. **Casa de Alvenaria** – volume 1: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. n.p.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Editoração, sociabilidades intelectuais e mediação cultural: a ação dos prefaciadores na publicação das obras completas de Rui Barbosa – (1939/1949). *In*: GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 366-402.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Edição e sociabilidades intelectuais**: a publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930–1949). Belo Horizonte: Autêntica – UFMG, 2017.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Uma brasileira para a América Hispânica**: a editora Fundo de Cultura Econômica e a intelectualidade brasileira (décadas de 1940/1950). Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; RORIZ, Bruna Marinho Valle. O Brasil para estrangeiro ler: livros publicados sobre o Brasil na Biblioteca Nacional de Maestros de Buenos Aires, 1900-1935. *In*: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Orgs.). **Moderno, Modernidade e Modernização**: a educação nos projetos de Brasil – século XIX e XX – volume 1. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 53-80.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; RORIZ, Bruna Marinho Valle. O Brasil para argentino ler: aproximações do livro *El Brasil Intelectual*: impresiones y notas literarias, de Garcia Mérou. *In*: MESQUITA, Ilka Miglio de; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; NOGUEIRA, Vera Lúcia. (Orgs.). **Moderno, modernidade e modernização**: a educação nos projetos de Brasil – séc. XIX e XX – volume 3. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 81-96.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; RORIZ, Bruna Marinho Valle. Vínculos Transnacionais e Mediações Culturais: a livraria Mestre Jou como distribuidora da editora Fondo de Cultura Económica no Brasil (1952–1965). **Revista Tópicos Educacionais**, Pernambuco, v. 27, n. 2, p. 234-251, 2021.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2017.

FELL, Claude. La enseñanza secundaria y superior. *In*: FELL, Claude. **José Vasconcelos**: los años del águila, 1920–1925: educación, cultura e iberoamericanismo en el México posrevolucionario. Tomo 1. Cidade do México: Universidad Nacional autónoma de México, 2020. p. 387-510.

FELL, Claude. La cultura a través del libro. *In*: FELL, Claude. **José Vasconcelos**: los años del águila, 1920–1925: educación, cultura e iberoamericanismo en el México posrevolucionario. Tomo 2. Cidade do México: Universidad Nacional autónoma de México, 2021. p. 691-738.

FERNÁNDEZ, Cristina Beatriz. A través de lecturas: la conformación de una red intelectual em la sección bibliográfica de la Revista de Filosofía (1915–1922). *In*: GONZÁLES, Alexandra Pita. (Org.). **Redes intelectuales transnacionales en América Latina durante la entreguerra**. Cidade do México: Miguel Ángel Porruá, 2016. p. 193-218.

FISCHER, Luís Augusto. **50 anos de feira do livro**: vida cultural em Porto Alegre (1954–2004). Porto Alegre: L&PM, 2004.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. *In*: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 49-75.

FRANÇA, George Luiz. **Anhembi (1950–1962), adiante e ao revés: Paulo Duarte e a cristalização do modernismo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro, 2009.

FUNES, Patricia. **Salvar la Nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliana Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FONSECA, Thais Nívia Lima e. História Cultural e História da Educação. *In*: LINHALES, Meily Assbú; FONSECA Thais Nívia Lima e. **Diálogos da História da Educação**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2017. p. 57-87.

GARCIADIEGO, Javier. **Autores, editoriales, instituciones y libros: estudios de historia intelectual**. Cidade do México: El Colegio de México, 2015. *E-book*.

GARCIADIEGO, Javier. **El Fondo, la Casa y la introducción del pensamiento moderno en México**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2016. *E-book*.

GAZETA, A. *In*: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Acervo do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 2009.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 121-127, 1998.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. *E-book*.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Prefácio. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Uma brasileira para a América Hispânica: a editora Fundo de Cultura Econômica e a intelectualidade brasileira (décadas de 1940/1950)**. Jundiaí: Páco Editorial, 2021.

GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação: intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. *In*: GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-37.

GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo. **Cartografia das livrarias do centro de São Paulo: 1930–1970**. 2012. Relatório final (Programa de Iniciação Científica) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONZÁLES, Alexandra Pita. Introducción. *In*: GONZÁLES, Alexandra Pita (Org.). **Redes intelectuales transnacionales en América Latina durante la entreguerra**. Cidade do México: Miguel Ángel Porruá, 2016. p. 5-23.

GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania de. **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789–1914)**. Campinas: Unicamp, 2018.

GRAVIER, Marina Garone. **Historia en Cubierta: el Fondo de Cultura Económica a través de suas portadas (1934–2009)**. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 2005.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. São Paulo: Edusp, 2016.

HOFMEYER, Isabel; BAYLY, C.A., BECKERT, Sven, *et al.* AHR Conversation: on Transnational History. **The American Historical Review**, Oxford, v. 111, p. 1441-1464, dez. 2006.

JACKSON, Luiz Carlos. Generaciones pioneras de las ciencias sociales brasileñas. *In*: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina: II. los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX**. Buenos Aires: Katz, 2010. p. 630-651.

JASINSKI, Isabel. **Do pensamento à ficção no exílio de Francisco Ayala**. 2007. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

KRAUZE, Enrique. El Fondo y don Daniel. *In*: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. **Libro conmemorativo del primer medio siglo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984. p. 13-39.

LARRAZ, Fernando. Semblanza de Editorial Losada (Buenos Aires, 1938–). **Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes** – Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX–XXI), 2018.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. *In*: **História da imprensa no Brasil**. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-205.

LIMA, Guilherme Cunha; MARIZ Ana Sofia. Editora Civilização Brasileira: novos parâmetros na produção editorial brasileira. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; Abreu Márcia (Orgs.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Unesp, 2010. p. 253-270.

LÓPEZ, Laura Angélica Moya. José Medina Echavarría y la colección de sociología del Fondo de Cultura Económica, 1939–1959. **Estudios Sociológicos**. v. 25, n. 75, p. 765-803, 2007.

LÓPEZ, Laura Angélica Moya. Los universos textuales de José Medina Echavarría en México: la colección de sociología del FCE y la colección jornadas. **PIE**, Aurelia Valero

(Org.). **Los empeños de una casa: actores y redes en los inicios de El Colegio de México (1940–1950)**. Cidade do México: El Colegio de Mexico, 2015. Não paginado. *E-book*.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 111-153.

MACHADO, Ubiratan. **Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras**. São Paulo: Ateliê, 2008.

MACHADO, Ubiratan. **História das livrarias cariocas**. São Paulo: Edusp, 2012.

MAÍZ, Claudio; FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. Introducción. Los sistemas de religación en la literatura. *In: MAÍZ, Claudio; FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro (Orgs.). Episodios en la formación de redes culturales en América Latina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 11-45.

MARCHETTI, Fabiana. Caminhos editoriais e políticos: a tradução de O Capital no Brasil. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO*, 2019, Niterói. **Anais...** Niterói: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo, 2019.

MARQUES NETO, José Castilho; ROSA, Flávio Garcia. Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. *In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 331-347.

MARSAL, Meritxell Hernando. La Revista de Catalunya en São Paulo, 1956: las redes culturales del exilio en Brasil. *In: III CONGRESO INTERNACIONAL DE LITERATURA Y CULTURA ESPAÑOLAS CONTEMPORÁNEAS*, 2014, La Plata (Argentina). **Anais [...]** La Plata (Argentina): Universidad Nacional de La Plata, 2014. p. 1-11.

MARTÍNEZ, Elda González. Los españoles en un país más allá del océano, Brasil. Notas acerca de las etapas de la emigración. **Revista de Indias**, v. LII, n. 195/196, p. 515-527, 1992.

MARTÍNEZ, Elda González. Los inmigrantes invisibles: condiciones de vida e identidad de los españoles en Sao Paulo, en la segunda mitad del siglo XX. **E.I.A.L.**, v. 11, n. 1, p. 6-21, 2000.

MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais. *In: MICELI, Sérgio (Org.). História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, 2001a. p. 91-134. v. 1.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

MIR, Sebastián Rivera. **Edición latinoamericana**. Buenos Aires: CLACSO; Cidade do México: Casa Abierta al Tiempo, 2021. *Livro digital*.

MEJÍA, Eduardo. La industria editorial en México, obra de personas más que de instituciones. *In: BORDA, Juan Gustavo Cobo (Org.). **Historia de las empresas editoriales de América Latina**: siglo XX. CERLALC, 2000. p. 207-238.*

MITRE, Antonio. Fenômenos de massa na sociedade oligárquica: o despontar da modernidade em *Ariel* de Rodó. *In: **O dilema do centauro**: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 103-121.*

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MYERS, Jorge. Gênese “ateneísta” da história cultural latino-americana. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 9-54, jun. 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A institucionalização do ensino de ciências sociais. *In: PAIXÃO, Antônio Luiz; BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia (Orgs.). **As assim chamadas ciências sociais**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1991. p. 53-55.*

PELLEGRINO, Gabriela. **Escrita e edição em fronteiras permeáveis**: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX). São Paulo: Intermeios, 2017.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. **A lista negra dos livros vermelhos**: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. n.p. *E-book*.

PICALLO, Ramón Suárez. **La feria del mundo**: crónicas desde Chile (1942–1956). Santiago de Compostela: Conselho da Cultura Galega, 2008.

PIE, Aurelia Valero (Org.). **Los empeños de una casa**: actores y redes en los inicios de El Colegio de México (1940–1950). Cidade do México: El Colegio de Mexico, 2015. *E-book*.

PINHEIRO, Letícia. O Brasil no mundo. *In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Olhando para dentro**: 1930–1964. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 143-177. v. 4.*

PONTES, Heloísa. **Destinos Mistos**: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940–1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras, e “Coleção Brasileira” nas décadas de 1930, 1940 e 1950. *In: MICELI, Sérgio (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré, 2001. p. 419-476. v. 1.*

PRADO, Maria Lígia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. **Revista de História**, n. 145, p. 127-149, 2001.

PRADO, Maria Lígia Coelho. América Latina: história comparada, histórias conectadas, história transnacional. **Anuário n. 24, Escuela de Historia, Revista Digital n. 3**, Facultad de Humanidades y Artes (UNR), 2011-2012. p. 9-22.

PRADO, Maria Lígia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMÍREZ, Víctor Erwin Nova. **Arnaldo Orfila Reynal: el editor que marcó los cánones de la edición latinoamericana**. 2013. Tesis (Maestría en historiografía) – Universidad Autónoma Metropolitana, México, D.F. 2013.

REIMÃO, Sandra. Autores estrangeiros, vetos nacionais: livros e censura no Brasil (1964–1985). *In*: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre (Orgs.). **Censura no Brasil Republicano: sociedade, música, telenovelas e livros (1937–1988) – volume II**. Salvador: Sagga, 2021. p. 195-210.

RORIZ, Bruna Marinho Valle. A Livraria Mestre Jou como distribuidora da editora Fondo de Cultura Económica no Brasil: vínculos transnacionais e mediações culturais (1952–1965). *In*: IV COLOQUIO ARGENTINO DE ESTUDIOS SOBRE EL LIBRO Y LA EDICIÓN, 2022, Paraná (Argentina). **Anais...** Paraná (Argentina): Universidad Nacional de Entre Ríos, 2021.

SABATO, Hilda. Historia latinoamericana, historia de América Latina, Latinoamérica en la historia. Prismas. **Revista de historia intelectual**. Buenos Aires, n. 19, p. 135-145, 2015.

SAES, Flávio Azevedo Marques; CYTRYNOWICZ, Roney. O Ensino de Economia e as Origens da Profissão de Economista no Brasil. **Locus – Revista de História**, v. 6, n. 1, p. 37-54, 2000.

SANTOS, Hermes dos. Prefácio à edição portuguesa. *In*: SMITH, Adam. **Riqueza das Nações**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2014. p. I- VI.

SCHETTINO, Thais Sena. Um grupo em mudança: os livreiros e o saber profissional. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3-6, p. 605-619, nov. 2013.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-279.

SOLER, Manuel Aznar; GARCÍA, José-Ramón López. **Diccionario biobibliográfico de los escritores, editoriales y revistas del exilio republicano de 1939**. Sevilha: Renacimiento, 2016. *E-book*.

SORÁ, Gustavo. Edición y política. Guerra fría en la cultura latinoamericana de los años ´60. **Revista del Museo de Antropología**, n. 1, p. 97-114, 2008.

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010.

SORÁ, Gustavo. Semblanza de Fondo de Cultura Económica (1934–). **Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes** – Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX–XXI), 2016.

SORÁ, Gustavo. **Editar desde la izquierda en América Latina**: la agitada historia del Fondo de Cultura Económica y de Siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017.

SUBERCASEAUX, Bernardo. Editoriales y círculos intelectuales en Chile (1930–1950). *In*: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**: II. los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz, 2010. p. 567-580.

TARCUS, Horacio. A 150 años de El capital. **Nuso**, n. 270, p. 1-18, jul./ago. 2017.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre formação do leitor e o mercado de livros. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU Márcia (Orgs.). **Impressos no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010. p. 139-156.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo**: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: Edusp, 1999.

VALENDER, James; LEYVA, Gabriel Rojo. Francisco Giner de los Ríos (1917–1995). *In*: VALENDER, James; LEYVA, Gabriel Rojo (Orgs.). **Poetas del exilio español**: Una antología. El Colegio de México, 2006. p. 423-424.

VARGAS, Rafael. La esencial: María Elena Satostegui. **La Gaceta**, n. 508, p. 13-14, abr. 2013.

VIDAL, Diana. Sobre territórios e história transnacional da educação. *In*: VIDAL, Diana (Org.). **Sujeitos e artefatos**: territórios de uma história transnacional da educação. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020. p. 9-19. *E-book*.

WANDERLEY, Sonia. História e TV: produção e difusão do saber – a televisão como cenário de representação política. *In*: NEVES, Lúcia Maria Batos; MOREL, Marco; FERREIRA, BESSONE, Tania Maria (Orgs.). **História e Imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 436-447.

WASSERMAN, Claudia. A Revista Brasiliense e os debates da esquerda brasileira entre 1950 e 1960. *In*: CRESPO, Regina (Org.). **Revistas em América Latina**: proyectos literarios, políticos y culturales. Cidade do México: Eón, 2010. p. 377-400.

WEINBERG, Liliana. **Biblioteca Americana**: una poética de la cultura y una política de la lectura. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2014. n.p. *E-book*.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 14, p. 9-36, jan./jun. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Os 5 títulos mais pedidos de cada coleção (1952–1965)

Coleção	Obra	Idioma original	Ano (1ª ed FCE)	Nº de exemplares pedidos no período
Economía	JONES, Clarence Fieldden; DARKENWALD, Gordon G. Geografía económica.	Inglês	1944	1.280
	HICKS, J. R; HART, A. G. Estructura de la Economía: Introducción al estudio del Ingreso.	Inglês	1950	1.220
	PREBISCH, Raúl. Introducción a Keynes.	Espanhol	1947	1.190
	ESTEY, James Arthur. Tratado sobre los ciclos económicos.	Inglês	1948	1.155
	MARX, Karl. El Capital: crítica de la economía política (3 tomos)	Alemão	1946	1.130
Breviarios	WOLFF, Werner. Introducción a la psicología.	Inglês	1953	1.142
	KLUCKHOHN, Clyde. Antropología.	Inglês	1949	985
	PFEIFFER, Johannes. La poesía: Hacia la comprensión de lo poético.	Alemão	1951	780
	BOCHENSKI, Innocentius Marie. La filosofía actual.	Alemão	1949	775
	DUNN, Leslie Clarence; DOBZHANSKY, Theodosius Grigorievich. Herencia, raza y sociedad.	Inglês	1949	696
Filosofía	JAEGER, Werner Wilhelm. Paideia: Los ideales de la cultura griega.	Alemão	1942	1.420
	LUKÁCS, Georg. El asalto a la razón.	Alemão	1959	395
	SPINOZA, Baruch de. Ética demostrada según el orden geométrico.	Latim	1958	300
	SCHULTZ, Walter. El dios de la metafísica moderna.	Alemão	1961	300
	HEIDEGGER, Martin. El ser y el tiempo.	Alemão	1951	297
Sociología	MANNHEIM, Karl. Libertad, poder y planificación democrática.	Inglês	1953	565
	WEBER, Alfred. Historia de la cultura.	Alemão	1941	555

	GURVITCH, Georges. La vocación actual de la sociología: Hacia una sociología diferencial.	Francês	1953	520
	WEBER, Max. Economía y sociedad.	Alemão	1944	430
	FRAZER, James George. La rama dorada: Magia y religión	Inglês	1944	400
	LINTON, Ralph. Estudio del hombre.	Inglês	1942	1.080
	HERSKOVITS, Melville Jean. El hombre y sus obras: Ciencia de la antropología cultural.	Inglês	1952	995
Antropología	LOWIE, Robert Harry. Historia de la etnología.	Inglês	1946	505
	COMAS CAMPS, Juan. Manual de antropología física.	Espanhol	1957	440
	MURDOCK, George Peter. Nuestros contemporáneos primitivos.	Inglês	1945	321
	HENRÍQUEZ UREÑA, Max. Breve historia del modernismo.	Espanhol	1954	120
	HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. Historia de la cultura en la América hispánica.	Espanhol	1947	91
Tierra Firme	ALVARENGA, Oneyda. Música popular brasileña.	Português	1947	57
	CRUZ COSTA, Joao. Esbozo de una historia de las ideas en el Brasil.	Português	1957	55
	PICÓN-SALAS, Mariano. De la conquista a la independencia: Tres siglos de historia cultural hispanoamericana.	Espanhol	1944	45
	PIRENNE, Henri. Historia de Europa: Desde las invasiones hasta el siglo XVI.	Francês	1942	415
	BÜHLER, Johannes. Vida y cultura en la Edad Media.	Alemão	1946	210
Historia	BURROWS, Millar. Los rollos del Mar Muerto.	Inglês	1958	200
	O'GORMAN, Edmundo. La invención de América: El universalismo de la cultura de Occidente.	Espanhol	1958	200
	TURNER, Ralph Edmund. Las grandes culturas de la humanidad, I. Las ciudades antiguas.	Inglês	1948	175
Política y Derecho	HELLER, Hermann. Teoría del Estado.	Alemão	1942	365
	BETANCOURT, Rómulo. Venezuela: Política y petróleo.	Espanhol	1956	245

	DUVERGER, Maurice. Los partidos políticos.	Francês	1957	226
	STERNBERG, Fritz. Capitalismo o socialismo?	Inglês	1954	225
	THOMAS, Frederick Metcalf. Estrategia para la supervivencia.	Inglês	1957	190
Letras Mexicanas	REYES, Alfonso. Obras completas, V: Historia de un siglo, Las mesas de plomo.	Espanhol	1957	35
	REYES, Alfonso. Obra poética.	Espanhol	1957	35
	CASTRO LEAL, Antonio (comp.) La poesía mexicana moderna.	Espanhol	1953	30
	REYES, Alfonso. Obras completas, II: Visión de Anáhuac, Las vísperas de España, Calendario.	Espanhol	1956	19
	REYES, Alfonso. Obras completas, III: El plano oblicuo, El cazador, El suicida, Aquellos días, Retratos reales e imaginarios.	Espanhol	1956	18
Colección Popular	MARTIN, Alfred von. Sociología del Renacimiento.	Alemão	1946	480
	CASSIRER, Ernst. Antropología filosófica: Introducción a una filosofía de la cultura.	Inglês	1945	410
	MANNHEIM, Karl. Diagnóstico de nuestro tiempo.	Inglês	1944	105
	FERNÁNDEZ MORENO, César. Introducción a la poesía.	Espanhol	1962	60
	MORO, Tomás; CAMPANELLA, Tomasso; BACON, Francis. Utopías del Renacimiento.	Inglês	1941	52
Biblioteca Americana	HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. Las corrientes literarias en la América hispánica.	Inglês	1945	45
	DARÍO, Rubén. Poesía. Libros poéticos completos y antología de la obra dispersa.	Espanhol	1952	30
	CASAS, fray Bartolomé de las. Historia de las Indias, III.	Espanhol	1951	23
	CRUZ, sor Juana Inés de la. Obras completas, I. Lirica personal.	Espanhol	1951	22
	MAYER, Brantz. México, lo que fue y lo que es.	Inglês	1953	20
Lengua y Estudios Literarios	AUERBACH, Erich. Mimesis: La representación de la realidad en la literatura occidental.	Alemão	1950	195

	URBAN, Wilbur Marshall. Lenguaje y realidad: La filosofía del lenguaje y los principios del simbolismo.	Inglês	1952	125
	ERMATINGER, Emil (comp.). Filosofía de la ciencia literaria.	Alemão	1946	100
	COHEN, Gustave. La vida literaria en la Edad Media: La literatura francesa del siglo IX al XV.	Francês	1958	100
	HIGHET, Gilbert. La tradición clásica: Influencias griegas y romanas en la literatura occidental, II	Inglês	1954	93
	WARREN, Howard C. Diccionario de psicología.	Inglês	1934	585
	FROMM, Erich. Psicoanálisis de la sociedad contemporánea: Hacia una sociedad sana.	Inglês	1956	580
Psicología y Psicoanálisis	FUENTE, Ramón de la. Psicología médica.	Espanhol	1959	460
	HORNEY, Karen. El nuevo psicoanálisis.	Inglês	1943	301
	BALLY, Gustav. El juego como expresión de libertad.	Alemão	1958	300
	KOEPPEL, Wilhelm. Climatología: Con un estudio de los climas de la tierra.	Alemão	1948	350
	FORBES, Robert James. Historia de la técnica.	Inglês	1956	300
Ciencia y Tecnología	FINCH, Vernor Clifford; TREWARTHA, Glenn T. Geografía física.	Inglês	1954	275
	CARRASCO, Pedro. Meteorología.	Espanhol	1945	185
	NEWBIGIN, Marion Isabel. Geografía de plantas y animales.	Inglês	1949	139
	TORRES-RIOSECO, Arturo. Ensayos sobre literatura latinoamericana.	Espanhol	1953	50
	BELTRÁN, Enrique. El hombre y su ambiente.	Espanhol	1958	30
Tezontle	COSÍO VILLEGAS, Daniel. Extremos de América.	Espanhol	1949	25
	PAZ, Octavio. El arco y la lira.	Espanhol	1956	23
	RIVAS SAINZ, Arturo. Fenomenología de lo poético (notas de asedio).	Espanhol	1950	20
Dianoia	RECASÉNS SICHES, Luis. Nueva filosofía de la interpretación del derecho.	Espanhol	1956	293

	GARCÍA MÁYNEZ, Eduardo. Lógica del juicio jurídico.	Espanhol	1955	179
	GORTARI, Eli de. Introducción a la lógica dialéctica.	Espanhol	1956	175
	BUENO, Miguel. Las grandes direcciones de la filosofía.	Espanhol	1957	55
	ZEA, Leopoldo. América en la historia.	Espanhol	1957	28
	COSSÍO DEL POMAR, Felipe. Crítica de arte de Baudelaire a Malraux.	Espanhol	1956	80
	COSSÍO DEL POMAR, Felipe. Arte del Perú precolombino.	Espanhol	1949	49
Arte	DENECK, M. Escultura india. Obras maestras del arte de la India, Camboya y Tailandia.	Alemão	1963	1
	VILÍMKOVA, Milada; FORMAN, Werner. El arte egipcio.	Alemão	1963	1
	BARINCA, Jaroslav; FORMAN, Werner. El arte de la Corea antigua.	Alemão	1963	1
	SILVA HERZOG, Jesús. El agrarismo mexicano y la reforma agraria: Exposición y crítica.	Espanhol	1959	25
	VÁRIOS. México: Cincuenta años de revolución. III . La política.	Espanhol	1961	5
Vida y Pensamiento de México	VÁRIOS. México: Cincuenta años de revolución, II. La vida social.	Espanhol	1963	5
	VÁRIOS. México: Cincuenta años de revolución, I. La economía.	Espanhol	1960	3
	PAZ, Octavio. El laberinto de la soledad.	Espanhol	1959	2
	LARA BEAUTELL, Cristóbal. La industria de energía eléctrica.	Espanhol	1953	20
Estructura económica y social de México *	RIVERA MARÍN, Guadalupe. El mercado de trabajo: Relaciones obrero-patronales.	Espanhol	1955	12
	GONZÁLEZ SANTOS, Armando. La agricultura.	Espanhol	1957	10
Fuentes para la historia del trabajo *	ZAVALA, Silvio; CASTELO, María. Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España.	Espanhol	1939	1

* Não alcançou 5 (cinco) títulos pedidos.

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

APÊNDICE B – Os títulos menos pedidos (1952–1965)

Obras	Coleção	Id Original	Ano (1ªed FCE)	Nº de exemplares pedidos no período
AZUELA, Mariano. Obras completas, I.	Letras Mexicanas	Espanhol	1958	1
AZUELA, Mariano. Obras completas, II.	Letras Mexicanas	Espanhol	1958	1
AZUELA, Mariano. Obras completas, III.	Letras Mexicanas	Espanhol	1960	1
BARINCA, Jaroslav; FORMAN, Werner. El arte de la Corea antigua	Arte	Alemão	1963	1
BUSANICHE, José Luis. Bolívar visto por sus contemporáneos.	Tierra Firme	Espanhol	1960	1
CANAL FEIJÓO, Bernardo. Constitución y revolución: Juan Bautista Alberdi.	Política y Derecho	Espanhol	1955	1
CARRIÓN, Benjamín. García Moreno: El santo del patíbulo	Tierra Firme	Espanhol	1959	1
CASTELLANOS, Rosario. Balún-Canán.	Letras Mexicanas	Espanhol	1957	1
CORONA NÚÑEZ, José. Mitología tarasca.	Antropología	Espanhol	1957	1
COVARRUBIAS, Miguel. El arte indígena de norteamérica: exposición celebrada en el Museo Nacional de Antropología del XX de marzo al XX de abril de 1945.	Antropología	Espanhol	1945	1
CUVILLIER, Armand. Proudhon.	Historia	Francês	1939	1
DENECK, M. Escultura india. Obras maestras del arte de la India, Cambodia y Tailandia.	Arte	Alemão	1963	1
DUNLAP, Orrin Elmer. El radar.	Ciencia y Tecnología	Inglês	1946	1
FACIO BRENES, Rodrigo. La moneda y la banca central en Costa Rica.	Economía	Espanhol	1947	1
FOX, William Thornton Rickert. Las superpotencias: Estados Unidos, Inglaterra y la Unión Soviética, su responsabilidad ante la paz.	Política y Derecho	Inglês	1947	1
FRANCOVICH, Guillermo. El pensamiento boliviano en el siglo XX.	Tierra Firme	Espanhol	1956	1
GARCÍA MORILLO, Roberto. Carlos Chávez.	Tierra Firme	Espanhol	1960	1
GORTARI, Eli de. La ciencia en la historia de México.	Vida y Pensamiento de México	Espanhol	1963	1
HÁJEK, Lubor. El arte chino.	Arte	Alemão	1954	1

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. Obra crítica.	Biblioteca Americana	Espanhol	1960	1
LIZASO, Félix. Panorama de la cultura cubana.	Tierra Firme	Espanhol	1949	1
MENEZES, Djacir. Pontes de Miranda.	Sociología	Espanhol	1946	1
MORINEAU, Oscar. Los derechos reales y el subsuelo de México.	Política y Derecho	Espanhol	1948	1
MYRDAL, Gunnar. Teoría económica y regiones subdesarrolladas.	Economía	Inglês	1959	1
PAZ, Octavio. La estación violenta.	Letras Mexicanas	Espanhol	1958	1
RÍOS, Fernando de los. Religión y Estado en la España del siglo XVI.	Historia	Espanhol	1957	1
RUIZ DE ALARCÓN, Juan. Obras completas, II. Teatro.	Biblioteca Americana	Espanhol	1959	1
SANTOVENIA, Emeterio S. Armonías y conflictos en torno a Cuba.	Tierra Firme	Espanhol	1956	1
SELER, Eduard. Comentarios al Códice Borgia, II.	Antropología	Alemão	1963	1
STYCOS, Joseph Mayone. Familia y fecundidad en Puerto Rico: Estudio del grupo de ingresos más bajos.	Sociología	Inglês	1958	1
VILÍMKOVA, Milada; FORMAN, Werner. El arte egipcio.	Arte	Alemão	1963	1
VITIER, Medardo. La filosofía en Cuba.	Tierra Firme	Espanhol	1948	1
ZAVALA, Silvio; CASTELO, María. Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España.	Fuentes para la historia del trabajo	Espanhol	1939	1

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.

APÊNDICE C – Os títulos devolvidos organizados por coleção (1952–1965)

Coleção	Obra	Idioma original	Ano (1ª ed FCE)	Motivo da devolução	Nº de exemplares devolvidos no período
Economía	ROSTOW, Walt Whitman. Las etapas del crecimiento económico: Un manifiesto no comunista.	Inglês	1961	Editado em português	172
	BARGALLÓ ARDEVOL, Modesto. La minería y la metalurgia en la América española durante la época colonial.	Espanhol	1955	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	140
				Defeituoso	1
	LANGE, Oskar. Introducción a la econometría.	Inglês	1964	Editado em português	140
	SIEGEL, Barry N. Agregados económicos y política pública.	Inglês	1963	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	140
	LITTLEFIELD, Cleatice PETERSON, Louis R. L. Organización de oficinas.	Inglês	1960	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	112
	SMITH, Adam. Investigación sobre la naturaleza y causas de la riqueza de las naciones.	Inglês	1958	Editado em português	105
	HIRSCHMAN, Albert O. La estrategia del desarrollo económico.	Inglês	1961	Editado em português	100
	FURTADO, Celso. Dialéctica del desarrollo: Diagnóstico de la crisis del Brasil.	Português	1965	Editado em português	96
	ALCARAZ SEGURA, Lorenzo. Cálculos financieros.	Espanhol	1954	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	80
DIAMOND, William. Bancos de fomento.	Inglês	1960	Editado em português	80	
SUKHATME, Pandurang V. Teoría de encuestas por muestreo con aplicaciones.	Inglês	1956	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado	70	

			ou em falta no FCE	
POWELSON, John Palen. Contabilidad económica.	Inglês	1958	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	70
URQUIDI, Víctor L. Viabilidad económica de América Latina.	Espanhol	1962	Venda difícil no Brasil/pouca saída	60
FOX, Willard M. Investigación de mercados: Interpretación y aplicación.	Inglês	1961	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	50
ELLIS, Howard Sylvester; WALLICH, Henry C. El desarrollo económico y América Latina: Trabajos y comentarios presentados en la Conferencia de la Asociación Económica Internacional celebrada en Río de Janeiro en agosto de 1957.	Outro	1960	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	50
			Editado em português	20
TEICHERT, Pedro Carlos Máximo. Revolución económica e industrialización en América Latina.	Inglês	1961	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	47
			Defeituoso	1
TINBERGEN, Jan. Política económica: Principios y formulación.	Inglês	1961	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	40
TRIFFIN, Robert. El caos monetario.	Inglês	1961	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	40
HEILBRONER, Robert Louis. La formación de la sociedad económica.	Inglês	1964	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	30
MAX, Hermann. Investigación económica.	Espanhol	1963	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	25

RAUTENSTRAUCH, Walter. Cómo proyectar una empresa industrial : Estudio sobre economía industrial aplicada.	Inglês	1957	Não identificado	21
ALLEN, Francis Theodore. Principios generales de seguros .	Inglês	1949	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	15
ADLER, John H.; SCHLESINGER, Eugene R.; OLSON, Ernest C. Las finanzas públicas y el desarrollo económico de Guatemala .	Inglês	1952	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	6
FERGUSON, John Maxwell. Historia de la economía .	Inglês	1948	Não identificado	5
SCHELL, Ervin Haskell. Técnica del control ejecutivo .	Inglês	1958	Não identificado	4
MUÑOZ AMATO, Pedro. Introducción a la administración pública, II : Relaciones humanas y administración de personal.	Espanhol	1957	Não identificado	4
RAUTENSTRAUCH, Walter; VILERS, Raymond. Economía de las empresas industriales .	Inglês	1949	Defeituoso	4
KIRKLAND, Edward Chase. Historia económica de Estados Unidos .	Inglês	1941	Não identificado	3
MONTANO, Vicente. El arcano de príncipes .	Espanhol	1955	Não identificado	3
BRESCIANI-TURRONI, C. Curso de economía política, II . Problemas de política económica.	Italiano	1960	Defeituoso	3
ESTEY, James Arthur. Tratado sobre los ciclos económicos .	Inglês	1948	Defeituoso	2
ZAMORA, Francisco. Tratado de teoría económica .	Espanhol	1953	Defeituoso	2
FLORES, Edmundo. Tratado de economía agrícola .	Espanhol	1961	Defeituoso	2
KEYNES, John Maynard. Teoría general de la ocupación, el interés y el dinero .	Inglês	1943	Defeituoso	2
LEWIS, William Arthur. Teoría del desarrollo económico .	Inglês	1958	Defeituoso	2

ROLL, Eric. Historia de las doctrinas económicas.	Inglês	1942	Defeituoso	2
HABERLER, Gottfried. Ensayos sobre el ciclo económico.	Inglês	1946	Defeituoso	2
			Não identificado	1
DOBB, Maurice Herbert. Economía política y capitalismo.	Inglês	1945	Defeituoso	2
HANSEN, Alvin Harvey. Teoría monetaria y política fiscal.	Inglês	1954	Defeituoso	1
FISHER, Allan George Barnard. Progreso económico y seguridad social.	Inglês	1949	Defeituoso	1
MILL, John Stuart. Principios de economía política, con algunas de sus aplicaciones a la filosofía social.	Inglês	1943	Defeituoso	1
FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ, Ramón; ACOSTA, Ricardo. Política agrícola: Ensayos sobre normas para México.	Espanhol	1961	Defeituoso	1
BETHEL, Lawrence L. Organización y dirección industrial.	Inglês	1952	Defeituoso	1
PANSE, Vinayak Govind; SUKHATME, Pandurang V. Métodos estadísticos para investigadores agrícolas.	Inglês	1959	Defeituoso	1
WOOTON, Barbara Frances. Libertad con planificación.	Inglês	1946	Não identificado	1
HARROD, Roy Forbes. La vida de John Maynard Keynes.	Inglês	1951	Defeituoso	1
CHANDLER, Lester Vernon. Introducción a la teoría monetaria.	Inglês	1942	Defeituoso	1
SIRKIN, Gerald. Introducción a la teoría macroeconómica.	Inglês	1962	Defeituoso	1
MUÑOZ AMATO, Pedro. Introducción a la administración pública, I: Teoría general, planificación, presupuestos.	Espanhol	1954	Não identificado	1
PIRENNE, Henri. Historia económica y social de la Edad Media. Con un anexo bibliográfico y crítico de H. van Werveke.	Francês	1939	Defeituoso	1
MARX, Carlos. Historia crítica de la teoría de la plusvalía.	Francês	1945	Defeituoso	1

	JONES, Clarence Fieldden; DARKENWALD, Gordon G. Geografía económica.	Inglês	1944	Defeituoso	1
	RHODES, E. C. Estadística elemental.	Inglês	1950	Defeituoso	1
	ELLIS, Howard Sylvester. Ensayos sobre la teoría del comercio internacional.	Inglês	1953	Não identificado	1
	GÓMEZ MORFÍN, Joaquín. El control interno en los negocios.	Espanhol	1954	Defeituoso	1
	PINTO, Aníbal. Chile: Una economía difícil.	Espanhol	1964	Defeituoso	1
	CONDLIFFE, John Bell. Agenda para la postguerra.	Inglês	1944	Defeituoso	1
	ESCARPIT, Robert G. Historia de la literatura francesa.	Espanhol	1948	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	300
	FRIEDRICH, Carl Joachim. La filosofía del derecho.	Alemão	1964	Editado em português	280
	SLONIM, Marc. La literatura rusa.	Inglês	1962	Venda difícil no Brasil/pouca saída	270
	HERNÁNDEZ MILLARES, Jorge. Atlas del Nuevo Mundo.	Espanhol	1962	Venda difícil no Brasil/pouca saída	237
	TAYLOR, Alfred Edward. El pensamiento de Sócrates.	Inglês	1961	Venda difícil no Brasil/pouca saída	108
Breviarios	HAYWARD, John Arthur. Historia de la medicina.	Inglês	1956	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	100
	GUIRAUD, Pierre. La semántica.	Francês	1960	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	60
	NICOLSON, Harold. La diplomacia.	Inglês	1948	Venda difícil no Brasil/pouca saída	60
	SOULE, George. Introducción a la economía contemporánea.	Inglês	1950	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	60
	THOMSON, David. Historia mundial de 1914 a 1968.	Inglês	1959	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado	50

			ou em falta no FCE	
MOORHOUSE, Alfred Charles. Historia del alfabeto.	Inglês	1961	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	50
KLUCKHOHN, Clyde. Antropología.	Inglês	1949	Editado em português	36
WOLFF, Werner. Introducción a la psicología.	Inglês	1953	Defeituoso	14
WAHL, Jean. Introducción a la filosofía.	Inglês	1950	Defeituoso	3
ROMERO, Francisco. Historia de la filosofía moderna.	Espanhol	1959	Defeituoso	3
THOMPSON, Clara Mabel. El psicoanálisis.	Inglês	1951	Defeituoso	3
BROWN, J. A. C. La psicología social en la industria.	Inglês	1952	Defeituoso	2
			Não identificado	1
ENCINA, Juan de la. La pintura italiana del Renacimiento.	Espanhol	1949	Defeituoso	2
JASPERS, Karl. La filosofía desde el punto de vista de la existencia.	Alemão	1953	Defeituoso	2
ANDERSON IMBERT, Enrique. Historia de la literatura hispanoamericana, I. La Colonia. Cien años de república.	Espanhol	1954	Defeituoso	2
READ, Herbert Harold. Geología: Introducción al estudio de la tierra.	Inglês	1949	Defeituoso	2
SCHWEITZER, Albert. El pensamiento de la India.	Inglês	1952	Defeituoso	2
SAPIR, Edward. El lenguaje: Introducción al estudio del habla.	Inglês	1954	Defeituoso	2
SCHÜCKING, Levin L. El gusto literario.	Inglês	1950	Defeituoso	2
HADOW, William Henry. Ricardo Wagner.	Inglês	1951	Defeituoso	1
FRANKL, Viktor Emil. Psicoanálisis y existencialismo: De la psicoterapia a la logoterapia.	Alemão	1950	Defeituoso	1

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. Manual de zoología fantástica.	Espanhol	1957	Defeituoso	1
CHILDE, Vere Gordon. Los orígenes de la civilización.	Inglês	1954	Defeituoso	1
ASHTON, Thomas Southcliffe. La Revolución industrial, 1760-1830.	Inglês	1950	Defeituoso	1
GALL, François; GALL, Jacques. La pintura galante francesa en el siglo XVIII.	Francês	1963	Defeituoso	1
SALAZAR, Adolfo. La música como proceso histórico de su invención.	Espanhol	1950	Defeituoso	1
TORRI, Julio. La literatura española.	Espanhol	1952	Defeituoso	1
WHITHROW, G. J. La estructura del universo. Introducción a la cosmología.	Inglês	1952	Defeituoso	1
ROMERO, José Luis. La Edad Media.	Espanhol	1949	Defeituoso	1
CASSIRER, Ernst. Kant, vida y doctrina.	Alemão	1948	Defeituoso	1
WOLFF, Werner. Introducción a la psicopatología.	Inglês	1956	Não identificado	1
READ, Herbert Edward. Imagen e idea: La función del arte en el desarrollo de la conciencia humana.	Inglês	1957	Defeituoso	1
BOWRA, Cecile Maurice. Historia de la literatura griega.	Inglês	1948	Defeituoso	1
COTTRELL, Leonard. El toro de Minos.	Inglês	1958	Não identificado	1
TROELTSCH, Ernst. El protestantismo y el mundo moderno.	Alemão	1951	Defeituoso Não identificado	1 [corroído]
FRANKFORT, Henri, et al. El pensamiento prefilosófico, I: Egipto y Mesopotamia.	Inglês	1954	Defeituoso	1
OMMANEY, Francis Downes. El océano.	Inglês	1950	Defeituoso	1
GUIGNEBERT, Charles. El cristianismo antiguo.	Francês	1956	Defeituoso	1
BATY, Gaston; CHAVANCE, René. El arte teatral.	Francês	1951	Defeituoso	1

	LINTON, Ralph. Cultura y personalidad.	Inglês	1945	Defeituoso	1	
	SOSA LÓPEZ, Emilio. El hombre interior.	Espanhol	1962	Venda difícil no Brasil/pouca saída	60	
	VICO, Giambattista. Principios de una ciencia nueva en torno a la naturaleza común de las naciones.	Espanhol	1941	Venda difícil no Brasil/pouca saída	15	
	JAEGER, Werner Wilhelm. Paideia: Los ideales de la cultura griega.	Alemão	1957	Defeituoso	2	
	MONDOLFO, Rodolfo. El humanismo de Marx.	Espanhol	1964	Defeituoso	2	
	DILTHEY, Wilhelm. Obras II. Hombre y mundo en los siglos XVI y XVII.	Alemão	1944	Defeituoso	1	
Filosofía	ÍMAZ, Eugenio. Luz en la caverna: Introducción a la psicología y otros ensayos.	Espanhol	1957	Defeituoso	1	
	ABAD CARRETERO, Luis. Instante, querer y realidad.	Espanhol	1958	Defeituoso Não identificado	1 1	
	ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, A. Historia de la pedagogía.	Italiano	1964	Defeituoso	1	
	BLOCH, Ernst. El pensamiento de Hegel.	Espanhol	1982	Defeituoso	1	
	LUKÁCS, Georg. El asalto a la razón.	Alemão	1959	Defeituoso	1	
	ABBAGNANO, Nicola. Diccionario de filosofía.	Italiano	1963	Defeituoso	1	
	HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Lecciones sobre la historia de la filosofía, I. *	Alemão	1955	Defeituoso	[corroído]	
		OSBORN, Fairfield. Los límites de la tierra.	Inglês	1956	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	70
	Sociología	BATTEN, Thomas Reginald. Las comunidades y su desarrollo: Estudio introductorio con referencia especial a la zona tropical.	Inglês	1964	Editado em português	50
					Defeituoso	1

TIMASHEFF, Nicholas Sergejevitch. La teoría sociológica: Su naturaleza y desarrollo.	Inglês	1961	Editado em português	43
MANNHEIM, Karl. Diagnóstico de nuestro tiempo.	Inglês	1944	Editado em português	40
AZEVEDO, Fernando de. Sociología de la educación: Introducción al estudio de los fenómenos pedagógicos y de sus relaciones con los demás fenómenos sociales.	Português	1942	Editado em português	30
VEBLÉN, Thorstein Bunde. Teoría de la clase ociosa.	Inglês	1944	Editado em português	21
MARVIN, Francis Sidney. Comte.	Inglês	1941	Venda difícil no Brasil/pouca saída	20
WEBER, Max. Economía y sociedad.	Alemão	1944	Defeituoso	7
FRAZER, James George. La rama dorada: Magia y religión.	Inglês	1944	Defeituoso	3
MANNHEIM, Karl. Libertad, poder y planificación democrática.	Inglês	1953	Defeituoso	2
COLE, G. D. H. Historia del pensamiento socialista, I. Los precursores, 1789-1850.	Inglês	1957	Defeituoso	2
WEBER, Alfred. Historia de la cultura.	Alemão	1941	Defeituoso	2
FAIRCHILD, Henry Pratt. Diccionario de sociología.	Inglês	1949	Defeituoso	2
DAVIS, Kingsley. Corrientes demográficas mundiales.	Inglês	1950	Defeituoso	2
MERTON, Robert K. Teoría y estructura sociales.	Inglês	1964	Defeituoso	1
BODENHEIMER, Edgar. Teoría del derecho.	Inglês	1942	Defeituoso	1
LUNDBERG, George Andrew. Técnica de la investigación social.	Inglês	1949	Defeituoso	1
GREENWOOD, Ernest. Sociología experimental: Estudio de métodos.	Inglês	1951	Defeituoso	1
MANNHEIM, Karl. Libertad y planificación social.	Inglês	1942	Defeituoso	1
MOORE, Wilbert Ellis. Las relaciones industriales y el orden social.	Inglês	1954	Defeituoso	1

	BARNES, Harry Elmer; CHAVANCE, Howard Becker. Historia del pensamiento social. I: Historia e interpretación de las ideas acerca de la convivencia humana; II: Corrientes sociológicas en los diversos países.	Inglês	1945	Defeituoso	1
	BARBER, Bernard. Estratificación social: Análisis comparativo de estructura y proceso.	Inglês	1964	Defeituoso	1
	KARDINER, Abram. El individuo y su sociedad: La psicodinámica de la organización social primitiva.	Inglês	1945	Defeituoso	1
	THOMPSON, J. Eric S. Grandeza y decadencia de los mayas.	Inglês	1959	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	130
Antropología	REYES, Alfonso. Cartilla moral.	Espanhol	1944	Venda difícil no Brasil/pouca saída	11
	LINTON, Ralph. Estudio del hombre.	Inglês	1942	Defeituoso	4
	MURDOCK, George Peter. Nuestros contemporáneos primitivos.	Inglês	1945	Defeituoso	2
	DITTMER, Kunz. Etnología general: Formas y evolución de la cultura.	Alemão	1960	Não identificado	1
	LARA, Jesús. La poesía quechua.	Espanhol	1947	Venda difícil no Brasil/pouca saída	50
	HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. Historia de la cultura en la América hispánica.	Espanhol	1947	Venda difícil no Brasil/pouca saída	50
	BENITES VINUEZA, Leopoldo. Argonautas de la selva: Los descubridores del Amazonas.	Espanhol	1945	Venda difícil no Brasil/pouca saída	50
Tierra Firme	VALCÁRCEL, Luis E. Ruta cultural del Perú.	Espanhol	1945	Venda difícil no Brasil/pouca saída	40
	ALBA, Víctor. Las ideas sociales contemporáneas en México.	Espanhol	1960	Venda difícil no Brasil/pouca saída	30
	ARCINIEGAS, Germán. Este pueblo de América.	Espanhol	1945	Venda difícil no Brasil/pouca saída	29
	ZAVALA, Silvio. La filosofía política en la conquista de América.	Espanhol	1947	Venda difícil no Brasil/pouca saída	28
	GUZMÁN, Augusto. Tupaj Katari.	Espanhol	1944	Venda difícil no Brasil/pouca saída	20

	VITIER, Medardo. Del ensayo americano.	Espanhol	1945	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	20
	PAREJA DÍEZ-CANSECO, Alfredo. Vida y leyenda de Miguel de Santiago.	Espanhol	1952	Não identificado	10
	GOEZ, Ramón Carlos. Geografía de Colombia.	Espanhol	1947	Venda difícil no Brasil/pouca saída	2
	HENRÍQUEZ UREÑA, Max. Breve historia del modernismo.	Espanhol	1954	Defeituoso	2
Política y Derecho	LINK, Arthur S. La política de los Estados Unidos en América Latina, 1913-1916.	Inglês	1960	Editado em português	100
	HUMBOLDT, Guillermo de. Escritos políticos.	Alemão	1943	Venda difícil no Brasil/pouca saída	30
	HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. El Federalista.	Inglês	1943	Venda difícil no Brasil/pouca saída	30
	SIEGFRIED, André. Suiza, un ejemplo de democracia.	Francês	1958	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	17
	TOCQUEVILLE, Alexis de. La democracia en América.	Francês	1936	Defeituoso	1
	LINDSAY, Alexander Dunlop. El Estado democrático moderno.	Inglês	1945	Defeituoso	1
Historia	BURROWS, Millar. Los rollos del Mar Muerto.	Inglês	1958	Editado em português	99
	HERING, Ernst. Los Fúcar.	Alemão	1944	Venda difícil no Brasil/pouca saída	66
	FRIEDLAENDER, Ludwig. La sociedad romana: Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos.	Alemão	1947	Venda difícil no Brasil/pouca saída	30
	RANKE, Leopold von. Pueblos y Estados en la historia moderna.	Alemão	1948	Venda difícil no Brasil/pouca saída	28
	BÜHLER, Johannes. Vida y cultura en la Edad Media.	Alemão	1946	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	20
MEINECKE, Friedrich. El historicismo y su génesis.	Alemão	1943	Venda difícil no Brasil/pouca saída	20	

	GREGOROVIVUS, Ferdinand. Roma y Atenas en la Edad Media y otros ensayos.	Alemão	1946	Venda difícil no Brasil/pouca saída	13
	FAULKNER, Harold Underwood. Vida del pueblo norteamericano.	Inglês	1941	Venda difícil no Brasil/pouca saída	10
	RANKE, Leopold von. Historia de los papas en la época moderna.	Alemão	1943	Defeituoso	2
	TURNER, Ralph Edmund. Las grandes culturas de la humanidad, I. Las ciudades antiguas.	Inglês	1948	Defeituoso	1
	KAHLER, Erich. Historia universal del hombre.	Inglês	1946	Defeituoso	1
	BRAUDEL, Fernand. El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II, tomo primero.	Francês	1953	Defeituoso	1
Colección Popular	DART, Raymond Arthur; CRAIG, Dennis. Aventuras con el eslabón perdido.	Inglês	1962	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	150
	BENÍTEZ, Fernando. El agua envenenada.	Espanhol	1961	Venda difícil no Brasil/pouca saída	51
	SHACKLE, George Lennox Sharman. Para comprender la economía.	Inglês	1962	Venda difícil no Brasil/pouca saída	30
	RIVET, Paul. Los orígenes del hombre americano.	Francês	1960	Editado em português	30
	NKRUMAH, Kwame. Kwame Nkrumah: Un líder y un pueblo.	Inglês	1962	Venda difícil no Brasil/pouca saída	20
	DJORDJEVICH, Jovan. Yugoslavia, democracia socialista.	Francês	1961	Estoque elevado na Mestre Jou/livro esgotado ou em falta no FCE	8
	BURCKHARDT, Jacob. Reflexiones sobre la historia universal.	Alemão	1961	Editado em português	4
	BROUÉ, Pierre; TÉMIME, Émile. La revolución y la guerra de España, II.	Francês	1962	Defeituoso	1
Letras Mexicanas	PAZ, Octavio. Libertad bajo palabra. Obra poética (1935-1957).	Espanhol	1960	Venda difícil no Brasil/pouca saída	5

Biblioteca Americana	ALENCAR, José de. El sertanero.	Português	1952	Editado em português	94
	MANSILLA, Lucio Victorio. Una excursión a los indios ranqueles.	Espanhol	1947	Venda difícil no Brasil/pouca saída	75
Lengua y Estudios Literarios	AUERBACH, Erich. Mimesis: La representación de la realidad en la literatura occidental.	Alemão	1950	Defeituoso	1
Ciencia y Tecnología	SOKOLOFF, Boris Fedorovich. La penicilina.	Inglês	1945	Venda difícil no Brasil/pouca saída	58
	STOKLEY, James. Hacia el mundo de los electrones.	Inglês	1947	Venda difícil no Brasil/pouca saída	30
	SHERMAN, Henry Clapp. La ciencia de la nutrición.	Inglês	1945	Venda difícil no Brasil/pouca saída	7
Psicología y Psicoanálisis	KLINEBERG, Otto. Psicología social.	Inglês	1963	Editado em português	95
	LAING, Ronald David. El yo dividido: un estudio sobre la salud y la enfermedad.	Inglês	1964	Editado em português	83
	ODIER, Charles. El hombre esclavo de su inferioridad.	Francês	1962	Venda difícil no Brasil/pouca saída	40
	GARRETT, Henry Edward. Las grandes realizaciones en la psicología experimental.	Inglês	1958	Editado em português	6
	FUENTE, Ramón de la. Psicología médica.	Espanhol	1959	Defeituoso	4
	WARREN, Howard C. Diccionario de psicología.	Inglês	1934	Defeituoso	3
Tezontle	REYES, Alfonso. Calendario y Tren de ondas.	Espanhol	1945	Venda difícil no Brasil/pouca saída	39
	REYES, Alfonso. Marginalia. Segunda serie (1909-1954).	Espanhol	1954	Venda difícil no Brasil/pouca saída	10
	ARREOLA, Juan José. Varia invención.	Espanhol	1949	Venda difícil no Brasil/pouca saída	5
Dianoia	RAMOS, Samuel. Hacia un nuevo humanismo.	Espanhol	1940	Venda difícil no Brasil/pouca saída	14
	RECASÉNS SICHES, Luis. Nueva filosofía de la interpretación del derecho.	Espanhol	1956	Defeituoso	1
Fuentes para la historia del trabajo	ZAVALA, Silvio; CASTELO, María (comps.). Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España v. VIII.	Espanhol	1939	Venda difícil no Brasil/pouca saída	4

ZAVALA, Silvio; CASTELO, María (comps.). Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España v. VII.	Espanhol	1939	Venda difícil no Brasil/pouca saída	4
ZAVALA, Silvio; CASTELO, María (comps.). Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España v. VI.	Espanhol	1939	Venda difícil no Brasil/pouca saída	4
ZAVALA, Silvio; CASTELO, María (comps.). Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España v. V.	Espanhol	1939	Venda difícil no Brasil/pouca saída	4
ZAVALA, Silvio; CASTELO, María (comps.). Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España v. IV.	Espanhol	1939	Venda difícil no Brasil/pouca saída	4
ZAVALA, Silvio; CASTELO, María (comps.). Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España v. III.	Espanhol	1939	Venda difícil no Brasil/pouca saída	4
ZAVALA, Silvio; CASTELO, María (comps.). Fuentes para la historia del trabajo en Nueva España v. II.	Espanhol	1939	Venda difícil no Brasil/pouca saída	4

Fonte: Dados levantados com base no acervo das relações comerciais entre o FCE e a Mestre Jou, 2022.